

ROBERTO BATISTA CRUZ

SANTANA DO SÃO FRANCISCO SEU POVO E SEU TERRITÓRIO



EDISE

**SANTANA DO SÃO FRANCISCO
SEU POVO E SEU TERRITÓRIO**



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE

EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

Roberto Batista Cruz

**SANTANA DO SÃO FRANCISCO
SEU POVO E SEU TERRITÓRIO**



Aracaju
2020

COPYRIGHT©2020 BY ROBERTO BATISTA CRUZ

Direitos autorais reservados por Lei ao autor. A violação desses direitos (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização, ou aproveitamento de lucros ou, com observância da lei de Regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas desde que haja expressa menção do nome do autor, título da obra, editora e paginação.

Capa

Catarina Aragão Paes

Diagramação

Clara Macedo

Revisão

Yuri Gagarin

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

C957s Cruz, Roberto Batista
Santana do São Francisco seu povo e seu território [recurso eletrônico] / Roberto Batista Cruz. – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2020.
420 p.: il.; 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide web: <https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-65-86004-23-6

1. Memória histórica. 2. Santana de São Francisco – Município.
3. Limites territoriais. 4. Rio São Francisco. 5. Aspectos socioeconômicos. I. Título.

CDU: 981.3

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.sc.gov.br

“Toda mulher sábia edifica a sua casa; a insensata,
porém, derruba-a com as suas mãos.”

Provérbios 14:1

“A Mulher é a arca construída por Deus
para salvar o homem dos temporais da vida.”

Bispo Thomas Dexter Jakes

Poema Intitulado Mulher Virtuosa

Mulher virtuosa quem achará? Eu, Roberto, encontrei uma, graças a **Deus** e aos progenitores José Vicente Ferreira e Maria Salvelina Santos que trouxeram ao mundo **Maria Suzanete**, minha consorte.

Infinita foi as razões pelas quais nos unimos e nos amamos. Mulher imaculada com formosa silhueta angelical, sua beleza supera o cinzel de Donatello e o pincel de Da Vinci, por ser você a perfeição da criação divina.

Suave é o cheiro do teu corpo que exala naturalmente a fragrância feminina, seus lábios, seus olhos, seus trejeitos foram um ébrio convite para a consumação do meu viril desejo.

Como as flores que na primavera a seu bel prazer desabrocha a cada dia e vive a despertar a cobiça das abelhas e dos colibris enquanto exala o seu aroma, assim foi você mulher recatada, para comigo, que mesmo na labuta incessante, em seu colo me fiz repousar com felicidade e prazer.

Em ti não há defeito de uma mulher insensata. Perfeita és tu, eu é que me embeveci com o torpor da vaidade, mas como o filho pródigo retornei ao seu genuíno amor que mesmo em sofreguidão estava à minha espera e prazerosamente me acolheu.

Tu és a minha confidente, minha esposa, minha companheira. Pela a multiplicação dos nossos desejos semeamos e colhemos seis afáveis filhos e quatro adoráveis netos.

Em permanente vigília porei diante de mim a sensatez para que jamais eu volte a tropeçar. Suzanete, lhe peço mil desculpas, mil perdões.

Foi com você que eu celebrei o verdadeiro amor. Que a vida passageira nos una a cada dia consolidando a paz duradoura em nossas vidas, em nosso lar, em nossa família!

Louvada sejas tu, Maria Suzanete, louvado seja o nosso amor conjugal, louvado seja o eterno e SOBERANO DEUS.

Roberto Batista Cruz

Agradecimentos

ANTEMÃO peço desculpas ao leitor pelos erros que por ventura existam, o que é bem provável. Mas fique na certeza de que busquei com afincos a lisura deste incomensurável trabalho.

Minha eterna gratidão para com todas e todos que contribuíram com esta obra, entre os quais, ao amigo jornalista e poeta Sérgio Santos (Sérgio Moreno), Dr. Francisco da fazenda Mãe Natureza, o jovem Olímpio, filho de Juquinha e Juracilda, a Simone do Esquinaço de Propriá, Paulo Passos e sua esposa Claudia e ao padre Clebson. Enfim, aqui faço o meu honroso agradecimento a cada um dos colaboradores do antes e do agora que o generoso e altíssimo DEUS continue abençoando todos vocês!

Apoio cultural: SEGRASE, Ricardo José Roriz Silva Cruz.
Mílton Alves, Diretor Industrial.

Roberto Batista Cruz

Lista de Figuras

FIGURA 1 – A duas fotos aérea da cidade
(Acervo pessoal de Gilson Guimarães Barrozo)

FIGURA 3 - Gravura do Telheiro
(Antônio Mathias Barroso Neto, Tonho de Julinho)

FIGURA 4 – Foto de João da Silva Barrozo
(Acervo pessoal de Aderbal Bastos Barroso (Betinho de Celina))

FIGURA 5 – Fotos diversas, do acervo de Roberto B. Cruz, de José Deneci (Dela) e demais colaboradores e colaboradoras.

FIGURA 6 – Parte da fotografia da Casa Grande pertence ao pessoal do projeto Rondon que aqui estiveram.

Obs: Vários trechos deste livro contém a linguagem oral semelhante à do nosso povo.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
-----------------------	----

CAPÍTULO 1

Aspecto Histórico do Povoado Carrapicho	17
Aspecto Histórico do Povoado Brejo da Conceição	25
Aspecto Histórico da Fazenda Várzea Nova.....	46
Aspecto Histórico da Fazenda Priquita da Lulu	48
Aspecto Histórico da Fazenda Terra Nova	49
Aspecto Histórico da Fazenda Várzea	49
Aspecto Histórico Fazenda Paraíso das Águas	51
Aspecto Histórico da Fazenda Mãe Terra	52
Aspecto Histórico da Fazenda Mãe Natureza.....	52
Aspecto Histórico do Assentamento Sambambira	54
Aspecto Histórico da Lagoa do Fogo	54
Aspecto Histórico do Platô de Neópolis	55
Aspecto Histórico do Sítio Mangá	57
Aspecto Histórico do Sítio Valentim	59
Aspecto Histórico do Povoado Saúde.....	69
Aspecto Histórico da Emancipação do Povoado Carrapicho --	127

CAPÍTULO 2

Cidadãos Carrapichense	177
Gente que Faz.....	189
Gentes e Fatos.....	207
Galeria de Fotos	236
Um Pouco de Cada	243

A Nossa Feira Livre-----	272
Os Artesanatos do Povoado Carrapicho-----	277
O nosso Futebol -----	282
O Progresso Chegou -----	296
Sociais do povoado Carrapicho-----	301

CAPÍTULO 3

Entretenimentos -----	309
Bodegas e Bares -----	321
Festas e Folias -----	333

CAPÍTULO 4

A Nossa Flora e a Nossa Fauna -----	339
A Pecuária -----	358
O nosso Meio Ambiente -----	359
A nossa Agricultura -----	361
A Usina Grande Vale-----	374
Nome de Localidades -----	377
O Rio São Francisco -----	379
As Cheias e as Enchentes -----	387
A Capela e os Registros das Cheias -----	388
A Represa de Sobradinho-----	391
A Pluviosidade e a Temperatura -----	393

APÊNDICE -----	398
-----------------------	------------

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA-----	403
--------------------------------------	------------

FONTES PESQUISADAS -----	409
---------------------------------	------------

INFORME ORAL -----	410
---------------------------	------------

BIOGRAFIA-----	417
-----------------------	------------

Prefácio

Olhando pelo retrovisor do tempo, recordo-me que a maior travessura que pratiquei na adolescência, aos 11 anos para ser mais preciso, foi subir na bicicleta Mercswiss de meu pai, em um domingo pela manhã, sem que ninguém soubesse, fui de Neópolis para o Carrapicho, em uma estrada de barro e areia. Tudo teria terminado bem, ninguém saberia da ousadia, mas o pior aconteceria: voltando, ao deixar o povoado do Carrapicho, descendo a ladeira que me traria de volta para casa são e salvo, com a “magrela” em alta velocidade, quebrou o espigão que sustenta o “garfo” da dita cuja. Resultado: várias escoriações, um corte na cabeça e uma surra prometida por minha mãe, que felizmente nunca foi cumprida. Isso foi lá pelos idos de 1973...

Quem me dissesse, naqueles tempos, que hoje estaria prefaciando um livro que resgata a história daquele povoado, com certeza eu não acreditaria!

No trabalho *Carrapicho X Santana*, Roberto já predisse para que veio... chegou em boa hora. O povo de Santana do São Francisco recebe um presente precioso desse garimpeiro da história, tradição e costumes de sua gente. Foi com uma satisfação e com muita gulodice que li o trabalho que estamos prefaciando: *Santana do São Francisco – seu povo e seu território*.

O texto é um passeio delicioso por registros e memórias que, não fosse pelo talento e cuidado dispensados por esse estudioso e apaixonado pela escrita de sua terra, seriam apagadas e esquecidas pelo tempo.

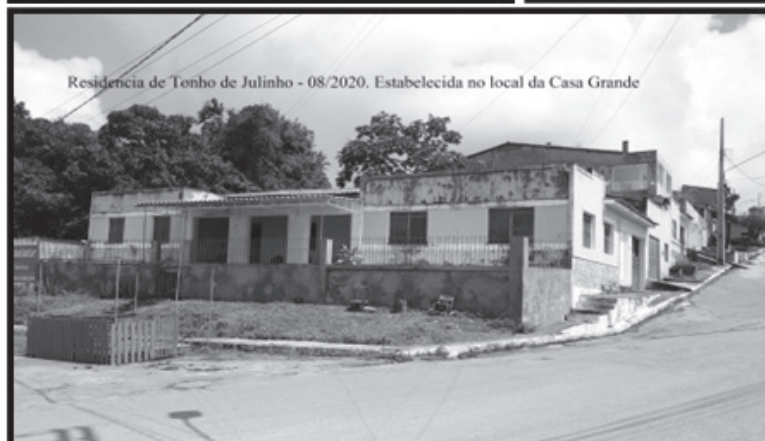
Enfim, o autor desse livro realizou um trabalho de uma vastidão e densidade espetaculares. Caso existisse em todos os municípios brasileiros um Roberto Batista Cruz, o Brasil não seria acusado de ser um país sem memórias.

Milton Barboza da Silva¹

1 Professor e Conferencista-Historiador de formação pela UFS, é Mestre em Sociologia. Professor da Rede Pública do Estado de Sergipe, na UNIT e UFS, nas cadeiras de Antropologia, Ciências Políticas e Sociologia. Autor dos livros: *Antropologia Rural*, *Sociologia Rural* e *Geografia do Palco*. Também publicou, em parceria com outros autores, o Catálogo de Vila Nova à Neópolis – um lugar no Rio São Francisco.



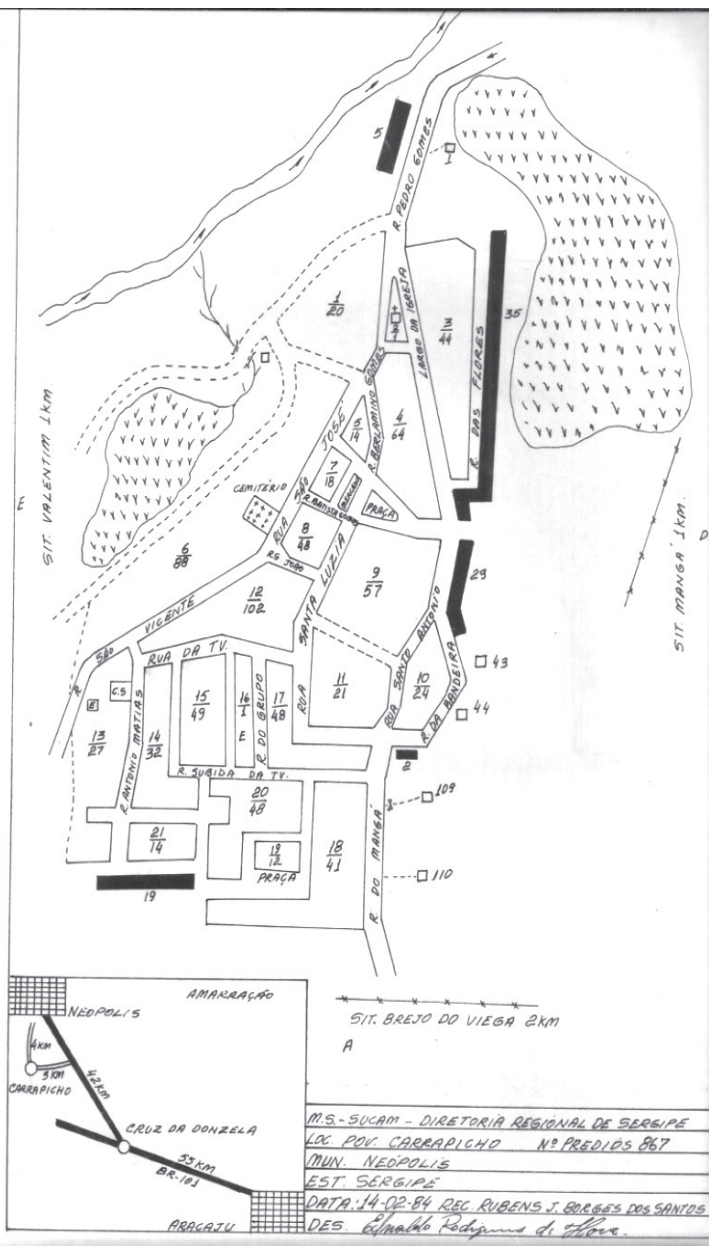
Residência do Sr. Pedro Gomes



Residência de Tonho de Julinho - 08/2020. Estabelecida no local da Casa Grande



**Ao fundo entrada principal
do povoado
CARRAPICHO**



CAPÍTULO 1

Aspecto Histórico do Povoado Carrapicho

No séc. XVII, o Brasil se tornou o maior produtor mundial de açúcar e o produto ficou tão precioso que passou a ser chamado de Ouro branco. As famílias vinham de Portugal, via Bahia e Pernambuco, a disputar uma sesmaria em busca de um futuro promissor. No fim da primeira metade do século XIX mais uma vez ocorreu a elevação dos preços internacionais do açúcar retomando a excitação econômica.

Foi neste clima de euforia, no ciclo de prosperidade do açúcar, que a ilustre família do colonizador português, o senhor Pedro Gomes da Silva, esposa e seu filho Luiz Belarmino Gomes da Silva, um pequeno grupo de escravos e alguns trabalhadores livres chegaram à margem direita do Rio São Francisco, ao pé de uma colina e formaram um pequeno vilarejo chamado de FAZENDA CARRAPICHO. Porém, essa localidade, em **1817**, já pertencia à Vila Nova do rio São Francisco e era denominada de SÍTIO CARRAPICHO. Os tropeiros que percorriam a estrada real, vinda de Recife para a Bahia, chegavam até a Vila do Penedo, atravessavam o Rio e passavam por aqui.

O nome Carrapicho se deu em decorrência da abundância na região de uma planta rasteira cujos frutos são espinhosos e que ao serem tocados aderem ao pelo ou à roupa. Nesta fazenda se cultivavam arroz e cana. A cana era para produzir açúcar de torrão no

trapiche (Trapiche era o nome dado aos engenhos que trabalhavam com força animal). A família de Pedro Gomes tinha, ainda, criação de gado, pois, era utilitário no trapiche e no transporte das canas, que eram puxadas em carro-de-bois, e ainda supria as necessidades alimentares da família. O trapiche do senhor Pedro Gomes estava situado na subida da ladeira de frente para a atual Praça João da Silva Barrozo. Com o tempo, várias pessoas foram aprendendo a arte do barro e passaram a viver por conta própria, e o complexo do engenho passou a ser chamada de POVOADO CARRAPICHO. A povoação Carrapicho no ano de **1854** contava com **120** (cento e vinte) moradores.

Genealogia da Família Pedro Gomes

PEDRO GOMES DA SILVA, o patriarca e dona FRANCISCA, a matriarca. O senhor PEDRO GOMES tinha, dentre seus escravos, um chamado de Faustino, escravo de boa moralidade, de cor fula, com 25 anos de idade, estado civil solteiro, profissão lavoura, que foi classificado com o nº de ordem 476 e matrícula de nº 349. O senhor Pedro Gomes, quando desse registro em **1º de dezembro de 1875**, ainda estava vivo.

LUÍS BERLAMINO GOMES DA SILVA. BELARMINO GOMES, Belarmino de Carrapicho, ou Luís de Belo era como os chamavam. Nasceu por volta de **1820**. Faleceu em **11 de janeiro de 1899**. Onze anos depois da abolição. Era filho único do Sr. Pedro Gomes. Conta Felisbela Carvalho Bastos que Berlamino casou-se já bem maduro com Ana Francisca da Silva Gomes; ela com aproximadamente 15 anos. Desta união tiveram vários filhos, mas só vingaram cinco. Sua esposa faleceu em **06 de fevereiro de 1899**. Luiz Belarmino da Silva Gomes tinha a patente de Alferes. Um dos seus escravos que se chamava Luiz Antônio, de

cor mulata, idade 23 anos, solteiro, profissão lavoura, foi classificado com o nº de ordem 482 e matrícula de nº 363, assim como o escravo de seu pai ambos tinham classificação quatro. A classificação era feita para fins de libertação pelo fundo de Emancipação de escravos no Império do Brasil. Os escravos matriculados entre 1873 e 1875 em Vila Nova, que abrangia Carrapicho, constavam **1.193**. Os cinco filhos de Belarmino que eu pude constar no diário do senhor Passos.

- 1- PEDRO DIAS DA SILVA GOMES: Nasceu em **06 de janeiro de 1873**. Casou-se com Anna Vieira da Silva Gomes e desta união tiveram uma filha, Luíza Dias da Silva, “D. Lulu”. No verso da página 155 do Livro B 2 de certidão de casamento, que se encontra no Fórum de Neópolis, o Juiz de Paz, no ato da celebração, registrou que o Sr. Pedro Dias da Silva Gomes, que fora testemunha do casório, era Capitão.
- 2- ANTÔNIO DIAS: Faleceu em 22 de janeiro de **1908**.
- 3- MESSIAS ARTUR DA SILVA GOMES: Foi o proprietário da 1ª cerâmica que produzia peças gigantes. A cerâmica chamava-se CERÂMICA CARRAPICHO era localizada na rocheira onde atualmente fica a cerâmica de Seu Zuzu. Foi o Sr. João Igreja que lhe ensinou novas técnicas artesanais; foi no local também que trabalhou o Sr. Feliciano Passos, pai de Messias da Silva Passos. Era um ótimo artesão. Messias Arthur faleceu em **29 de dezembro de 1913**.
- 4- MARIA HELENA DA SILVA DIAS (chamada de Concebida): faleceu em **08 de maio de 1949**.
- 5- JOANA FRANCISCA DA SILVA GOMES: Nasceu em **27 de janeiro de 1870**, faleceu em **23 de janeiro de 1955**. Em sua 1ª união conjugal com o Sr. Feliciano Passos concebeu Messias da Silva Passos, seu único filho. Dona Joana tinha,

entre outras, 200 moedas de prata do tempo do Império que foi herança de seu pai, o senhor Belarmino.

MESSIAS DA SILVA PASSOS: tinha também o nome de registro de Messias Ulisses, porém, era chamado de Seu Passos. Nasceu em **10** de janeiro de **1891** e era filho primogênito de Joana Francisca. Obs.: Ele tinha dois cadernos de anotações. Em um, ele anotava coisas pessoais como compras e pagamentos e, no outro, fatos corriqueiros da comunidade. Obs.: Seu pai era Feliciano Passos, Passos casou-se com Felisbela de Carvalho e tiveram vários filhos, mas só vingaram três. Este ilustre homem faleceu aos **66** anos, às 18h do dia **23 de outubro** de **1957**, repousa em paz dentro da Capela de frente ao altar. Capela que ele mesmo construiu, e atualmente é a Igreja matriz.

1º- DONA ANITA: Ana de Carvalho Passos nasceu em **18 de dezembro de 1916**, às 10h30 da noite de segunda-feira, foi batizada no dia 05 de janeiro de 1917 e crismou-se no mesmo mês, dia 09, por ocasião da Santa Missão aqui pregada pelos Freis Caetano e Augustino (capuchinhos) e o Padre José Bulhões. D. Anita faleceu em 31 de dezembro de **1989**, às 3h10 da manhã. Dona Anita casou-se com o Sr. Manoel Sales (Manoel Noberto), ele era proprietário de terras e ambos eram comerciantes. Tiveram dois filhos: 1º Maria das Graças Sales Muniz e 2º Zete, Maria José Sales.

2º- ZUZU: José Carvalho Passos nasceu em 10 de novembro de 1922. Zuzu casou-se aos 25 anos com **Joelina Bastos Freitas**; ele era proprietário de terra e artesão, tiveram 11 onze filhos. Faleceu terça-feira 04 de março de 2009:

1º - Nice: Josenice Freitas de Carvalho;

2º - Neném: Josenildes Freitas de Carvalho;

- 3º - Messias: Manoel Messias de Carvalho Freitas;
- 4º - Jane: Janice Freitas de Carvalho;
- 5º - Sara: Jussara Helena Freitas de Carvalho;
- 6º - Pedro: Pedro José Freitas de Carvalho;
- 7º - Rita: Ana Rita Freitas de Carvalho;
- 8º - Sergio: Sergio Rogério Freitas de Carvalho;
- 9º - Chicô: Francisco José Freitas de Carvalho;
- 10º - Noca: Ana Rosa Freitas de Carvalho;
- 11º - George: Max George Freitas de Carvalho.

3º- FLORA de Carvalho Passos: nasceu em 14 de junho de 1928 e faleceu em 04 de abril de 1996. Dona Flora casou-se com o Senhor Antônio Freitas de Mendonça e tiveram quatro filhos:

- 1º - Bela: Felisbela Maria de Carvalho Mendonça;
- 2º - Ana: Maria Ana de Carvalho Mendonça;
- 3º - Timim: Maria de Fátima de Carvalho Mendonça;
- 4º - Zé: José Antônio Carvalho de Mendonça.

Obs.: Dona Flora era minha madrinha; ela foi a primeira mulher a ter trigêmeos em nossa comunidade.

JOANA FRANCISCA DA SILVA GOMES: Em sua segunda núpcia casou-se com o Sr. Antônio Mathias Barroso, que também tinha o nome de registro Antônio Mathias dos Santos, e desta união tiveram 3 três filhos.

SEU ANTÔNIO: nasceu no povoado Sobrado, município de Porto Real do Colégio-AL. Era filho legítimo do Sr. Manoel Mathias Barrozo e Anna Barrozo. Em 28 de novembro de 1903 foi celebrado o enlace matrimonial de Joana da Silva com o Sr. Antônio Mathias, homem plácido, de cor morena, estatura média. No casamento, Seu Antônio passou a administrar as propriedades. Tiveram três filhos.

Seu Antônio faleceu em **11 de junho de 1942**, aos 75 anos de idade.

1º- JOÃO BARROZO: João da Silva Barrozo nasceu em 04 de Março de 1904, sexta-feira à tarde, e faleceu no dia 20 de Junho de **1977**; João da Silva Barrozo. Casou-se com a senhora **Virgínia Guimarães**, conhecida como D. Morena; desta união tiveram quatro filhos:

1º - Gabriel: Gabriel José Guimarães Barrozo;

2º - Gilson: Gilson Guimarães Barrozo;

3º - Tonho Padre: Antônio Guimarães Barrozo;

4º - Joanita: Joana Guimarães Barrozo.

2º- SEU DU: Alcino da Silva Barrozo nasceu em **25 de maio de 1905**, segunda-feira de madrugada, e faleceu em 25 de outubro de 1958; Seu Du casou-se com Ana Augusta de Oliveira (Dona Nanã), que era da família de Antônio Augusto, da cidade de São Miguel dos Campos-AL. Ela e o esposo eram comerciantes e tiveram um filho, Oliveirinha: Antônio de Oliveira Barrozo.

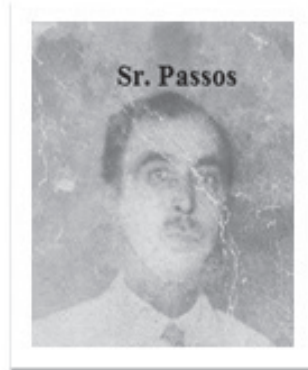
3º- SEU JULINHO: Júlio da Silva Barrozo nasceu em **01 de outubro de 1910**, domingo ao meio-dia e faleceu em 17 de fevereiro de **1999**, Quarta-Feira de Cinzas. Júlio da Silva Barrozo casou-se com Maria Eredia, em 1957. Eram proprietários de terras; tiveram dois filhos:

1º - Lia: Maria Aparecida Barrozo;

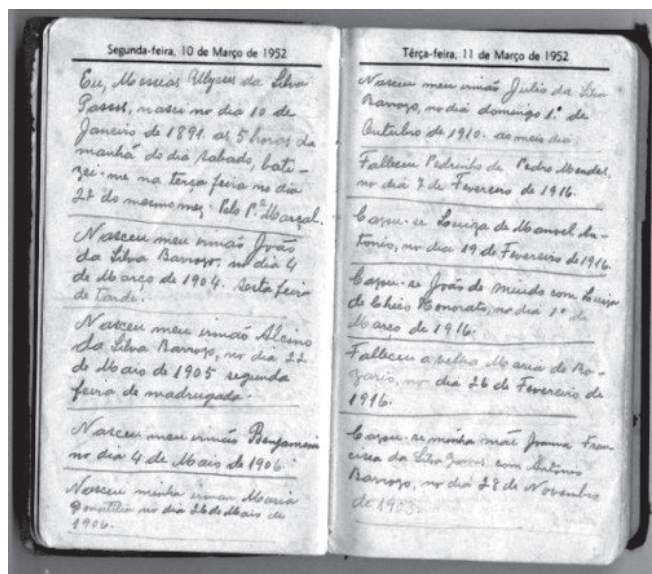
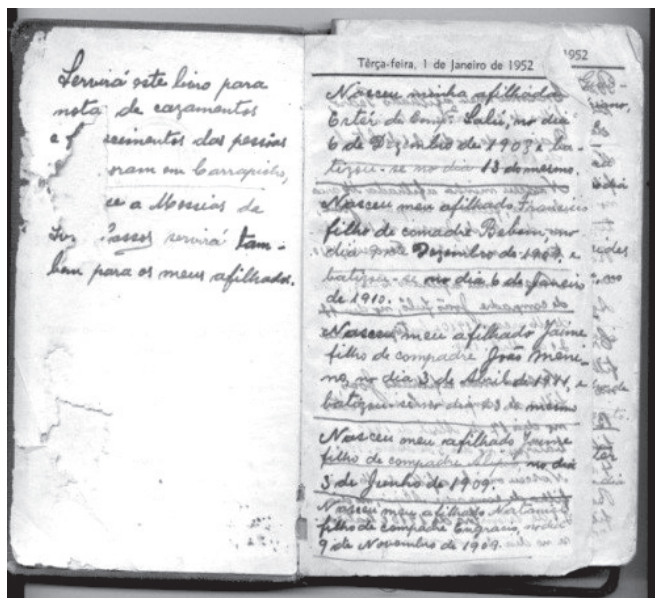
2º - Antônio: Antônio Mathias Barrozo Neto (Tonho de Julinho). **Fonte:** Parte do assunto acima citado foi colhido dos dois diários do Senhor Messias Ulisses da Silva Passos (Seu Passos).

Joana Francisca e seus Quatro Filhos

Nascida em 1870, Joana Francisca teve “quatro filhos”: Primeiro (seu Passos) aos 21 anos de idade, o segundo (João Barrozo) aos 34 anos, o terceiro (seu Dú) aos 35 anos e o quarto filho (seu Julinho) aos 40 anos de idade.



Páginas do Diário de Seu Passos



Aspecto Histórico do Povoado Brejo da Conceição



O Povoado Brejo da Conceição antes era chamado Brejo do Viegas, e sobre essa denominação busquei explicação aplausível e não fui contemplado. Talvez se deva esse nome a um dos Sacerdotes que fundaram aquela povoação: Porém, Viegas é um nome próprio de pessoa, de origem Árabe-Português.



Relata o Sr. Arlindo Carlos Macena dos Santos que um grupo de Padres Jesuítas tinha uma grande casa de telheiro “alpendre” no topo da colina, nas imediações atualmente do campo de Futebol e da residência do Sr. Pitunga. Era dali de sua enorme morada que os Jesuítas contemplavam todo o panorama à sua frente e bisbilhotava quase sem ser visto protegidos por uma densa vegetação, esses padres eram donos de toda a área de onde atualmente povoa o Brejo. Sabe-se que vários holandeses chegaram disfarçados de Jesuítas em busca de ouro e pau-brasil, permanecendo na terra até serem expulsos pelos portugueses. Afirmou-me D. Ninha (Aurília Batista de Campos, nome de solteira, e

Aurília Campos de Santana, casada, D. Ninha faleceu de infarto e foi sepultada em 19 de outubro de 2006), que era neta do Senhor João Damásio Pires, que seu avô João Damásio era embarcadiço (Trabalhava em embarcação) e veio do Rio de Janeiro, e ao chegar ao porto de Penedo gostou da cidade e falou que se voltasse outra vez ali ficaria. Em sua segunda viagem feita ano depois ficou, mas não em Penedo, foi residir no Povoado Ladeira que pertencia ao município de Japoatã. Ali ele casou e teve vários filhos, entre eles: Cervina, Mocinha, Coca e Rosa. A senhora Coca chegou a morar aqui no povoado Carrapicho, na Rua Belarmino Gomes, em uma Casa onde era o mercadinho Santana e atualmente é o Correio, depois Coca foi residir em Aracaju.

O Sr. João Damásio Pires, sabendo da existência daquele local chamado Brejo do Viegá, foi até lá e constatou que aquelas terras eram férteis e abundante de água, convicto de que se ali fizesse paragem, prosperaria. Fecharam negócio com a compra da propriedade, então os Jesuítas foram embora e o Sr. João Damásio veio morar no Brejo, já viúvo, e com ele trouxe suas filhas. O cume onde se encontrava a grande Casa chamava-se o alto da Raposa, e esta Casa tinha oito quartos e a frente da mesma, que tinha um alpendre, ficava para o Sol nascente. Com sua segunda esposa ele casou já no Brejo do Viegá, era cabocla ao contrário dele que era um homem de cor branca, e ela chamava-se Maria Rosa (Damásio Pires), nasceu em **1878** na aldeia da tribo Chocós, moradores da Ilha de São Pedro, Porto da Folha. Maria Rosa faleceu em 1970. Dessa união tiveram oito filhos: Aninha Alice, Alzira, Ancila, Maria Nazaré, Noêmia, José e Luizinho.

Observando que em **sete de setembro de 1867** foi inaugurada ao tráfego internacional, oficialmente, no Rio São Francisco a **21 de maio de 1867**. Assinaturas do contrato para o tráfego semanal de vapores no Rio São Francisco. Serviço inaugurado em três de agosto do mesmo ano.

Maria Nazaré casou-se com o Sr. Ernesto Campos Batista, esse faleceu em oito de setembro de 2003, aos 87 anos. O filho mais velho do Sr. João Damásio era o Sr. José, e foi sepultado aqui em Carrapicho, a filha mais nova era Maria Nazaré. O Sr. Luizinho trabalhou como Soldado da volante, depois foi auxiliar de Juiz no Fórum de São Cristóvão e de Aracaju e ao falecer foi enterrado aqui. A Sra. Ancila Damásio Bispo nasceu em Julho de 1914 e atualmente reside na Rua Subida da TV. No trabalho de agricultura, um dia enquanto os homens trabalhavam de roça e pastos para seu João Damásio, descobriram no fundo da casa grande uma imagem que estava enterrada.

O Sr. João Damásio dá à sua filha Rosa o outro lado da colina, até então desabitado e o Brejo passa a ser habitado dos dois lados sendo dividido por um riacho transbordante de água límpida. O Brejo começou a ser povoado e a uns o Sr. João Damásio dava-lhe a terra e a outros ele vendia. Com certeza os que recebiam os benefícios dele deveriam ser parentes. Foi chegando outras famílias e o Brejo se povoou: O Sr. João Damásio matava um boi por vez para alimentar a sua família, munquinhava e colocava em uma enorme dispensa. Quando velho, caducou, saía ao seu quintal e defecava e se lambuzava com suas fezes e ficava a tagarelar sem nexos sobre os seus bens e faleceu com **125** anos por volta de 1935, em consequência de sua morte, sua filha Maria Nazaré, que estava nubente, protelou o casamento, este sendo consumado tempo depois, e Maria Nazaré deu à luz sua primeira filha chamada de Aurília Campos (D. Ninha) que nasceu em novembro de 1936. E quinta-feira, dia 19 de outubro de 2006, D. Aurília foi sepultada vítima de infarto fulminante. Foi chegando outras famílias e o Brejo foi se povoando: Como a família Elói, Das Neves, Marques, Damásio...

A senhora M.^a de Mané Bispo quando viuvou casou com um homem baixinho e ficaram morando em sua própria terra que ela tinha comprado a Rosa Damásio.

O senhor José Elói de França casa-se com a senhorita Ester Aquino das Neves (D. Ester), dessa união tiveram 14 filhos, sendo sete homens e 7 mulheres: Nasceram Zuleica e Ana, que faleceram, em seguida nasceram Eliezer Elói de França, Doralice, Joaquim, Enize, Zita, João, Manoel, Afonso, Ana Elói de França, Cláudio, Conceição e o mais novo Zezinho.

O Sr. João Rezador habitava do lado que passou a ter também, anos depois, a casa de Ernando Silva, e do outro lado, onde se encontra a Escola Municipal, estava a casa do Sr. João Marques. O Sr. João Rezador era acreditado por todos por suas fortes rezas que tinha grande valia, uma delas é que ao rezar em uma pessoa com dor de dente ele enfiava o punhal no chão e dizia para o paciente “cuspa”, e ao cuspir o dente doente caía. João rezador era tio do Sr. Arlindo, a esposa de João Marques era irmã do avô de Arlindo por parte da mãe, eles vieram da fazenda Ladeira. O Sr. Francisco Eduardo, mais conhecido por Chico Preto, era pai do Sr. Arlindo Carlos Macena (seu Arlindo). No povoado Brejo do Viega, Chico Preto era um articulador político e era amicíssimo do Sr. Hidelbrando Torres, que foi prefeito e Deputado Estadual, através dessa amizade Chico Preto foi agraciado como Inspetor de quarteirão, passando a ser o Delegado do Brejo.

Dona Tertuliana, mãe de Manoel das Neves, era cabocla e veio do Povoado Tatu, faleceu por volta de 1957. Vieram também pessoas da cidade de Japoatã morarem no Brejo do Viega.

A PADROEIRA do Povoado Tatu foi achada por D. Tertuliana quando lá residia, Tertuliana era da família das Neves. D. M.^a Petulina faleceu com 120 anos de idade e a avó de Mauro, a velha Aquina, faleceu com 115 anos, se observa que os moradores daquela localidade tinham uma considerável longevidade.

D. M.^a dos Anjos, mais conhecida como M.^a de Tuní, nasceu em Capim Branco, no estado de Alagoas, em 1904. Chegou ao

Brejo ainda novinha dentro de um cesto, segundo um relato franco dela comigo. D. Tuní casou-se e teve sete filhos, morou em uma casa singela de taipa coberta com palha de ouricuri, ou às vezes com palha de arroz, mas hoje, graças a Deus, vive em uma residência confortável. D. Tuní manteve a sua vida com as atividades do cultivo do arroz, apesar de cuidar dos seus sete filhos, ela ia e vinha todos os dias de baixo de sol e chuva da Fazenda Várzea Nova, onde trabalhava no plantio de arroz e ainda buscava o sustento na pesca e na roça. Ela disse-me que a sua longevidade se deve, antes de tudo, ao calête (condição física) e aos alimentos saudáveis, a começar pelos preparos, onde ela usava como condimento o açafrão colhido do pé e consumia muitos alimentos assados e cozidos no fogo de lenha, quando frito era levado ao fogo em frigideira de barro e mexido com colher de madeira, e quando se alimentava fazia o bolo de pirão com as mãos, pois lhe era prazeroso e ignorava o modismo dos talheres. Faleceu em 16 de março de 2013 aos 109 de idade.

RELIGIÃO: O sentimento religioso do pessoal do Brejo era o mesmo sentimento do povo daqui, pois professavam a Fé Católica e nos momentos festivos ambos os povos se comungavam em união. A senhora M.^a Balão era esposa do Sr. Luís, que era filho de João Rezador, ela era tia de Chico Preto, e passou a morar no Povoado Saúde, mas antes residia no Povoado Brejo do Viega. Compartilhando com o sentimento religioso daquele povo comprou uma imagem de Nossa Senhora da Conceição e presenteou a comunidade, que abundante de alegria, por volta de 1933, construíram uma pequena capela para abrigar a imagem. A partir de então vez por outra era celebrada Missa dominical pelo Padre de Neópolis e, a exemplo de Carrapicho, começou a tradicional festa de N. Sra. Da Conceição, que acontece no dia 08 de dezembro de cada ano.

O MASTRO: do Povoado Brejo era tirado no sábado, nas imediações da então fazenda de Teixeira, e ele era trazido no mesmo dia

de carro de boi, acompanhado da banda de Pífano, era de eucalipto e vinha arrastado, sobre eles alguns aventureiros e outros vinham sobre o carro de boi e os demais a pé, ao chegarem deixava-o de frente à igreja, e só no outro dia era que o levantava regado de uma boa pitada de ânimo e bebidas, e ao som da banda de Pífano composta por: Chico Preto, Oseas, Zé de Joana, Ramiro, Eliezer...

OS NOVENÁRIOS: Após o mastro erguido, seguia-se com as novenas e a cada noite de novena, que era iluminada com velas e placas, acontecia o leilão e o Sr. Eliezer Elói de França (Eliezer ou Barão), filho do Sr. Elói, era quem conduzia com tamanha maestria o leilão que fazia dele o único. Aconteciam no sábado às vésperas do encerramento da festa, o forrobodó onde todos tomavam a escuridão como agasalho e saciava seus desejos noite adentro, pois a luz tênue do candeeiro não incomodava em nada. O povo de Carapicho comparecia para participar dos festejos, alguns vendedores ambulantes também faziam parte da festa e quando a cheia era abundante as canoas chatas, inclusive a desejada, levava daqui os barracos e as mercadorias pela lagoa até o Povoado Brejo.

O ENCERRAMENTO: da festa se dava com a celebração da missa às 09h da manhã do domingo e a procissão acontecia à tarde, onde homens carregava o Andor sobre os ombros, percorriam uma única via de pequena extensão, da Igreja até a barragem e da barragem até a Igreja. Um dos pontos alto da festa era a queima de fogos (foguete) onde os “soltadores” de foguete exibiam as suas performance e os mais determinados se destacavam, sem meterem medo aos olhares arregalados dos presentes. A festa hoje continua, mas não com a mesma animosidade de antigamente e nem com a mesma celebração fraternal.

A IGREJINHA: No lado de cima que é o primeiro lado de acesso do Povoado à comunidade construiu uma igreja, que ficou de frente para casa do Sr. Bráulio, o pai de Leticia, essa

igrejinha passou a ser abrigo da imagem de Santo Antônio. Atualmente serve de moradia.

IRMÃ GRAZIANA: Maria Nila das Neves ou Irmã Graziana nasceu no Povoado Brejo do Viega, filha do Sr. Manoel das Neves e da Senhora Joana dos Santos, aceitou o celibato como vocação e passou a ser uma religiosa professa. Irmã Graziana, como é chamada por todos, já está com uns 50 anos de sacerdócio Católico, quase todo ele vivido em Salvador, e por essa razão quase toda a juventude do povoado migrou para Salvador, almejando dias melhores, e hoje fazem parte da população Soteropolitana.

FUTEBOL: O futebol fez e faz parte da vida dos jovens e homens do povoado Brejo, e para praticar essa atividade, por volta de 1945, os jogadores de pelada formaram um time chamado ANDARAÍ, essas pessoas fizeram um campo às margens da lagoa no pasto que vem até o oitão da Igreja. Muitos anos depois que Ernando Silva comprou a propriedade da toca da onça, fez um campo no topo do morro onde a estrada dá acesso à sua fazenda e ao povoado. O próprio Ernando formou um time, e o time do Brejo passa a se defrontar com outras agremiações naquele campo. Resolvem então fazerem um campo no outro lado do Povoado, também no topo da colina, próximo à casa de Pitunga, chegou a ocorrer uma pejeja judicial entre duas famílias por causa da área de terra que o campo ocupava.

O campo é no terreno da família Neves com a família Bispos e foi construído pelos filhos de Pitunga de Mauro e Joaquim, o campo recebe o nome de Estádio Manoel das Neves e o atual time é o Fluminense Futebol clube, o time do Brejo da Conceição sempre participa de torneios locais, jogam em outras regiões e recebe em casa time de outras freguesias e como existem muitas pessoas do Brejo morando em Salvador, eles trazem time de lá e durante 2 dias jogam e se banqueteiam prazerosamente.

EDUCAÇÃO: A educação chegou cedo e veio com os professores de Carrapicho, que ministravam as aulas alfabetizando as crianças e jovens, depois, com o programa do MOBREAL, foi dada aos adultos a cultura do saber através das letras. Durante o longo tempo que se ensinaram no povoado Brejo, alguns imóveis serviram de Escola, residências como a do Sr. Elói, o armazém de arroz de Ernando Silva, a igreja, a essa escola itinerante foi dado o nome Escola Municipal Coronel Maynard. Onde atualmente é a Escola existia uma casinha de taipa do Senhor Mauro Bispo dos Santos, Pai de Weide, que também serviu de Escola, nomes de algumas professoras de Carrapicho que ensinaram no Brejo: Bia de seu Nelson, Renildes, Lali, Ana de Pureza, Zizi de Zé Brazílio, Nilda filha de Miné.

Professoras de Neópolis: D. Lizete e Sônia, esposa de Derivaldo. Professoras do povoado Brejo do Viegas: Izabel, filha do senhor Pitunga, e a senhora Madeleide, esposa do senhor Afonso.

ESCOLA MUNICIPAL: João da Silva Barrozo do Povoado Brejo da Conceição foi construída em 1980, na administração do Governo Estadual de Dr. Augusto do Prado Franco.

- Secretário Estadual de Educação e Cultura.
- Deputado Federal.
- Antônio Carlos Valadares.
- Prefeito Municipal de Neópolis.
- Carlos Torres de Souza.

Convênio pelo Nordeste/SEEC e Prefeitura, era um pequeno imóvel, a área construída era de 391 m², porém sua área total é de 2.000 m². O terreno onde está situado a escola era propriedade do Sr. José Elói de França, e quem negociou a compra foi Ernando R. Silva, que era amigo da família. Com o dinheiro da venda

do terreno, Dona Ester Aquino, esposa do Sr. Elói, edificou uma casa aqui em Santana na Rua Batista Gomes, onde ali faleceu, porém reside a sua filha Ana Elói de França que estudou na Escola quando ainda era Escola Municipal Coronel Maynard.

A Câmara de vereadores de Neópolis decretou através da Lei nº 101 de 09 de novembro de 1981, art. 1º, que ficam consideradas oficialmente e denominada, no inciso X, “Escola Rural João da Silva Barroso”, no Povoado Brejo da Conceição, a partir de 17 de agosto de 1956. A Escola atualmente funciona nos três expedientes e a noite ensina-se a 8ª série (ensino fundamental), os professores são de Santana e de outras cidades, pois foram aprovados no último concurso público.

Todas as escolas municipais, inclusive a creche, dão lanche aos alunos, e existe transporte escolar.

JOÃO DA SILVA BARROSO: Era um dos herdeiros da Senhora Joana Francisca, foi político e comerciante, gostava de colecionar isqueiros, canetas e relógios. Era ele quem administrava todos os bens da família como: agricultura, agropecuária, exploração da pedreira e a pesca da lagoa, pois ele tinha o consentimento do Sr. Dú e Julinho, seu irmão. O Sr. João Barroso, ou seu Joãozinho, como era carinhosamente chamado, quando estava livre dos afazeres ficava no alpendre do seu telheiro, sempre conversando com pessoas de sua comunidade que tanto ele assistia.

Vez por outra, chegava furtivamente alguns garotos e sentava-se na calçada de pedra do alpendre encostava-se no esteio, recolhia uma perna e pendurava a outra e com um jeito maroto ficava a observar toda atividade do porto e da estrada que era a porta principal do povoado, e olhava de soslaio para o Sr. Joãozinho e este, com um gesto generoso, lhe ofertavam uma moeda e o garoto logo procurava uma bodega pra se contentar com o desejo de consumo. Seu João sacava um tabaqueiro do bolso e levava um

punhado de rapé às narinas e com o seu cesto (mania) começava a bater a prótese inferior na superior como se estivesse soberbo de frio, logo após ateava fogo em seu charuto e prolongava o diálogo com os demais. Só quem o tirava do sério era o seu criado Pelé, que era um negrinho de uns 13 anos e, como um menino travesso, mesmo com o aconchego do lar de Seu João, pregava peça nele.

ÁGUA para consumo humano é colhida nas diversas nascentes permanentes, das nascentes e bica do senhor Ernando Silva, e é água cristalina que é transportada em lombo de animais ou sobre a cabeça das pessoas.

Através do governo estadual: Albano Franco.

Prefeito Municipal: Ernando Reinaldo Silva.

E com o apoio do programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar PRONAF. Em 20 de Novembro de 2000 foi inaugurada uma pequena adutora no lado que está situada a igreja, a caixa elevatória fica dentro do pátio da escola João da Silva Barrozo e, apesar de existir água em abundância naquele povoado, a água só é distribuída para 28 famílias, que são beneficiadas, pois a água é recebida em suas residências por encanação, a água que abastece é de poço meio profundo que fica no mesmo local da caixa d'água e esse serviço é prestado pela associação local, que tinha como presidente da associação o Sr. Petrúcio. Na administração do Prefeito Municipal de Neópolis Carlos Torres de Souza foi construído um chafariz, onde hoje é a praça em frente à igreja, o poço ficava no pasto ao lado e a caixa de distribuição na área da escola, o chafariz servia a todos que residia naquele lado. No lado que dá acesso ao Povoado Brejo, em 14 de março de 2004, foi iniciado a construção de uma caixa d'água elevatória com poço que já está pronta na propriedade do Sr. Carlos, e a respectiva encanação para o abastecimento

d'água da população que beneficiaria 50 famílias, essa obra foi realizada através do Governo Federal:

Luís Inácio Lula da Silva;

Governo do Estado: João Alves Filho; Prefeito Municipal:

Gilson G. Barrozo; e o PRONAF.

A obra foi concluída em novembro de 2004 e fica nas imediações do antigo armazém de Ernando, ao avaliar a água constatou-se que ela está dentro do padrão, porém a população acostumada com água pura das nascentes observou que a água é salobra e até o momento a obra não foi inaugurada. E as pessoas continuam pegando água nas nascentes e principalmente na bica com laje, os biriteiros (bebedor de cachaça) estão farreando naquele local e poluindo o meio ambiente, por isso eu, Roberto, em nome da prefeitura, mandei fazer uma placa educativa e lá foi fixada, porém quebraram.

A ENERGIA: O Povoado Brejo da Conceição só tem uma única estrada de acesso que passa gente, animais e veículos, essa estrada começa de frente à fazenda São José, de propriedade de Zequinha, que também é percurso entre COHAB Nova e o Platô. Foi no pé da ladeira de frente para a barragem que o Sr. Ernando construiu a sua residência, que mais serve de lazer, vez por outra a estrada principal, após o campo velho, divide-se em duas e ao chegar lá em baixo uma passa pelo lado direito e outra pelo lado esquerdo da casa de Ernando Silva. Porém, na administração do Prefeito Ricardo Roriz a estrada a partir do antigo Mata Burro tem outro percurso, que passa em frente à casa de Farinha. O senhor Ernando Silva colocou energia em sua residência depois ele concedeu a energia a seu Mauro Bispo, que morava do outro lado, para isso mandou seus trabalhadores fixarem postes e fazer o serviço de fiação, depois estendeu esse benefício para Eliezer, que morava mais embaixo, depois para Pitunga, que morava lá

em cima, e depois mais amigos seus, tanto de um lado como do outro, foram beneficiados e quem arcava (pagava) a conta do consumo era o próprio Ernando. Na primeira administração do Prefeito Gilson G. Barrozo foi feita toda a “posteação” de cimento e colocada em todo o oovoadado a energia elétrica, inclusive com a iluminação pública.

SAÚDE: As pessoas do Povoado Brejo da Conceição vinham em busca de assistência médica em nossa cidade ou em outros municípios. José Ferreira, Pai do vereador Leon, observando o desconforto daquele povo e tendo um trabalhador seu que era filho daquela localidade, o jovem Weide, Zé também firmou um laço de amizade com seu Mauro, que soube da vontade de Zé de Pracide fazer um posto de saúde, seu Mauro lhe concedeu uma área de terra e ali Zé de Pracide edificou um pequeno posto de saúde, e a ele deu o nome da mulher que mais contribuiu com as famílias da nossa gente: Posto de Saúde Mãe Pêda/Maria São Pedro Ferreira de Santana, este posto foi doado pelo vereador a comunidade com recursos próprios, o terreno foi doado por Mauro Bispo e família, e em 28 de Agosto de 2000 foi inaugurado o Posto de Saúde. Depois o posto passou para o prédio da Padaria, já está em fase de acabamento a clínica. Hoje, as famílias daquele povoado recebem assistência básica sem sair de sua localidade.

Elenira Silva de França é a única agente comunitária de saúde, daquele povoado que exercem suas funções desde o mandato do então Prefeito, o senhor Ernando Reinaldo Silva.

A PAVIMENTAÇÃO: A pavimentação foi realizada na administração do Prefeito Ernando R. Silva, e ela abrange em linha reta desde a frente da casa de Pitunga até a casa de Liezer, e também foi construída a praça que fica de frente à igreja e no início desta praça foi construído um abrigo com cobertura onde ficava uma televisão oferecida pela administração municipal para entre-

ter aquela comunidade, e chegou a ser roubada durante a noite e carregada de moto, na fuga a placa da moto caiu, mas nunca recuperaram a TV. Ricardo pavimentou a rua que passa em frente à casa de farinha e a igrejinha do lado da entrada do povoado.

OS DOIS LADOS: Dos poucos benefícios que aquela comunidade recebeu o lado que foi o marco inicial da povoação é o mais contemplado, talvez isso se deva porque do outro lado as casas são mais dispersas e o terreno mais ondulado, porém, em breve será inaugurada definitivamente o posto de saúde.

A ECONOMIA: A população se mantinha da pesca, do cultivo do arroz, da caça e da roça. Da roça a produção básica ainda é a farinha de mandioca, farinha d'água, tapioca, sarôlho, beiju de coco, pé de moleque e malcasado. Para manter a produção semanal desses produtos, que eram vendidos na feira livre de Penedo, Neópolis e Carrapicho, existiam inúmeras casas de farinha, hoje só existem três e uma delas é a casa de farinha comunitária do Projeto PRONAF, que fica a margem direita do riacho que sai da barragem do senhor Ernando.

O CANTOR: Genival, filho de Benevá, mora no estado da Bahia e lá gravou um CD com músicas de boiada. Desde o ano de 2005 que acontece pega de boi no mato tendo como organizadores: Marquinho de Benício, Wilton de Reginaldo, Cara de Cajá e Jadson, filho de Barão. Domingo, dia 15 de novembro de 2007, aconteceu a 3º Pega de Boi organizada por Tota e Jadinho.

AS MORADIAS: Diferente das casas toscas que existiam para abrigar as famílias daquele Povoado, hoje a população mora em casas de alvenaria, tendo conforto e se sentindo com mais dignidade. Na praça em frente à igreja foi implantado um orelhão segunda-feira dia 16 de maio de 2005, com o nº 3339-1015, assim as distâncias ficaram mais curtas e as emergências são atendidas com brevidades. Chegou o celular.

TONHO GALEGO: O Sr. Antônio Bispo da Silva era conhecido por todos como Tonho Galego, nascido no estado de Alagoas, veio morar no Povoado Brejo, ele era um homem sem instrução escolar porém tinha o dom de formular para as pessoas scalembures, adivinhações, charadas, triques-troques, enigmas e, como essas eram bem boladas (elaboradas), quase sempre não obtinha das pessoas a resposta de tal pergunta e ele ganhava de todas as curiosidades e simpatias e sempre cheio de graça quando lhe perguntavam “seu Antônio galego, o senhor mora no Brejo?”, ele argumentava com ênfase “moro sim, mas no lado de Sergipe, pois quem cruza o riacho mora no lado de Alagoas”. Isso era ele argumentando da outra parte do povoado.

Era como se comparava antigamente os moradores dos dois lados do Brejo, Sergipe e Alagoas. Vejamos algumas perguntas das inúmeras que ele fazia:

- Quem foi que não nasceu e morreu e depois de morto a mãe comeu?

Resposta: ADÃO

- De dois saiu um, quanto fica?

Resposta: TRÊS

- Quem é que entra na água e não se molha?

Resposta: A SOMBRA

- Qual é a maior boca do mundo?

Resposta: A BOCA DA NOITE

José André dos Santos: “Zequinha Corveta”, que era morador do povoado Brejo do Vieira era um homem de caráter ilibado, mantinha a sua vida na árdua labuta da agricultura, chegou a trabalhar para o senhor João Barrozo. Nos finais de semana se apegava de aguardente e, quando já se encontrava inebriante, tinha a mania de falar inglês, assim dizia ele: “spllich plech”.

Chico Preto o Inspetor de Quarteirão

Nascia no povoado Brejo do Viega, Francisco Eduardo dos Santos, por causa de sua característica afrodescendente logo recebeu o carinhoso codinome de Chico Preto.

Francisco cresceu nos seios de sua família no devido rigor da obediência e disciplina. Quando adulto era esquio e longilíneo, vindo contrair matrimônio com a negra Maria Pedro de Jesus, da união conjugal nasceu o menino chamado Arlindo Carlos Macena dos Santos, que por sua vez se casou com Maria Antônia dos Santos. De caráter ilibado Chico Preto, através de indicação política foi conduzido ao cargo de Inspetor de Quarteirão, logo após fazer juramento e receber a portaria concedida pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe. Existiu em Carrapicho sete delegados civis nomeados por indicação, talvez um destes o tenha indicado para o relevante cargo de Inspetor do povoado. Ele costumava se deslocar no seu cavalo chamado Bem-te-vi, ou no cavalo Canário, usando um chapéu de palha, mas quando o momento era formal ele usava chapéu de baêta.

O Inspetor de Quarteirão surgiu no ano de 1827 para garantir a lei e a ordem, apesar da responsabilidade não recebiam proventos, só o Status. Era o inspetor a primeira instância de policiamento. Os inspetores tinham autoridade para realizar prisões quando necessário, além de manter a ordem pública e resguardar os bons costumes. No ano de 1832, os inspetores tiveram suas atividades regulamentadas e passou também a fazer investigações, dar conselhos e resolver conflitos entre vizinhos. Sua jurisdição se limitava a um quarteirão e passou a ter maior abrangência territorial predefinida. Porém, a honrosa e espinhosa função começou a declinar a partir da Constituição de 1988

vindo a ser extinta em vários estados. O Estado de Sergipe também desativou a função de inspetor de quartelão, sendo o senhor Chico Preto o primeiro e único Inspetor do Povoado que se tem notícia.

Naqueles tempos, a honra quando ofendida era lavada com sangue. Casos que chegavam a Chico Preto sobre rapaz que mexia (desvirginava) a filha dos outros, ele juntamente com o pai da moça fazia o sujeito casar forçado, mesmo que depois do casamento não vivessem juntos. Para não causar vexame, Chico Preto costumava intimar o infrator às ocultas para só então averiguar a questão e dar-lhe conselho, se fosse o caso, ao contrário o infrator recebia uma severa correção, mas normalmente Chico Preto era um conselheiro apaziguador. Ele costumava dizer: **“respeito é bom e eu gosto!”** ou **“Quem bem fizer, pra si é”**.

Chico Preto era um homem precavido, capaz de antever um acontecimento trágico e, por mais difícil que fosse a peleja, ele conseguia permanecer em sua zona de conforto, mantendo tudo sob seu controle, mas não foi o que aconteceu após o término de um batalhão, quando o destino lhe pregou uma peça: O batalhão era um ajuntamento de pessoas previamente organizados para realizar uma determinada tarefa de trabalho campal, tais como tapar uma casa de taipa, limpar terra para o cultivo, cortar arroz, arrancar mandioca... Sem ganhar dinheiro porém comida e bebida era o que não faltava. Não sei se por desacato, não sei se por embriaguês, só sei que depois de uma severa contenda o senhor **Olímpio Nove**, que era carpinteiro, e o senhor **Francisco**, filho de **Pedro Bastião**, vindo do batalhão se atracaram em uma ferrenha luta de vida ou morte e caíram sobre o chão, enquanto se agrediam e se defendiam ao mesmo tempo, o pai de Francisco com uma faca peixeira em punho tentava a todo custo pregar a faca em Olímpio Nove, que estava assim

como Francisco bolando pelo chão já na escuridão da noite. Foi o senhor Olímpio que construiu a casa do senhor Aurélio, meu pai. Na danação desmedida de abater o adversário de seu filho, Pedro Bastião pregou a faca peixeira em seu próprio filho Francisco dando fim ao conflito. Olímpio Nove foi preso, por ser culpado de esfaquear Francisco, mesmo Pedro Bastião sabendo que fora ele e não Olímpio que esfaqueara seu filho, assim como alguns, que mesmo na escuridão presenciara tal agravo, ficou calado deixando o inocente pegar a culpa.

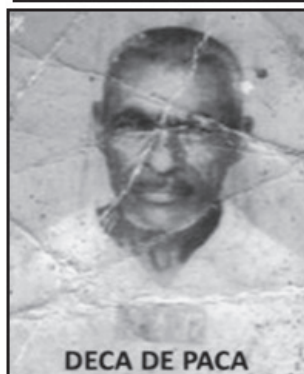
O réu que não era confesso foi amarrado e no mesmo instante conduzido a pé até a cadeia pública de Neópolis, enquanto o esfaqueado ficou aos cuidados da família e populares, mas não resistiu. Da cadeia de Neópolis, Olímpio foi conduzido para a penitenciária em Aracaju, de onde cumpriu a pena do crime de morte. Pouco tempo depois de sua soltura, solitário, sem mulher e sem família, veio a falecer.

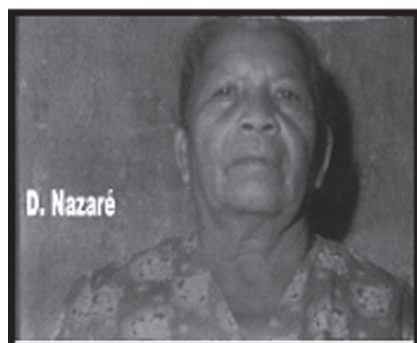
O senhor **Francisco Eduardo** falecera sem nunca ter sido homenageado, apesar dos seus relevantes serviços, só deixando a sua memória, que ficou quase esquecida até mesmo pelos entrequeridos, seja por falta de conhecimento ou até mesmo por desacato a historiografia!

A TOCA DA ONÇA: já foi propriedade de várias pessoas inclusive do Sr. Mauro Ramos dos Santos, “seu Mauro”. Pai de Maurino Silva Ramos, seu Mauro, antes do ano de 1960, vendeu a toca da Onça ao Sr. Pedro Silva. A Toca da Onça recebeu esse nome pois ali era covil de vários animais inclusive gato do mato e onça. Com o passar do tempo o Sr. Ernando, aproveitando o farto manancial das águas límpidas, ergueu um muro de contenção e fez uma barragem e começou a criar peixe de diversas espécies, entre eles tambaqui, e para alimentá-los, algumas vezes no ano a sua Caçamba vinha cheia de mandioca

e despejava na barragem e só se via o rebuliço dos peixes avançando sobre as mandiocas e puxando-as para o meio da água, a Toca tornou-se também ponto de lazer, porém com a morte de Tonho Vaca filho de Ranufo, que ao mergulhar alcoolizado morreu. Então, para evitar novas tragédias, foi proibido tomar banho naquele local que dia de domingo e feriados ficava cheio de gente. O Senhor Ernando Reinaldo Silva é empresário e político, filho do senhor Pedro Silva. Na semana santa de 2004 colocou um paneiro na sua Barragem, escoou a água, pegou o peixe e doou na sexta-feira santa para a comunidade, porém esse gesto ele faz todos os anos, compra peixe (ou pescada) no Supermercado e através de um cartão, entregue dias antes, as pessoas vão até o cinema na sexta-feira da paixão e recebe o bacalhau, ou peixe, o arroz e o coco para fazer o famoso desjejum, porém era habitual ele dar esse tipo de alimento a população do povoado Brejo do Viega, povoado Saúde e Carrapicho (Cidade de Santana).

OS BARES: No Brejo da Conceição hoje existe três pequenos bares, que também é mercearia. O Bar de Maurino que fica próximo à casa de farinha comunitária, que nos finais de semana é bem procurado inclusive por nossa gente. O Bar de Adeildo e o de Weide que fica nas imediações da igreja. As pessoas do Brejo da Conceição são acolhedoras e tem um relacionamento harmonioso com a nossa gente.







As localidades que serão relacionadas a seguir estão dentro dos limites territoriais do Município de Santana do São Francisco.

Aspecto Histórico da Fazenda Várzea Nova



No ano de **1820** a Fazenda Várzea Nova já existia e nessa época pertencia a um português por nome de Antônio José Gomes, bisavô do Sr. Agesislao Baptista Martins Soares (Ioiô Pequeno), cidadão Neopolitano, e esta fazenda passou a ter de área 4.000 tarefas aproximadamente. Nesta fazenda se trabalhava com agricultura, pecuária, pesca com controle de tapagem e pedreira, tinha 4.000 cabeças de gado e não existia arame farpado. O arame farpado foi inventado em Illinois nos Estados Unidos em 1873 e em 1874 foi patenteado, sendo assim o arame passou a substituir a cerca — viva, a planta mais tradicional para esse tipo de cerca era a laranjeira-de-osage “Labirinto”. Mas também se usava pedras para fazer o curral.

A casa grande da Fazenda Várzea Nova foi feita na época da guerra do Paraguai (1864–1870), o carpinteiro foi o Sr. Luís Timbeba, que por não haver casa de comércio de ferragem na região ele mesmo fez as dobradiças, pregos, fechaduras, etc. A casa era de tijolo e era corada de branco e a noite a casa era iluminada

com candeeiro abastecido de azeite, nessa fazenda, sobre a tutela do Coronel João Baptista, seu “**Ioio**”, tinha vários escravos como: Secundino, Miguel Caboclo, Jacinto, Martins, Ludgero, Ubaldino, Joaquim, Severino, Fabrício e o escravo Maurício, este era o mais velho e foi comprado no sertão pelo Coronel João Baptista por um conto de réis. Era um grande número de escravos e escravas, naquela casa mais de 40. O escravo Maurício do senhor Ioio comprou aqui em Carrapicho uma casa com o chão por 200 mil réis e veio residir aqui, mas todos os dias iam pra Fazenda Várzea, para a labuta diária. A escrava Antônia que era a cozinheira do Coronel Baptista, em suas barrigadas, pariu oito filhos, entre eles, Felipa e Arcênio, todos os trabalhadores davam a benção por respeito ao Coronel.

À noite montado a cavalo vez por outra alguns desses escravos saíam às escondidas e iam para o povoado Saúde, povoado Pindoba, Vila Nova ou povoado Carrapicho para beberem cachaça e quando estavam embriagados davam tapas em homens e mulheres, e ainda puxavam facas, então o povo recorria ao delegado da Vila Nova, o Sr. Manoel Inácio, e esse apaziguava, pois afinal os escravos eram do Coronel, porém o Coronel não venerava tal atitudes.

Existia uma pedreira onde as pedras ali tiradas serviam para pedra de amolar, e estas eram vendidas para Recife e outros comércios longínquos e tinha grande aceitação por serem de boa qualidade. Atualmente essa pedreira resiste à ação do tempo e da degradação do homem, as pedras extraídas aos montes são vendidas em caminhões para fazer alicerce de casa, uma “carada” custa 100 reais e a fazenda é administrada por um dos seus herdeiros, o Sr. Geraldo Romeu Freire Gomes (Geraldo Gomes). A Fazenda Várzea Nova é um dos pontos de referência do limite de Santana com Neópolis, e ao lado Oeste desta fica o assentamento Santa Luzia.

Aspecto Histórico da Fazenda Priquita da Lulu

A fazenda que passou a ser chamada de Priquita da Lulu era propriedade pertencente ao colonizador português Sr. Pedro Gomes da Silva, e consequentemente por direito passou a ser do seu filho Luís Belarmino Gomes da Silva, que por sua vez passou a ser propriedade do seu filho Pedro Dias da Silva Gomes, esse casou com Ana Vieira da Silva “Gomes”, a senhora Ana Vieira, natural de Vila Nova, tiveram uma única filha chamada Luísa Dias da Silva. Luísa D. da Silva no dia 1º de janeiro de **1925** se casou com o senhor Odom Vieira Bastos, natural de Vila Nova. O nubente com 37 anos de idade, viúvo de Olga Valadão Bastos; a nubente com 26 anos de idade. O casamento foi celebrado pelo reverendo Padre Artur Passos no Oratório privado da casa grande (Telheiro) de seus avós no Carrapicho.



Luísa Dias da Silva passou a ser chamada de dona Lulu. Ela teve duas filhas, Ana Bastos e Carolina Bastos. Luísa D. da Silva passou a ser proprietária da fazenda Priquita da Lulu. A fazenda leva esse nome por ter uma área geográfica com aspecto peculiar a parte pudenda feminina. Odom Vieira Bastos faleceu em 21 de agosto de 1942. E Dona Lulu, sua esposa, faleceu em 17 de julho de 1970. Atualmente a fazenda Priquita da Lulu é propriedade pertencente à família do Sr. José Ferreira (Zé de Pracide), é com o barro da lagoa que ele mantém a sua cerâmica de filtro em pleno funcionamento. Essa fazenda é atualmente um dos limites de Carrapicho com a fazenda Purezópolis, de propriedade do senhor Richar, mais conhecida como a fazenda do Francês que está já estabelecida em território Neopolitano.

Aspecto Histórico da Fazenda Terra Nova

Por volta de **1845**, na fazenda Terra Nova existia um engenho. Essa propriedade depois passou a ser de seu Lauro Seixas e a ter como produção básica a piscicultura e a agropecuária, atualmente se cultiva cana para a destilaria. A casa grande fica no topo de uma colina à margem do rio com um agradável panorama onde podemos saciar a nossa imaginação enamorando o velho Chico.

Aspecto Histórico da Fazenda Várzea

Sempre foi uma faixa de terra que se limitou com o Povoado Saúde e o Sítio Valentim na frente pelo o rio São Francisco e por trás a lagoa (Várzea), por trás da lagoa um pedaço de mata densa, e nessa faixa de terra. Toda a fazenda Várzea trabalhava com a pecuária, agricultura e o cultivo do arroz e do peixe quando a lagoa era abundante de água. A Várzea passou a ter vários proprietários como existe até hoje. Alguns dos moradores do Valentim que habitavam nas proximidades da várzea eram: O senhor Manoel Reinaldo Coelho Melo que deu nome à sua propriedade de fazenda Camarão, veio a falecer em 16 de setembro de 1940 e foi sepultado no cemitério do povoado Carrapicho. O Sr. Manoel Reinaldo era esposo da senhora Maria Reinaldo e pai da senhora Ernestina Melo, essa nascida em 28 de junho de 1900. Manoel Reinaldo era um latifundiário do povoado Tatu, Município de Japoatã. A sua filha Ernestina Melo casa-se com o Sr. Pedro Silva que nasceu em 06 de julho de 1894 no povoado Carrapicho. O senhor Pedro Silva passa então a ser um grande proprietário de terra, obviamente com o esforço do seu exaustivo trabalho e com a herança herdada do pai de sua esposa Ernestina.

Foram moradores da Fazenda Várzea, entre outros: o Sr. Anselmo e o Sr. Belarmino N. Santos, nascido em 01 de agosto de 1869, faleceu em 12 de outubro de 1973 e foi sepultado no cemitério do Povoado Saúde, além do Sr. Manoel Raimundo da Rocha Filho (Manezinho da Cachaça), esposa e seus filhos, entre eles José Tancredo Rocha, nascido em 16 de Dezembro de 1928 e faleceu em 28 Fevereiro de 1975, foi sepultado no cemitério de Neópolis. Capitão Jerônimo Vieira Bastos, que na verdade era Coronel, como está escrito no livro de certidão de casamento de nº 1 folha 44 versos, onde registra que o Coronel Jerônimo foi padrinho de casamento do Sr. Theotônio, sendo celebrado o casamento pelo primeiro juiz de paz, Tenente Bento de Melo Vieira Bastos.

Ainda na Várzea, mas já limite com o Povoado Saúde, residia o Sr. Alcino Leite Serra, nascido em 24 de Outubro de 1886 que deu nome à sua propriedade de Fazenda Várzea, ali viveu com sua esposa Joana de Menezes Serra nascida em 23 de Junho de 1888. Alcino faleceu em 04 de Dezembro de 1962 e o seu filho, Manoel Menezes Serra (Lito), que passou a ser o herdeiro, nasceu em 23 de maio de 1914 e faleceu em 10 de maio de 1987. Essa família Serra se encontra em repouso em seu jazido em sua propriedade na Várzea. Após o falecimento do seu esposo Lito, a Senhora Letícia Rocha Serra passou a administrar a Fazenda até vir a falecer. Atualmente quem administra a fazenda são seus dois filhos: Osteliano R. Serra (cajueiro) e Osmar Rocha Serra (Mazinho), porém existem mais 3 herdeiros. Existe ainda atualmente na Várzea a casa de lazer de Ariosvaldo Gonçalves Gomes, a casa de farinha de João Baptista Pereira (João enfermeiro) e o seu galpão onde ao lado ainda está edificado o banheiro do Capitão Jerônimo, pois ali era propriedade do mesmo. O escravo do capitão trazia água do rio sobre a cabeça, subia no banheiro onde colocava a água e dava banho no seu senhor. Quem passa por aquele local e olha para aquele pedestal ignora que é um marco histórico.

Na Várzea, o senhor Ernando Reinaldo Silva, prefeito Municipal de Santana, já próximo do término do seu mandato criou a associação denominada Associação Agrovila Codise, tendo atualmente como diretor o senhor Marcos do povoado Saúde, esposo da senhora Conceição. Então parte da Várzea que se estende da margem do rio até alcançar a mata atlântica, que fica além da lagoa, passou a ser propriedade dessa Associação, onde foi edificado no dia 20 de Novembro de 2000 uma pocilga comunitária, uma casa de farinha, uma casa para a produção de manteiga e uma marcenaria, além de lotes concedidos aos associados para a criação de peixe e para agricultura familiar. Porém, alguns lotes da associação já foram vendidos e transformados em área de lazer. Ao lado desses imóveis e a casa de Ari passa dois etenodutos que vai de Carmópolis, em Sergipe, até o município de Pilar em Alagoas, passando os etenoduto por baixo do Rio São Francisco. Ali a placa de informe diz “PTE Nº (34) 6.50 Braskem Etenoduto, construído pela a Empresa NEDL”. O momento mês de outubro de 2006 ou 2007 a obra já estava concluída. Existem atualmente viveiros para a criação de peixes dos senhores Ari, João e Expedito, além de vários lotes que continuam servindo a agricultura familiar.

Aspecto Histórico Fazenda Paraíso das Águas

Já no topo da Várzea, onde fica um pedaço de Mata Atlântica e que foi parte da propriedade do senhor Manezinho da Cachaça, está estabelecido o senhor Jorge Lobão com a sua fazenda denominada de Paraíso das Águas. Desempenhando papel econômico com a larga produção de leite e criação de peixes. O senhor Jorge e Dr. Francisco, da fazenda Mãe Natureza, são as duas únicas pessoas que se desempenham em preservar o meio ambiente.

Aspecto Histórico da Fazenda Mãe Terra

A fazenda Mãe Terra antes era chamada de Fazenda Barco e só existia um único imóvel, a partir de agosto de 2000 a senhora Débora Cássia Silva Lima comprou essa propriedade e a denominou de fazenda Mãe Terra. A fazenda está situada às margens direita do Rio São Francisco e fica entre a Fazenda Terra Nova e a fazenda Mãe Natureza, do lado poente fica a fazenda Terra Nova. Ali, Débora produzia ervas medicinais com o apoio técnico da Universidade Federal de Sergipe, toda a produção tinha mercado de consumo garantido, porém ela foi embora para Aracaju e pôs a fazenda à venda.

Aspecto Histórico da Fazenda Mãe Natureza

A fazenda Mãe Natureza está situada às margens do Rio São Francisco e ao lado do assentamento Sambambira, próximo ao Povoado Saúde. A lei de nº 01 de 16 de junho de 1992, aprovados pela ilustre Câmara de Vereadores de Neópolis, diz que a área de terra da fazenda A Grande Síntese é de interesse filantrópico. A área de fazenda Mãe Natureza também pertencia à fazenda Sambambira. A fazenda Mãe Natureza é uma instituição sem fins lucrativos, a instituição é denominada de A GRANDE SÍNTESE, composta por 12 membros sendo que Dr. Francisco Barreto Neto é o presidente dessa instituição, dando a mesma grande ação social. A fazenda tem um complexo de imóveis contendo refeitório, esse sendo de refeição vegetariana, a cozinha e a sala de refeição são cuidadas com grande asseio, a fazenda tem apartamentos para hóspedes, sala para palestra e meditação, área de lazer, oficinas para tarefas ocupacionais, sala de Cinema, se produz papel reciclado, tecelagem, artesanato de madeira...Dr. Francisco é um grande

preservacionista coibindo a exploração da caça e da pesca em sua propriedade. Em um dos seus imóveis já instalou energia solar. Dr. Francisco é terapeuta, é quem norteia todo o trabalho desse instituto cultural para o fortalecimento do homem, e transmite a promoção do autoconhecimento e bem-estar, além de um trabalho em educação ambiental. Foi construído um imóvel ao lado esquerdo da entrada da fazenda para abrigar uma enorme quantidade de pessoas que chegam de toda região na quinta-feira para conseguir uma senha na sexta-feira e ser atendido.

Dr. Francisco na sexta-feira às 8 horas da manhã começava a dar atendimento aos pacientes, atualmente atende aos domingos, agora no porto da balsa na passagem velha, onde ali construiu alguns imóveis onde põe a venda diversos tipos de artesanato, inclusive o artesanato de Santana do São Francisco. Ali, antes de iniciar as consultas ele leva uma mensagem positiva e de equilíbrio denominada de Evangelho e a seguir começa as consultas, depois prescreve produtos fitoterápicos e florais que são produtos produzidos na própria fazenda, os produtos têm um preço simbólico. As consultas são gratuitas e a procura é tamanha que ele chega a atender a 250 pacientes por dia, às 11 horas do dia ele oferece alimentação gratuita aos presentes e ele mesmo, depois de uma breve parada para também se alimentar, dar continuidade ao trabalho.

Às vezes Dr. Francisco recebe o apoio de médicos da medicina convencional e entre eles vem Dr.^a Ana Cecília Franco que é iridiologista e faz a avaliação clínica do paciente através da íris dos olhos. Na fazenda ele realiza trabalho denominado de Vivencia, para grupo com pessoas de todos os lugares e de classes diversificadas e esses grupos pagam pela a estadia na Fazenda. Lá estão em condicionamento de internato dependentes químicos, onde Dr. Francisco dedica o seu trabalho altruísta. Aos que ali recorrem Dr. Francisco propicia bem-estar, amando ao próximo afaivelmente com palavras e atitudes.

Aspecto Histórico do Assentamento Sambambira

Antes a fazenda era chamada de fazenda Sambambira e pertencia ao senhor Mané Lechêu, morador da cidade de Neópolis. A fazenda tinha uma grande área de terra que incluía a fazenda Mãe Natureza e a fazenda Mãe Terra, além do atual assentamento que fica por trás do povoado Saúde. O assentamento foi criado em 28 de agosto de 2001, tendo nele 25 residências (famílias), porém na placa de inauguração está datada de 07 de julho de 2007. Todas as residências foram feitas de tijolos, as casas foram construídas de forma ordenada propiciando ao olhar comodidade. As vinte e cinco famílias que ali residem formam a associação Sambambira, porém o assentamento é conhecido como Marrocos, o Sr. Manoel era o presidente, mas veio a falecer no mês de outubro de 2006, essa área foi desapropriada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), essa área era da usina Grande Vale, onde ali plantava cana. Existe naquela localidade uma pequena sede e um campo de futebol. A festa do primeiro mastro do assentamento Sambambira ocorre no dia 23 de setembro de 2018, tendo como padroeiro São Miguel Arcanjo. Iniciativa e organização da senhora Betsabe, esposa de Tabaco, e Maria de Preta, que é irmã de meu amigo, o senhor Elenilson.

Aspecto Histórico da Lagoa do Fogo

Sempre foi propriedade do fundador de Carrapicho e até hoje está dentro dos limites de Santana do São Francisco, ou seja, essa localidade é atualmente um dos marcos de um dos pontos extremo dos limites de Santana, e situa-se nas imediações da fazenda João Moreno. Recebe o nome de Lagoa do Fogo, pois os invernos

rigorosos inundavam aquela grande área de solo arenoso branco, mas não tem nascente. A área era recheada de diversas espécies de plantas inclusive cajueiro em abundância, e tendo como predominante até hoje arbustos chamado de carqueja, que é uma planta silvestre da família das leguminosas. Quando as folhas dessa planta se desprendiam das árvores e se sedimentava no solo, essas ficavam submersas, elas davam a água um tingimento que ficava avermelhada ou aos olhos dos mais atentos a cor fustigante das labaredas do fogo, mas esta água saciava a sede dos animais e dos homens, que comentava que a mesma travava quando ingerida.

Os lenhadores que tiraram madeiras para a indústria Peixoto Gonçalves, o artesanato de Carrapicho, somado ao uso das carquejas demasiadamente para fazer carvão, consumiram quase toda a mata, atualmente a imensa mata ficou combalida pela ação predatória do homem. Só existe uma lêra (punhado, parte) de mata e uns dois pés de cajueiro, diferente daquela imensidão que existia, e lá já se encontra lixo de construção amontoado. Por um lado da lagoa se encontra uma plantação de coqueiros da fazenda de Jango e Pedro, consequência do projeto Platô, pelo outro lado, pequenas roças dos loteadores e a poucos metros dali passa a BR de Neópolis a Aracaju. Por causa de escavações indevidas para a coleta de areia, ao redor do que restou de mata, onde as águas das chuvas caíram crateras acumularam, foi o que observei no dia 20 de outubro de 2006 e em agosto de 2007 eu tive o privilégio de ver tal fenômeno.

Aspecto Histórico do Platô de Neópolis

O grande tabuleiro com suas terras elevadas e planas que fica entre os municípios de Neópolis, Pacatuba, Japoatã e Santana

do São Francisco passaram a ser chamada de PLATÔ de Neópolis após a implantação do projeto Chapéu de Couro realizado pelo excelentíssimo Dr. João Alves Filho, Governador do Estado de Sergipe na época. O projeto foi inaugurado em dezembro de **1994**, a casa de máquinas responsável pelo bombeamento da água para irrigação fica às margens do rio São Francisco entre a fazenda Várzea Nova, do senhor Geraldo Gomes, e a fazenda Casa de Vilar, do senhor Mauro Português. Esta casa de bomba está dentro do nosso limite territorial, ali encontra edificada em um pedestal um grande braço com sua mão de gesto altivo segurando um chapéu simbolizando a realização de um sonho graças ao poder da tecnologia e ao pulso destemido de um idealizador excelentíssimo, Dr. João Alves Filho. Quando da inauguração estava escrito na sua fachada **Estação de Santana do São Francisco**. É chamado Platô pois as áreas onde ficam as fazendas estão situadas em um grande planalto. A sede administrativa desse projeto situa-se na ex-fazenda Brasília, do Sr. José Barreto, que fica dentro da área do município de Neópolis, inclusive a maioria das terras está nos limites do município de Neópolis. A implantação desse projeto se deu na administração municipal de Dr. Luís Melo de França (Médico Dr. Luizinho).



ASCONDIR: Associação das Concessionárias do Distrito de Irrigação Platô de Neópolis. Apesar de estar em funcionamento nem todos os lotes estão em atividades, alguns se quer deu início às suas atividades, com a irrigação a produção, acontecem graças a tecnologia gerenciada por mãos de homens ávidos ao progresso. A oferta dos 15.000 empregos que deveria acontecer não ocorreu ainda, só mantendo uma pe-

quena quantidade de mão de obra. As fazendas do Platô que fica nos limites do nosso município produzem frutas diversas como: banana, limão, manga, mamão, coco, etc. Alguns agrotóxicos usados são: acaricida, inseticida, fungicida, herbicida, porém algumas fazendas já estão utilizando adubo orgânico, as embalagens dos agrotóxicos são recolhidas e enviadas para um depósito específico. A produção dessas fazendas é escoada para diversos mercados consumidor do nosso país. Os produtos do Platô que são vendidos em nossa região é produto de segunda, o produto descartado. Os nossos trabalhadores não fazem parte da mão de obra especializada e sim do grupo de homens camponeses, mas graças a esse concretizado projeto vários trabalhadores não estão marginalizados por falta de trabalho.

Aspecto Histórico do Sítio Mangá



O Sítio Mangá é uma faixa de terra situada entre o riacho do Mangá e a nossa cidade, tendo uma estrada secular que parte da cidade começando da Rua do Mangá passando pelo “o Alto de João Barroso” e alcança a rodovia de Neópolis, saindo

quase em frente à entrada da estrada do povoado Água Vermelha. Há muito tempo necessitava de melhorias para viabilizar o fluxo de veículos e de pessoas, muitas delas quando saíam da fornada de farinha com seu corpo febril de calor pisava em um chão encharcado de água, ficando a mercê de uma moléstia. Porém ocorreu a recuperação da estrada vicinal do Mangá em ou-

tubro de 2003, pelo programa do PRONAF, com verba no valor de R\$ 27.358,23 (Vinte e sete mil, trezentos e cinquenta e oito reais e vinte e três centavos), financiamento do governo federal. A estrada ficou ótima e os donos de roça se alegraram, pois as carroças trazem suas mandiocas até a casa de farinha de Tonho Caetano que antes era do senhor Raimundo, pai de compadre Joel Rodrigues conhecido como Joinha. A estrada passou a ser transitável por veículos que muitas vezes fugia do posto fiscal do porto das balsas.



Naquela localidade foi construído o primeiro campo de futebol do nosso povoado Carrapicho, onde as tardes de domingo eram festivas. Ali fica o Sítio do senhor **Ribeiro**, esposo de gracita, e o Sítio de **Dona Cila**, esposa do Senhor Mateus. A propriedade do senhor Mateus antes fora propriedade do senhor **João Coelho**, esse natural da cidade de Penedo,

Alagoas, que era casado com a senhora **Maria da Conceição Oliveira**, esta era de Neópolis, Sergipe. Ambos passaram no ano de **1932** a residir no **Correio** do povoado Carrapicho, do qual ele era funcionário. Seu filho Pedro dos Santos nasceu então no Sítio do Mangá em agosto de 1945. Era propriedade dos Correios em Carrapicho uma pequena canoa chamada Calunga Branca e um cavalo alazão chamando Passarinhos, cavalos e barco eram para realizarem serviços da empresa. O senhor João Coelho foi sepultado no cemitério de Carrapicho e a sua esposa Maria da Conceição Oliveira foi sepultada no Cemitério de Neópolis. Quando o seu pai faleceu, Pedro dos Santos tinha 13 anos de idade e atualmente é zelador da Igreja Nossa Senhora do Rosário em Neópolis.

Aspecto Histórico do Sítio Valentim

Latitude **0761802**, Longitude **8862999**, Altitude **15 metros**.
Leitura feita no dia 28/09/2015 por Geraldo, engenheiro ambiental e coordenador do ITP (Instituto de Tecnologia e Pesquisa da UNIT), e eu, Roberto, medição feita em frente à propriedade de tio Agripino.

CHEGA A VILA DO PENEDO, Maurício de Nassau a perseguir o seu adversário, o Conde de Bagnuolo, que comandava o Exército Português. Chegando à Vila, o comandante Nassau observa o valor estratégico daquele lugar. Então ele ordena que se construa um forte no local, onde atualmente é a Praça Barão de Penedo. O forte ficou sob a guarda do General Segismundo Von Schkape com 1.600 homens de armas, os holandeses ali permaneceram de **1637 a 1645**, não tardou a surgir o movimento revolucionário cujo objetivo era arrancar Penedo das mãos dos holandeses. Isso porque certo dia um sargento holandês comandando dez soldados vinha conduzindo um penedense preso para o forte, os filhos de Penedo reagiram e tomou o prisioneiro, o comandante do forte, Samuel Koyn, logo soube do fato e este procurou revidar com o envio de 70 soldados para repelir os agressores, os penedenses partem para a luta com amor a terra e o sentimento cívico. **Valentim da Rocha Pita**, filho da terra, assume o comando da revolta e este, com sua bravura ao cair da noite, com mais alguns homens entravam no rio e mergulhavam sob o fundo das embarcações holandesas, que estavam fundeadas, e furava com cutelos os cascos das mesmas e a cada dia e noite a luta continuava a base de emboscada, ou seja, Valentim já usava em seus combates o método de guerrilha.

Durante o dia, Valentim da Rocha Pita se refugiava em uma grande faixa de terra à margem do rio em Sergipe Del Rey, que com o tempo essa faixa de terra levou seu nome: Sítio Valentim

advém de onde tomou pouso o Sr. Valentim da Rocha Pita. Os holandeses fustigados e sem meios para revidarem passam a se abrigar no forte e, finalmente, o Capitão Nicolau Aranha Pacheco chega a Penedo por ordem do governador Telles e assume o comando da revolta, e no dia 13 de setembro de 1645 o capitão intima a rendição a Samuel Koyn e em 19 do mesmo mês e ano os holandeses deixam Penedo.

O SÍTIO VALENTIM tinha uma extensão de terra de quase 5 km de planície totalmente arborizado. Começava próxima a porta d'água nas imediações do porto de cima do povoado Carapicho e ia até os limites da fazenda Várzea, localidade vizinha ao povoado Saúde. E como o rio era um canal com suas águas profundas e estreito o Valentim ocupava bastante espaço em sua largura, mas com as permanentes cheias o rio foi quebrando os barrancos (margem) e foi avançando e alargando com um apetite voraz devorando uma grande área, nem os Calumbis nem os Caniços que existiam em grande quantidade conseguiram conter tais avanços e atualmente o Sítio Valentim está limitado a uma estreita faixa de terra em sua largura, e onde atualmente é a rodagem, asfaltada era a parte de trás do Sítio onde ficavam os fundos dos quintais das residências. A ação do tempo e do homem tomou e degradou aquele ambiente.

A VEGETAÇÃO: O Sítio Valentim era rico em vegetação, principalmente plantas frutíferas, jenipapeiro, araçá, goiabeira, cajueiro, cajazeira, ingazeira, além de árvore nativa da Mata Atlântica da qual o Sítio Valentim faz parte. Porém, a árvore predominante daquele sítio, com a presença de habitação humana, ainda em seu longínquo tempo era a mangueira, plantada por famílias ali residente. A mangueira é árvore de grande porte sendo ela nativa da Índia e fora introduzida no Brasil. No Valentim existiam várias espécies de mangueira que eram conhecidas pelos populares por vários nomes:



OS MORADORES: No Sítio Valentim cada morador tinha o seu próprio pedaço de terra, vindo essa passada de geração a geração que sobre ela estava a sua moradia. Existia proprietário que no seu terreno tinha mais de uma casa e algumas casas eram feitas de tijolos como a do senhor Ermírio e a casa da senhora Donana, que também tinha a calçada feita de tijolo maciço e pedras. Porém a maioria das casas eram feitas

de taipa, mas cobertas de telhas de barro feitas no povoado Carapicho. Os moradores do Valentim costumam usar casa com telheiro que era chamada habitualmente de tacaniço. Os moradores do Sítio Valentim vieram de diversas regiões, como o pai do senhor Agripino Barbosa do Nascimento (Tio Agripino) que veio de Aquidabã. Tenho em meu acervo pedaços de objetos utilitários como alguidar, telha e tijolo de algumas casas do Valentim. Atualmente no Sítio Valentim existe uma cerâmica de Vaguinho de Maria de Ninica, uma cerâmica de piçarra, esposo de Aninha de Zé Rodrigues, e a cerâmica de Gilmar de João Violão, que foi transformada em um par e em uma pousada. Tem uma residência de Maria do senhor Messias, que é a moradora mais antiga do Sítio Valentim no momento, 1 residência de Cícero de Inocência (Cícero Santos), uma residência de Maria Suzanete e mais 15 imóveis incluindo as 3 únicas casa de taipa que servem de lazer. Ao longo da existência do Valentim muitos moraram ali, citarei o nome de vários:

Alfredo Ramos, Tonho Jaguaripe, Joana Castor, Ermírio, Joana Nambu, Filirmino e seu irmão João Menino, Tapiti, Virgínia, Belo Nambu (meu tio), Nezinho, Tonho de Toca, D. Zuca, Joana, Donana, Manoel Bacalhau, Francisca, Cizino, Lucádio, Seu

Luçenço, Ermírio, Agenor, Santa e Egido seu esposo, Zé Aranhola, Cícero Pereira, Luís Tabuleiro, Anchieta, Anunciada, Tonho de Veneno, Miliço, Alcides Vieira, Zé cumprido, Zezé, Souza, Jinú, D. M.^a De Julinho (uma mulher que trabalhava como pedreira construindo casas), meus avós maternos e Raquel minha mãe e tantas outras. Atualmente o único morador do Sítio Valentim é Dona Maria José Santos, esposa do senhor Messias Santos, mais conhecido como Messias Bacalhau. Dona Maria teve 18 filhos mas só vieram 11, são eles: Ailton, Jailton, Agnaldo, Anilson Anildo, Denilson (Padió), Josilene, Maria Alves, Maria de Fátima, Alvinete e Arlene que é esposa do senhor João Enfermeiro. O único que continua morando com a senhora Maria é o jovem Padió. O senhor Messias Santos, que nasceu em 05 de fevereiro de 1918, veio a falecer em 18 de junho de 2011 aos 93 anos em sua própria residência no Sítio Valentim, era filho do senhor Manoel Messias dos Santos (Messias Bacalhau) e da senhora Maria da Pureza de Jesus, que teve sete filhos: Pureza, que era a filha mais velha, a senhora Mariinha, mãe de Nena e de Siqueira, Helena, mãe de Neco, Maria das Dores (Dorinha), Eulina, esposa de seu Neca, Benício e Messias.

TIPOS DE MANGA: Manga cecília, comum, coco, cravo, arueira, mangolô, oitim, cajá, manga cinza, buceta, prata, pureza, maçã, cunhão, rosa, maria, gonçaves, priquito, revólver, massa, papo de peru, rozita e manga espada, a popular e que existe em maior quantidade até hoje. Moradores do Valentim tinha como uma segunda fonte de renda, além das mangas, jenipapos, arachás, goiabas, que também existia em abundância. Ao lado da área da porta d'água que passou a ser do senhor Pedro Silva, que era no início do Valentim, existia um poço fundo onde existia um canavial do Sr. Lourenço, ali ele cultivava cana caiana e cana geiger para fazer caldo de cana e vender também inteira aos apreciadores da mesma, que para descascá-la usava um cutelo ou os próprios dentes de tão mole que era, essa cana tinha bastante aceitação.

Atualmente as mangueiras do Sítio Valentim estão sendo derrubadas, impiedosamente, para a construção de casas sem a preocupação de fazerem novo plantio e o último desastre foi cometido no Sítio de Dona Cícero que cortou com a motosserra todas as suas mangueiras no mês de junho de 2012, e vendeu o terreno fazendo loteamento. Assim como Zé Onaldo, o genro de Ernando, que cortou inúmeras mangueiras com motosserra e Mala (Benedito) também fez derrubada de mangueira em 2018 como tantos outros. (**Em 1623** já havia mangueira na nova capitania sergipana importada da Índia).

A ESCOLA: Na casa do senhor Lucádio, pai da senhorita Erundina, minha comadre, tinha uma enorme sala que, por volta de 1932, a sua neta Alcides, filha do senhor Meliço, que estudava em Penedo, se tornou uma professora e ensinava aos meninos do Sítio Valentim sem ganhar nenhum tostão (dinheiro). Já chegou a existir 202 imóveis no Sítio Valentim, contou-me tio Agripino, e entre esses imóveis tinha 10 casas de farinha.

A ESTRADA que ligava povoado Carrapicho ao povoado Saúde era estreita e sinuosa tendo muita areia. Naquela estrada passava normalmente as pessoas a pé ou a cavalo, os jegues de Carrapicho que botavam barro à tardinha seguiam viagem atrás de outros animais no Povoado Saúde ou tentavam fugir da árdua labuta, e para impedi-lo tinha ao longo da estrada alguns cancelões e cancelas de madeira nos limites das propriedades dos senhores Lito, o pai de Mazinho e Cajueiro, outra cancela na propriedade do senhor Odom, na do senhor Belo da Várzea e na do senhor Serra. Com o tempo o caminho virou estrada e não mais passava só gente, passava animais, carro de boi, e na 1ª administração do prefeito Gilson Guimarães Barroso, com o apoio do Governo do Estado, ele fez a estrada de rodagem onde começou a transitar também veículos. Já na administração do prefeito Ricardo Roriz ele asfaltou a estrada.

A ECONOMIA: A economia básica dos moradores era o cultivo do arroz realizado uma vez por ano, pois acompanhava o ciclo das cheias, seguido do cultivo da roça em suas várzeas, alguns ainda faziam uso do rio ou da lagoa quando estava cheia para a pesca. Atualmente a lagoa que pertence a vários proprietários, mas tendo Ernando Silva com a maior parte das terras, está sendo usada para pastagem do gado de pessoas que nem terra no Valentim tem e o gado solto causa maior estrago nas roças. Algumas pessoas, como o senhor Florisval, Valmir de Zequinha, Bado, Cícero de Lucenço, Maria Suzanete, Elba fazem roça onde cultiva a mandioca, a macaxeira, o milho e o inhame.



Na administração do prefeito Ernando R. Silva colocou-se as posteações de cimentos e, na 1ª semana de Dezembro de 2003, a casa de Berg e Bosco, pessoal que são de Itabaiana e que tem uma cerâmica de bloco na ci-

dade, fez a ligação da energia para o uso doméstico, a segunda casa beneficiada foi a do Sr. Cícero Lucenso (Cícero Santos), ambas as casas são de tijolos (blocos). O meu amigo Fernando Cabral Radialista, casado com a senhora Rosa tem uma casa de veraneio ao lado da casa de Padió. A fornecedora de energia elétrica era a empresa ENERGIPE, atualmente ENERGISA. Agripino Barbosa do Nascimento (Tio Agripino), esposo da senhora Maria Lindinalva Barbosa (D. Linda), que também tinha propriedade no Valentim, estava com 86 anos quando conversou comigo e observou a drástica transformação que sofreu o Valentim e em diálogo falou-me lamuriando. “Bom já teve quando eu tinha de tudo no fundo do meu quintal!”, fra-

se de um sábio ancião que viveu o sossego e a fartura. Ele, quando estava concluindo o nosso diálogo emotivo, me fez uma observação um tanto conciliadora me dizendo: “Meu filho! Quem não desculpa a falta de um amigo não está longe de um inimigo!”. Tio Agripino mesmo com lucidez veio a falecer no dia 22 de maio de 2007, e sua esposa Dona Linda faleceu no dia 21 de agosto de 2007.

A CAPELA DE SÃO VALENTIM: Existia no Sítio Valentim uma capela do padroeiro São Valentim, na qual era realizado em sua data festiva uma procissão onde todos os moradores daquela localidade participavam de um cortejo que percorria de onde atualmente é a casa de D. Elba até aproximadamente a casa do senhor Messias, o Pai de Padió. Há controvérsia quanto ao local em que a imagem ficava. Minha irmã Miralda, que na época das procissões era pequena, tem vaga lembrança dos fatos, dizendo ela que existia uma pequena capela situada onde atualmente fica ao lado do sítio da senhora Elba. Já a minha irmã Salete acha que a imagem de São Valentim ficava na residência da senhora Donana, que era parente de dona Ninha e do Senhor Ernesto.

Os padres: Era habitual de vez em quando aparecer no Sítio Valentim dois ou três padres que eram recepcionados pelos moradores daquela localidade com um modesto banquete. A minha avó, Joana Nambú, que nasceu ali ainda no século IX, com os demais moradores colocavam as mesas debaixo de um frondoso pé de oitizeiro, que existia em frente a sua propriedade, e realizavam banquetes para os padres. A propriedade de minha avó ficava entre onde atualmente é o sítio do meu irmão Zé Calixto e o sítio de Mané Uri Uri, atualmente propriedade do senhor Benedito (Mala). Contou-me minha irmã Salete que os padres antes do comensal iam se banhar prazerosamente no rio São Francisco.



DOIS ILUSTRES FILHOS, o senhor Deoclides Bastos nasceu no sítio Valentim em **1893**, na propriedade de seus avós, senhor João Batista e Dona Maria Rosa Batista. Filho da senhora Joana Batista da Trindade (Joana Nambú) e do capitão Jerônimo Vieira Bastos, esse era residente em Vila Nova. A minha avó Joana era concubina do capitão e desse relacionamento ela teve quatro filhos: Deoclides Bastos,

José Bastos, Felisbello Bastos e Alice Bastos, que era mãe de Joelina, esposa de Zuzu, todos os filhos nascidos no sítio Valentim. Déda, como era chamado, foi capitão da polícia militar de Sergipe, além de chefe da guarda pessoal do governador do Estado de Sergipe. Eronildes Gomes do Sacramento era filho de José da Luz do Sacramento e Capitulina Maria de Jesus, Eronildes nasceu em 28 de outubro de **1928** na propriedade de seus pais no sítio Valentim, ele era irmão de Maria Eredia que era mãe de Tonho de Julinho. Na eleição municipal de 1982, Eronildes foi eleito pelo voto popular como vice-prefeito do município de Neópolis, ao lado do Prefeito Sebastião Campos de Jesus Lima. A partir do dia **13** de outubro de **1987**, o Sr. Eronildes, o vice-prefeito, assume como prefeito interino a administração municipal por um período de 60 dias. Com o falecimento do prefeito Sebastião em 1º de novembro de **1987**, o Sr. Eronildes assume definitivamente o cargo de prefeito e fica até o fim do mandato, em **1988**. Através do governador, sua excelência Dr. João Alves Filho e do Governador do Estado sua excelência o senhor Valadares, o senhor Eronildes empregou muita gente em Carrapicho dando estabilidade a várias famílias. Caso curioso é que contam que ele para economizar gastos do cofre público, várias vezes ao terminar o seu expediente na prefeitura em Neópolis, vinha a pé. O Sr. Eronildes faleceu em 04

de novembro de **1991**. Durante sua vida exerceu várias atividades, chegando a fazer um curso de capacitação na empresa Peixoto Gonçalves para em seguida trabalhar embarcado em um dos seus navios, mas ao término do curso a própria empresa sessou as atividades de navegação.

O TIME VIVA A DEUS: teve sua origem em uma das propriedades do senhor Pedro Silva, situado no sítio Valentim, próximo dos três coqueiros e do limite da Várzea. A propriedade já estava sendo administrada pelo o seu filho, Ernando R. Silva. O senhor Lucio de Souza, meu cunhado, que era responsável pelo o funcionamento da máquina de bater arroz do senhor Ernando e demais trabalhadores como os senhores, Ervencio, Gileno filho de seu Pedro Macena Tota, filho de dona Pureza, Petrúcio, Zé de Sula, Delegado, Zé Cun-Cun e Reizinho, esses quatro últimos eram filhos do senhor Sula, e todos moravam no povoado Brejo do Viegas, juntamente com Lúcio, Zé de Marco, Zé Comprido, Rozalvão, irmão de Queca, Paulo de Tacinha, o senhor Bado esposo de dona Terta, todos do Povoado Carrapicho, tiveram a ideia de formarem um time para jogar “a pelada” após o término do trabalho diário. Para isso pegaram enxadas tiraram os velandes (velames) e as ervas daninhas de um pedaço de terra e fizeram um campinho e ali passaram a jogarem bola.

O senhor Ernando Silva, aproveitando a máquina que ele alugou para construir a sua barragem no povoado Brejo, por volta dos anos 71/72, fez um campo nas imediações da entrada do povoado Brejo do Viegas. Com o campo já pronto o senhor Ernando passou a fazer parte do time Viva A Deus e levou o time para o campo de sua propriedade, dali por diante o time passaria a ser comandado e organizado pelo o senhor Ernando, no qual ele iria a ser titular absoluto. As camisas do time eram listradas com as características das camisas do Fluminense, os calções eram brancos porém todos continuavam jogando de pés descalços, só

Ernando Silva é que jogava calçado com Kichute. E ao disputar a bola vez por outra Ernando, calçado, machucava os adversários, esses com um gesto de afago se dirigiam a Ernando com uma tapinha nas costas dele e dizia: “Desculpa seu Ernando!”, pois o jogador mesmo machucado pedia desculpas a ele. Costumava ainda Ernando, mesmo sem participar da jogada e vendo que seu companheiro tinha mil possibilidades de fazer o gol, mas estando ele na cara do gol dizia para receber a bola. “Joguei”, ou seja, o companheiro tinha que dá a bola para ele finalizar.

Já com o campo pronto o senhor Ernando convida a emissora AM Rio São Francisco de Penedo para inaugura-lo. O grande comunicador esportivo Antônio Viera da cidade de Neópolis foi quem narrou o jogo da inauguração do campo. Participaram da inauguração jogando pelo o time Viva A Deus o craque Jaime e o profissional Gabriel.

Já jogando no povoado Brejo, o senhor Carlito, pai do soldado Gildo, passou a ser o goleiro e quando o time Viva a Deus foi jogar no campo Vila Operária da Passagem, o senhor Carlito ao ver tanta gente amarelou e de cara tomou logo dois gols. O campo da Vila Operária da Passagem foi inaugurado em 25 de janeiro de 1948. O time da Vila Operária chegou a ser campeão sergipano de futebol.

O jovem Domingos Manoel da Silva que tinha o apelido de Domingo Cão, filho do senhor Manoel Silva (Manezinho Mucoim) e da senhora Maria de Lurdes, era um excelente goleiro de carrapicho e chegou a participar do time Viva A Deus. Mas como era brincalhão não levava a sério nada que fazia, inclusive algumas vezes estando no gol ao chegar no ataque com perigo de gol ele ficava de costa e mesmo assim pegava a bola. Sua principal profissão foi a de carregar artesanato em cesto para embarque e desembarque nas canoas chatas de Carrapicho com destino as cidades de Propriá e Penedo. Com a sua agilidade chegou a bri-

gar com mais de seis polícias de uma só vez na cidade de Propriá. Veio a falecer em um domingo à tardinha, no dia 21 de abril de 1980 aos 37 anos de idade, vítima de facada desferida pelo jovem Kodak na calçada da senhora Florita e do senhor Pneu quando este, embriagado, brincava com Betinho filho de Florita e Pneu.

Ao tentar embarcar na balsa do senhor Ernando um caminhão carregado de cerveja caiu, Ernando pagou o prejuízo e ficou com o resto da cerveja, que as levou para a Toca, onde morava. À tardinha, mandava o meu cunhado Lúcio ligar o motor a diesel, gelava a cerveja e após a pelada eles bebiam prazerosamente. Dona Ester esposa do senhor Elói em dias de jogos vendia arroz doce.

Aspecto Histórico do Povoado Saúde



A VIAGEM IMPERIAL EFETUOU-SE felizmente chegando à esquadilha na barra do Penedo nos **13** de outubro de **1859**, às 5 horas e 23 da tarde desse mesmo dia entrou o vapor APA no qual estava o monarca acompanhado pelos vapores Itajá, Guatemí, Aracaju, Pirajá e Valério Sinimbu. Fundearam os vapores às

5 horas e 50 minutos no pontal, que já é um ponto dentro do rio. Nessa ocasião retumbaram estrepitosos vivas, o hino imperial ecoou nas margens seculares daquele rio que tanto se engrandece na imaginação. Nessa ocasião foram a bordo do APA cumprimentar Sua Majestade e receber-lhe as ordens os Exmos. Presidente Dr. Souza Dantas (das Alagoas) e Galvão (de Sergipe) e com eles acompanharam delegado, juiz de Direito, comendador, deputado e médico. E todos esses cavalheiros receberam a honra de suas majestades, o imperador D. Pedro II e D. Tereza Cristina. No dia seguinte, pelas 5 horas e meia da manhã, seguiram viagem rio a cima o navio APA acompanhado dos demais vapores em Piaçabuçu, sua majestade desembarcou e percorreu toda a povoação no meio de grande entusiasmo popular, fundeu de frente de ilhas dos bois, durante essa demora houve almoço.

PENEDO: À 1 hora do dia 14 de outubro 1859, S. M. saltava em Penedo, onde foi recebido com todos as honras que são devidas a sua alta personagem. A Câmara Municipal recebeu S. M. debaixo do pátio e seu presidente ao entregar as chaves da cidade dirigiu-lhe felicitações.

VILA NOVA: Às duas horas embarcou D. Pedro II para Vila Nova no vapor Pirajá da companhia baiana. Logo que saltou dirigiu-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário que serve de Matriz, S. M. deu 300\$ 000 mil réis para auxiliar a reedificação dessa igreja. Visitaram as duas escolas, encontrando na de meninos 15 e na de meninas 22, sendo 25 o número de matrículas. Examinou uma das meninas que achou muito adiantada e mandando que ela fizesse uma conta de repartir, ficou plenamente satisfeito. Às quatro horas voltou S. M. para Penedo. Às 5 horas do dia 15 de outubro do mesmo ano S. M. embarcou entre os vivos frenéticos da população que acenava com lenços e chapéus e as salvas dadas pelos navios de guerra, os sons do hino nacional executado por três bandas de músicas. Às 6 horas o vapor Pirajá, em cujo

mastro tremulava o estandarte imperial, sulcava as águas do São Francisco que até ali nunca tinha sido devassada senão por canoas e ajoujos. O Pirajá ia comandado pelo Tenente Montaury, tendo por imediato o 2º Tenente Chavantes.

Contornaram a ilha de São Pedro e ao passar pela Fazenda Boa Cica, pelo Povoado Carrapicho e povoado Saúde, S. M. era saudado entusiasmadamente pelos habitantes desses lugares. S. M. conservava-se em pé na caixa da roda entre os dois Presidentes das províncias cuja margem olhava e tinham na mão um grande papel que parecia um mapa.

O ACENO: Sua Majestade segue viagem rumo ao Eldorado, a cachoeira de Paulo Afonso, e o povo do povoado Carrapicho e do povoado Saúde se gozavam com puro e extraordinário júbilo de terem podido ver e acenado para o imperador e sua comitiva.

O POVOADO SAÚDE: tem sua existência muitas décadas antes de iniciar o século XX, quando Sergipe ainda era província, como se observa o supracitado. Conta-se que Saúde começou como uma fazenda e era proprietária Dona Maria das Chagas, que era conhecida por Chaguinhas, a localidade recebeu essa denominação em homenagem a imagem que foi encontrada debaixo do cajueiro no dia 02 de fevereiro de certo ano, e no calendário litúrgico da igreja católica dois de fevereiro é dia de N. Sra. Da Saúde. Dona Maria das Chagas em seus dias finais de existência doou a propriedade à igreja, e essa por sua vez vendeu ao Sr. Aprígio da Silva e ficou acertado que 2 (duas) tarefas ao redor da capela seria propriedade da igreja.

COMENTA-SE também que o povoado recebeu esse nome devido à presença de pescadores que ali chegavam e se arranchavam, lá estando sentiam-se com suas saúdes revigoradas, pois até mesmo alguns dos pescadores que por ali chegavam com alguma enfermidade passavam a se sentir saudáveis, por isso deram o nome de Saúde.

Genealogia da Família Aprígio

Patriarca **Aprígio da Silva**, matriarca **Maria Natividade**.

Dona Natividade, já viúva, veio a falecer na companhia de seu filho Aurélio em consequência da arranhadura de gato em sua perna.

Filhos conjugais: Sete

- 1 - Aureliano José da Silva
- 2 - Álvaro Silva
- 3 - Ananias da Silva
- 4 - Maria Natividade
- 5 - Carlos Silva
- 6 - Leontino Silva
- 7 - Bráulio Silva.

1 - Aureliano José da Silva nasceu em 16 de junho de 1900 e faleceu em 01 de julho de 1975, aos 75 anos de idade. Ele era o filho mais velho e seu irmão Bráulio era o filho mais novo.

O Sr. Aurélio casou com Amélia Laudário da Silva, desta união não tiveram filhos. Dona Amélia nasceu em 04 de fevereiro de 1915 e faleceu em 1964 aos 49 anos de idade.

O Sr. Aurélio teve duas concubinas, sendo elas: Dona Amália Bezerra e Dona Francisca Bezerra. Deste relacionamento com Amália Bezerra tiveram 1 um filho: I - Claudionor Bezerra dos Santos. O senhor Claudionor fez avaliação para ingressar na

aeronáutica e foi detectado um problema na sua visão e por isso foi dispensado. Passou a residir na cidade de Niterói, em consequência da dispensação da aeronáutica e de um amor não correspondido suicidou-se com envenenamento, quando a família (irmãos) soube já ia ser enterrado como indigente.

Com dona Francisca Bezerra tiveram dois filhos:

I - Antônio Bezerra dos Santos nasceu em 1930. Casou-se com Nair da Silveira Santos, tiveram 3 filhos: Antônio Carlos, Ana e Marcia. Atualmente Antônio Bezerra reside na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

II - Atayde Bezerra dos Santos nasceu em 04 de setembro de 1932 e faleceu em 2004. Casou-se com Edna Silveira dos Santos. Tiveram 2 filhos, Viviane e José Valter. D. Edna reside no Povoado Saúde na Rua Tiradentes. Dos três irmãos, Atayde era o mais novo e Claudionor o mais velho. Esses filhos de seu Aurélio só tiveram a paternidade reconhecida em cartório já depois de casados.

2 - Álvaro Silva nasceu sendo uma pessoa excepcional e faleceu.

3 - Ananias da Silva casou-se com Aurora, que era filha de Laurinho e prima do próprio Ananias, tiveram um filho, Paulo da Silva.

4 - Maria Natividade tinha o mesmo nome de sua mãe, casou-se com José Bezerra e tiveram 3 filhos.

I - Aprígio Bezerra da Silva

II - Charles Bezerra da Silva

III - Leontina Bezerra da Silva

5 - Carlos Silva nasceu em 08 de maio de 1905 e faleceu em 20 de novembro de 1985. Casou-se com Berenice da Silveira Silva, que nasceu em 19 de setembro de 1918 e faleceu no dia 11 de julho de 2014 aos 95 anos de idade. Da união conjugal tiveram quatro filhos:

I - Maria Aldacila Silveira Silva

II - Arlyrio Silveira Silva

III - Altair Silveira Silva

IV - Alvinete Silveira Silva.

Arlyrio era marinheiro e ao zarpar do porto do Rio Grande do Sul, outro navio que tentava ancorar colidiu com o dele e afundou, Arlyrio que trabalhava na casa de máquina conseguiu vir à tona, mas ao observar que seu colega não apareceu, ele voltou em um rápido mergulho para socorrê-lo e veio a falecer também.

Alvinete da Silveira Inocência da Silva (nome de casada) casou-se com Silvânio Inocência da Silva (Rasga Chale), dessa união tiveram quatro filhos.

I - Nivia de Cassia Inocência da Silva

II - Ligia Carla Inocência da Silva

III - Van Carlos Inocência da Silva

IV - Monaliza Inocência da Silva.

A senhora Alvinete era professora no Colégio Estadual do povoado Saúde.

6 - Leontino Silveira Silva casou-se com Dozinha, que era irmã de Aurora e tiveram três filhos:

I - Cléa Silveira Silva

II - Lea Silveira Silva

III - Orlando Silveira Silva. Esse cometeu suicídio.

7 - Bráulio Silva casou-se com Maria dos Prazeres e tiveram 6 filhos.

I - Antônio Carlos Silva

II - Carlos Alberto Silva

III - Giselda Silva

IV - Josete Silva

V - Josélia Silva

VI - Nilzete Silva.



OTÁVIO SILVA nasceu em 1907. Otávio era filho do Sr. Aprígio com sua mãe chamada Cecília, ele era fruto do único relacionamento extraconjugal do senhor Aprígio e sendo ele o filho mais velho de todos. Sua mãe, Dona Cecília, morreu afogada quando vinha de canoa de Penedo rumo ao povoado Saúde nas imediações da Pedra de São Pedro, ela estava grávida e Otávio ficou órfão com 7 anos de idade e foi criado por D. Rosaria. Otávio

Silva casou-se com Maria da Pureza e tiveram 24 filhos, 11 vingaram (cresceram) e 13 faleceram ainda criança. Os que viveram foram:

1 - Maria Cecília da Silva – É a filha mais nova

2 - Jailton da Silva

- 3 - Jardilena da Silva
- 4 - Jenalva da Silva
- 5 - Jesilda da Silva
- 6 - Jilvanor da Silva
- 7 - Jildete da Silva
- 8 - Josabeth da Silva
- 9 - Maria José da Silva
- 10 - Juanice José da Silva – Falecido
- 11 - Maria Judite da Silva – É a filha mais velha, falecida.

Essa é a família Silva e não a família Silveira da qual pertence o senhor Edson Silveira (Ercinho).

O SR. APRÍGIO e seu AURÉLIO: O Senhor Aprígio, segundo informações de populares locais comprou a terra do Povoador Saúde e pagou toda de uma só vez, porém o dinheiro foi proveniente de um empréstimo tomado a um grande amigo, o senhor Augustinho Gonçalves que era irmão do senhor Manoel Gonçalves, ambos eram grandes capitalistas que também era seu amigo. O Sr. Augustinho Gonçalves era proprietário de uma loja de tecidos em Propriá.

Seu Aprígio cai doente e quando enfermo em seu leito, segundo os relatos, ele chama seus filhos e pede que trabalhem e pague o restante da dívida ao Sr. Augustinho Gonçalves. Seu Aprígio morre e só seu Aurélio e sua esposa dão continuidade ao trabalho do pai e se alargavam horas a fio debaixo de sol e chuva em uma árdua labuta, com o dinheiro colhido, com atividades como o cultivo do arroz na sua ilha, salda a outra parte do débito, até então o Sr. Aprígio não tinha feito a escritura da terra. Com a paga do saldo devedor seu Aurélio faz a escritura

da terra como propriedade sua e passa a ser o único dono dos bens do seu pai.

Seu Aurélio e sua esposa dona Amélia continuaram com afino e destreza a trabalharem, eram eles os primeiros a regaçar as mangas e caírem em campo. Com ele trabalhava muita gente entre eles canoeiros e vaqueiros.

Seu Aurélio, já viúvo, casou com a senhora Marilene que era filha do senhor Manoel Inocência e Maria José Bezerra. Marilene atendia pelo o nome de “Tonha”. Tonha era tia de Van Carlos e Monaliza.

O Sr. Moacir Pinheiro dos Santos nasceu em 20 de maio de 1939, era o capataz, as mãos e os pés do senhor Aurélio, eles eram compadres e logo cedo seu Aurélio chamou seu Moacir para firmarem um pacto de só se separarem com a morte e o pacto foi firmado e cumprido por ambas as partes. Seu Moacir passou a ser chamado de “Moacir do Aurélio”. Moacir era também vaqueiro de seu Aurélio e até o início de 2015 viveu na luta do gado, vindo a se aposentar. Seu Moacir é um homem caboclo, pessoa de estatura mediana de porte robusto e afável, tem consigo experiência de anos de luta, disse-me que se a vaca for “enxertada na Lua cheia e parir na lua nova a cria será fêmea, e se for enxertada na lua nova e parir na lua cheia será macho”, atualmente seu Moacir tem uma residência a Rua São Francisco e falou-me que muitos anos atrás ao lado da sua casa existia um grande curral no qual de manhã, ele ainda pequeno e aprendendo o ofício de vaqueiro, comia um inchado, “leite colhido na hora da ordenha junto com farinha de mandioca”. Seu Moacir é tido pelo povo como um homem sabido, daqueles que faz pacto para obter poderes. Ele era o melhor amansador de burro brabo da região.

A residência de seu Aurélio fica situada na Praça da Matriz e ao lado dela mais dois imóveis, sendo um depósito de arroz,

ainda tinha uma casa na Rua Tiradentes que passou a ser do seu filho Atayde, onde sua esposa Dona Edna reside. Seu Aurélio era dono de vários animais, inclusive um burro chamado Capricho, e de 4 canoas chamada Deilda, Lua, Garcinha e Porto Alegre.

A ILHA de frente ao povoado Saúde era de sua propriedade, herança também do seu pai, o senhor Aprígio, e era chamada pelos populares de Ilha de seu Aurélio. No mapa de Sergipe era denominada de Ilha do Aurélio e depois da partilha ficou chamada de Ilha Fluvial Saúde. Ali era cultivado arroz pelas mãos ávidas e calejadas de 30 meeiros que produziam em média por cada safra 50 alqueires de arroz, totalizando **1500** alqueires. O arroz colhido era vendido e escoado para a fábrica de seu Hermes em Propriá. Com a escassez das cheias por volta do ano de **1983** deixaram de cultivar o arroz. Ainda era propriedade sua a pequena lagoa chamada de Peixe Gordo que fica quase por trás da Escola Municipal Agesislao. Por causa da longevidade e do sol causticante, a sua pele branca e seus cabelos castanhos começaram a embaçar porém seu Aurélio continuava firme na labuta diária, mas ocorreu um fato desagradável vindo de uma pessoa muito íntima, com isso ele ficou desgostoso e em menos de 48 horas, se sentindo mal, levaram ele às pressas de barco para a Santa Casa de misericórdia no Penedo, vindo a falecer lá mesmo no 01 de Julho de **1975**. Foi sepultado no cemitério de sua terra natal, o povoado Saúde.

SAUDINHA: como é chamada Maria da Saúde Silva, é filha do Sr. Manoel Inácio e da Sr.^a Aidil dos Santos. Saudinha nasceu no povoado Saúde no dia 02 de fevereiro de 1959. Veio a falecer em 01 de agosto 2016. 2/2 é a data comemorativa da padroeira do povoado, Nossa Senhora da Saúde, por isso ela tinha consigo um nome peculiar. Saudinha foi adotada e regis-

trada por seu Aurélio como filha legítima. Saudinha teve duas filhas: Sandra de Araújo Silva e Adriana de Araújo Silva. Saudinha morava na residência que foi de seu Aprígio e depois de seu pai Aurélio.

DONA AMÉLIA: Amélia Laudário, filha do Sr. Milício Laudário e da Senhora Jozina, nasceu no dia 04 de fevereiro de 1915 no Sítio Valentim, a propriedade de seus pais ficava nas imediações que atualmente fica entre a propriedade de seu Lunga e seu Agripino, o ponto de referência atual. Dona Alzira do Nascimento, mas com o nome de registro de Alzira Laudário, isso por causa da embriaguez do tabelião Baltazar. D. Alzira nasceu em 1920 e era filha da Senhora Felisbela Santos e residia também naquelas imediações do Valentim, quem fez o parto do seu nascimento foi a minha avô Joana Batista da Trindade (Joana Nambu), em agradecimento dona Bela chamou a minha avó para batizar Alzira, ela não pode, então a minha mãe, Raquel Batista, com 6 anos de idade foi a madrinha de apresentar. Amélia, Alzira e Raquel cresceram juntas e brincavam, indo e vindo do Brejo do Viega para o Sítio Valentim. Alzira era prima de Amélia, quando Raquel casou-se com Aurélio Cruz Ceramista, meu pai, Alzira, mãe de dona Quinha, com Manoel Aguiar, que era comerciante, e Amélia com Aureliano, proprietário do Povoado Saúde.

A PARTILHA: Em 25 de Janeiro de 1993 no cartório do 1º ofício José Odim Ribeiro no traslado do 1º Livro 72-B folha 95/97 V. Neópolis efetua-se a partilha dos bens do Sr. Aureliano para com os seus três filhos:

- 1-Antônio Bezerra
- 2-Atayde Bezerra
- 3-Maria da Saúde



LIMITES: A área da Saúde reza em registro cartorial da seguinte maneira: Limites ao norte com Rio São Francisco, ao sul com a propriedade do senhor Ormino Calumby, ao leste com a propriedade do senhor Manoel Menezes Serra, a oeste com M. Menezes Serra e Ormino Calumby.

LOCALIZAÇÃO: O Povoado Saúde fica às margens do Rio São Francisco no município de Santana do São Francisco, e dista da Sede 5 km, sentido montante do rio. Sua população é estimada em 2.000 habitantes.

CLIMA E VEGETAÇÃO: Segundo informações do ano de 1980, dizia que o clima era semiúmido, com uma temperatura variável entre os 25° e 30° centígrados, atualmente ela está mais elevada. A vegetação era de agreste tipo mata seca, vegetação baixa de beira de Rio. Atualmente o Povoado Saúde está habitado com gente que veio de toda região, inclusive de Santana do São Francisco.

Religião



NOSSA SENHORA DA SAÚDE: O povo Saudense encontrou na Religião Católica o berço primaz da Fé, e até hoje venera

a Santa Padroeira, Nossa Senhora da Saúde. Qual o homem que na sua plenitude do pensar não busca uma religião para o seu amparo espiritual e em um DEUS para expiar as suas culpas. **Conta os populares** que a Fazendeira D. Maria das Chagas e sua prima, duas moças velhas, ao chegarem sob a sombra de um cajueiro frondoso às margens direita do Rio São Francisco, em 02 de Fevereiro de um determinado ano, encontraram em cima de uma pedra uma pequena imagem de Nossa Senhora, ficaram enternecidas com a descoberta, as duas mulheres levaram a pequena imagem para casa, que ficava nas imediações do referido cajueiro, mas ao acordarem no dia seguinte tiveram uma grande surpresa à imagem não se encontrava em casa. Curiosas elas voltaram ao lugar da descoberta e para a sua surpresa a imagem estava lá em cima da pedra, pegaram-na e outra vez levou para casa e o fato se repetiu outras vezes. Então levaram a imagem dessa vez para uma capela às margens do outro lado do rio na Fazenda Chinaré, três dias depois inexplicavelmente a imagem desapareceu da capela e mais uma vez foi encontrada em cima da pedra, então os populares resolveram arrancar o cajueiro e no local construíram uma pequena capela onde a imagem pudesse ficar em paz. A imagem foi batizada de Nossa Senhora da Saúde, pois no calendário litúrgico da Igreja Católica 02 de fevereiro é o dia da Santa.

A IGREJA: Desde quando fizeram a capelinha até a Igreja de hoje, já ampliada, edificaram com uma construção sólida contendo até pedras. Em 1914, ampliaram a capela tendo a ajuda do povo saudense, o senhor Elísios José de Santana, pai da senhora Jovelina Santos, ainda pequenininho carregava areia na cuia sobre a cabeça da beira do rio, então a igreja passou a ser um templo maior. Referente a essa ampliação está escrito em alto relevo na fachada superior da frente da Igreja “Fundada à custa do Patrimônio em 1914 PR MC Lima”. Dizem que se refere a uma mamília daquele povoado, mas que foram embora. Me parece

que na linguagem da igreja católica “PR” significa “paroquiano”. Padre Roberto me comentou que a igreja do povoado é de estilo gótico. NOTA: Tentarei fundamentar os dizeres que estão escritos na fachada da Igreja em ocasião oportuna se isso for possível.

Atualmente quem entra na igreja com olhos curiosos observa a marca da pequena capela. Ao lado da igreja existe um jardim com palmeira. A comunidade se reuniu e contribuiu com 3.000 (três mil) reais e Ricardo Roriz entrou com outra parte e fizeram o forro de laje da igreja. A pequena imagem foi levada para Penedo para fazer a encarnação e, entre a encarnação e a visita de certo Padre Franciscano que ali esteve, comenta-se que a Imagem foi trocada.

BOM JESUS: A festa de Bom Jesus dos Navegantes por volta de **1935** já existia, e a imagem venerada não era a de Bom Jesus, era a de Coração de Jesus, pois não tinha a imagem de Bom Jesus, no dia da procissão de Bom Jesus quem seguia a frente era a imagem de Nossa Senhora da Saúde, e quem percorria as águas com as imagens eram as canoas chatas, do próprio Povoado, como a chata do Sr. João Sabino, chamado de Imperatriz, acompanhada das demais embarcações, depois se fizeram presente as grandes lanchas como TUPY e a TUPIGY e atualmente a procissão fluvial é realizada em balsa e a festa não tem data fixa, depende dos organizadores, em 2006 ela aconteceu em 30 de abril, um domingo bastante chuvoso, a imagem de Bom Jesus foi levada em um barco de Piaçabuçu, a Prainha estava inundada em consequência da cheia. Para fazer a imagem de Bom Jesus um dos organizadores da festa, João de Lino, pediu a Irmã de Geraldo Gomes a madeira que foi tirada na Fazenda Várzea Nova, sua propriedade, a madeira foi levada a Penedo e ali foi confeccionada, uns dizem que por Antônio Pedro outros dizem que foi pelo pai de Marta Mártires, o Sr. Helvécio ou o Sr. Procópio, seu pai, pois eram san-teiros. A barca de Bom Jesus chama-se JENEZARÉ.



OS ORGANIZADORES: Muitos foram os que contribuíram com a organização das festas da igreja, uns deles eram: Joãozinho Soares, Eduardo, João de Lino, Dona Amanda e atualmente Dona Lola e o jovem Aldo Pereira.

O MASTRO: O mastro tinha e tem o ritual dos demais do município. O mastro antes era colocado de frente a igreja mas deixou de ser por causa do calçamento e passou a ser fixado ao lado do oitizeiro centenário, porém no ano de 2005, por causa de contenda política, ele foi colocado do lado do rio, o mastro é tirado em comemoração à festa da Padroeira, porém é tradição da festa de Bom Jesus.

AS NOVENAS: A cada novena tinha um “noiteiro”, atualmente é feito às noites pelos moradores das Ruas. A banda de pífano era (é) quem animava as novenas e as quermesses, e eram componentes da banda de pífano. Mané Leite, Meliano, Otoniel e Caboclo, atualmente a banda de pífano é formada por: Adel-

mo, Joel, Cícero Leite, Zé Paulo e Tempero. Após a celebração eucarística, acontecia o esperado leilão, onde eram arrematados por preços competitivos os pertences doados pela população, hoje não existe mais leilão. No dia alusivo a Padroeira ou ao Bom Jesus costumava-se a participar da procissão a banda musical de Traipu (AL) e compareciam pessoas do povoado Pindoba, Carapicho, povoações ribeirinhas do outro lado do rio. Agraciada pelos fiéis que a venerava com fé, Nossa Senhora da Saúde acolhia aos que ali chegavam para pagar promessas acompanhadas ao som da banda de pífano.

O CASAMENTO: Manoel Sarapião dos Santos e Maria Luíza de França casou-se no dia 1º de janeiro de 1905, pelo Cônego Manoel Raimundo Mello, testemunhas Manoel de Carvalho Lima e Manoel Romão Bispo, Padre José Geminiano de Freitas, Vigário. Não se encontra no arquivo paroquial de Santo Antônio Neópolis livros anteriores a 1808. O primeiro registro sacro daquela paróquia só existe a partir de 1808. O primeiro Padre da Paróquia de Neópolis, segundo registro observado por mim, foi o Padre Antônio Caetano do Sacramento, no ano de 1808. E nessa longa caminhada Cristã já passaram pela aquela Paróquia mais de 80 sacerdotes e no momento quem está à frente dos trabalhos é o jovem Padre Alailson, que o substituiu padre Elias Isaías. Uma das máximas do Padre Isaías é que ele dizia: Se dar ao próximo o que é do próximo e se dar a Igreja o que é da Igreja.

O CEMITÉRIO do Povoado Saúde foi fundado em **1899** pelo conselho municipal de Vila Nova e foi denominado de cemitério RETIRO FINAL, ele era delimitado por cerca de arame farpado, depois foi murado e a frente dele era sentido para o rio, depois o prefeito Sebastião ampliou e deixou a frente como está hoje, voltada para o campo de futebol. O Sr. Juvenal, esposo de D. Pequena, foi enterrado do lado de fora do cemitério, por ter falecido de mofo.

O SEPULTAMENTO: A Senhora Marcolina, esposa de Mané Garrote, sempre tinha consigo duas redes de dormir, que emprestava a família do morto para levá-lo até o cemitério e enterrá-lo. Após o defunto chegar ao cemitério era jogado o corpo na cova e recolhido a rede e trazida à casa para servir ao próximo defunto. Isso aconteceu em outras localidades. Foram coveiros: Daniel, Chico Pecuária, Chico de Jaíra e o Sr. Francisco Pinheiro da Silva e Tempero. No momento não existe coveiro no povoado Saúde pois o Sr. Francisco Pinheiro da Silva, que era empregado da prefeitura, faleceu, e pessoas da comunidade é quem faz o serviço. Na verdade, foi realizado um concurso onde oferecia vagas para serviços gerais onde entre esses serviços era para ser coveiro. O nome de registro do cemitério é ignorado, porém na fachada atualmente se destaca: “Cemitério São João Batista”. Manoel Garrote era esposo de Maria Marcolina e irmão de Sabino Garrote, esse, por sua vez, era pai de Maria da Verdura, pai de Narciso. Maria da Verdura é irmã de Miletto só por parte de pai. O senhor Miletto é pai de Mauricio (tininho).

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA: Aconteceu uma procissão fluvial com a imagem de Nossa Senhora de Fátima organizada pela igreja de Penedo, essa procissão na ocasião passou em frente ao Povoado Saúde e, motivada pelo o ocorrido, dona Amélia, esposa de seu Aurélio, mandou fazer uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para contemplar aquela que apareceu em 13 de maio.

O ROUBO: Por volta do ano de 2003, chegaram pela noite à igreja dois homens armados e roubaram as imagens de Santo Antônio e São José.

OS SACERDOSTES: Fazem parte da irmandade católica os filhos da terra: O Padre Fábio Silva Pereira e sua Irmã Ana Paula Freira, ambos filhos do Sr. Francisco Pereira Neto, mais conhecido como Chiquinho, eles foram ordenados e trabalham no Ministério de DEUS. Outro filho da terra que há muitos anos es-

tava no sacerdócio é o Sr. Edenilton Duarte dos Santos Filho, de Antônio Soares e da Sr.^a Amélia Duarte. Edenilton estudou para diácono em Curitiba e na cidade de Curuarana, Paraná, depois em Rio de Janeiro e para padre em Floresta, Pernambuco, e foi ordenado em Penedo (AL). Vindo a trabalhar em Maceió abdicou da batina e atualmente está casado.

IGREJA PENTECOSTAL: Dona Mundica se converteu ao cristianismo e pertencia a Igreja Pentecostal vivendo pela fé. Dona Mundica recebeu do seu filho Gentil, que era funcionário da Petrobrás, uma casa situada na Rua B COHAB, como pioneira da fé evangélica naquele povoado, quando estava próxima a falecer, doou a residência a congregação em abril de 1995 e aquela residência passou a ser um templo evangélico, onde todos que ali frequentam buscam no livro da verdade o despertar e o exercício da FÉ. Atualmente existem outras igrejas evangélicas no povoado, inclusive a presença da congregação Batista tradicional no ano de 2018.

A BÍBLIA: Nenhum outro livro teve e tem uma veracidade e influência tão profunda na cultura humana como a BÍBLIA. Diz o capítulo 8, 32 no Evangelho de João: “Conhecerei a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32).

AS MORADIAS do povoado Saúde assemelhavam-se as demais da região, pois eram casas toscas e de taipa coberta de palha. No povoado saúde também chegou a ser pago aforamento. Por volta de 1980 cada morador pagava pelo chão da casa ao Sr. Atayde, um dos herdeiros, 200 cruzeiros. Atualmente pelos benefícios do governo federal e pela melhoria financeira onde os idosos recebem aposentadoria, e existe funcionário público municipal e estadual, as moradias tornaram-se majestosas.

A antiga fábrica do senhor Heráclito foi transformada em uma mansão residencial do senhor Ricardo Roriz. O sítio Espinho só tem uma casa, que é do senhor Chiquinho, o restante da área está

ocupada com parte das residências do conjunto Morada do Sol e pela residência do alagoano senhor Adolfo Brós.

EM 2012, o Povoado Saúde tinha 753 imóveis — desses, 670 eram residências. Os carpinteiros feitores de casas de taipas eram: Alfredo, pai de Moacir, Manoel Leite, Manoel Lino, Zé de Maninho, Zé Burega e o senhor Nido.

As Ruas

PRAÇA DA MATRIZ: Por certo, a primeira rua foi a Rua da Praça da Matriz, onde foi construída a capela e a residência da fundadora do Povoado, a Praça da Matriz onde existe um oitizeiro centenário, a Praça da Matriz é o centro do Povoado, a pedido de Saudinha ao vereador Valdenir Santos (Pelé) foi aprovada, em 09 de agosto de 2005, a Lei 02/2005 que determina que a Praça da Matriz fica denominada como Aureliano José da Silva, um dos fundadores do Povoado.

- **RUA SÃO FRANCISCO:** A rua São Francisco é a rua mais longa do Povoado e leva o nome do rio, e é ela que dá acesso principal para o povoado e quem nela habita é contemplado com a paisagem deslumbrante do rio.
- **RUA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA:** A rua Nossa Senhora de Fátima é um pouco longa e fica por trás da Rua São Francisco, é ali na parte mais espaçosa que arma o palanque para acontecer os eventos festivos, isso quando não ocorre na Praça da Matriz. Para oferecer sombra aos moradores dessa rua a associação dos moradores e a equipe do MOBREAL solicitaram mudas de algaroba ao Prefeito Horácio Rollemberg no ano de 1979, e arborizaram outras ruas como a Praça da Matriz e a rua São Francisco.

- **RUA TIRADENTES:** A rua Tiradentes começa na Praça da Matriz e vai até o conjunto COHAB, porém essa rua, através da solicitação do ilustre vereador Francisco Monteiro Feitosa (Chico), passou a ser denominada de Rua Ataíde Bezerra da Silva, ex-vice-prefeito, a lei foi aprovada em 16 de agosto de 2005.
- **COHAB:** O conjunto COHAB foi construído na administração do prefeito Carlos Torres e o Governo do Estado era Dr. Augusto Franco. O conjunto tem duas ruas: a rua A é que dá continuidade à rua Tiradentes e dá acesso à outra estrada do Povoado, que sai no Platô de Neópolis, e a rua B que faz o elo entre a rua A e o campo de futebol.
- **RUA SANTO ANTÔNIO:** A rua Santo Antônio tem forma de 'Y' e começa no final da Praça da Matriz ao lado da antiga fábrica e sobe seguindo sentido o campo e a casa de seu Vieira, ambos os percursos sai na rua Tiradentes.
- **RUA NOVA:** é uma pequena rua que fica por trás da rua Nossa Senhora de Fátima e ao lado da travessa Nossa Senhora de Fátima.
- **TRAVESSA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA:** A travessa Nossa Senhora de Fátima também é uma rua nova que fica por trás da quadra de esporte, a rua São Francisco. Sábado 17 de dezembro de 2005 ocorreu a inauguração da pavimentação desta. O ilustre vereador José Roberto Lima Santos (Robertinho) requereu, através da Lei 003/2005, que a rua Nova passa a ser denominada de rua Hélio Venceslau Santos, ex-vice-prefeito, e foi aprovado em 16 de agosto de 2005.
- **RUA NOVA:** Outra pequena rua Nova, que se tem acesso a ela no início da rua Nossa Senhora de Fátima, lado direito, vindo da rua Tiradentes, com o surgimento dessas ruas recentes o povoado está em crescimento.

- O CONJUNTO HABITACIONAL MORADA DO SOL: leva o apelido de Caminho das Índias, foi construído com recursos federal, tendo o mesmo 77 residências, no ano de 2009 ele já estava pronto, mas pela demora da entrega ocorreu uma invasão, só depois é que foi entregue aos seus proprietários.
- O LOTEAMENTO AURELIANO: teve como morador inicial o jovem Silvio Cezar Santos de Menezes, filho de Ailton, que ocorreu em 30 de maio de 2006. Sendo realizada a posteação (postes) em 23/12/2018.

Saúde

Como toda comunidade carente, o povo saudense também era desprovido do auxílio **médico, quando doente recorria ao curandeiro, rezadeira, parteira ou mezinheiro só em caso grave**, e extremo é que o achacado era levado às pressas por populares em uma canoa para Penedo.

AS PARTEIRAS: As parteiras contribuíram grandemente com a comunidade feminina e dos nativos. Ela era a segunda mãe para todos, pois pelas mãos calejadas da labuta do campo elas faziam o parto trazendo o bebê ao mundo. No momento do parto as parteiras usavam métodos para ajudar as mulheres darem à luz, um deles era mandar a parturiente soprar uma garrafa ou morder um pano contorcido.

ULTRASONOGRAFIA: Com o avanço tecnológico o exame de ultrassonografia demonstra o nascituro e o seu sexo, porém nem sempre foi assim. Antigamente quando se queria saber o sexo da criança a experiência da parteira fazia a diferença, elas

diziam que se o bebê mexer-se na barriga da mãe com três meses seria menino, e se mexer com cinco seria menina. Mãe Zezé, D. Janelice, Mariinha e Dona Zafira, que ainda vivem, são excelentes parteiras.

AS REZADEIRAS: D'entre tantas rezadeiras D. Olindina era especial, pois além de rezadeira, agradava os meninos com contos e história no terreiro de sua casa que ficava nas imediações do campo de futebol, onde também tinha ali uma porção de ranchos, onde o local era chamado de Brasília. À noite, desprovida de iluminação pública, os garotos se “aprochegava” e se esparramavam no chão do terreiro ao redor de Dona Olindina para ouvirem narrativas desconcertantes de história. D. Olindina narrava fatos da região e dos livros de cordel, suas histórias eram tão prazerosas para a criançada que algumas quando dava conta de si já estava no aconchego do seu lar, pois tinha sido levada adormecida cuidadosamente para casa no colo do seu pai querido.

MOACIR PINHEIRO DOS SANTOS: o senhor Moacir era guardião. Assim como em Carrapicho tinha os seus defensores, no povoado Saúde tinha o senhor Moacir, o pai de Henrique e administrador dos bens do seu Aurélio, que naquela comunidade ostentava coragem, era guardião da moralidade, afugentando a covardia. Ele era como dizia o dito popular, pagava para não entrar em uma briga, mas depois que entrava pagava uma boiada para não sair.

O SR. MOACIR E A SUCAM: O Sr. Miranda, servidor da SUCAM, fazia pesquisa entomológica. Ele vinha de Propriá e ao chegar à Saúde o Sr. Aurélio, proprietário do povoado, cedia um dos seus cavalos a seu Miranda e o seu vaqueiro, o Sr. Moacir, que cuidava do cavalo, também ficava a disposição. À noite amarravam o cavalo em um local específico e os mosquitos hematófagos começavam a picar o animal, vários deles eram capturados e levados para Propriá.

O SENHOR BAL era uma figura extrovertida. Cidadão Saudense, de cor alva como se fosse descendente dos holandeses, tendo o ofício de pescador, vários fatos o fizeram dele a pessoa mais carismática daquela comunidade. Salvou um ancião que tentava se enforcar, salvou uma família que estava dentro de casa que ardia em chamas, arrematou uma puía proferida pelo senhor Hélio Venceslau referente aos ovos que ele levava... Tentado por várias vezes ser correspondido pelo o amor de uma jovem a qual admirava. A mesma lhe disse que se ele subisse na torre da Igreja e de lá saltasse ela namorava com ele. Assim o fez mas não teve o amor correspondido, atualmente ele tem filhos conferindo a lei da multiplicação.



JOÃO ENFERMEIRO: O Sr. Bezerra não era um homem parco em suas ações, ao contrário, ele era dinâmico e como sempre foi ele a primeira pessoa do Povoado Saúde a dedicar sua vida atendendo os enfermos em suas residências, situada na Praça da Matriz, ele realizava pequenos curativos e aplicava injeção e não poucas vezes ele ia até a casa do paciente para atendê-lo. O Sr. João Batista Pereira, filho da terra, deu continuidade a esse trabalho. João estudou no Povoado até a 4ª série primária, depois fez o supletivo e concluiu o curso de técnico de enfermagem e estagiou na Santa Casa de Penedo, depois começou a trabalhar em Neópolis pelo prefeitura, foi então que o prefeito soube de sua qualificação e de onde ele era e mandou, em 1973, ele assistir a sua gente. Sem um local prévio para trabalhar, João transforma a sala da pequena casa de seu pai em um mini posto de saúde. Em 1977 o Mobral chega e, além das ações de alfabetização, volta-se para um trabalho de profilaxia e tratamento na área de saúde, convida o Sr. João para fazer parte da equipe e trabalhar no Programa de educação para a saúde, o PES.

Para isso, João passou três dias de treinamento em Aracaju, um grupo de pessoas da comunidade se envolveu nesse trabalho que culminou com a legalização da associação de moradores saudenses. O Poder Legislativo de Neópolis aprovou a Lei de nº 04 de 19 de setembro de 1989 que torna de utilidade pública a AMS (Associação).

Esses trabalhos tinham como monitor voluntário o Sr. João e o grupo que estava coeso, esse grupo chegou a ter 184 pessoas que construíram em mutirão um miniposto de saúde na rua N. Sr. de Fátima, onde atualmente é a residência de João. Com a restauração o miniposto recebeu o nome de Miniposto Menino Jesus de Praga.

Realiza-se uma pesquisa e constata-se que um dos maiores problemas era a esquistossomose e com esforços próprios conseguem construir 32 fossas de madeira, foi deflagrada outra campanha contra o percevejo em 22 de outubro de 1978. Começa a funcionar dentro do miniposto a farmácia comunitária, onde muitas vezes o remédio distribuído ao paciente era em parte retornado ao miniposto, quando o paciente não necessitava mais.

Em 1979 o miniposto recebeu do MOBRAL seis cadeiras laqueadas, uma mesa de exame, uma mesa de secretaria, um aerosol, um aparelho de medir pressão e um aparelho infravermelho. Em 1981 começa a construção de um posto maior na mesma rua e no local onde hoje é a quadra de esporte, e com a ajuda do Mobral, da comunidade e do prefeito, o posto ficou pronto com 10 compartimentos e ali funcionava um consultório dentário onde o próprio João chegou a fazer extração dentária, tinha um laboratório de farmacopeia onde João e seus amigos manipulavam remédios com produtos naturais à base de ervas, produzia pomadas e pó secante. Graças ao Mobral, a prefeitura e o espírito solidário desse povo a saúde dessa gente melhorou consideravelmente.

POSTO DE SAÚDE: O Sr. Atayde Bezerra doa um terreno na rua Nossa Senhora de Fátima, de frente a um sítio de mangueira, a

associação de moradores Saudense e o prefeito municipal Eronildes Gomes do Sacramento, através de financiamento integral do fundo de desenvolvimento comunitário do Banco do Brasil, constroem um posto de saúde que foi inaugurado em 16 de dezembro de 1988. A ilustre secretária de Saúde Dr.^a Elita Silva solicita que o posto seja denominado de Centro de Saúde Messias da Silva Passos, em tributo ao Bisneto de Pedro Gomes. Em 2004 o posto sofreu uma reforma e passou a dar atendimento odontológico e este, por sua vez, tem um trabalho de caráter preventivo evitando que as pessoas fiquem com um sorriso de jegue vadio. O posto foi demolido e construído uma clínica. João foi secretário de saúde. Inegavelmente João Enfermeiro contribui com a saúde do povo daquela comunidade.

A Educação



A educação em primeiro lugar era a atitude proferida das professoras mais antigas que ensinavam na comunidade do povoado Saúde. Nomes delas:

Dona Crizália,
D. Ilza,
D. Mariza
D. Albertina,
D. Zizi.

D. Crizália era filha do delegado por nomeação o Sr. Leonir, Crizália lecionava na Escola Estadual.

D. Ilza era filha do Sr. João Sabino e ensinava na Escola Estadual, por certo período a Escola deixou de funcionar, D. Ilza montou uma escola particular (banca) na casa de seu pai, na rua São Francisco, depois foi contratada e passou a lecionar na escola do município.

D. Mariza era professora do município e lecionava na casa do finado Ormino na rua Santo Antônio.

D. Albertina Costa Bezerra era natural da cidade de Aracaju, onde possuía uma residência na rua Divina Pastora. Porém era professora do estado e por uns 20 anos ensinou na escola que era do estado, que se chamava Escola Rural Professor Luís Justino da Costa, a referida escola ficava onde atualmente está a casa de Tonho Pombinha, que fica entre a casa do Sr. Ailton e a casa do Sr. Quinho na Praça da Matriz. Em 1949 já fazia tempo que ela ensinava no povoado Saúde.

Depois a escola foi construída onde atualmente se encontra o Colégio Professor Gomes Neto na rua Tiradentes, aos moldes da época. Um prédio de dois cômodos sendo um para sala de aula e o outro para a moradia da professora, onde D. Albertina, a partir de 1954, passou a residir e ensinar. D. Albertina foi professora da aluna Zizi.

D. Zizi, como é chamada Maria Terezinha dos Santos, nasceu em 27/12/1938, filha do senhor João Emidyo dos Santos e da senhora Antônia Rosa dos Santos. Dona Zizi casou-se com o senhor Paulo Lemos Neto, tiveram 7 filhos. D. Zizi foi aluna da professora Albertina na Escola Luís Justino e se formou em dezembro de 1957. Graças a iniciativa de sua mestra, a professora Albertina, e a colaboração de um senhor de Neópolis que era presidente da colônia de Neópolis e que tinha uma pequena sede

no povoado Saúde que se dirigiram ao senhor José Barreto, então prefeito municipal, e pediram o emprego de professora para dona Zizi, a garota recém-formada. O pedido foi acatado sendo dona Zizi conduzida pela professora Albertina à capital Aracaju para o processo documental de admissão, em seguida começou a lecionar em 06 de abril de 1958 na própria escola que estudou, aprendeu e foi diplomada. Antes de dona Zizi só tinha passado naquela Escola Professor Luís Justino duas professoras. Em 1959 a professora Albertina foi embora e no dia 20 de junho de 1984 foi publicado no Diário Oficial do Estado a aposentadoria de dona Maria Terezinha dos Santos “Zizi”.

O MOBRAL: No ano de 1977 chega ao povoado, se integra à comunidade e o trabalho educativo evoluiu e se diversificou em várias ações como: alfabetização, pré-escolar, desenvolvimento cultural, publicação de jornal, minibiblioteca, grupo de teatro, grupo folclórico, prática esportiva e pleiteou ações significativas na área de saúde, por muito tempo o MOBRAL esteve presente no povoado. O posto cultural onde as atividades eram exercidas ficava na rua Nossa Senhora de Fátima, ao lado do miniposto de Saúde Menino Jesus de Praga.

OS PROFESSORES do MOBRAL eram três: João Batista, Maria Fátima dos Santos e Maria Auxiliadora, que era de Carrapicho.

HISTÓRICO DA ESCOLA ESTADUAL: A Escola Estadual foi construída em 1949, iniciando suas atividades no ano seguinte. Recebeu inicialmente o nome da Escola Reunida Professor Gomes Neto, em homenagem a um professor que serviu muitos anos neste Povoado trabalhando como inspetor de alunos.

Gomes Neto, como era chamado o Sr. **João Batista Gomes Neto**, era esposo de Aliete Freire e pai de Geraldo Romeu Freire Gomes. O senhor Geraldo Gomes é atualmente proprietário da Fazenda Várzea Nova.

A ESCOLA PROFESSOR GOMES NETO está localizada na rua Tiradentes Nº 282, mantida pelo governo do estado, criada através do decreto-lei Nº 329 de 11 de março de 1970, oferece educação infantil autorizada através da resolução Nº 83/92/CEE e ministra o ensino de 1º grau, sendo da 1ª a 4ª série autorizada pela Resolução Nº 74/80 CEE. A escola teve sua denominação mudada para a escola de 1º Grau Prof. Gomes Neto através do decreto Nº 11.773 de 31 de agosto de 1990.

OS DIRETORES: A Escola teve vários diretores dentre eles a Sr.^a Maria dos Prazeres, residente em Neópolis, e a senhora Alvinete da Silveira Inocêncio da Silva, uma das descendentes do patriarca do povoado que de maneira profícua coordenaram os trabalhos daquela escola no cumprimento ilibado do dever. A escola realiza encontros culturais, seminários e palestras com os alunos, com a comunidade e realiza intercâmbio cultural e é atuante nos eventos cívicos e tem uma banda para desfile, essa banda quase sempre se faz presente em outras regiões e aqui. A convite da diretora Maria dos Prazeres, eu, Roberto, realizei várias palestras sobre Meio ambiente, Vigilância Sanitária e Endemias.







Histórico da Escola Municipal

A Escola Municipal Agesislao Batista Martins Soares foi fundada no ano de **1952**, devido à grande quantidade de alunos que existia no povoado, recebendo o primeiro nome de Escola 10 de Novembro, onde possuía apenas duas salas de aula, era situado na Praça da Matriz, e em 1957 o então prefeito municipal, o Sr. José Machado Barreto, constrói às margens do rio, na praça da igreja, uma escola que leva o seu nome. Com o passar do tempo, já em 1977, foi construído a escola em outro local na rua Nossa Senhora de Fátima S/N, com o nome Escola Municipal Agesislao Batista Martins Soares, tendo a mesma recebido esse nome em homenagem a um político e delegado de polícia de Neópolis.

A ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ BARRETO que ficava na Praça da Igreja foi construída em 1957 e o Mercado Municipal foi construído no mesmo ano, de frente para a escola, o Mercado era coberto com telhas de barro chatas e quadradas. DIRETORIA: Passaram por aquela escola 07 diretores: Iza Santos Diniz, que foi a 1ª diretora, seguida de Nêmura Maria Vieira Silveira, Jadiel Pinheiro dos Santos, Maria de Lourdes Santos Diniz, José da Silva Pinheiro, Israel Cravo da Silva e atualmente é a Prof.^a Edjane da Silva Dantas, filha do senhor Edno. Esses diretores

sempre estiveram determinantes em frente dos trabalhos viabilizando conhecimentos e cultura. Acontecem todos os anos o passeio junino e no mês de abril de cada ano acontece um trabalho de redação que depois é exposto ao público. Em 2004 os índios Cariris visitaram a escola e ainda em 2004 fizeram um evento sobre o dia da água.

Atualmente a escola é composta de seis salas de aula, uma cantina, um depósito, uma secretaria, é trabalhado os três turnos com 36 funcionários. A escola recebe alunos a partir dos dois anos de idade, matriculados na creche/pré-escolar e ensino fundamental de 1ª a 7ª pretendendo chegar até a 8ª série, professores e alunos tem um bom relacionamento.

AGESILAO BAPTISTA MARTINS SOARES era filho de Doutor José Leandro Martins Soares e Maria Emília Baptista Soares, nasceu na Vila Nova (Neópolis-SE) no dia 05 de outubro de 1880 e tinha como apelido Ioiô Pequeno. Ioiô foi criado na Fazenda Várzea Novo, propriedade de seu avô, o coronel Baptista Gomes, que recebeu a patente de coronel da Guarda Nacional concedida pelo o Imperador D. Pedro II. Com a patente também veio às indumentárias, entre elas a farda, espada e boné. O coronel Baptista Gomes era também chamado de Ioiô. Doutor José Leandro Soares nasceu no dia 05 de março de 1836 no engenho do Cadoz, pertencente a seu pai Francisco Martins da Silva Soares e de Dona Maria Accioli Soares no município de Pacatuba, faleceu no dia 03 de setembro de 1902 em Aracaju. Formado advogado com bacharelado em Recife, Dr. José Leandro Soares passou a ser um homem de valor, foi político, sendo o primeiro vice-presidente da província de Sergipe, quando Sergipe foi desgarrado da Bahia, foi promotor na comarca em Propriá e chefe da Polícia do Estado. Advogou em Aracaju e em todo o Baixo São Francisco.

Seus pais tiveram oito filhos: Caitaninha, Josias, Sinhozinho, Iaiazinha, Sinhô, Agesilao, Francisquinho e Caçula. O senhor Agesislao iniciou o curso primário em Vila Nova, terminando o mesmo na Escola Prof. Argolo em Penedo, prosseguiu seus estudos no Colégio Atheneu Sergipense em Aracaju. O senhor Agesislao (Ioiô pequeno) casou-se com Joana e nasceu 02 filhos: Josias, que morreu afogado ainda pequeno e Iara. O senhor Agesislao tinha residência fixa em Neópolis e lá foi delegado de Polícia e Prefeito. Administrou a fazenda Várzea Nova do seu avô, onde viveu quase toda sua vida. Atualmente a fazenda pertence ao senhor Geraldo Gomes.

DESFILÉ CÍVICO. O senhor Evandro da Silva Silveira (Vandinho) é filho do senhor Edson Silveira (Ercinho que era cunhado do finado Atayde). Excelente músico, toca trompete sendo maestro da banda da Escola Agesislao e da Escola Afonso de Oliveira Forte. Outro que também é maestro é o penedense senhor Adriano Pereira Veiga. No povoado Saúde as Escolas realizam o desfile cívico e gente de toda a parte vão assisti-lo.

A Prainha

Às margens do rio, em frente à rua São Francisco, onde antes era um porto amplo, surgiu um barranco de areia e ali as pessoas começaram a frequentar para o lazer. Manoel Leiteiro, pescador e dono de bar, observou que seria rentável negociar ali, e foi um dos primeiros a armar um barraco sem paredes coberto com palha de coqueiro e começou a vender com preço módico bebidas e tira-gosto, tendo como prato principal o peixe. A prainha do povoado Saúde foi conquistando notoriedade em várias plagas, o Sr. Evaldo Soares Silveira, presidente da associação de pescado-

res do povoado, conseguiu, através do BNB, um empréstimo de R\$ 106.000 (cento e seis mil reais) no ano de 1999 e construiu 17 bares com área de cinco cada. Por trás de cada bloco de bares foram construídos um banheiro público, que mais tarde ocorreu problema por causa das frequentes depredações por parte do usuário, e ainda foi construído um pequeno posto policial. A Prainha tornou-se uma grande área de lazer com grande concentração de pessoas e veículos e, em alguns carnavais, durante o dia, o prefeito do nosso município colocou trio elétrico, porém na cidade não ocorria nenhum evento. A Prainha recebe durante o ano visitantes proveniente de várias partes do Brasil, mas a demanda maior é nos meses quentes.

Determinei que três membros da equipe de endemias realizassem uma pesquisa nos finais de semana do segundo semestre de 2003, em novembro foi constatado a presença de 97 ônibus com turistas, além de outras variadas espécies de veículos, inclusive embarcações que estavam a visitar a Prainha de água doce. Pessoas e veículos de Sergipe: Aracaju, Aquidabã, Boquim, Capela, Canhoba, Itabaiana, Itaporanga D'ajuda, Ilha das Flores, Lagarto, São Domingos, Muribeca, Jacobina, Nossa Senhora do Socorro. De Alagoas: Arapiraca, Lagedo, Maceió, São Sebastião, Igreja Nova. De Pernambuco: Japoatã dos Guararapes, Recife, Barbacema. de Minas Gerais; da cidade de Patos de Paraíba-PB, de Osasco-SP, de Serrinha e de Salvador, Bahia.

As pessoas que frequentam a Prainha primeiro visitam a nossa cidade para conhecer e comprar o nosso artesanato. Em dias de feriado e domingos chega a ocorrer engarrafamento de veículos e gente, tanto na Prainha como em frente ao centro de artesanato em Santana. A Prainha modestamente tem dado autonomia financeira a quem ali negocia, inclusive a quem vende o nosso artesanato, naquele local sob um sol escaldante todos tentam se divertirem com um banho supimpa nas águas do Velho Chico. Não

existe policiamento ostensivo, ou pior, ocorre até ausência e em consequência disso acontecem socos, ponta-pés e agressão, pois vários visitantes após ingerir bebidas alcoólicas excessivamente ficam desprovidos de razão, os vendedores de artesanatos também são vítimas constantes de alcoólatras, pois tem a sua mercadoria quebrada e ficando no prejuízo, um visitante foi tombado mortalmente por um projétil de arma de fogo, também já morreu pessoas vítimas de afogamento e a coisa continua crítica, apesar disso não há evasão de pessoas.

Com a cheia de 2004 os bares ruíram e hoje, sem ajuda governamental, os proprietários dos bares estão erguendo os mesmos por conta própria e por falta de estrutura o nosso balneário não está provendo conforto aos visitantes. Várias pessoas que chegam à Prainha já trazem seus produtos de consumo. Um passeio em barco a motor custa R\$ 5,00. A Prefeitura Municipal reergueu um dos banheiros que foi tombado pelas águas.

A ILUMINAÇÃO PÚBLICA: Saúde não tinha iluminação pública e, dentro de casa, às vezes pela pobreza, não podiam comprar querosene, aí o morador recorria à mamona, cortava o cacho de mamona madura colocava no sol, depois de seca os caroços eram descascados e pegava-se uma agulha grande e enfiava no caroço introduzindo um cordão e aquele pequeno rosário era fixado em pé como uma vela, ateava-se fogo no pavio e surgia a claridade, usava-se muito o tição de juazeiro, pois esse era duradouro. A primeira iluminação pública do Povoado foi em motor a diesel, colocado pelo Prefeito José Barbosa, o motor ficava onde era a fábrica do Sr. Eraclito e eram responsáveis pela manutenção do mesmo os senhores: Antônio Culote e Zé Gardino. Assume a administração o prefeito Carlos Torres e algum tempo depois ele para o funcionamento do motor e retira a rede e os postes, o trabalho foi realizado à noite e quem estava à frente do mesmo era o Sr. Zé Bezerra. No segundo mandato de José Barbosa de Le-

mos (1973-1976) ele cumpre a promessa de campanha e coloca luz elétrica com postes de cimento e as cruzetas eram de madeira, que foram aproveitadas dos postes anteriores e o organizador das posteação e rede elétrica foi o Sr. Erivaldo Pinheiro.

COMUNICAÇÃO: Assim como nossa gente, os cidadãos Saudenses tinham dificuldades de se comunicarem a distância, por isso no ano de 1988 foi inaugurado posto telefônico dentro da sede da associação de moradores na rua Nossa Senhora de Fátima, de frente à Escola Municipal, pela Telergipe. Funcionava dentro dos mesmos padrões do posto daqui, tempos depois a associação construiu um pequeno imóvel ao lado do posto de saúde na mesma rua. Porém no mês de maio de 2001, o posto telefônico fechou, e no 2º semestre do mesmo ano a Telemar começa a implantar telefones residenciais e orelhões, a torre de transmissão e recepção seguiu o mesmo padrão, daqui ficou ao lado do posto que lá ainda está edificada.

O CORREIO: O carteiro do povoado Saúde atualmente é a senhora Cledja, esposa do senhor Leodenis, ela vem até a agência do Correio, aqui em Santana, recolhe o material e leva para o povoado Saúde, onde faz a distribuição, não existindo ali nem um ponto de apoio. A senhora Cledja é remunerada pela prefeitura municipal de Santana, a qual também recebe um subsídio do Correio. Quando Vandinho (Evandro Silva da Silveira), que trabalha aqui na secretaria de obras, é quem com livre arbítrio cumpririam essa tarefa.

A ÁGUA: A comunidade saudense se abastecia com água colhida do rio à moda antiga, só a partir de fevereiro de 1993 é que a DESO inaugura o seu sistema de abastecimento de água capitada do rio, a bomba de sucção fica sobre um tablado flutuante às margens do rio de frente à fábrica velha e a caixa elevatória fica ao lado do Colégio Estadual e do campo de futebol na rua Tiradentes.

Dados referentes a julho de 2005:

Residências com água encanada — 269

Residências com água cortada — 141

Índice de corte — 34,3%

As pessoas que não dispõem de água encanada recebiam bimestralmente hipoclorito da Secretaria Municipal de Saúde pela equipe de endemias, a qual eu fiz um cadastramento.

FUTEBOL: O primeiro time de futebol do povoado Saúde foi o América Futebol Clube e os fundadores foram: Otávio José da Silva, o Sr. Jucundino, e o senhor Lito. Para competirem com agremiações das regiões, pediram ao seu Aurélio um pedaço de terra para fazerem um campo, seu Aurélio doou o pedaço de terra no local onde se chamava Brasília, em maio de 1932 o campo foi inaugurado. A posição das traves era inversa às de atualmente, pois elas ficavam uma do lado do cemitério e a outra do lado do colégio.

O SAUDENSE: Em 1976, o América Futebol Club passou a ser denominado de Saudense Futebol Club. Para propiciar acomodações a todos a direção do Saudense fundou sua sede em agosto de 1982, que está situada na rua Tiradentes, onde ali se promove festas. No ano de 2006 a 2010 foi presidente do Saudense a senhora Gildete Silva, filha do fundador do clube Otávio Silva.

A DIREÇÃO: Gildete Silva, presidente; Apolinário, vice-presidente; Elenilson Souza dos Santos, secretário, Leilson Feitosa, tesoureiro;

CONSELHO FISCAL: Jailton Silva, Charles Bezerra, Nelson Dias e Evangelista.

O TIME: Edson, goleiro; Os demais, Amarildo, Binho, Benalvo, Ecílio, Flavinho, Guido, João Paulo, René, Vã e Zezinho, jogadores; Treinador, Jerivaldo.

CLUB DO PORTO: No povoado Saúde sempre existiram ótimos jogadores e para suprir a demanda do mesmo fundaram o Futebol Clube do Porto, em 15 de novembro de 1974, o fundador foi o Sr. Ivanir Leite, o qual deu o nome ao clube e o primeiro presidente foi o Sr. Jason Pinheiro Fernandes Lemos. Derneval Barbosa, Acioly Pinheiro, Edinaldo Soares e Antônio Gomes também foram fundadores, em 1985 os próprios diretores construíram a sede do clube na Praça da Matriz, às margens do rio.

A DIREÇÃO em 2006:

Cláudio, presidente;

Negada, vice-presidente.

Maurício, tesoureiro.

Faixa Preta, presidente esportivo.

Alberto, secretário.

O TIME: Goleiro, Baial; os demais, Alam, Cilas, Clebinho, Alex, George, Guila, Lielson, Leondes, Juruma, Pretinho. Esses clubes, durante sua existência, ganharam partidas memoráveis sagrando-se campeão. Hoje existem mais agremiações como: Juventus, Club dos 30 e os Combinados Futebol Clube. O jogador profissional André foi e é um excelente jogador, já pertenceu a equipe do Lagartense-SE. Mas a sorte não lhe favoreceu.

ECONOMIA E MERCADO: A relação comercial do Povoado Saúde era com Penedo, Propriá e Neópolis, o rio era a principal via de comunicação, hoje Santana faz parte dessa relação comercial, e é um dos maiores consumidores dos produtos da

pesca do povoado. Neópolis, antes Vila Nova, exerceu importante papel em nossa economia. É ali, que a partir de 1892, começou a industrialização do município com a instalação da fábrica de beneficiamento de caroço de algodão de Alberto Vaz, depois uma usina de beneficiamento de arroz, em 1906 instala-se na sede do município a fábrica TÊXTIL de Antunes e Cia. e no ano seguinte, na propriedade da Passagem, a fábrica de tecidos Peixoto & Gonçalves e Cia. que funciona até hoje.

Pessoas da Saúde trabalharam nessas indústrias e com seu trabalho sustentaram suas famílias. Porém, antigamente, assim como o Povoado Brejo, a Saúde tinha como economia uma grande produção de farinha de mandioca e seus derivados, ali existiram várias casas de farinha e uma delas era a do Sr. Manoel Gregório, Aninha Bezerra, João Menino e Zezé.

A FÁBRICA E O MOINHO: O Sr. Heráclito Silva construiu um moinho na rua Belarmino Gomes em Carrapicho, atualmente está ao lado do Correio e é uma residência. No moinho ele fazia o beneficiamento do milho e vendia para a região. Seu Heráclito ergueu uma fábrica de beneficiamento de arroz no Povoado Saúde, onde até hoje se encontra a fachada do imóvel e a chaminé. Em parceria com seu sócio, o Sr. Justino, um cidadão do Povoado Pindoba, seu Eraclito botou a fábrica pra funcionar e pouco ela produziu, pois ambos se desentenderam e a fábrica fechou. Seu Eraclito, que era primo carnal do Sr. Aureliano da Silva, foi morar no Rio de Janeiro e ele poucas vezes teve aqui, os maquinários foram aos poucos extraviados e o moinho depredado também. O moinho leva na fachada o seu nome “MOINHO JARAGUÁ”, o imóvel da fábrica com sua imponente fachada era convidativo aos olhares de quem passava pelo rio, este imóvel foi vendido por seu filho Duda, carpinteiro, a Senhora Débora por R\$ 3.000 (três mil reais) no ano de 2005, depois o empresário Ricardo Roriz adquiriu e aproveitando o que já tinha construiu a sua mansão.

O ÊXODO: Como atualmente a pesca não garante mais o sustento das famílias dos homens ribeirinhos, assim como do povoado Saúde, mais de 200 homens daquele povoado foram embora e estão dispersos em canteiros de obras no Brasil a fora para manter o sustento das suas famílias. Mas alguns homens conseguiram ascensão, como o senhor Ari, o senhor Gentil e o senhor Nelson que foi funcionário graduado do INPS e prestou relevantes serviços (2018).

AS MULHERES: Saíam às matas com uma faca, chegavam ao pé de ouricuri, raspava a palha e colhia o pó e entregava ao Sr. Lucilo, morador do povoado, mas que trabalha de vigilante na fábrica de sabão de Neópolis, esse por sua vez carregava o saco cheio de pó das palhas nas costas até a fábrica, ali vendia cada kg por três tostões e não cobrava nada as mulheres pela viagem enfadonha. As mulheres também colhiam ouricuri e vendia a três atravessadores, o Sr. João Batista, Maninho e Profiro que compravam o produto por litro, por saco ou no olho, após a compra eles levavam o ouricuri e vendiam no comércio de Propriá.

OS MARCHANTES: Ali naquele povoado, para suprir as necessidades, começaram a abater tanto o boi como o porco que era esquartejado em cima de um cepo em plena rua. Foram marchantes os senhores: Virgílio, Antônio Vieira, Leonardo, vieram de Carrapicho o Sr. Reginaldo Farias e Zé de Mana. Onde hoje é o Oitizeiro centenário da Praça da Matriz se cortava carne sobre um cepo, na rua de trás, onde hoje é o grupo municipal, cortava carne de baixo de um pé de cajueiro e atualmente no pequeno mercado na Praça da Matriz.

FARINHA DE MARIZEIRO: Quando a farinha de mandioca estava escassa por causa da seca, algumas pessoas recorriam ao fruto do marizeiro maduro, cozinhava e de dentro do caroço tirava a polpa que substituí a farinha de mandioca.

O BATALHÃO E AS CANTIGAS: Em tempos que se colhia a mandioca e fazia a farinha ou se realizava outra atividade de cultivo no campo, era habitual organizarem amigavelmente batalhão que acontecia a meio a cantorias feitas pelos próprios trabalhadores, as músicas vinham acompanhadas com refrão e os versos que eram entoados por uma parte do grupo. O batalhão era arregrado de bebida e farta quantidade de comida.

Cantigas: As músicas cantadas pela aquela gente era um verdadeiro acervo cultural. Ex: “Rodeiro novo quer ver rodar, quero ver roda menina quero ver balancear. Contigo eu vivo em sentido, toda noite, todo o dia, como eu não posso te ver, não posso ter alegria. Bis, Rodeiro Novo quero ver rodar... Já passei tanto tormento que mal digo a minha sorte, quando me apartei de ti, já sentir a dor da morte. Bis, rodeiros novo querem ver rodar...”



ARTESANATOS: O principal trabalho artesanal do povoado Saúde, isso por força da maior fonte de renda ser a pesca, era a fabricação de covos que são produzidos por diversas famílias e gerava fonte de trabalho e renda. O covo, além de servir ao pes-

cador local, também é vendido para os pescadores de toda região, ele é vendido na própria comunidade e em Penedo dia de sábado, dia de feira livre. A taboca, o cipó e o imbé são as matérias prima para fazer o covo. Em 1980 uma dúzia de covo custava 3 (três) mil cruzeiros, atualmente os produtores de covo vão buscar de bicicleta tabocas na pequena mata da fazenda Puresópolis, conhecida como a fazenda do Francês, que por sorte foi concedido à tiragem gratuitamente, já o imbé é comprado a um vendedor da própria Saúde, que traz de outros nortes ou compra-se em Pene-

do e um cento de imbé custa 2 (dois) reais e uma dúzia de covo pequeno é vendido por 25 ou 30 reais. Enquanto que o covo é produzido em sua grande maioria por mãos de homens, outros tipos de artesanato como rendas, redes para pescaria, redes para dormir e renda de bilros, eram produzidos em baixo de árvore em frente de casa por hábeis mãos femininas. Dona Pureza era uma dessas mulheres artesãs. Seu Vieira, meu amigo, era feitor de cestos e os faziam com grande habilidade. Certa indiferença que existia entre o povo da Saúde e nossa comunidade foi dissipada com várias uniões conjugais entre homens e mulheres de ambas as comunidades.

O OLEIRO: O senhor Gilvan Vieira dos Santos (Van), filho do Sr. Zacarias (Zacarias Vieira dos Santos e Rosália Bernadina), é um jovem artesão do então povoado Carrapicho Santana, casou-se com uma jovem de Saúde e foi morar lá ao lado do campo na rua B do conjunto COHAB, ali montou, em 2000, sua cerâmica de artesanato em barro, a sua produção é escoada para Aracaju.

O PESCADOR E A PESCA: Quem mais contribuiu para o povoamento da Saúde foi o homem pescador que chegou e com sua família fez paragem e buscou no majestoso rio o seu sustento. Quase todo o pescador era um pequeno agricultor. Os filhos davam continuidade ao ofício do pai, que além de saber pescar e aprender o manejo do barco e do rio, quase sempre aprendia fazer seus apetrechos de pesca ou pelo menos a remendá-los (consertar). Enquanto que no porto de Carrapicho existia uma grande presença de canoas chatas. Na Saúde, até hoje, está marcada com um grande número de canoa de pesca. A canoas com seu pequeno porte facilitava o manejo do pescador inclusive em períodos de calmaria onde não se pode singrar, então através da zinga se chega ao seu destino. Porém os barcos estão presentes com seu motor de rabêta, trazendo comodidade aos pescadores, não sendo mais necessário dormirem nas croas.

Nomes de Barcos e Canoas de Pesca

Alan, Andrade, Apóstulo, Araketu, A Veloz, Além do Horizonte, Amar Abordo, Átis. Bobby, Boêmio, Brasa, Beija-me, Bille. Cristal, Cartão, Capricho, Casio, Caitano, Cajueirense. Duvidoso, Deus está conosco, Deus me leve Deus me livre, Douglas, Delvis. Elton, Estrela do mar, Edu, Fui!!!, Francis, Fênix, Favorito, Frank. Gui, Guerido, Grilinho. Hoje. Iara, Índios, Irmãos. Já vou. Lucas, Laranjinha, Lailson, Luar, Leal, Leandro, Luftafia. Mateus, Mensalão, Mamona, Menino do rio, Mestre Paulo, Meu love, Meu xodó. Não chore por mim, Novo amor, Nelson. O salvador, Oi eu, O arrocha. Pirá, Plaza, PL, Paty. Kayry, Kadett, Kuwait, Kaely. Renísso, Rei do porto, Rafael, Redentor, Rami- res. Silveira, Sany, Sabiá, Serra, Se cuide, Sol nascente. Tel, Tairo- ne, TY e Vênus.

Nome de Vários Pescadores

O Senhor Alumínio, Antigo, Seu Beto, Betinho, Bilú, Celo, Cícero, Cachimbo, Coelho, Cacique, Chico Pombinha, Sivaldo, Dedé, Erivaldo, Francisquinho, Felix, Galego, Galdêncio, Icinho, José Lemos, Jermirio, Jacaré, João Venceslau, João Da Cruz, Jorge Pombinha, Josevam, Pieca, Pai Feio, Seu Noel, Tambémé, Tinho, Tonho Pombinha, Vitá, Vicente, Zé Carlos, Zé Preciso, Mané Leiteiro, Erivaldo, Rasga Chale...

MULHERES que fazem rede de pesca: A senhora Marinalva de Dói, Marinalva de Orelina, Mariinha, Lenice e Marlene.

HOMENS que fazem ou fizeram covo: Antônio Garrote, Ailton, sSeu Dedé, Seu Sinhô, Seu Nino, Tonho de Noca e Zé de Tonho de Joça e algumas mulheres Fátima, Valdete, Pureza, Tita, e Jedalva...

A GARÇA que eu vou falar não é uma ave de porte elegante provida de pernas e dedos compridos, bico longo e pontiagudo, mas sim de uma canoa construída por seu Aprígio, para navegar prazerosamente no rio. Mas esta venusta embarcação foi além dos seus desejos, com uma dimensão de 47 palmos tornou-se, nas mãos de exímios pilotos, a melhor canoa de corrida da região, em cada disputa uma vitória e seu nome foi ladeado a altura de sua grandeza. Alguns bons pilotos comandando-a compartilharam com sua glória: Djalma, Paulo, Zé Bizoco, Zé Lemos, Neilton e Vita. A GARÇA foi passando do senhor Aprígio para seu Aurélio e de Aurélio para Atayde. Após o falecimento do senhor Atayde a sua esposa, D. Edna, construiu um galpão exclusivamente para ela no quintal de sua residência, onde se colocou a Garça sob esse teto e a cobria com panos. A casa de Penedo em seu tributo fez uma réplica da Garça e lá está para ser reverenciada pelos visitantes. Propostas e mais propostas de compra foram feitas a dona Edna e, entre tantas propostas de compras, teve uma que foi de um senhor da Polícia Federal que ofertou um veículo Siena ou 30.000 reais, mas nem essa e nem tantas outras propostas foram aceitas. Só muito tempo depois, já em 2009, a Garça foi vendida por 5.000,00 (cinco mil) reais ao senhor Ademir do povoado Tibiri no Município de São Brás-AL. A garça voltou a realizar as famosas disputas competitivas com direito a prêmios e o senhor José Lemos Leite, do povoado Saúde, corre mais Demir. Dona Edna é uma pessoa de grande sensibilidade humana, sendo co-operadora voluntária daquela comunidade.

OS CARPINTEIROS de canoas eram: O senhor Liberato, Alonso, Elízio, Gilberto, Davi, Antônio de Chiquinho, Mestre Vicente, Edivaldo, Mestre Duda, Ecinho e Elias. Porém ainda existe excelentes feitores de barcos.

Folclore

A comunidade saudense também tem sua cultura, seus costumes e tradições populares: Chegança, Nego D'água, Saci-Pererê, Fogo Corredor, Serra-véio, Dança da vara, Samba de Coco, Cai-pora, Reisado, Pastoril e Guerreiro fizeram e fazem parte do quotidiano daquela gente. A chegada tinha João Enfermeiro como um dos articuladores. A CHEGANÇA, João enfermeiro, Tonho Rolinha, seu Elionir, seu Messias, o pai de Padió, eram organizadores de chegada. A chegada foi o folguedo que mais durou no povoado Saúde.

SERRA-VÉIO: Quando não havia luz elétrica no Povoado Saúde existia uma brincadeira chamada Serra-véio. Um grupo de homens saía tarde da noite com um cavador e um cassete, procurava casas de pessoas idosas, se aproximava da porta, introduzia o cavador entre o batente e a porta, ficava forçando como uma alavanca, a pressão do cavador era como o de um macaco em um veículo, muitas vezes a porta frágil rangia e os homens começavam com o falatório de praxe:

— Dona fulana, quando a senhora morrer vai deixar a cama pra quem?

Os demais largavam a porrada no chão com o cassete e todos tripudiavam no terreiro.

Novamente forçavam a porta que voltava a ranger com a pressão que estava recebendo do cavador.

E mais uma vez falavam: dona fulana, quando a senhora morrer vai deixar, aí dizia nomes de pertences de valia que a moradora tinha e repetia a algazarra.

E por fim a velha que estava possuída de um sono profun-

do, já se encontrava no clímax do seu faniquito e mais uma vez eles desdenhavam.

— Dona fulana quando a senhora morrer vai deixar sua filha pra quem?

Aí surgia na escuridão uma pobre velha bruxuleante e jogava aos berros qualquer coisa sobre aquele bando de homens vadios. Algumas velhas tinham a porta de sua casa dividida ao meio no sentido horizontal, então a pobre velha abria a parte superior da porta e lançava um pinico de mijo, guardado dias antes, para tal recepção.

Por volta de 1962 não existia mais essa brincadeira, pois o Sr. Antônio Vieira, que era delegado por nomeação e era tio de Dona Jovelina Santos, acabou com a brincadeira do Serra Véio.

DANÇA DA VARA: Acompanhado por um batuque, pegava-se uma vara colocava sobre o chão deitada e sobre ela dançava sapateado com trocadilho de pés sobre ela sem poder tocá-la, mostrando sua habilidade.

O SAMBA DE COCO, o senhor Mané Leite era morador da casa que ficava de esquina entre a Praça da Matriz e a rua São Francisco, ele e suas filhas eram quem organizavam em sua casa o Samba de Coco, grande era a aceitação por parte dos populares, muitas pessoas deixavam de brincarem no forró para se fazer presente no Samba de Coco.

SÃO JOÃO: Os festejos juninos eram como os demais da região, tinha comidas típicas, casamento do matuto, fogueiras, o tiramento das árvores, compadre e comadre na fogueira, o barracão (palhoção).

O CARNAVAL: O povo saudense também era festivo e no carnaval os foliões saiam com um batuque acompanhado de san-

fona e alguns homens vestidos de mulher assumiam o papel de Colombina e o Pierrô.

TEATRO: O jovem Cristiano, filho de Manoel Leiteiro, **é um exímio ator, pois nasceu para o** mundo da encenação, com um grupo de meninos e meninas realizavam peças teatrais e a performance do grupo era indiscutivelmente genuína. Consciente do seu potencial saiu do seu berço acolhedor e foi residir na capital sergipana.

O CANTOR Genival dos Santos nasceu em Lauro de Freitas, Bahia, porém se naturalizou no Povoado Saúde. Quando camponês gostava de trabalhar cantando e foi aconselhado pelas companheiras que seguisse o caminho da música, ele acolheu os conselhos e hoje canta fazendo seresta, é fã de Amado Batista e gosta das músicas de MPB. Lançou o seu primeiro DVD em 11 de agosto de 2007, na Quadra de Esportes do povoado Saúde.

ZÉ BINGA residente da casa de esquina que ficava entre a rua da Frente e bem ao fundo da Igreja Católica, onde atualmente é a casa do senhor Anto. Zé Binga tinha um serviço de Alto-falante, o pessoal do povoado já se acordava curtindo Waldick Soriano, Teixeira, Fernando Mendes, entre outros.

Política

POLÍTICA: Na Saúde tinha e tem os homens que participam(vam) da vida ativa da política partidária.

Erivaldo Pinheiro da Silva ocupou o cargo de vereador no Legislativo de Neópolis por duas vezes, a primeira vez foi por um período de 6 anos, no segundo mandato de Sebastião, pre-

feito. A segunda vez foi vereador, com o Sr. Teixeira A. Filho, foi vereador constituinte por Santana, partido em que era filiado: PDS, PDC e PFL.

Evaldo Soares Silveira foi suplente do vereador Senhor Louro de Neópolis. Foi nomeado fiscal de tributo pelo prefeito Carlos Torres. Na administração do Sr. Sebastião Campos ficou como chefe do setor de urbanização, no Povoado Saúde. É presidente da associação dos pescadores desde 1991, realizou vários projetos como a aquisição de redes de pesca, barcos com motor e canoas, total de 21. À frente da associação construiu casas populares. É membro do comitê de bacia do rio S. Francisco, é um cidadão atuante em sua comunidade.

Erivaldo Pinheiro, Zé Paulino (José Lemos), Jádriel Pinheiro, João Enfermeiro (João Batista Pereira), Rasga Chale (Silvânio Inocêncio da Silva), o senhor Aloísio Vieira, são militantes políticos do nosso município e que residem no povoado Saúde.



Ariosvaldo Gonçalves Gomes (Ari) nasceu no povoado Saúde. Era filho da senhora Mundica Gomes de Santana e do senhor Gentil Gonçalves Santana. Em 1964 passa a ser funcionário da Petrobrás e, por muitos anos, articulou politicamente na cidade de Carmópolis, onde ali trabalhava. Seu ir-

mão Gentil também era funcionário da Petrobrás. Ari Iniciou sua carreira política em 1974 pelo PMDB, em Carmópolis. Solicitou através de um baixo assinado ao Dr. Lourival Batista,

Governador do Estado, a implantação elétrica do povoado Saúde, porém só foram colocados os postes e a linha de alta tensão, depois de uns dez anos é que surgiu a iluminação pública. Ari foi diretor de obras da prefeitura de Carmópolis. Auxiliar técnico administrativo do serviço de ação social do Estado de Sergipe. Diretor do Sindicato dos Petroleiros (SINDIPE-TRO) de Sergipe. Foi diretor do DETRAN de 1988 a 1991, neste período, no ano de 1990, trouxe a equipe do DETRAN para teste de habilitação em Carrapicho e para Neópolis. Quando veio residir em Carrapicho, em 1990, na rua São Vicente, na casa de Antônio dos Anjos, colocou placas de sinalização de trânsito aqui na rua São Vicente e estas até hoje resistem ao tempo. Trouxe o time Sergipe que jogou contra a Portuguesa, o Sergipe tinha sido campeão no ano anterior, a entrada era franca e a organização ficou por conta do Sr. Reginaldo Martins (Jeleco). Através do Nutrac e do Governo Estadual Valadares, e com apoio do prefeito Teixeira, implantou o guia turístico de Carrapicho, os guias juvenis eram organizados por Maria José (Maria de Murilo), o Governo do Estado contribuía mensalmente com uma cesta básica e uniforme para cada guia. Quando da emancipação de Santana, Ari, com o consentimento prévio de Dr. Francisco Novaes, juiz da comarca de Neópolis, trouxe 4 girândolas de 70 tiros cada e à meia-noite, já sabendo que Carrapicho acabara de se emancipar, juntamente com o seu compadre Joaquim do povoado Brejo da Conceição, colocou as girândolas em quatro ruas diferente do nosso povoado, foi ateado fogo nas girândolas comemorando assim a emancipação, em consequência da queima de fogos inesperada naquela hora inusitada o povo ficou possuído de temor, inclusive comentaram que uma mulher gestante foi às pressas para a maternidade dar à luz. Foi pela primeira vez que foi usado esses tipos de fogos, que até então o povo ainda não tinha visto, só eram acostumados com foguetes.

OS VICES-PREFEITOS: Os senhores Hélio Venceslau, Atay-de Bezerra e José Lemos foram os militantes políticos do povoado Saúde que se elegeram vice-prefeito pelo Nosso Município.

PEROLAS DE UM COMÍCIO: Em um desses períodos de campanha eleitoral foi erguido um palanque na rua Nossa Senhora de Fátima. À noite com a população Saudense e circunvizinha aglomerada e frenética já se encontrava diante do palanque, começou o comício estando sobre o palanque alguns vereadores e o prefeito municipal Gilson Guimarães Barroso, além dos candidatos ao Governo do Estado João Alves Filho e ao cargo a Deputado Estadual o senhor João das Graças.

João Enfermeiro tomou posse do microfone e possuído pela a acalorada aclamação dos presentes postou-se de joelhos sobre o tablado e começou a pedir ao povo em nome de Nossa Senhora, em nome do padrinho Cícero e tantos outros santos que eles votassem dizendo: “Eu peço gente: Que Ladrão por ladrão votem em João: João Alves e João das Graças”. Concedido a palavra ao vereador Aluísio, que não estava menos emotivo, falou: “Lembranças para minhas mulheres, lembranças pra minhas esposas”, a observar que ele só tinha uma, e continuou em seu devaneio “Eu sei que tão falando mal de mim por aí, mas eu não ligo. Pois sai por um ouvido e entra pelo o outro”. Já o vereador Zé de Reginaldo, que se encontrava vagando na singeleza do seu pensar, recorreu a presença do senhor Gabriel, irmão do prefeito Gilson Barroso, estendeu o seu indicador delatando a sua presença e disse: “Tá vendo esse daí? é Gabriel, ele é meu padrinho: Bença meu padrinho!”.

O CAPITÃO IDALINO tinha como esposa a Sra. **Alexandrina** e dessa união tiveram duas filhas, **Felisbela Gomes** e **Maria da Glória Gomes**. Maria da Glória Gomes passou a ser conhecida como dona Dozinha, veio a residir em Carrapicho

onde foi professora particular. Sua irmã Felisbela Gomes teve uma única filha, Maria Gomes, que foi esposa do senhor Edgar de Melo Silva, filho do senhor Pedro Silva, Dona Dó não teve filhos e veio a falecer na companhia de sua sobrinha, já residindo em Maceió, mas foi sepultada em Penedo. O Sr. Idalino deve ter recebido a patente de capitão como benéfice do Imperador D. Pedro II, pois ele tinha todo o arreo de montaria inclusive a espada, que existe até hoje e está com a família de seu Edgar em Maceió-AL. Como capitão ele era respeitado de tal maneira que quando passava um preso em uma canoa rio a baixo e gritava “Capitão Idalino me socorra!” e mesmo ele não estando e a esposa respondesse, a canoa inegavelmente tinha que encostar ao porto e o preso estava a salvo. O capitão ao falecer foi sepultado em sua Fazenda na Várzea.

Surgiu também um delegado por nomeação chamado de Antônio Vieira, que era tio da Sra. Jovelina, por volta de 1965 ele ainda estava no comando. Há poucos anos existia uma residência que funcionava como cadeia e depois ao lado do pequeno Mercado Municipal o prefeito Gilson construiu uma pequena delegacia, onde os policiais ali ficavam de plantão, com a nova reestruturação da polícia, a delegacia fechou e naquele povoado não existe mais policiamento local.

A 2ª GUERRA MUNDIAL: Dentre tantos fatos narrados por **Dona Jovelina**, um me chamou a atenção, que era noite e um monte de homem se aglomeravam ao pé do balcão da bodega do Sr. Davino, a bodega era situada na rua Tiradentes, onde naquela rua ela mora até hoje, e todos estavam audíveis por causa da extraordinária notícia que estava saindo no rádio, o informe dizia que a Alemanha acabava de se render e sobre gritos e vivas e gole de bebida aquele grupo de homens celebravam, a vitória do Brasil e a paz mundial, em seguida os homens saíram às poucas ruas em batuque, e o rádio ficou tocando a

seguinte música: “Não foi assim, não foi assim, que prepararam a invasão em Berlim, começaram em Roma andaram em Cecília e depois em Paris, seu bigodinho deixe de tanta façanha, com mais um passo entramos na Alemanha, marcando o passo com satisfação nós temos que acabar com a guerra de Alemão. Quer matar Papai oião?”.

Comprazido com a boa notícia, o Sr. Davino botou a sua vitrola que funcionava a manivela para tocar e o festejo prolongou a noite.

O FILME ESPELHO D'ÁGUA: o povoado Saúde foi cenário do filme Espelho D'água, filme de Marcos Vinicius Cezar, produzido em 2004 por Carla Camurati, o ator principal era Fábio Assunção. A película com suas imagens deslumbrantes mostra o vale do Rio São Francisco que é um universo a parte neste mundo globalizado, onde a população ribeirinha vive uma vida simples e rica de suas lendas e seus mistérios. A residência do senhor Nelson, situada a rua Tiradentes, serviu de apoio aos atores e dirigentes do filme, e a residência a rua São Francisco (Rua da Frente), que está situada entre a casa do senhor Barreto e a casa do senhor Jurandir (Jura), da mulher chamada “Fofa”, ocorreu a cena do parto e a criança da cena que atende pelo o nome de Ninho já está um rapaz.

PARÓQUIA DE SANTO ANTONIO

DA DIOCESE DE PROPRIA
Praça General Oliveira Valadão, 148
CEP - 49980 - C.G.C. 13.347.525/0016-15
NEÓPOLIS - SE.

Exmo. Sr.

Dr. Ariosvaldo Gomes,
Meritíssimo Diretor do Departamento Estadual de Trânsito,
Aracaju - SE -

Laudetur IESUS CHRISTUS !

Prezado Senhor:

Venho passar às mãos de V.Excia. o documento fornecido pelo Sr. Delegado de Polícia de Neópolis - Capitão Luiz dos Santos -, em torno da devida prestação de queixa, para regularização da Caravan da Paróquia de SANTO ANTONIO, de Neópolis. Para isto é que ela foi para aí conduzida, nesta manhã.

Espero que o nosso veículo, que tanto serve à pobreza neopolitana, seja plenamente normalizado perante o DETRAN, graças à cativante interferência do seu bondoso Diretor.

Que nosso milagroso Padroeiro muito o ajude e proteja em todos os seus trabalhos e atividades são os votos

do humilde servo in Dómino:

Mons. José Moreno de Sant'Ana
Mons. José Moreno de Sant'Ana
Pároco de Neópolis.

Presidente da AÇÃO SOCIAL DA
PARÓQUIA DE NEÓPOLIS

13.343.827/0001-40

Ação Social da Paróquia de
Neópolis.

At. Dom José Tamar, 808

Centro - Cep: 49.980

Neópolis - SE



O homem e o rio



No caudaloso
São Francisco, as
cansas são
compridas.
Os homens se
revezam
entre o remo,
as duas velas e a
pesca.



O Posto e a Saúde



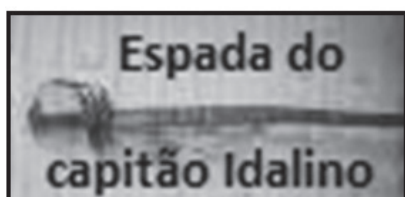


**Pescador com o
cesto cheio de
peixe**

Arquitetura e Urbanismo

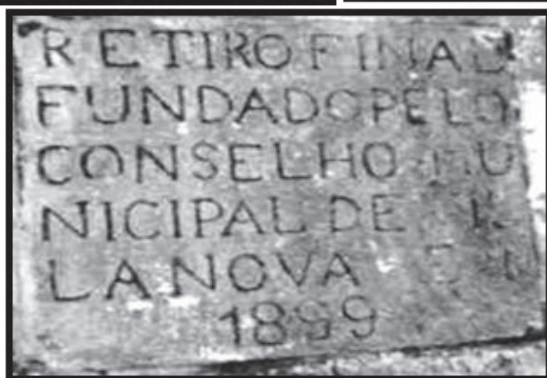


Sr. Cícero

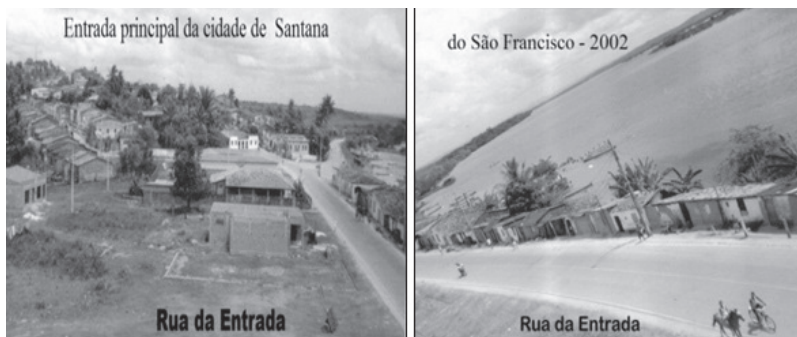


**Espada do
capitão Idalino**





Aspecto Histórico da Emancipação do Povoado Carrapicho



Edgar Silva, o precursor

O senhor **Edgar** queria a emancipação do povoado Carrapicho, que pertencia ao município de Neópolis, então procurou seu amigo correligionário, o senhor Celso de Resende, e ambos de comum acordo, no ano de 1962, buscaram ajuda do senhor Cleto Maia que era deputado estadual e elaboraram o projeto de emancipação política do então povoado. Esse projeto veio a ser denominado de projeto Cleto Maia, que foi aprovado na Câmara dos Deputados do Estado de Sergipe através da **Lei nº 1254 de 6 de abril de 1964**, publicado no Diário Oficial em 14 de abril de 1964.

Edgar de Melo Silva nasceu no então povoado Carrapicho em 1919, era filho do senhor Pedro Silva e da senhora Ernestina Melo. Seu pai Pedro Silva foi oleiro e passou a ser o mais bem sucedido empresário de Carrapicho, sendo ele proprietário de várzeas na lagoa de cima, na qual cultivava arroz, era também dono da empresa Fluvial São Pedro, possuindo duas balsas que faz o transporte fluvial de veículos, Passagem Velha em Neópo-

lis, Penedo em Alagoas, Penedo, Passagem Velha. O senhor Edgar era administrador da empresa do seu pai e possuía a maior olaria do povoado a qual produzia moringas, construída no ano de **1959** no mesmo local onde fora a olaria de seu pai. Bem sucedido, o senhor Edgar entrou no mundo da política no ano de 1961, sendo vereador uma única vez pela câmara de vereadores de Neópolis. Edgar Silva casa-se com Maria Gomes (Silva), desta união conjugal tiveram seis filhos, Ernestina Silva, médica pediatra; Edgar Silva Junior, psicólogo; Eraldo César Silva, engenheiro civil; Eliana Maria Silva, dentista; Evandro José Silva, engenheiro civil e arquiteto; Ederaldo Beline Silva, administrador de empresa e funcionário público da CODEVASF. O senhor Edgar veio a falecer na cidade de Maceió (AL) em 1991, aos 72 anos de idade. Edgar foi uma das pessoas mais generosas do nosso povoado.

Celso Resende, o correligionário

Celso Alves de Resende nasceu em 19 de fevereiro de 1922 em Neópolis e veio a falecer no ano de 2002, aos 80 anos de idade. Celso Resende era funcionário público do fisco estadual de Sergipe. O senhor Celso foi vereador uma única vez pela câmara municipal de Neópolis quando essa era constituída de apenas cinco vereadores e o prefeito não tinha o seu vice-prefeito. Casou-se com a senhora Maria José Menezes (de Resende) e tiveram quatro filhos: José Enaldo Menezes de Resende (Padre), Daniel Menezes de Resende, Alaíde Menezes de Resende, Creso Menezes de Resende (Advogado). A senhora Alaíde era professora estadual, ocupou cargo de secretária na Escola Tiradentes e no Colégio Pereira Lobo, foi vereadora por um mandato no município de Brejo Grande na década de

70, vereadora 4 vezes de 1988-2004 pela câmara de vereadores de Neópolis.

Cleto Maia, o mentor

Cleto Sampaio Maia era advogado e pertencia ao PRT, foi eleito deputado estadual de Sergipe pelo voto popular no ano de 1962, ele era irmão de Geraldo Sampaio Maia que foi prefeito do município de Propriá. Cleto Maia, assim como os demais amigos deputados que pertenciam ao bloco de apoio ao governador Seixas Dória, foram cassados, perderam o mandato e foram presos pelos governantes da ditadura, ainda no mês de abril de 1964, logo após a prisão do governador Seixas Dória. Cleto Maia veio a ser preso por duas vezes.

Economia Local

No período do processo da emancipação do povoado Carrapicho a economia local era favorecida por várias atividades, entre as quais: a caça, a pesca, a pecuária, a agricultura na qual ocorria o intenso cultivo do arroz, as canoas “chatas” que eram responsáveis pelo o transporte fluvial de cargas e pessoas, e pela arrojada produção artesanal em barro oriunda das olarias, de tal maneira que no ano **de 1977**, o excelentíssimo governador do estado de Sergipe, José Rollemberg Leite, esteve em Carrapicho com sua comitiva e inaugurou a Cooperativa Artesanal de Cerâmica. Carrapicho era o povoado mais populoso e mais ativo economicamente do município de Neópolis. Era do nosso povoado que normalmente se escolhia e elegia o vice-prefeito!

Seixas Dória X Celso de Carvalho

A lei de emancipação do povoado Carrapicho foi aprovada em um ambiente extremamente hostil: O então governador do Estado de Sergipe, senhor **João de Seixas Dória**, do PR, que fora eleito pelo voto popular e exercia o seu mandato legitimamente, quando recém-chegado de viagem da cidade do Rio de Janeiro, por ter se manifestado contra o golpe militar, foi deposto e preso na madrugada de 2 de abril de 1964 e removido a força do seu cargo pelos soldados do 28º B.C. Batalhão de Caçadores, e foi levado à ilha de Fernando de Noronha a qual passou a ser uma prisão para políticos.

A quatro de abril de 1964, **Sebastião Celso de Carvalho**, que era o vice-governador, por muitas vezes, em decorrência dos compromissos políticos do governador Seixas Dória, assumiu o governo interinamente, desta vez assumiu o poder até janeiro de 1967, apoiado pelo movimento militar que teve início à 31 de março de 1964.

A Queda

Caiu e foi preso Seixas Dória, governador de Sergipe, caiu e foi preso Cleto Maia, um dos principais articuladores da emancipação. Caiu e foi preso Carlos Torres, prefeito municipal de Neópolis o qual era mandatário do povoado Carrapicho. Carlos Torres foi o único preso que foi liberto, foi trazido de Aracaju pela própria Forças Armadas (Exército) de helicóptero e em um pouso perfeito, notável, realizado na então rua do Jenipapeiro, foi reconduzido ao gabinete do Executivo municipal (Prefeitura).

A Ditadura e o Impasse

Comenta-se que a emancipação não ocorreu porque os dois principais líderes políticos locais da época, João da Silva Barrozo e Edgar Silva, perderam alguns prazos para a filiação e convenção. Outros comentam que isso ocorreu porque nenhum dos líderes queriam se eleger e assumir por um curto período de tempo o mandato de prefeito do novo município, enquanto outros alegavam que fora por força do Golpe Militar. A saber, os prefeitos da época foram eleitos para um mandato de 4 (quatro) anos (1963-1966).

O senhor **Eufrásio de Oliveira Fortes**, natural do povoado Carrapicho, filho do senhor Afonso de Oliveira Forte, ambos militantes políticos, foi procurado pelos senhores Antônio Furtado, de Neópolis, o senhor Tonho Fubica e o senhor Lalá, ambos da Vila Operária da Passagem, com a proposta do então prefeito Carlos Torres de Souza para que Eufrásio saísse a candidato que ele, Carlos Torres, o apoiaria. Por prever Eufrásio que seria manipulado por Carlos Torres, por isso não aceitou a proposta. CERTEZA é que, em um regime autoritário, ninguém se motivou a promover a benevolente emancipação: situação difícil, e não menos a solução. Por isso a Lei nº 1254 de 6 de abril de 1964, não ganhou vida e ficou arquivada no gabinete por quase 29 anos, vindo a se efetivar definitivamente só em janeiro de 1993.

Associação Comunitária de Carrapicho (05/10/1985)

A Associação Comunitária de Carrapicho (ACC) foi criada em 05 de outubro de 1985 tendo como um dos principais objetivos o desenvolvimento socioeconômico, assim como a emanci-

pação do povoado. Estavam presentes no momento da criação e participaram os senhores Agnaldo Cardoso, gerente do Banco do Brasil, Geraldo Cruz, representante do FUNDEC, o técnico da SUDEP, o senhor Raul Barbosa, além dos organizadores locais.

Diretoria:

- Presidente, Gilson Guimarães Barrozo
- Secretário, José Viana Filho
- Tesoureiro, José Gomes do Sacramento
- Diretor (a) Social, Sônia Maria Martins de Oliveira (Sônia de Derisvaldo, Neópolis)

Conselho Fiscal

- Joventino Marcelino F. Santana
- Antônio dos Anjos
- Antônia Rosa Costa Fortes (Tunda)

Suplência

- Antônio Santos (Tonho Gorgulho)
- Maria José Baptista (Maria de Murilo)
- Renilda Fontes.

A Associação foi constituída com aproximadamente 30 (trinta) sócios fundadores. Ao término da reunião, o senhor José Viana Filho fez uso da palavra dizendo: “Esperamos que esta Associação tenha a compreensão de toda a comunidade, vamos trabalhar a fim de desenvolver o nosso povoado, ou nossa futura cidade. Se Deus quiser, e os homens de boa vontade”. Concluiu “Queremos união e amor por tudo que for nosso”.

A partir de sua criação, os dirigentes da Associação tendo a frente o presidente, senhor Gilson Barrozo, começaram a mobilização através de consulta popular (plebiscito) no próprio povoado e nas localidades que poderiam futuramente a vir fazer parte da extensão territorial do futuro município para a independência política de Carrapicho, se desmembrado do município de Neópolis. A princípio houve rejeição por parte de populares de várias localidades, já o prefeito José Teixeira desconhecia tal situação emancipativa, inclusive que Carrapicho receberia o nome Santana do São Francisco. Mais pessoas se somaram a causa da emancipação, entre elas o José Ivã Santos (Cachoba), Antônio Mathias Barrozo Neto (Tonho de Julinho), que veio a ser a segunda pessoa a presidir a Associação, vindo depois a entregar o cargo assumindo seu vice, Carlos Feitosa. José Silva (Zezinho de Palé) irmão de Eanes também foi presidente, na sua ocasião a Associação já recebia a sigla (ASCOMCAR).

Todos por uma Causa Justa

No dia 26 ocorreu a primeira sessão ordinária da “ACC” na Fênix Clube, com o objetivo de viabilizar o resgate legal de nossa emancipação. Para tal certame, Gilson Barrozo, presidente da Associação, com os demais membros buscaram por variados meios e orientações a elaboração do processo a ser encaminhado aos constituintes sergipano: Estiveram presentes Gilson G. Barrozo, que conduziu a reunião, assim com os demais membros da Associação, pessoas de todos os segmentos de nossa sociedade, lideranças políticas locais, como o senhor Ernando Reinaldo Silva, senhor Eronildes G. do Sacramento, que era vice-prefeito do município de Neópolis, assim com o presidente da câmara de vereadores, Manoel Messias da Rocha (Messias Gato Rouco), os vereadores: José Costa, Carlos Acioli, Emílio Lúcio e Luiz Loz. Os secretários da administração municipal neopolitana:

O senhor Paulo Passos, José Roberto G. Barreto, o ex-prefeito José Barbosa de Lemos, o representante do INPS (Rural) José Diniz Tojal Dantas, o diretor do Colégio Cenecista Calda Junior, o representante da Igreja Batista de Neópolis Rosevaldo Farias da Folha. Foram convidados políticos alagoanos que participavam do processo de emancipação do povoado Feira Nova, Alagoas: Estava presente Dr. Marcos Prado, representando seu pai o ilustre deputado Luciano Prado. O primeiro a fazer uso da palavra foi o nobre vereador Luiz Loz, o qual externou sua satisfação, também fez uso da palavra Dr. Marcos Prado, em seguida os visitantes alagoanos e demais pessoas. Ao encerrar a reunião foi oferecido um farto almoço aos participantes e convidados (Registro, segundo o jornal Folha de Neópolis, página de nº 4).

A Peregrinação

UMA equipe da Associação Comunitária tendo à frente o presidente Gilson G. Barozo, Francisco Silva “Zezinho irmão de Eanes”, Antônio Santos “Tonho Gorgulho”, Sonia Martins “professora Sonia”, Renilda Fontes e Maria Gorete Santana Santos, fizeram-se presente ao plebiscito da mais nova cidade das Alagoas, chamada Teotônio Vilela antiga Feira Nova, para conhecerem de perto o processo de emancipação e foram bem recebidos pelos os líderes do projeto, entre os quais o deputado Moacir Andrade, o futuro senador Teotônio Vilela Filho e vários outros representantes daquela comunidade. Um total de 2.668 votou “SIM” no plebiscito, sendo esses votos a maioria, vindo Feira Nova a ser emancipada em dezembro de 1986.

ARIOSVALDO Gonçalves Gomes (Ari) filho natural do povoado Saúde tinha como seu reduto político a cidade de Carmópolis, na qual esteve por três vezes candidato a prefeito. Ari frequentava

as passeatas assim como os gabinetes de deputados e senadores sergipanos em Brasília. Em Sergipe ele costumava à tarde visitar o gabinete do deputado Guido Azevedo, em uma dessas visitas suscitou o assunto da emancipação do povoado Carrapicho a qual já estava em andamento pelos grupos políticos e pessoas da comunidade, mas até então não tinham procurado nenhum deputado, então Ari conversou com Guido Azevedo sobre a emancipação, esse por sua vez procurou e conversou com o excelentíssimo governador do Estado, o senhor Antônio Carlos Valadares, que a princípio não foi muito simpático com a ideia, por estar preocupado com a renda de Carrapicho, sendo a economia um dos principais requisitos para que se habilite uma localidade a sua dependência política.

Logo após ter tido a conversa com Guido Azevedo, Ari veio até Neópolis e conversou com o prefeito Teixeira, que depois de uma breve reflexão foi favorável: Já como diretor do DETRAN (1988 a 1991) Ari recebeu a visita do deputado constituinte Marcelo Déda (PT) que fora ao Detran para solicitar uma placa personalizada para seu veículo, no ensejo Ari aproveitou e pediu o seu voto a favor da emancipação de Carrapicho, ele concordou e ainda conseguiu o voto de seu amigo deputado Marcelo Ribeiro.

Discurso do Deputado Luciano Prado

Depois de tudo organizado, foi entregue o protocolado ao deputado Luciano Prado e em seguida os representantes de Carrapicho, visitaram os gabinetes de todos os deputados solicitando ajuda para o ganho de causa. Transcrição do discurso do nobre deputado Luciano Prado: “Espero que o plenário da Assembleia Estadual Constituinte venha a referendar a decisão da comissão constitucional atendendo assim ao velho sonho daquela comunidade. Durante vinte anos venho lutando por essa transformação

e, quero crer, chegou a hora de Carrapicho se emancipar, ganhando um nome a altura de seu **desenvolvimento**". E acrescentou o nobre deputado que o município tem **enorme potencial econômico**: A comissão constitucional do estado de Sergipe aprovou a emenda do senhor deputado Luciano Prado (PFL) que concedia a emancipação política ao povoado Carrapicho.

Constituição do Estado de Sergipe de 1989

José Teixeira Alves Filho era prefeito municipal de Neópolis no ano de 1989-1992, tendo como vice-prefeito o senhor Ernando Reinaldo Silva, filho natural do povoado Carrapicho. A câmara de vereadores de Neópolis era constituída de 11 vereadores, entre eles estavam os ilustres vereadores Erivaldo Pinheiro da Silva, do povoado Saúde, Antônio dos Anjos e Carlos Feitosa, que era vice-presidente da câmara, ambos do povoado Carrapicho.

A Associação Comunitária, logo após a bem articulada e bem sucedida campanha e os trâmites necessários, encaminharam toda a documentação a Assembleia Estadual Constituinte pela a pessoa do nobre deputado Luciano Prado, que apresentou o projeto da "Emancipação". O movimento da emancipação teve apoio de todos os 25 deputados estaduais constituintes entre os quais Marcelo Déda, Nelson Araújo, Marcelo Ribeiro, Luciano Prado, que foi quem apresentou o projeto, Nicodemos Falcão, relator constituinte, e o presidente Guido Azevedo. Pleiteavam na Assembleia Legislativa de Sergipe nada menos do que outros 15 povoados pela sua emancipação, entre os quais Treze de Lagoa, mas certamente o povoado Carrapicho teve seus direitos reconhecidos. Segundo o jornal da manhã, publicado em Aracaju na terça-feira de 12/06/1990, o requerimento do deputado Lu-

ciano Prado (PFL) foi aprovado segunda-feira dia 11/06/1990 por unanimidade.

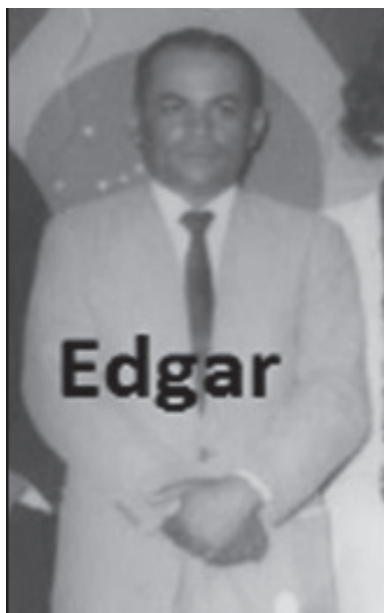
Está escrito na Constituição Estadual de Sergipe de 1988 no Capítulo III sobre os municípios de seu território no Art. 12 dar autonomia política, administrativa e financeira ao município de Santana do São Francisco com sede no povoado Carrapicho e se desmembrando do município de Neópolis, amparada na Lei nº 1.254, de 06 de abril de 1964.

Finalmente a Liberdade!

No dia **03 de outubro de 1992** ocorreram as eleições para preenchimento dos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores do mais novo município do estado de Sergipe, que possibilitou a formação administrativa do novo município, Santana do São Francisco com que se desmembrou do município de Neópolis em **1º de janeiro de 1993**. O Sr. Gilson Guimarães Barrozo passa a ser o primeiro mandatário, outorgado de poderes políticos concedido através do voto popular do povo santanense por um período de 4 (quatro) anos. Tomou posse também os 9 (nove) vereadores para compor a augusta Casa Legislativa.

A EMANCIPAÇÃO implicou na alteração da condição de povoado para o de município (cidade) e na alteração do nome de Carrapicho para Santana do São Francisco.

A MUDANÇA do nome de **Carrapicho** para **Santana do São Francisco** foi sugerido pelo reverendo Frei Damião e pelo então pároco da cidade de Neópolis, o qual pertencia o nosso povoado monsenhor José Moreno de Santana, o objetivo era homenagear ao mesmo tempo a padroeira do então povoado e o Rio São Francisco.



Informação referente à Emancipação

Sociais de Carrapicho

NOVEMBRO

10.11 - Aniv. do Prof. Ederaldo Andrade Freitas. O proprietário José de Carvalho Passos. O ceramista Saurino Soares e José de Quadros.

14.11 - Aniv. de Eufrísio de Oliveira Fortes, ceramista e político em nosso povoado, foi o primeiro Gerente da Cooperativa de Artesanato em nosso povoado.

20.11 - Aniv. da Prof.ª Rejaneia Silva dos Santos, da Esc. Est. "Antônio Mathias Barroso".

27.11 - Aniv. de João Marcelino e da Sr. Hozana de Carvalho.

CURIOSIDADE: VOCÊ SABIA?

01.11.1501 - Descobrimento da Baía de Todos os Santos por André Gonçalves e Américo Vespúcio.

01.11.1501 - Morre no R. Janeiro o Visconde do Rio Branco.

03.11.1864 - Morreu o Poeta Gonçalves Dias, vítima de Nefrítico.

04.11.1864 - Dia Mundial do Rádio-Amador.

05.11.1864 - Dia Nacional da Cultura e do Cinema Brasileiro.

05.11.1849 - Nasce na Bahia Rui Barbosa.

07.11.1837 - Início da Revolução Sabinada, na Bahia.

08.11.1843 - Morre em São Paulo, Diogo Antônio Feijó.

10.11.1557 - Entra na Baía de Guanabara (R.J.), a Esquadra Francesa Comandada por Nicolas Durand de Villegaignon.

10.11.1937 - Dia da Proclamação da Constituição do Estado Novo; Toma Posses um Sargento como Interventor Federal, o Dr. Eronides Freitas de Carvalho.

12.11.1746 - Nasce em Minas Gerais, Joaquim José da Silva Xavier - Tiradentes.

14.11.1930 - Criação do Ministério da Educação e Saúde Pública.

14.11.1936 - Inauguração da Biblioteca em Sergipe.

15.11.1889 - Proclamação da República.

15.11.1897 - Inauguração da Cidade de Belo Horizonte.

17.11.1889 - Embarque de D. Pedro II e da Família Imperial para o Exílio na Europa.

17.11.1853 - Assume a Presidência da Província de Sergipe o Dr. Inácio Joaquim Barbosa.

29.11.1876 - Nasceu em Marum, Deodoro da Silva Maia. Adregado, político, jornalista, escritor, colaborador da imprensa em Anacajé e no R. de Janeiro.

NOV A ASSOCIAÇÃO EM CARRAPICHO

Na tarde de terça-feira, 26, foi fundada a mais nova Associação em nosso povoado CARRAPICHO, ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE CARRAPICHO, A.C.C., tendo a Participação do Gerente do Banco do Brasil, Sr. Agnaldo Cazuoto, o Representante da FUNDEC na área Sr. Genildo Cruz, e o Técnico da

SUDEP Sr. Raul Barbosa, iniciando a reunião o Sr. Genildo com os planos e os objetivos da referida FUNDEC, órgão do Governo Federal, contando com o aval do Governo do Estado, e vários órgãos competentes em prol dos povoados carentes do Norte e Nordeste do Brasil. Tiveram várias explicações, como seria a participação, como porque da FUNDEC nos trabalhos. Prolongando este encontro surgiu a vontade para uma Diretoria Provisória, e assim ficou constituída:

Presidente, Gilson Gaimarães Barrozo

Secretário, José Viana Filho

Tesoureiro, José Gomes do Sacramento

Diretor Social, Sônia Maria Martins de Oliveira

CONSELHO FISCAL

Joventino Marcelino F. Sant'Ana

Antônio dos Anjos

Antônia Rosa Costa Fortes

SUPLÊNCIA

Antônio Santos

Maria José Baptista

Renilda Fontes

Os associados fundadores aproximadamente 30 (trinta). Esperamos que esta Associação tenha a compreensão de toda Comunidade, e vamos trabalhar a fim de desenvolver o nosso povoado, ou nossa futura Cidade. Se Deus quiser, e os homens de boa vontade: "QUEREMOS UNIAO E AMOR POR TUDO QUE FOR NOSSO".

José Viana Filho

NOV-85

FOLHA DE NEÓPOLIS

Página 4

Carrapicho luta pela Emancipação Política

O povoado Carrapicho, o mais populoso de nosso Município, vem através do Conselho Comunitário e lideranças políticas daquela localidade trabalhando em prol da sua Emancipação.

Sabe-se que em épocas anteriores, aquela Vila conseguiu a aprovação pela Assembleia Legislativa de nosso Estado, porém, por falta de habilidade das lideranças locais ou por falta de acompanhamento para fornecer os documentos necessários para complementação do processo e posteriormente ser Sancionada a Lei que cria o Município de Santana de São Francisco, nome sugerido pelo querido pároco Mons. Santana.

Dezta feita, os Carrapichenses estão se estruturando, e para não sofrerem do mesmo mal da vez anterior, os interessados entraram em contato com as lideranças do movimento para a Emancipação de Feira Nova, no Vizinho Estado de Alagoas, a fim de obterem as orientações corretas de transmissão e elaboração do processo a ser encaminhado aos poderes constituídos.

Com a finalidade de orientar e conduzir o en-

TONHO GURGULHO

CACHOBA

GILSON BARROZO

TONHO DOS ANJOS

QUEM?



Representantes da Associação local.

caprichense, foi realizada no dia 26/05 no Club Fênix do Carrapicho, a primeira reunião em prol da Emancipação, que além dos convidados alagoanos, se fizeram presentes representantes de todos os segmentos de nossa sociedade, como sejam: Dr. Marcos Prado, filho do deputado Luciano Prado, atual presidente do Conselho Comunitário, o atual Vice-Presidente municipal, Eronides Freitas, o atual vereador, e o atual prefeito, Dr. Carlos Costa.

moderadores - Manoel Mesquita da Rocha, os venenadores: José Costa, Carlos Acioli, Emílio Lúcio e Luiz Lúcio. Os Secretários da Administração Municipal - Paulo Passos, José Roberto G. Barreto e Amílton Amorim, o Ex-Prefeito José Barbosa de Lemos, o Industrial Emanoel Rinaldo Silva, o representante da ANP - Eronides Freitas, o Diretor de Saúde - Dr. Carlos Costa, o atual prefeito, Dr. Carlos Costa.

da Igreja Batista de Neópolis, Rosivaldo Farias da Folha de Neópolis e representante da comunidade daquela localidade. Ao abrir os trabalhos o Presidente do Conselho o Sr. Gilson Barrozo frisou a finalidade da reunião e pediu o apoio de todos, para atingir o objetivo, colocando em seguida a pauta da discussão de assembleia, sendo o primeiro item a eleição do primeiro representante a ser enviado ao Município

independente, afirmando ainda, que as suas palavras eram também as de seus companheiros venenadores. Em seguida, o Sr. José Diniz solicitou do Presidente uma explicação sobre o andamento do processo, sendo na oportunidade várias questões - sendo a primeira colocada ao representante do Dep. Luciano Prado para prestar a referida informação, uma vez que o referido parlamentar é quem está encarregado do mesmo. O Dr. Marcos produziu dentro do seu conhecimento colocar em rápida palavra a posição do mesmo, adiantando que aguardava a chegada dos convidados alagoanos para ver se os mesmos poderiam algo novo para o referido processo, pois a legislação que o mesmo portava era de 1973, e não havia oportunidade de pronunciamento do Dr. Marcos foram sendo aceitos ao recinto a palavra foi de imediato passada para os mesmos, que em seguida passaram a ditar como deve iniciar a caminhada para obter os dados iniciais para a elaboração do processo. Após a reunião foi elaborado um farto almanaque aos participantes e convidados.

e Carrapicho

JOSÉ VIANA FILHO
Corresp. em Carrapicho.

20.04.1845 = Nasce José maria da Silva Paranhos - Barão do Rio Branco.
21.04.1821 = Nasce em Lagarto (SE), Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, Professor, Sociólogo, escritor, poeta, filósofo, político e historiador de grande talento, enfim um dos mais ilustres intelectuais brasileiros.
21.04.1792 = Morte de Tiradentes Patrono cívico da Nação Brasileira.
21.04.1985 = Morte do Patriarca da Democracia, Dr. Tancredo de Almeida Neves.
21.04.1960 = Inauguração da Capital Federal - Brasília - pelo então Presidente Juscelino K. de Oliveira.
25.04.1985 = Nasce em Canhoba (SE), Eronildes Ferreira de Carvalho, Presidente de Sergipe.
26.04.1500 = Celebração da 1ª Missa no Brasil por Frei Henrique de Coimbra.
26.04.1865 = Nascimento do Cientista Vital Brasil em Minas Gerais.
28.04.1848 = Assume a Presidência de Sergipe Zacarias de Góis e Vasconcelos.
29.04.1854 = Nascimento do Marechal Floriano Peixoto o 1º vice-Pres. da República.
30.04.1880 = Elevação da Vila de Lagarto à categoria de cidade.
30.04.1854 = Inauguração da 1ª Ferrovia do Brasil, de Mauá a Estrela (RJ).

LUTA PARA MELHORES DIAS - Uma equipe da Associação Comunitária de Carrapicho (A.C.C.) tendo a frente o nosso Presidente Gilson Guimarães Barroso, Finais de Silva, Antônio Santos, Sônia Martins, Renilda Fontes, Mª Gorette, fizeram-se presente ao PEBISCITO na mais nova Cidade das Alagoas, chamada TEOTÔNIO VILELA antiga Feira Nova. Foram bem recebidos pelos líderes do Projeto que foi o Deputado Moacir Andrade, do futuro Senador Teotônio Vilela Filho, e vários outros representantes daquela comunidade. Um total de 2.668 eleitores votou "SIM" no PLEBISCITO, estes desejavam muito

ver a separação da cidade junqueiro. Enquanto 86 foi nulo e 48 em Branco. A Diretoria da nossa Associação entrou em contato com os líderes da nova cidade e deu todo o detalhe, entre Artigo, Lei etc., como desenvolver o projeto, os documentos ao lado dos órgãos públicos do Estado. O que falta para nós agora? E somamos ao lado das autoridades competentes e a comunidade em geral para o mais rápido possível apressarmos para vermos a nossa tão sonhada INDEPENDÊNCIA. Se fôssemos mais ativo, quem sabe teríamos eleições também agora em Novembro, mas por culpa ninguém sabe de quem, só em 1988.
A FUNDEC E A ASSOCIAÇÃO: Excelentes planos pra o nosso Povoado, melhoramentos em algumas ruas como seja, Pavimentações a Paralelepípedos das ruas Santo Antônio, Santa Luzia, com acesso a Escola de 1º Grau "Antonio Marthias Barroso, o complemento da via vicinal, saindo em frente a Praça de Esporte e a futura sede da Associação Comunitária Local. Falta agora o Plano de Viabilidade para iniciar os trabalhos ao lado de toda comunidade em geral sem nenhuma distinção, queremos é a participação desde o menos ao maior de idade, para trabalharmos pelo bem de nossa comunidade. Este Povoado conta aproximadamente com 150 anos, e não temos uma infraestrutura básica do o nosso povo, politicamente desde a época de INTENDENTE hoje vereadores, Vice-Prefeitos, Carrapicho deu a vários anos a sua parcela de contribuição. Agora chegou a hora de recebermos o retorno. Estamos confiantes em Deus e nos Homens de boa vontade para trabalhar pelo progresso e futuro Social, Educacional e Intelectual de nossa Futura Cidade que levará o nome de SANT'ANA DO SÃO FRANCISCO. Sobre este que foi dado pelo nosso Patrono Rei do Espírito Santo, Mons: José moreno de Sant'Ana. Nós que fazemos parte da sua Paróquia fazemos-lhe tudo de bom, que esteja presente a Deus, quizer na 1ª Missa da futura cidade na Matriz de Senhora SANT'ANA.

FOLHA SERGIPIANA

AGOSTO 1989

ARACAJU (SE) - AGOSTO DE 1989

Quantos Municípios Tem Sergipe: + de 15 povoados 74 ou 75?

Para o povo sergipiano de modo geral, incluindo autoridades e professores, o estado de Sergipe possui 74 municípios, isso é, está, é o que se encontra nos livros escolares, até mesmo nas mais recentes enciclopédias, inclusive a Dello Universal.

No entanto, e poucos o sabem, pela Lei Estadual 1.254, de 14 de abril de 1964, emanada da Assembleia Legislativa, e sancionada, posteriormente, pelo então governador Celso de Carvalho, foi criado o município de Santana do São Francisco, desmembrado de Netópolis, ao qual até hoje, decorridos 25 anos, continua pertencendo, sob a denominação de Carrapicho e na condição de povoado.

Por que um fato político-administrativo de tanta importância, e de tão grande repercussão social foi esquecido durante um quarto de século?

A resposta fica por conta das circunstâncias, mas o fato é que o documento foi arquivado, e só agora veio à lume, justamente quando o povo e políticos de Carrapicho se uniram, solicitando da Assembleia Estadual Constituinte a emancipação do povoado.

Não somente Carrapicho, mas outros 15 povoados estão fazendo igual pleito, o que poderá, se todos forem atendidos, elevar

o número de municípios sergipianos a nada menos que 80. O certo é, porém, que hoje eles são 75, pois Santana do São Francisco certamente terá seus direitos reconhecidos, e já em 15 de novembro talvez 75 sergipeenses possam ir às urnas eleger o prefeito e vereadores locais.

Quem está surpreso com o esquecimento da revelação é o prefeito de Netópolis, José Ferreira Filho, que, de um momento para outro, seu município em vias de ser privado de um de seus povoados mais florentes.

Procuremos ouvir o ex-Governador Celso de Carvalho, que, na qualidade de vice-governador, sucedeu a Senias Côrtes, casado na ocasião, e enviado preso para ilha de Fernando de Noronha. Celso de Carvalho não sabe a que atribuir o esquecimento da situação, e não se, talvez, ao intermeio das atividades político-administrativas normais, em consequência da decretação do Ato Institucional nº 1, de 3 de abril de 1964.

Abrimos um parêntese na entrevista e perguntamos ao ex-Governador como ele se posicionava em relação ao movimento sucessório presidencial. Celso de Carvalho respondeu que estava acompanhado, sim, e

momento presente, tanto, a nível nacional e estadual, como, e principalmente, a nível municipal, em Simão Dias, sua terra natal. Diz-se atualmente de milhares, muito embora possa vir a apoiar um dos candidatos à presidência da República, senão que para ele não será fácil, pois, como homem de partido, teria que se posicionar ao lado de Uzelisse, a quem admira como o político hábil e bem sucedido que é. Confessa-se, porém, amigo e admirador de Celso de Carvalho, em quem reconhece raras qualidades de administrador. De Avelino diz respeitar a integridade, o que é um bom ponto a seu favor. E vê qualidade no ímpeto e arrojado de Celso, a quem todo estranho na Câmara Federal, daí a sua indicação, o que fará com que se decida sobre mais tarde, após um maior evolução dos acontecimentos.

Quando a emancipação de Carrapicho, assunto do qual retornamos, Celso de Carvalho declara que ainda não analisou a questão à luz da jurisprudência, e não pode dizer se o ato que sancionou tornou-se caduco, pelo seu não cumprimento, após 25 anos decorridos, ou se continua válido, e poderá ser posto em prática, de imediato. É caso para a justiça contar e decidir, conclui.

Sergipe possui 75 e não 74 muni



Celso de Carvalho sancionou a Lei.

O Estado de Sergipe tem 75 e não 74 municípios como está escrito nos livros da Geografia e se ensina nas salas de aula. É Santana do São Francisco criado em 14 de abril de 1964 pela Lei 1.254 que concedeu emancipação política ao povoado de Carrapicho, incrustado ainda hoje no município de Neópolis - a 121 km da Capital. A lei, aprovada pela Assembleia Legislativa, e sancionada pelo então governador Celso de Carvalho, ficou guardada durante 25 anos, só sendo descoberta agora quando os moradores de Carrapicho procuraram os deputados para pedir o desmembramento do povoado.

Pouca gente sabia que Carrapicho chama-se Santana do São Francisco desde 1964 e estes poucos, por motivos desconhecidos, mantiveram o segredo durante mais de duas décadas. "Eu nunca soube disto", garante o prefeito de Neópolis, José Teixeira Alves Filho - PL, que se disse surpreso com a informação. Ainda hoje ele acha

que Carrapicho, ou melhor, Santana do São Francisco não tem condições de ser município. Mas é, e em 15 de novembro de 1990 os seus pouco mais de seis mil moradores vão às urnas eleger o prefeito e os vereadores.

A explicação mais lógica para que a Lei que criou Santana do São Francisco tivesse ficado tanto tempo sem ser cumprida está ligada com o golpe militar de 31 de março de 1964. A emancipação política do povoado foi votada pela Assembleia Legislativa dias antes da mudança do regime político no País e, antes de ter sido sancionada, os deputados foram cassados e o governador João de Seixas Dória preso e levado pelo Exército para a Ilha de Fernando de Noronha. A lei chegou no Palácio Olímpio Campos quando o vice-governador Celso de Carvalho - substituto de Seixas, ainda se arrumava no gabinete governamental sendo uma das primeiras a ser sancionada. Como



Prefeito José Teixeira, surpresa.

a esta altura a Assembleia estava politicamente desativada, o documento foi arquivado e caiu no esquecimento.

CERÂMICA

O ceramista José Abílio Santos, 68 anos, se recorda quando surgiu um movimento para emancipar Carrapicho, "mas passado algum tempo ninguém falou mais no assunto e nós continuamos morando e votando em Neópolis. Diferente do prefeito José Teixeira Alves, Abílio entende que o município pode sobreviver, "pois é conhecido nacionalmente pela sua produção de peças em cerâmica e depois, os homens vão ajudar a gente". Ele não acha certo é continuar sem cumprir a Lei e diz está disposto a mobilizar os moradores para que Santana do São Francisco seja desmembrado de Neópolis.

O município de Santana do São Francisco é um dos mais pobres do Estado e as principais ocupações dos seus habi-

tantes é trabalhar com cerâmica, nas fábricas de beneficiamento de arroz existentes em Neópolis, fazer pequenas plantações de milho e feijão, além de pescar. Ao mudarem o nome de Carrapicho, os moradores da época em que ocorreu a emancipação política quiseram não apenas homenagear a padroeira Nossa Senhora Santana, mas o rio São Francisco que banha o município, possibilitando a pesca e fertilizando o solo.

Os trabalhos em cerâmica produzidos por mais de 300 ceramistas são conhecidos em todo o País e Santana do São Francisco, embora com o nome de Carrapicho, está no roteiro turístico da EMSETUR. Semanalmente pessoas de várias partes do Estado e do País visitam Santana do São Francisco para comprar as peças trabalhadas no barro que é encontrado em abundância na localidade. Os ceramistas fazem desde vasos, a potes, porreões, carrancas e filtros para água.

EXCEÇÃO

Porém, a emancipação do povoado Carrapicho, localizado em Neópolis, foi dado como líquido e certo pelos 24 constituintes ao aprovarem também por unanimidade, a manutenção do texto original do Projeto de Constituição — 35 das Disposições Transitórias — e diz: "fica mantida a criação do município de Santana do São Francisco com sede no povoado Carrapicho, desmembrado do município de Neópolis, efetivada pela Lei 1.254, de 5 de abril de 1964, a ser instalado em primeiro de janeiro de 1991, após a eleição para o preenchimento dos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores, em 15 de novembro de 1990".

14-9-89

TSE

O Tribunal Superior Eleitoral baixou Portaria suspendendo a realização de eleições este ano nos municípios emancipados politicamente pelas novas Constituições Estaduais. Sergipe foi atingido com o município Santana de São Francisco que vem a ser o povoado Carrapicho emancipado politicamente através de Emenda do deputado Luciano Prado (PFL).

O grito de Liberdade se espalha em dezenas de povoados de Sergipe. Em 85, a Bahia tinha 336 Cidades, hoje tem quase 400, duas delas ligadas aos sergipanos desde quando distritos: Vila de Fátima e Neópolis.

26/02 15/3/89

Sergipe tem 47 Municípios e pode chegar a 100, se a febre de emancipação política tiver aprovação dos deputados estaduais.

— O primeiro grito de libertação veio do Carrapicho, povoado rico de Neópolis, com indústria caseira de cerâmica e agricultura diversificada. Carrapicho quer mudar de nome e se chamar Cidade Antônio Carlos Valadares. —

080000 36 de F. a. 5 de Março

EMANCIPAÇÃO

Ontem pela manhã a Comissão Constitucional aprovou a emenda do deputado Luciano Prado (PFL), que concede a emancipação política ao povoado Carrapicho, localizado em Neópolis. O deputado Rosendo Ribeiro Filho (PMDB) solicitou ao seu colega de Lagarto Jerônimo Reis a união de forças para que a Constituinte mantenha o seu município com pelo menos 50 por cento de seu espaço territorial. É que existe uma proposta de emancipação dos povoados Jenipapo e Colônia 13, ambos localizados em Lagarto.

SIDNEY

Os moradores de Carrapicho (Santana de São Francisco), ansiosos pela realização da primeira eleição municipal para a escolha do seu prefeito e vereadores, estão insatisfeitos com o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Sidney Sanches, que não reconsiderou o pedido feito pelo presidente do TRE, Luiz Rabêlo Leite, no sentido de realizar o pleito no próximo dia três de outubro. O mandato do novo prefeito daquela localidade seria até a realização das eleições municipais de 1992, conforme consta na nova Constituição Estadual.

8-6-90

J.M.

8-6-90

75º município sergipano não elegerá o prefeito

O mais novo município sergipano não poderá realizar sua primeira eleição em 3 de outubro deste ano, escolhendo o seu primeiro prefeito. Em sessão realizada em Brasília, no dia 24 de maio, o Tribunal Superior Eleitoral indeferiu o pedido de reconsideração da decisão negativa concedida anteriormente à consulta do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe quanto à realização da eleição no município de Santana do São Francisco (antigo povoado de Carrapicho), desmembrado de Neópolis desde abril de 1964 e cuja criação foi promulgada na Constituição Estadual em 5 de outubro de 1988.

O ministro do TSE Sidney Sanches não levou em

consideração o que consta no texto constitucional sergipano, que prevê eleição do prefeito do novo município em 3 de outubro. A decisão já foi comunicada ao TSE. A população de Carrapicho está inconformada porque, depois de muita luta para a emancipação do povoado, vê a possibilidade de se repetir o episódio de 1964. A ditadura militar instalada no país naquele ano jamais oficializou a criação do novo município, talvez por divergir do governador de então, Seixas Dória. Temendo que mais uma vez a emancipação não seja consolidada, o povo de Carrapicho decidiu solicitar a ajuda do governador Antônio Carlos Valadares, a quem pede a instalação do novo município o

quanto antes, se possível ainda no mês de julho. Os moradores de Carrapicho, não querem esperar para cumprir o prazo determinado pela Constituição, que determina que a sede do novo município seja instalada em 1 de janeiro de 1991, data da posse dos novos governadores.

O povo de Carrapicho até sugere que o governador coloque um prefeito provisório no 75º município sergipano até janeiro de 1993, quando serão empossados os próximos prefeitos eleitos em todo o Brasil. A pretensão da população de Carrapicho conta com o apoio do prefeito de Neópolis, José Teixeira.

Araçá, terça-feira, 12/06/1990 - JORNAL DA MANHÃ

POLÍTICA

Assembléia apela ao TSE por eleições em Carrapicho

UNANIMIDADE

Atendendo requerimento do deputado Luciano Prado (PFL) aprovado ontem por unanimidade, a Assembléia Legislativa vai apresentar um pedido de reconsideração ao Tribunal Superior Eleitoral que impediu a realização das primeiras eleições do novo município sergipano de Santana do São Francisco (ex-Carrapicho) sob a alegação que irá ferir a coincidência dos mandatos eletivos no País, estabelecida pela Constituição Federal de 1988.

"Não há motivos para essa preocupação do TSE - explicou o deputado Luciano Prado - porque nós tivemos o cuidado de incluir dispositivo

na Constituição Estadual determinando que haverá um mandato também de dois anos, para prefeito e vereadores a serem eleitos este ano. Com isso, aqueles que forem eleitos em 3 de outubro só ficarão em seus cargos até 1992, quando então seus sucessores terão mandatos normais de quatro anos".

No requerimento, o deputado Luciano Prado explica que o Município de Santana do São Francisco - 75º do Estado - foi criado pela Lei Estadual nº 1.254/64, sancionada pelo ex-governador Celso de Carvalho, mas nunca foi instalado. Entretanto - continua o deputado Santana teve sua exis-

tência confirmada pela Constituição Estadual, promulgada em 5 de outubro de 1989, conforme prevê a lei que lhe deu origem e que foi publicada no Diário Oficial da União em 14 de abril de 1964. Se o TSE reconsiderar o pedido, a instalação do novo Município será em 1º de janeiro de 1991, após eleição para preenchimento dos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores em 3 de outubro próximo.

Luciano Prado argumentou que a preocupação dos constituintes federais ao estabelecer a coincidência dos mandatos visava eliminar gastos excessivos e uniformizar as datas de eleições mu-

nicipais em todo o País. "No entanto, o caso sergipano é específico e "ui generis", porque o Município de Santana do São Francisco foi criado há mais de vinte anos e o que se deseja agora é sua instalação de fato, necessitando, para tanto, a realização de eleições e a posse dos eleitos.

O parlamentar fez questão de negar qualquer parcela de responsabilidade pela suspensão das eleições em Santana sobre o presidente do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador Luiz Rabelo Leite. "Sou testemunha do seu empenho para que o pleito fosse realizado agora", observou Luciano Prado.

Carrapicho vira Santana com a nova Constituição

Santana do São Francisco — com sede no povoado Carrapicho — é o primeiro município a ser oficialmente criado pela Comissão Constitucional, que elabora a nova Carta Estadual em Sergipe. Ontem, a Comissão aprovou a Emenda do deputado Luciano Prado (PFL), reconhecendo, que o futuro município tem renda suficiente, produção econômica, (cerâmica e álcool) população de 10 mil habitantes e mais de um mil eleitores. Carrapicho é um povoado de Neópolis.

— Espero que o plenário da Assembleia Estadual Constituinte venha a referendar a decisão da Comissão Constitucional, atendendo assim ao velho sonho daquela comunidade. Durante vinte anos, venho lutando por essa transformação e, quero crer, chegou a hora de Carrapicho se emancipar, ganhando um nome à altura de seu desenvolvimento.

Luciano acrescentou que, o município tem enorme potencial econômico e a área cogitada para o desmembramento com Neópolis inclui os tabuleiros propícios aos canais que circundam a Destilaria Grande Vale. "Acho que a indústria da pesca, o cultivo de frutos tropicais e o turismo são outras fontes de

renda a serem exploradas em Santana do São Francisco".

RESISTÊNCIA

Enquanto Luciano Prado luta para emancipar Carrapicho de Neópolis o deputado Rosendo Ribeiro quer manter cinquenta por cento do atual território de Lagarto, ameaçado com a emancipação política dos povoados do Treze e Jenipapo. Rosendo apelou até para seu adversário o político, Jerônimo Reis, para que se empenhe contra a separação.

Apesar de tudo, Rosendo mereceu uma promessa do líder do Governo, deputado Nicodemus Falcão, que acha existir uma fórmula para assegurar a manutenção de metade da área territorial de Lagarto, um dos principais municípios do Estado. Os dois povoados respondem, no entanto, pela maior produção agrícola de Lagarto.

O deputado Eliário Sobral apresentou uma Emenda fixando requisitos básicos para que uma comunidade possa ser emancipada politicamente, quais sejam: cinco mil habitantes, 300 casas residenciais, mil eleitores e pelo menos 15 milésimos da arrecadação estadual.

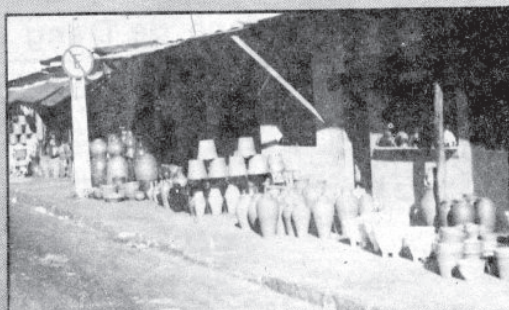
- Festa -

Deputado Luciano Prado fez uma grande festa para comemorar a independência política do povoado Carrapicho, do município de Neópolis. Só que às custas do erário público.

- Quem paga -

O pagamento foi feito pela Associação Desportiva 13, de Carrapicho, que recebeu NCz\$ 10 mil cedidos graciosamente pela Secretaria de Esporte e Lazer.

-01-90



O artesanato de alta qualidade de Carrapicho é um dos seus potenciais



ASSEMBLEIA ESTADUAL CONSTITUINTE

Deputado Constituinte: LUCIANO PRADO

EMENDA Nº 94

AO ANTEPROJETO DA CONSTITUIÇÃO

Inclua-se, onde couber, nas Disposições Constitucionais Gerais.

Art. Fica mantida a criação do Município de Santana do São Francisco com sede no povoado Carrapicho, desmembrado do Município de Neópolis, efetivada pela Lei nº 1.254, de 6 de abril de 1964, publicada no Diário Oficial de 14 de abril de 1964, a ser instalado em 1º de janeiro de 1991, após eleição para preenchimento dos cargos de Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador, em 15 de novembro de 1990.

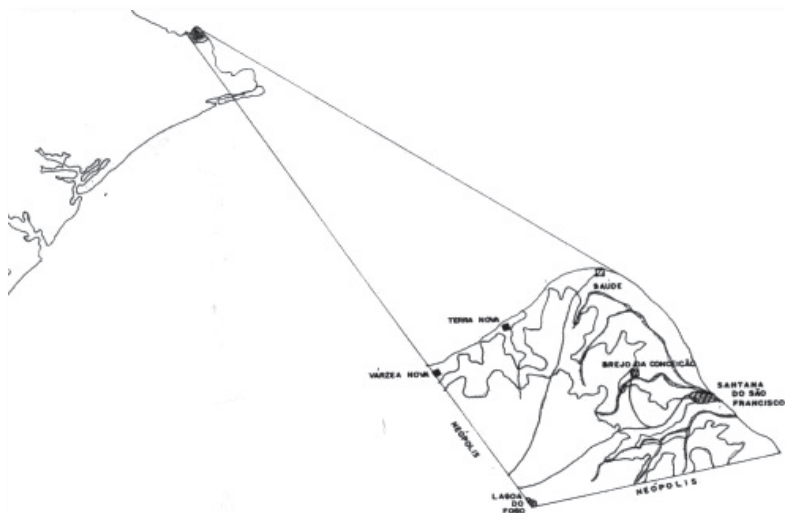
§ 1º - O mandato a que se refere este Artigo cessará em 31 de dezembro de 1993, a fim de se garantir a coincidência com as eleições gerais municipais.

§ 2º - Após a promulgação desta Constituição, deverão ser tomadas, junto ao Tribunal Regional Eleitoral as providências necessárias à realização das eleições de que trata o "caput" deste artigo.

Justificativa em Plenário

Sala das Comissões, em 12 de maio de 1989

Deputado Constituinte LUCIANO PRADO



S. DO S. FRANCISCO

Lei nº 1254 - de 06 de abril de 1964

Cría o município de SANTANA DO SÃO FRANCISCO e dá outras providências:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE,

Faço saber que a Assembléa Legislativa do Estado decretou e eu sancio a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica criado o município de Santana de São Francisco com sede no povoado de Carrapicho, desmembrado do município de Neópolis.

Artigo 2º - Os limites do município ora criado são: com o Estado de Alagoas começa no talvegue do rio São Francisco em frente a fazenda Varzea Nova, pelo lado oeste; deste ponto em linha reta à lagoa do fogo; daí em linha reta pelo lado oeste da Villa da fazenda Curesópolis até o talvegue do São Francisco nos limites interestaduais com o Estado de Alagoas, subindo por estes limites até defrontar-se pelo lado oeste da fazenda Varzea Nova no ponto de partida.

OS LIMITES DO MUNICIPIO - Lei 1.254/06/04/64

Os limites do Município ora criado são: Com o Estado de Alagoas começa no talvegue do Rio São Francisco em frente à fazenda Varzea Nova, pelo lado oeste; deste ponto em linha reta a lagoa do fogo; daí em linha reta pelo o lado oeste da vila da fazenda Curesópolis (Puresópolis) até o talvegue do São Francisco nos limites interestaduais com o Estado de Alagoas, subindo por estes limites até defrontar-se pelo lado oeste da fazenda Varzea Nova no ponto de partida.

Caracterização do Município

Características do município segundo o primeiro plano diretor, quando de sua emancipação.

Aspecto geográfico: O município possui uma área de aproximadamente 42 km², que corresponde a 29% da microrregião homogênea de Propriá e 0,2% do Estado de Sergipe. Está localizado na margem direita do rio no Baixo São Francisco.

Relevo e vegetação: Solo, latosolo vermelho, amarelo, predominantemente de algumas manchas litólicas espaçadas, com média fertilidade, profundidade variando entre 0,45 m a 1,80 m. Topografia variada e acidentada em alguns pontos. Planícies baixas existindo poucas áreas planas (tabuleiros), grande parte são de blocos seixos e nas encostas manchas rochosas calcárias. Textura: franco arenoso ao argiloso nas várzeas. Aptidão.

Hidrografia: Tem como manancial principal o rio São Francisco que banha aproximadamente 13 km de margem, a partir dos limites da fazenda Várzea Nova até os limites da fazenda Puresópolis (fazenda do Francês).

Localiza-se na mesorregião leste sergipana, entre os paralelos extremos de 10° 15' 17" a 10° 19' 25" de latitude sul e meridianos extremos de 36° 35' 14" de longitude W. Greenwich.

Altitude. Os níveis altimétricos oscilam de 27 a 92 m acima do nível do mar.

Clima. O clima do município encontra-se sob a influência mesotérmica temperado com chuvas bem distribuídas no inverno. A precipitação de chuvas com média anual entre 800 a 1500 mm.

Limites territoriais. Limita-se a Noroeste, Norte, Nordeste e Leste com o Estado de Alagoas separado pelo rio São Francisco. A Sudoeste e Oeste com o município de Neópolis.

Estrutura Administrativa

A estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Santana do São Francisco foi aprovada através da Lei Complementar nº 04 de 13 de janeiro de 1993, compreendendo os seguintes órgãos:

I - Gabinete;

II - Secretaria de Administração e Finanças Públicas;

III - Secretaria de Obras e Urbanismo;

IV - Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer;

V - Secretaria de Saúde e Assistência Social.

No que se refere aos recursos humanos, foi aprovado o estatuto dos servidores públicos através da Lei complementar nº 05 de 12 janeiro de 1993, dispondo sobre o regime jurídico dos funcionários municipais. O sistema de cargos e carreira do servidor público do município foi aprovado pela a Lei complementar nº 02 de 13 de janeiro de 1993. As carreiras estão organizadas em classes de cargos dispostos de acordo a natureza profissional e complexidade de suas atribuições e o desenvolvimento do funcionário na carreira. Através desta lei foi estabelecido o quadro de pessoal assim especificado.

Nº de ordem	Denominação	Quantidade
01	Mensageiros	02
02	Auxiliar de Serviços Gerais	30
03	Vigilante	06
04	Atendente de Enfermagem	03
05	Telefonista	06

06	Pedreiro	01
07	Eletricista	01
08	Motorista	02
09	Fiscal de obras e urbanismo	01
10	Fiscal de tributos	01
11	Professor nível secundário	28
12	Professor nível universitário	02
Total		83

Quando da emancipação, no ano de 1993, o povoado Carra-picho, Brejo da Conceição e o povoado Saúde já contava ao todo com aproximadamente 60 funcionários na rede municipal de Neópolis, todos filhos naturais dos referidos povoados.

Com a mudança de autonomia territorial os funcionários que quiseram foram transferidos de Neópolis para o quadro funcional do recém município de Santana do São Francisco sem concurso público ou avaliação, graças a honrosa colaboração da Meritíssima Dra. Rosivan Machado, juíza de direito, que através dos trâmites legais cuidou e delegou da transferência dos mesmos. Os demais que não optaram pela transferência permaneceram como funcionários da rede municipal de Neópolis. Entre os antigos funcionários estavam: mensageiro: Bruno Ricardo e Bideco; relefonista: Aline, filho de Netinho, Eliana de Renato, Zete, filha de seu Lunga, Jandira Catarino e Lia de Vavá Baixinho; serviços gerais: Aurita, Vera de Zé Pirão D'água; professoras: Renildes e Zuliene, minha sobrinha, entre outros.

OS FUNCIONÁRIOS: Então foi realizado o primeiro concurso público para o preenchimento das vagas: Domingo dia 5 de novembro de 2006 aconteceu o segundo concurso para o pre-

enchimento de 27 vagas para o setor de saúde nível superior e médio, a inscrição custou para o nível médio 30,00 reais. Sendo 2 servidores para trabalhar com o veículo Trator. Ressaltando que os dois únicos concursos que aconteceram foram nas administrações do senhor Gilson G. Barroso.

DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: Disposições gerais: A administração pública municipal estruturar-se-á e funcionará em obediência aos princípios da legalidade dentre outros. O município é uma unidade territorial dotada de autonomia política, administrativa e financeira assegurada pela constituição da República e por constituição estadual. O município ainda reger-se-á por Lei Orgânica própria votada em dois turnos e aprovada no mínimo por 2/3 dos membros da Câmara municipal.

DECRETO: O Prefeito Municipal, através de decreto, aprova o regimento interno dos órgãos da Prefeitura Municipal, que dá estrutura ao sistema administrativo.

O município de Santana do São Francisco é constituído por três poderes distintos:

- O poder Executivo é representado pelo prefeito, vice-prefeito e secretários que executam as leis.
- O poder Legislativo é representado em nosso município por nove vereadores, que são responsáveis pela elaboração das leis municipais buscando organizar a vida da comunidade além de fiscalizar a administração, cuidar da aplicação dos recursos.
- O poder Judiciário é representado no fórum pelo juiz de direito, que fiscaliza o cumprimento das leis.

O Município de Santana do São Francisco, por não ter autonomia financeira, tem um elevado grau de dependência econô-

mica com a União federativa e o estado de Sergipe por serem eles que transferem para o município o FPM e o ICMS.

Nosso Território, Nossa População

Estimativa populacional do IBGE sobre o município de Santana do São Francisco no ano 2019 era de 7.768 habitantes. Enquanto que o município de Amparo de São Francisco, o menor de todos os municípios, é de apenas 2.686 habitantes. O Município com menor área territorial é General Maynard, com apenas 18,1 km², enquanto contamos com 42 km².

5º MANDATO - ANO 2009 A 2012

Os mandatos anteriores já foram citados no livro intitulado Carrapicho X Santana.

- PREFEITO: RICARDO JOSÉ RORIZ SILVA CRUZ (PT).
- VICE-PREFEITO: EDINOR PEREIRA DA SILVA

VEREADORES - 2009 A 2012

- 1º - Raimundo das Dôres----- PMDB (243 votos)
- 2º - Benildo Santos ----- PV (212 votos)
- 3º - Francisco José Freitas de Carvalho -- PMDB (206 votos)
- 4º - André Jean Carlos Santana ----- PSB (204 votos)
- 5º - Luís Carlos dos Santos -----PT (164 votos)

6º - José Roberto Lima Santos -----PTB (157 votos)

7º - Carlos Alberto Feitosa----- DEM (153 votos)

8º - José Lemos-----PTB (140 votos)

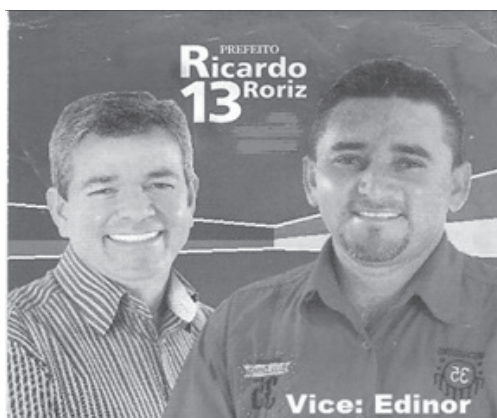
9º - Hugo Barroso ----- DT (135 votos).

Presidente da Câmara:

1º mandato, André

2º mandato, Benildo Santos

Galeria do Executivo e Legislativo





Resultados da Eleição Outubro de 2012

Prefeito						
Situação	Sequência	Número	Nome	Partido	Votos	Válidos %
Eleita	1	20	Dona Preta	PSC	2.592	59,59%
	2	13	Ricardo Roriz	PT	1.705	39,20%
	3	19	Wagner de Baros	PTN	53	1,22%

Vereadores Eleitos						
Situação	Sequência	Número	Nome	Partido	Votos	Válidos %
Eleito	1	20000	Duda	PSC	326	7,36%
Eleito	2	20200	Victor Muniz	PSC	318	7,18%
Eleito	3	43000	Benildo	PV	257	5,80%

Eleito	4	25000	Carlos Feitosa	DEM	236	5,33%
Eleito	5	55888	Valdson	PSD	231	5,21%
Eleito	6	55666	Berg	PSD	222	5,01%
Eleito	7	10111	Neco	PRB	219	4,94%
Eleita	8	20789	Zezinha	PSC	216	4,88%
Eleito	9	65222	Mauricio	PC do B	157	3,54%

Total de votos	4.600	Total de seções	17
Votos brancos	94 (2,04%)	Seções apuradas	17 (100,00%)
Votos nulos	76 (1,65%)	Eleitorado	4.870
Votos válidos	4.430 (96,30%)	Eleitorado apurado	4.870 (100,00%)
Votos nominais	4.183 (94,42%)	Comparecimento	4.600 (94,46%)

6º MANDATO de 2013 a 2016

- PREFEITA: MARIA DAS GRAÇAS MONTEIRO FEITOSA SILVA (PSC)

- VICE-PREFEITO: Gilson Guimarães Barrozo Junior

SECRETÁRIOS MUNICIPAIS DE:

1- Cultura: José Lemos

2- Esporte e Lazer: José Silva

3- Saúde: Greyce Feitosa Silva

4- Finanças: Israel Leite Andrade

- 5- Turismo: Fernanda da Silva Vasco
- 6- Comunicação: Eufrásio de Oliveira Forte
- 7- Agricultura: João Manoel Aguiar Barrozo
- 8- Controle Interno: Hamilton Cardoso Hora
- 9- Educação: Maria Emília Lemos de Santana
- 10- Administração: Pedro Ernando Feitosa Silva
- 11- Assistência Social: Gildeane Santos de Souza
- 12- Pesca e Aquicultura: Adilson Soares da Costa
- 13- Meio Ambiente: Van Carlos Inocêncio da Silva
- 14- Obras, Urbanismo e transporte: Francisco Monteiro Feitosa

Observação: A senhora Maria das Graças, vindo da capital Aracaju para Santana, sexta-feira do dia 13 de março de 2015, por volta das 19 horas, sofreu um acidente automobilístico no veículo Toyota Corola, conduzido por Fábio Gomes de Melo de 36 anos de idade, no km 23 da BR 101 próximo ao entroncamento da Cruz da Donzela, deixando-a de cadeira de roda. O senhor Gilson Junior (Juninho), vice-prefeito, assumiu a administração municipal no dia 23 de março até o dia 23 de abril de 2015.

VEREADORES DE 2013 A 2016

- 1º José de Jesus Leite (Duda)
- 2º Victor Machado de Oliveira
- 3º Benildo Santos

4º Carlos Alberto Feitosa

5º Valdson da Silva Costa

6º José Gutemberg

7º Manoel Evangelista dos Santos

8º Maria José Feitosa

9º Maurício Inácio Tavares.

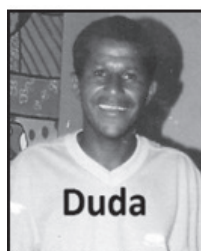
Presidente da Câmara:

- 1º mandato Benildo;
- 2º mandato Victor

Resultados da Eleição 02 de Outubro de 2016

- Junior Barrozo (PSC, votos 2.145, ou seja, 46,17%),
- Ricardo Roriz (PMDB, votos 2.030, ou seja, 43,69%),
- Dona Preta (PDT, votos 340, ou seja, 7, 32%)
- Robertinho (PSD, votos 131, ou seja, 2,82%).

Galeria do Executivo e do Legislativo



7º Mandato de 2017 A 2020

- PREFEITO: Gilson Guimarães Barrozo Junior

VICE-PREFEITO: Leilson Feitosa

Foram 52 candidatos a concorrerem às nove 9 vagas para a câmara de vereadores.

Vereadores Reeleitos

- Neco (PSDB, votos 246, ou seja, 5,22%).
- Duda (PSC, votos 219, ou seja, 4, 64%).
- Valdson (SD, votos 216, ou seja, 4, 58%).
- Victor Machado de Oliveira (SD, votos 193, ou seja 4, 09%).

Vereadores Eleitos

- Genildo Lima dos Santos (Nido Bananeira) (PSDB, votos 254, ou seja, 5, 39%)
 - Jaldo Camilo dos Santos (PMDB, votos 227, ou seja, 4, 81%)
 - Carlos Alberto Feitosa Júnior (Caquinho) (PSC, votos 226, ou seja, 4, 79%)
 - Eliomar Gomes Freire (Eliomar do Povo) (PDT, votos 177, ou seja, 3, 75%)
 - Adilson Soares da Costa (Cara de Cajá) (PDT, votos 144, ou seja, 3, 07%)
- Total de seções: 18 / Total de votos: 4.863/**

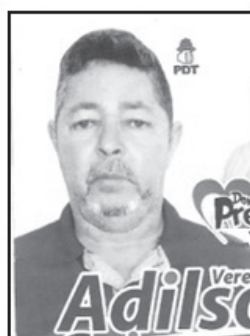
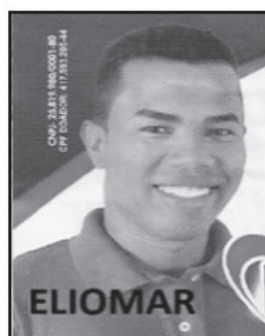
Votos brancos 68 (1, 40%) / Votos nulos 80 (1,65%) / Abs-
tenção 610 (11,15%)

Eleitorado apurado: 5.473, ou seja, 100%

Presidente da Câmara 1º mandato José de Jesus Leite - 2º
mandato Victor Muniz. FONTE TSE.

Dessa vez surgiu nas redes sociais um tal de **Juvenal**, que vivia
infiltrado no grupo de Júnior Barrozo, e publicava coisas do gru-
po nas redes sociais.

Galeria do Executivo e Legislativo



Obras realizadas pelo Prefeito entre 1993 - 1996

- O atracadouro construído do lado de baixo do porto das Pedras.
- Construção do galpão com maromba para os ceramistas por trás da creche e da antiga quadra esportiva.
- Realizou-se o serviço de terra — planejem através do DEER da estrada Santana-Saúde.
- Refez a Praça Sete de Setembro em agosto de 1993, ela ficou menor para ter mais espaço para os eventos festivos.
- Comprou uma área de terra ao Sr. José Feitosa (Zé Pirão d'água) ao lado da Santa Cruz das Meninas e deu início a construção de 25 casas populares.
- Implantou o serviço de eletrificação pública e residencial do Povoado Brejo.
- Construiu o centro artesanal na rua da entrada próximo ao bar Carrapicho do Sr. Heleno, ficando em pendência a cobertura.
- Refez o telhado do mercado municipal de nossa cidade.
- Fez o calçamento do Beco de Bindô e do Beco do Jegue.
- Reformou a Escola Municipal Afonso de Oliveira Forte.
- Reformou a Escola Municipal Agesislao.
- Realizou a pavimentação da Rua do Mangá com uma diminuta pracinha com 3 bancos de cimento em agosto de 1993.

Obras realizadas pelo Prefeito entre 1997 - 2000

- Construiu-se mais 34 casas populares nas ruas de Santana com a Associação dos moradores e amigos de Carrapicho da qual dispõe de um trator.
- Construiu o Posto Médico Mãe Pêda da COHAB Nova, hoje está ali instalada entre outros a Secretaria Municipal de Saúde.
- Realizou a pavimentação da travessa da Conceição, da rua das Pedrinhas, da rua do bar de Valter e Maria Galega.
- Através da FUNASA, construiu banheiros em residências populares.
- Construiu uma caixa d'água elevatória com tubulação do lado da igreja no Povoado Brejo e a casa de farinha comunitária onde o povo da região, na cheia de 2004, levaram suas mandiocas pra lá e outras para o Povoado Mundê da Onça.
- Construiu a granja comunitária do Brejo, fez o calçamento e a Praça.
- A COHIDRO doou um terreno da Várzea à prefeitura, e a prefeitura construiu alguns prédios e também loteou.
- Implantação e pavimentação da rodovia SE-308, trechos, porto das balsas, Santana extensão 2 km, obra executado com recursos provenientes da privatização da Energipe em dezembro de 1998, essa obra viabilizou um fluxo de veículo melhorando a qualidade de vida do povo Santanense, e consequentemente os visitantes e turistas injetando uma maior quantidade de dinheiro.
- Fez 75 casas populares dando prosseguimento o da construção anterior.

- Realizou 34 construções de residência populares nas diversas ruas de nossa cidade através da associação.
- Construiu no Povoado Brejo 17 casas populares.
- Construiu 17 casas populares no Povoado Saúde.
- Adquiriu 10 tanques rede e dois berçários para os pescadores do Povoado Saúde.
- No Povoado Saúde pavimentou o Beco de Manoel Leiteiro, rua Santo Antônio, em toda a COHAB, ainda calçou a rua Nossa Senhora de Fátima, do posto telefônico até sair na rua São Francisco.
- Posteação e rede elétrica do Sítio Valentim.
- Construiu a caixa d'água com encanação do lado da escola.

Obras realizadas pelo prefeito entre 2001 - 2008

- Reformou a Praça do Serrote, atualmente Praça Belarmino Gomes.
- Construiu na Escola Afonso de Oliveira Forte salas de aula, inclusive com pavimento superior e fez reforma.
- Concluiu a obra do Centro Artesanal.
- Reformou o Posto de Saúde **Mãe Pêda**, COHAB Nova e do Povoado Saúde.
- Construiu a Escola Comunitária da COHAB Nova, pelo projeto Santa Maria / PRONESE e financiamento do Banco Mundial, valor R\$110.294,82 (cento e dez mil duzentos e noventa e quatro reais e oitenta e dois centavos), faltam o acabamento.

- Construiu a caixa d'água com poço na COHAB Nova e no Povoado Brejo, pelo PRONAF e o ministério do desenvolvimento agrário, em 13 de novembro de 2003, porém não foi ainda inaugurada.
- Construiu uma quadra poliesportiva em dezembro de 2003 no Povoado Saúde, pelo programa INDESP, no valor de R\$ 75.284 86 (setenta e cinco mil duzentos e oitenta e quatro reais e oitenta e seis centavos).
- Na área da Fazenda Várzea foi construída pocilga, casa de farinha, marcenaria e uma fábrica de fazer manteiga.
- Fez o calçamento da rua nova no Povoado Saúde pela construtora do Sr. Ricardo Roriz, concluída em dezembro de 2005.
- Deu prosseguimento na posteação do Valentim sentido Várzea e fez serviço na rede elétrica para poder as residências do Valentin receber energia.
- Através da associação das irmãs construiu 12 casas na COHAB Nova para os moradores vítimas da enchente de 2004, no valor de R\$ 86.173,37 (oitenta e seis mil e cento e setenta e três reais e trinta e sete centavos).
- Reforma na estrada do Mangá e na rede elétrica pública da cidade.

CONSELHO TUTELAR: A criação do conselho tutelar municipal de Santana dos direitos da criança e do adolescente se deu com a lei de nº 14 de 01 de dezembro de 1998. Os primeiros conselheiros foram todos eleitos pelo o voto dos membros de associações e assumiram o cargo por um período de 3 anos e os 1º eleitos foram eles:

1 - Adriano Feitosa de França

2 - José Artêmio Santana

- 3 - Maria Givanilda Neres Santos
- 4 - Maria da Pureza de Carvalho Santos
- 5 - William Lima Souza Freitas.

O conselho não tinha sede própria e se pagava aluguel, a primeira sede foi em um imóvel do Sr. Ernando Silva na rua São Vicente, onde era o cinema velho. Depois passou para outros imóveis. O conselho atual tem sede própria situado na rua São João, onde era o posto telefônico construído pelo prefeito Ricardo Roriz.

SERVIÇO MILITAR: Até então os jovens do nosso município recorriam à junta do serviço militar em Neópolis na pessoa do Sr. Sinair para se alistarem, mas em 08 de maio de 2000 deu-se início ao estágio da 1ª Secretária da junta do serviço militar 075 de Santana do São Francisco, a senhora Marineide Gomes Silveira (Neide de Toninho). A junta era no imóvel de Ernando R. Silva na rua São João. Teve seu 1º movimento em outubro de 2000. E no dia 23 de julho de 2004 ocorreu, às 10h30 da manhã, na Praça 7 de Setembro, em frente ao mercado municipal, solenidade de inauguração da junta militar do nosso município, com entrega de certificado de dispensa de incorporação CDI (reservistas) para uns 40 jovens, no ato da entrega estava o tempo ensolarado. Houve participação do tiro de guerra e da banda do vigésimo oitavo Batalhão de Aracaju, autoridades locais e a comunidade, ali foram proferidas palavras de ordem. Atualmente a secretaria da JSM e a senhora Elisângela Silva Lima. Atualmente quem está à frente dos serviços é a senhora Elisangela.

FÓRUM DISTRITAL: Objetivando viabilizar melhor atendimento a comunidade, o Prefeito Gilson Guimarães Barrozo e Dr.^a Rosivan Machado, juíza de direito, fizeram a aquisição de uma casa situada a Praça Sete de Setembro, antes propriedade de

D. Eugênia, e através do secretário de obras, o Sr. Valter Fontes, realizou-se o serviço de restauração do imóvel que passou a ser o primeiro Fórum Distrital de Santana do São Francisco, o mesmo foi inaugurado em 15 de Janeiro de 2003 a solenidade de inauguração aconteceu com diversas autoridades presentes e populares. E o fórum passou a prestar relevantes serviços a nossa comunidade juntamente com o Ministério Público representado na pessoa do jovem promotor de justiça Dr. Nilzir. Atualmente Dr. Iuri Macel Menezes Borges é excelentíssimo promotor.

REGISTRO CIVIL: Em consequência da grande procura dos serviços no fórum, foi construído o fórum distrital com recursos do Poder Judiciário do Estado de Sergipe, por trás do Centro de Artesanato, e em frente à casa do senhor Adabel, a obra custou 210.075,24 (duzentos e dez mil, setenta e cinco cruzeiros e vinte e quatro centavos). E no dia 27 de janeiro de 2007, na manhã de sábado, o novo fórum foi inaugurado com festa, essa nova construção satisfaz os anseios da nossa comunidade. A excelentíssima dra. Rosivan Machado, juíza de direito, com a presença de diversas autoridades no fórum distrital de nossa cidade, celebrou a instalação da central de registro civil que será prestado gratuitamente os serviços em 06 de junho de 2003.

PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA: Da frente da residência de Tonho Padre com a do senhor Antônio Barroso, seguindo até em frente à residência de D. Maria de Alves na rua São Vicente, a rua foi asfaltada. Era 11 de janeiro de 2004, o dia amanheceu ensolarado o céu com poucas nuvens brancas e esparsas, panorama típico de um dia de verão nordestino, o DEER deu início à pavimentação “asfáltica”. O trabalho de asfaltamento seguiu em ritmo frenético, pois as ruas deveriam estar prontas antes da festa de Bom Jesus dos Navegantes para receber os visitantes e turistas. Porém, como de costume na história de nossa comunidade, que quando queria fazer reparo em algumas ruas com máquinas re-

corria a um dia de sol arregalado, ma quando a máquina começava ou já estava com serviço em bom andamento caia uma chuva-rada tempestivamente e todo o trabalho quase foi de água a baixo.

O povo sempre dizia que se Carrapicho estivesse com uma estiagem prolongada era só solicitar uma máquina para beneficiar uma rua que com certeza, infalivelmente, chovia. Foi o que aconteceu às 13h do mesmo dia, o serviço de asfalto já adiantado, o sol se escondeu e o céu mudou de fisionomia e logo um temporal desabou, tentaram por uns três dias adiantarem o serviço e pouca coisa foi feita por causa do tempo, só no dia 19 de maio quarta-feira reiniciaram o asfalto, porém, mais uma vez às 16h, choveu em abundância e deteriorou a obra. Só nos dias 16 e 17 de junho, quinta e sexta-feira, é que o DEER faz o retoque final e concluiu a obra.

As ruas asfaltadas passou a ser uma pista de corrida para carros e principalmente motos de pessoas daqui e de Neópolis, e depois de alguns acidentes foram colocados 4 quebra-molas feitos com produto de asfalto pelo pessoal do DEER em 28 e 29 quarta e quinta-feira de dezembro de 2005. Faltando colocar mais quebra-molas em lugares estratégicos. Pois em 2008 ocorreu um acidente fatídico em frente a casa de Maria de Alves, ao lado do cemitério, onde o jovem Buda, filho de Joelson, que trabalhava de moto-taxi, vinha descendo a rua colidiu com outro jovem moto-taxista, Cebinho filho de Zé Banguelo do povoado Brejo, que ia subindo a rua. Cebinho morreu na hora. Os desastres continuam por parte dos condutores imprudentes a polícia militar já fez algumas apreensões de moto mas os imprudentes ignoram a ordem e o perigo.

A BIBLIOTECA: Na administração do Prefeito Ernando R. Silva foi implantado a oficina pedagógica em um imóvel de propriedade da senhora Zete, esposa do senhor Eribaldo, que ficava entre a sua residência e a casa de Mãe Pêda. Com a mudança do

gestor municipal a oficina continuou no mesmo local, em 03 de agosto de 2005 passou a Biblioteca municipal a ser denominada de Biblioteca Virginia Guimarães Barroso, em homenagem a esposa do Sr. João da Silva Barroso, e Luciam Santos Lemos, filha de D. Zizi, que é do povoado Saúde, era a responsável por aquela casa cultural. Atualmente a Biblioteca está estabelecida do imóvel que era o mercado municipal e leva o nome do senhor Messias da Silva Passos.

AÇÃO SOCIAL: que passou a ser assistência social. Desde que o município passou ter administração própria as primeiras damas à frente da secretaria de ação social inegavelmente prestou relevantes serviços à comunidade como:

- PETI – Programa de erradicação do trabalho infantil.
- API – Apoio à pessoa idosa, centro de convivência.
- PAC – Programa de apoio à criança, creche.
- Projeto agente jovem, Alvorada, Pró-leite para famílias carentes.
- Julho de 2007 implantou o CRAS – Centro de referência de assistência social.
- Distribuía produtos provenientes da pesca e da agricultura como: farinha, inhame, abóbora, peixe para as pessoas carentes; e polpa de peixe para creche, a polpa tem um ótimo sabor.

Obras realizadas entre 2009 - 2012

- Inaugurado o Conselho Tutelar Desembargador Antônio Machado em fevereiro de 2009.
- Sexta 09 de janeiro de 2009 foram demolidas a sede da Fênix Clube e a sede do Treze pelos funcionários da Prefeitura

- e em fevereiro de 2009 foi inaugurado no local o Mirante da cidade.
- Maio de 2009, por volta das 16 horas, foi inaugurado o PETI, no prédio da antiga sede dos Unidos da Cerâmica Nossa Senhora de Fátima, ao lado da Delegacia. Denominado de Murilo Batista dos Santos.
 - Em 06 de maio de 2009, logo após a inauguração do PETI, foi inaugurada também a Biblioteca Municipal Messias da Silva Passos. No então Mercado Municipal.
 - Foi colocado postes na rua da Rocheira em julho de 2009 para realizarem a ligação da energia das residências e a iluminação pública.
 - Terça-feira 25 de agosto de 2009 foi inaugurada a delegacia de polícia, após ter sido reformada e ampliada. Havendo naquele ato inaugural o furto realizado por um jovem daqui, de um revólver que estava em cima do birô.
 - Quarta-feira dia 06 de maio de 2009, inauguração às 15 horas do posto de Saúde Mãe Pêda no Povoado Brejo da Conceição, no prédio que fora construída na administração do senhor Erando Silva para ser uma padaria, mas nunca foi usado.
 - Calçamento da estrada COHAB Nova até o início da rua São João em nossa cidade, agosto de 2010.
 - Em 20 de julho de 2010 às 18 horas foi inaugurada a clínica do Conjunto Habitacional Albano Franco (COHAB Nova)
 - Foram inaugurados em agosto de 2010 a clínica do povoado Saúde.
 - A pracinha que fica em frente a clínica e a subprefeitura no prédio que foi da antiga Escola.

- O prédio que era da associação na rua São João foi restaurado e inaugurado como o CREAS em agosto de 2010. Denominado de Elizabeth de Freitas Paixão. Nesse mesmo imóvel foi também inaugurado a Secretaria de Assistência Social, inaugurado em março de 2011.
- Papai Noel, o prefeito o senhor Ricardo Roriz, promoveu no ano de 2011, em um sábado dias antes do Natal, a festa natalina com presente para as crianças do nosso município no Espaço Angel ao lado do campo da Portuguesa, onde o helicóptero sobrevoou a cidade e ali pousou com o radialista Fernando Cabral vestido de Papai Noel.
- Na noite de quinta-feira do dia 13 de setembro de 2012, com a presença de populares e do excelentíssimo Governador Marcelo Déda Chagas, foi inaugurada com uma belíssima arquitetura a Praça João da Silva Barrozo (Praça da Igreja), o prefeito Ricardo Roriz acompanhado da primeira dama e de seu séquito acompanhou a inauguração da residência de Tonho de Julinho. Em represália a questão salarial vários funcionários que estavam organizados vaiaram o prefeito na hora do ato solene. Valor da obra R\$ 301.633,00, recursos do BNDS.
- No primeiro semestre de 2012 pavimentou a descida da Rocheira entre o Mirante e o Bar do senhor Eié, facilitando a locomoção dos transeuntes que tinham dificuldade de fazer aquele percurso.
- Pavimentou a rua da frente da residência da agente comunitária de Saúde, senhora Elenira, até Casa de Farinha, e da casa de Elenira até a residência do senhor Maurino no povoado Brejo da Conceição.
- Construiu a clínica em frente à Casa de Farinha que não chegou a ser inaugurada e está em fase de acabamento.

- Na quarta 12 de dezembro de 2007, o excelentíssimo Teotônio Vilela Filho, governador de Alagoas, e o excelentíssimo Marcelo Déda, governador de Sergipe, estiveram com suas comitivas no Centro Artesanal de nossa cidade, acolhido pela nossa comunidade e pela banda da Escola Municipal Afonso de Oliveira Forte, a qual os receberam alegremente e executaram o Hino Nacional, em seguida tocaram a fraterna música “amigos para sempre”. O motivo desse festivo encontro foi a celebração de protocolo sobre a construção de uma ponte que irá ligar Sergipe a Alagoas para dar seguimento a linha verde.
- Ricardo Roriz criou 1º Encontro Cultural de Santana do São Francisco, que foi realizado de 15 a 18 de janeiro de 2009, com uma vasta programação que incluiu apresentação de grupos folclóricos como a Dança do Toré, apresentada pela tribo Cariri Xocós de Porto da Folha, Cacumbí de Japoatã/Se. Bacamarteiros de Carmópolis e Samba de Coco.
- Criou o 1º Festival de Inverno de Santana do São Francisco que foi realizado de 12 a 27 de julho de 2009, com a presença da Banda Mastruz com Leite que se apresentou domingo dia 26 de julho e à 1 hora da manhã show com Frei Zeca.

Comemoração de Emancipação

O município de Santana é o mais novo município do Estado de Sergipe, sendo assim o caçula, tem a sua data de emancipação política no **dia 06 de abril** de cada ano.



Apesar de tão importante esta data, nenhuma das autoridades do município se preocuparam em realizar um evento cívico em comemoração a ela, tão significativa para a nossa gente, deixando-a passar despercebida, sem comemorações por vários anos. Porém em 06 de abril de 2009, a igreja católica realizou às 19 horas uma missa campal no mirante, alusiva a emancipação. Seguiram outras missas. Então a senhora Maria das Graças Mon-

teiro (D. Preta), prefeita municipal, no seu último ano de mandato, em 2016, realizou o primeiro evento comemorativo referente à emancipação, a começar pela tarde do dia 05 de abril, onde montou um pequeno palanque ao lado da igreja católica e em frente da casa de Evandro para a promoção dos eventos. Em frente à casa de Dona Etna (D. China) foram armadas as barracas para os eventos culturais. Ainda na noite da terça-feira, dia 05 de abril de 2016, Dona Preta distribuiu placas em homenagem aos artesões aos próprios artesões, a seguir, eu, Roberto Batista, fui homenageado pela a prefeita e recebi também uma placa em homenagem ao meu trabalho pioneiro como pesquisador, historiador e escritor.

Assim estava escrito na placa: “Um historiador é um indivíduo que estuda e escreve sobre a história e é considerado uma autoridade neste campo. Santana está de parabéns por ter você como historiador”. Por fim ocorreu o tão esperado show de calouros tendo como os três primeiros lugares vencedores as jovens Lile e Leile, ambas filhas de Leon de Zé de Pracide, e em terceiro lugar, também evangélica, a jovem Taune, filha da Irmã Katia. Essas três jovens inconfundíveis se destacaram com música gospel. A ob-

servar que para cada certame do evento houve premiações, como geladeira, TV, aparelho de DVD, etc.

Por sua vez, o jovem Junior Barroso também não arrefeceu e promoveu eventos a começar na terça-feira à tarde do dia 05 de abril **2017**, com o palanque montado na Praça 7 de Setembro em frente ao mercadinho de Clemilda, de onde ele, Junior, fez uso da palavra. As barracas para os eventos culturais ficaram em frente à Secretaria de Educação, que também fica na praça 7 de Setembro. Dia 06, após o hasteamento da bandeira em frente a prefeitura, que se encontra estabelecida no prédio da Biblioteca Pública, ocorreu um lauto café-da-manhã para o público. Em **2018** ocorreu pela a terceira vez a celebração dos **25** anos de emancipação promovida pelo o ilustre prefeito Júnior, sendo que os eventos aconteceram a partir do domingo dia 1^a até sexta-feira, 06/04/2018, que culminou com a alvorada às 6 da manhã e a seguir missa. Eu, Roberto, fui palestrante para os alunos do ERJA na segunda à noite 02/04, na Escola Afonso de Oliveira Fortes.

Eu, Roberto, enfatizo o valor da referida data, e digo que não será necessário nenhum espetáculo mirabolante. Se o problema é financeiro, que se façam eventos com nossa própria gente, pois temos um acervo cultural que se encontra esquecido, abandonado, destituído de atenção. Faço esse apelo tão nobre e tão justo. Não deixemos a data da nossa emancipação passar despercebida! Graça e Paz para todos, são os votos deste seu conterrâneo.

Feriados municipais de Santana

Foram instituídos para os ilustres filhos e filhas do município de Santana 4 (quatro) feriados: 1 um civil e 3 três religiosos segundo a tradição Católica. Calendário:

- **06 de abril**- data magna de emancipação política do município;
- **24 de junho**- São João, instituído à 17 de abril de 2015;
- **29 de junho**- São Pedro, instituído à 17 de abril de 2015;
- **26 de julho**- Senhora Santana, a padroeira.

A Lei federal de nº 9.093, de 12 de setembro de 1995, que dispõe sobre feriados civis e religiosos, estabelece nos seus artigos 1º e 2º as suas especificidades. Ver incisos II e III do artigo 10 da referida Lei no qual determina que os feriados sejam decretados de acordo com as datas e tradições locais e que no âmbito municipal só poderá ser considerado um feriado civil, que será a data magna (data da fundação), e feriados religiosos, mediante lei ordinária, em número não superior a quatro, incluindo a Sexta-Feira da Paixão.

Festas Religiosas

- 3º domingo de janeiro - Festa de Bom Jesus dos Navegantes da cidade de Santana;
- 28 de outubro - Aniversário da 1ª Igreja Batista Tradicional. Pioneira no evangelismo local;
- Povoado Saúde, 02 de fevereiro - Festa da padroeira Nossa Srª. Da Saúde;
- Festa de Bom Jesus - sem data fixa.
- Brejo da Conceição, 08 de dezembro - Festa da padroeira N. Sr.ª Da Conceição.

CAPÍTULO 2

Cidadãos Carrapichense

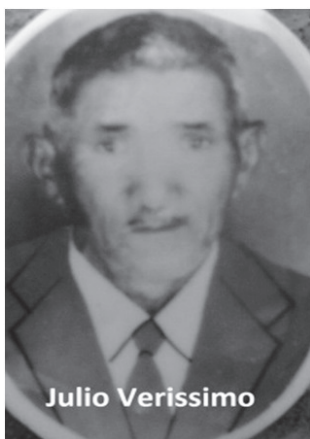
O Velho Nô, um hábil artesão — Quem era aquele homem de cor morena e de corpo esbelto e resguardado que quando falava, falava serenamente, para poucos ele dizia sim e para todos quase nunca dizia não! Claro, esse homem era Nô Pinel, um homem beiradeiro que fazia da arte de pescar a sua sobrevivência. Seu Nô, como era chamado, era tido por muitos como um homem misterioso, conta-se que criava uma cobra e aonde quer que ele fosse ela ia com ele só que na estrada ninguém nunca viu ela o acompanhando. Sabia-se que quando Seu Nô estava em casa ela estava de baixo de sua cama lhe fazendo companhia, de uma coisa é certo, ele tinha um zelo pelo seu quarto e ninguém nele entrava. Ele não gostava de emprestar o seu barco de pesca a ninguém, mas o desavisado lhe pedia emprestado e ele lhe entregava a chave do cadeado, a pessoa ao se aproximar do barco para desprendê-lo da corrente tomava um tremendo susto ao se deparar com uma enorme serpente dentro do barco ao observá-lo à espreita, a pessoa possessa de medo voltava para a casa do Sr. Nô desorientado para lhe entregar a chave de tal maneira que às vezes a chave caía de sua mão ou balbuciava sem dicção e passado o susto contava a Seu Nô tal acontecimento, lhe entregava a chave e ele ao ouvi-lo recebia a chave, meneava a cabeça com sinal de desaprovação e desdém, como se não soubesse de nada. Seu Nô era um homem recatado, não andava em folia, às

vezes quando ia pescar rio acima ia consigo um companheiro, para se abrigarem fazia uma latada (aconchego feito com o próprio pano da canoa e o mastro) na crôa e à noite, quando estava descansando, o seu amigo dizia “Seu Nô vou à rua dá uma voltinha” ele respondia “meu filho, não vá”, porém o camarada não atendia ao seu pedido e partia, ao se distanciar da latada se esbarrava com uma enorme serpente que o afugentava de volta, e seu Nô feliz ficava.

NÔ PINEL era hábil com as mãos e fazia pequenas canoas com a raiz de timbaúba para garotada brincarem, as raízes das timbaúba eram tiradas pelas pessoas nas propriedades do Sr. Juventino e do Sr. Arlindo, propriedades estas que ficam ao lado da rocheira e no corredor do caminho do Brejo da Conceição, seu Nô fazia a pequena canoa com uma originalidade que ninguém tentava sequer imitá-lo, as canoas eram feitas ao gosto da garotada, ele vendia a canoa toda pronta mas sem pintura, quem já fazia essa parte e fazia bem feito era o Sr. Manoel Silva, irmão de Pedro Silva. As árvores começaram a serem tombadas, impiedosamente mesmo sem o consentimento dos donos, para lenha, já a propriedade de Seu Arlindo passou a ser pasto e surgiu um problema, pois as vacas que estavam prenhas, ao comer os frutos da timbaúba, perdiam as prenhes, então seu filho, Laminho, resolveu cortar quase todas as timbaúbas. As canoas feitas por Seu Nô faziam sucesso e ele não conseguia suprir a demanda, pois elas além de serem brinquedos para os meninos também serviu como adorno, e os turistas compravam e levavam mais um produto de Carrapicho que era destaque, a canoa.

O PESADO: Cantor Adalto de Moura, o tesão do brega, filho da terra, mais conhecido como o Pesado, percorre a nossa região realizando shows animados às pessoas com seu estilo Brega Chic, ele começou a cantar aos vinte anos graças a sua tendência para

a música e o grande incentivo recebido por outro cancionista, também filho da terra Eufrásio de O. Fortes. Gravou o seu 1º CD com dezenove músicas em Penedo-AL, em 2003, o título do CD “A História do Rio São Francisco”, com tiragem de 300 CDs, diz Adalto que toda a semana tem tocada e graças a Deus dá para defender o pão, mas como todo profissional do ramo sonha com dias melhores e pretende ser reconhecido nacionalmente.



O HOMEM DA HIGIENE: Porque pensar duas vezes se uma vez já era o suficiente para o Sr. Júlio Veríssimo Sales elaborar seu plano maquiavélico. Morador da rua São Vicente, próximo à venda de Seu Olímpio Melo, seu Júlio com o seu inseparável charuto, em cada tragada fazia a queima de oxigênio atizar mais ainda o seu charuto e enquanto a fumaça densa começava a dissipar-se ele premeditava o que iria concretizar, pois

de tempo em tempo ele fazia, como ele mesmo dizia, uma limpeza nas ruas de Carrapicho, pois ao observar o crescimento da população canina, à noite ele preparava bolas que era carne bovina com vidro pisado dentro, veneno ou alfinete e saía às ruas dando aos cachorros, no outro dia os cães que tinham saboreado aquele fatídico bolo amanhecia morto. Às vezes alguns cães amanheciam o dia com uma terrível tosse, com perda da capacidade respiratória e com os olhos aguçados, ao olharmos para o cão entendíamos que ele estava nos pedindo socorro, mas nada podíamos fazer, depois de muito sofrimento o cão era tragado pela morte, porém Seu Júlio, indiferente ao sofrimento do animal, continuava fazendo a sua limpeza. Júlio nasceu em 03 de agosto de 1908 e faleceu em 22 de dezembro de 1974.



ZÉ VIEIRINHA DA PUNÇA: Como era conhecido o Sr. Manoel Francisco de Souza, nasceu em 07 de setembro de 1900 e faleceu em 1998. Zé Vieirinha casou-se com a Sr.^a Jovelina Alice de Lemos e tiveram cinco filhos, entre eles, Lúcio de Sousa, meu cunhado, e Cristina, uma ótima artesã. Trabalhou em Carrapicho fazendo casa, principalmente teto, pois era um exímio carpinteiro, como Olímpio Nove que reconstruiu a casa do meu pai, Mané Parreira, dentre outros. Zé Vieira era uma pessoa extrovertida de cor morena, corpo franzino e tamanho regular, gostava de trabalhar sem ajudante, tinha o costume de tomar duas goladas de copo cheio de cachaça, uma de manhã e a outra ao meio-dia antes da refeição, ao dar a bicada (gole) sapateava no pé do balcão e dizia uma prosa como: “sandália havaiana não é calçada de gente, é mela cu”, outra prosa, “quem não compra fiado come merda”. Ele participava de quase todas as brincadeiras, porém estava presente em todas as atividades religiosas, já com mais de 75 anos, ainda trabalhando sobre os tetos de casas, parrava, pois andava sobre o teto das casas que consertava em pé sem apoio de nada. Faleceu aos 98 anos com condicionamento físico regular.



ZÉ LUCINDO: O Sr. José Lucindo dos Santos ou José Gregório dos Santos, pois ele tinha dois nomes de registro, nasceu em Japoatã em 23 de setembro de 1906, passou a residir em Carrapicho na rua São João, para isso comprou a casa da Sra. conhecida como Cunhão de Porco e reformou, ao lado fez sua tenda e o manejo com sua bigorna muito foi útil ao nosso povo. Zé Lucindo também era fogueteiro onde produzia pequenos fogos e foguetes para os festejos.

Era também pedreiro, fez a casa do pai de Belizana à Santa Cruz da menina, ajudou na construção do cemitério, da Igreja e “empeleitou” e fez a casa de D. Eugenia por 8.000 (oito mil) réis, essa casa já foi o primeiro fórum de Santana, atualmente é a Secretaria de Educação. Zé Lucindo ao fazer essa casa colocou como de costume a data de construção na fachada da residência, mas deixou a data desconexa, pois está inelegível ao povo, aos curiosos causa descontentamento, mas a data é a seguinte 28/09/1962. Zé Lucindo tinha ideias avançadas, dizem que fez um pequeno barco com engrenagem que para movimentá-lo usava os pedais, porém, ao colocar o barco na lagoa de cima e ao pedalar, o barco só andava a ré e não avante. Em consequência do manejo com pólvora ele ficou deficiente de um olho, mas isso não impediu que ele fosse útil a sociedade e muito serviu a igreja e ao nosso povo, faleceu em 14 de outubro de 1987. Filhos de Zé Lucindo: Diná, costureira, Ozório, pedreiro, Cila, professora particular, e Vanir, esposa de Domício Sales.

O ÁS DE CARRAPICHO: Uma coleção de 52 cartas de jogo, damos o nome de baralho e a um grupo de pessoas carteando-as chamamos de jogadores e ao recinto dessa jogatina, aqui em nossa comunidade denominamos de FURNA. Em Carrapicho cartas, jogadores e furna sempre existiram. É na cumplicidade daquele recinto que sempre estava uma figura chave, que ao contrário dos demais a sorte nunca lhe abandonava, era o felizardo, o dono da casa do jogo. E vários foram os donos de furnas, Amábilio Freitas, Mané Felix, Manoel Aguiar, Zé Rodrigues, Reginaldo, Zé Gôgo, o Sr. Nilo, Major, Marisval, Bindô e atualmente João Latão e Manoel Baixinho. Neste recinto jogava-se com apostas, no final de semana os homens pernoitavam trancafiados na furna na jogatina sob a névoa de fumaça dos cigarros e charutos, mesmo perdendo tinha consigo a persistência de ganhar, ganhar e ganhar, mas ao amanhecer o dia o triste azar lhe sondava e ele chegava em casa li-so com a mão no bolso, deixando a mulher sem fazer a feira e a fa-

mília ficava com fome e tinha por vezes que recorrer aos seus pais ou parentes e vizinhos. Jogava-se o pife-pafê, buraco, 21, estende lê, 31, o nove, o jogo que está em alta é o nove e o relancinho, como em tudo há sempre aquele que se destaca, no jogo também tínhamos o Ás. O Sr. **Abelardo Bastos** (o Seu Bebé), irmão de Nanô e filho do Sr. Tapiti, seu Bebé tinha uma reputação a zelar, por isso recorria aos trunfos que os mais desprovidos de inocência chamavam de defesa e os mais ávidos chamavam de roubo, eram poucas as pessoas que o conheciam e colocavam sua sorte em jogo, por isso seu Bebé percorria outras freguesias.

É festa no povoado Tatu e ali ele se fez presente não para jogar cabacinha e flertar as donzelas, como elas faziam para encontrar o seu príncipe encantado, mas para jogar baralho, e o fez em uma mesa exposta ao ar livre sob o céu estrelado, como em toda a festa de interior a lei que predomina é a lei do mais forte e por isso uns andavam com trabuco (revólver) outros com faca peixeira, com o jogo em andamento desconfiaram que estivessem sendo lesados, comentaram que ia correr a mesa (fazer busca de Cartas), seu Bebé na certeza de ser a vítima fatal sem poder sair da mesa mandou um garoto comprar uma cocada a uma vendedora de doce que estava próxima, colocou a carta roubada do trunfo na boca e com a cocada comeu a mesa, foi corrida a mesa, porém não encontraram o bode expiratório e seu Bebé saiu ileso (livre) para trapacear em outras freguesias.



A FOGUETEARIA: Existia na rua do Quadro, ao lado esquerdo da casa de Seu Juventino, onde atualmente é a cerâmica de artesã Renildes e Zé Marreta, uma foguetearia, o seu proprietário era o Sr. Cridenor Rocha, que era maneta e tinha com ele um trabalhador chamado Natanael, como os festejos juninos se aproxima-

vam começou-se a fazer estoque de fogos, no canto da sala tinha um monte de pólvora. Existia um padeiro no povoado que era apaixonado pela filha de Zé Honorato e o seu amor não era correspondido, em certo dia esse padeiro, em estado de embriaguez, adentrou na foguetearia fumando cigarro para conversar com Natanael e, despercebido de sua maluquês, ao passar pela sala jogou a “bia” (resto) do cigarro sobre o monte de pólvora e começou um verdadeiro incêndio seguido de grandes estampidos que se ouvia do Sítio Valentim, ao iniciar o incêndio, o padeiro só teve tempo de se proteger por trás da porta, como as chamas do fogo e o calor eram intensos, Natanael e o padeiro ficaram gravemente feridos. As pessoas ao tentarem arrastar o padeiro para fora pegaram pelos pés dele, ele ficou gemendo e os sapatos vieram na mão de quem o pegou com couro e tudo, e os pés ficaram em carne viva, contou-me seu Zuzu, à noite por volta das 8 horas o padeiro que estava agonizante faleceu, isso ocorreu no dia 29 de maio de 1932.

O HOMEM PEIXE: Em Carrapicho, José Francisco dos Santos, mais conhecido como Zé de Chico, ainda criança, aprendeu a nadar com o seu pai, o Sr. Francisco, um sábio pescador, com 12 anos já treinava da ponta da ilha até o porto por trás de sua casa, para isso ele pegava a corda do seu barco de pescaria e amarrava em volta do corpo na altura do tórax e começava a nadar puxando o barco. Aos 13 anos começou a competir e sua primeira competição foi realizada na festa de Bom Jesus de 1979 aqui em Carrapicho, que com uma larga vantagem sobre os demais nadadores, ganhou a competição e conquistou o 1º lugar, como prêmio recebeu um troféu e dinheiro, daí em diante participou de quase todas as competições de natação da região, que era realizada nos festejos de Bom Jesus dos Navegantes ou na festa de Sr.^a Santana.

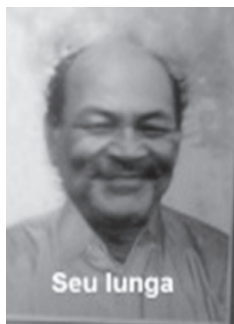
Em sua trajetória de competição Zé conquistou vários prêmios: dinheiro, troféu, camisas e outros. O nadador de Pene-

do, conhecido como Sujeira, que era considerado imbatível, foi derrotado algumas vezes por Zé de Chico. Por causa do cansaço das pescarias e da idade deixou de competir se desvencilhando do seu sonho emergente. O filho de peixe peixinho é, diz o dito popular, pois o seu filho Chiquinho endossa essa expressão, pois está seguindo com sucesso a mesma carreira do pai, começou a competir aos 12 anos e já coleciona vitórias. Em 2004, aos 17 anos, competindo na cidade de Pão de Açúcar conquistou o 2º lugar que lhe valeu R\$ 120,00 (cento e vinte) reais e um troféu, porém o prêmio só deu para pagar a frente do carro Palio do Sr. Marante, como seu pai, ele até hoje não recebeu nenhum incentivo. O Sr. Miula, professor do CESE de Penedo viu em Chiquinho um profissional promissor e o convidou para uma competição na cidade do Rio de Janeiro em águas abertas, porém ao chegarem lá ocorreu um mau tempo e não puderam esperar para competir e por falta de recursos voltaram e após a sua saída aconteceu a competição.

No ano de 1914 a residência que passou a ser do senhor Juventino Marcelino de Santana, esposo da senhora Elizete do Nascimento, e pai do senhor Everaldo, localizada no centro do povoado na Praça 7 de setembro, já existia e pertencia, assim como o Mocambo, à senhora Maria Herminia das Neves e ao senhor Manoel Bispo do Nascimento, avós maternos do senhor Everaldo. Na verdade era e continua sendo duas casas em uma.

Os capatazes do senhor Pedro Silva importunaram o jovem Manoel filho do senhor Juventino quando ele estava pescando no Mocambo, propriedade dos seus pais. Juventino, homem culto, se desentendeu com Pedro Silva e recorreu a capitania de Aracaju, inclusive enviando uma carta para a capitania do Rio de Janeiro, para evitar mais transtorno por volta de 1948 foi embora para a cidade do Rio de Janeiro com esposa e filhos, inclusive com o filho Everaldo, que tinha 9 anos de idade. Lá nasceram Ilton

e Ideraldo. O senhor Juventino passou a trabalhar no porto e Everaldo, já grande, serviu a polícia militar vindo a se aposentar como 1º Sargento no ano de 1990, recebendo alguns certificados de honra ao mérito.



O BANHO DE PRAIA: O Sr. **Djalma Santos**, mais conhecido como Seu Lunga, deu início às viagens de praia em canoas de tolda para o pontal ao lado do cabeço na foz do rio. As viagens para o famoso banho de praia começaram por volta de 1966, era realizada uma vez por ano e sempre no mês de outubro, porque era verão, e na noite de lua cheia, chegava a ter a capacidade para 200 pessoas, mas ele levava muito menos pelo frente da canoa, seu Lunga chegou a pagar dois contos de réis no começo de suas viagens, a canoa de tolda saía do porto de Carrapicho no Sábado à noite às 19 ou 20h e seguia viagem rio abaixo, chegando ao destino que era o Pontal-AL, na foz, por volta de 6h da manhã do domingo, esta viagem era evento único em suas peculiaridades, homens e mulheres se divertiam ao som inebriante do sanfoneiro e seu conjunto, o sacolejo dos casais eram realizados de acordo com o tango da música.

Naquele recinto vendia mungunzá, arroz doce, sequilhos e bebidas. A noitada era tão boa que os dançantes varavam a noite e pegava o sol com a mão e ao se aproximarem da chegada todos ficavam extasiados ao observarem os botos os cortejando, e para demonstrar as suas cordiais companhias eles esguichavam jatos de água para o alto, ao ancorarem ainda em água doce transpunha o pedaço de terra firme que era as dunas e iam se banhar em águas salgadas, depois iam apreciar os encontros das águas que se fundem, mas não confundem, pois é um exemplo das obras do divino. Depois de se deleitarem de prazer com

o oceano e vislumbrarem um horizonte infinito costumavam retornarem às 13h do mesmo domingo, o horário de chegada aqui no porto dependia muito do vento, e às vezes recorria-se aos remos para chegarem. Depois outras pessoas fizeram viagens de praia, Reginaldo Martins e Manoel Francisco Bispo, conhecido como Manoel de Regino. Sanfoneiros que alegraram essas viagens: Zé Costa, Nadinho e Agenor da Barra. Algumas canoas toldas que fizeram viagens: Buenos-Aires, Salineira e Oriente. Nessas viagens eram sujeitos a um temporal repentino e em uma das viagens de Manoel Regino ocorreu repentinamente um temporal acompanhado de relâmpago e ventos fortes, que forçou Manoel voltar do morro do Aracaré em Neópolis. Seu Lunga também deu início às viagens de praia de caminhão para o Peba-AL.

O TIRAMENTO DE MANGA: No ano 1970, foi ele que começou também a viajar com caminhão carregado de manga, as levavam para o Rio de Janeiro, Vitória do Espírito Santo e São Paulo, as mangas levadas para serem vendidas no sul eram todas mangas espadas, pois segundo Seu Lunga, elas aguentavam mais repuxos. Seu Lunga comprava as mangas aos donos de sítio do Valentim que muitas vezes os donos dos sítios vendiam para não perderem para os malandros que as derrubava com pedradas, e como se não bastasse xingava com palavrões os proprietários. Para tirar as mangas o tirador subia no pé de mangueira, balançava e as apanhadeiras com cesto de cipó colhiam, contavam, juntavam e depois as levavam para o caminhão só as mangas verdes, seu Lunga ainda deu início à venda de coco seco, e os levava para o estado de Goiás. Atualmente as viagens para o banho na praia do Peba-AL são realizadas de ônibus e quando se vai à foz navega-se na lancha do meu amigo Zé Luiz, a Cedila Denize ou na Lancha Maravilhosa, que tem capacidade para 190 passageiros, o preço do frete para levar 60 pessoas no ano de 2012 foi de R\$ 1.400,00.

Eu, Roberto, já estou no 7º ano de viagem com Gicelmo da Lancha Maravilhosa.

ACREDITE SE QUISER: Existia um homem que tinha como profissão barbeiro, sua estatura era baixa e franzino, de elevado em sua vida só existia o que ele argumentava, sempre decorria os seus fatos com galanteios. Ele, “Zé Correia”, contava que como de costume quando ia trabalhar na roça levava consigo uma cabaça de barro cheia d’água, ao chegar lá pendurava a mesma, que tinha uma corda em volta do pescoço, e fixava no galho da árvore. Porém certo dia quando ele estava sob um sol escaldante recorreu à cabaça para saciar a sede e ficou pasmado, pois observou que o cupim tinha acabado de comer a cabaça e só restava a água pendurada na árvore. Outro fato sucedeu em sua vida quando foi tomado de surpresa em sua casa pelo bater de asas de seu pássaro preferido, que voou com gaiola e tudo. A grande peleja de sua vida aconteceu quando ele ateou fogo em suas coivaras e o fogo cruzou o aceiro e chamuscou os matos do terreno do vizinho que era seu compadre, logo ocorreu uma contenda, esse vizinho, ao contrário dele, era corpulento, mais parecia um gigante colossal, estando os dois a sós na roça começaram a discutir e logo se atracaram, tombaram e caíram, contava se regozijando o baixinho que o pau quebrou. Uma hora ele, o baixinho, estava por baixo e o outro por cima, outra hora o outro estava por cima e ele, o baixinho, estava por baixo e assim findou a peleja.

UMA CANTADA HEMAFRODITA: Vez por outra, jovens que não são carismáticos para o namoro ou não tem papo (diálogo) são tolhidos pela incompreensão das moças e por isso eles tentam conquistá-la de maneira não convencional. Certo jovem daqui, “neto de Zé Correia”, ao sair do estabelecimento escolar em Neópolis, começou a passear na praça e enquanto chegava a hora de embarcar e voltar pra casa tentou conquistar uma garota,

pois ao olha-la sentiu que o cupido estava lhe contemplando, se aproximou da garota e a teve por algum momento em seu olhar, depois lhe perguntou “que horas são?”, ela ergueu o braço e com um gesto mecânico usou o indicador dizendo ali na igreja tem um enorme relógio vire e olhe, nesse momento ele sentiu que estava destituído da sorte, pois levava um grande fora em sua cantada. Já outro garoto também daqui achava-se possuído de grande sorte, ao passar pela frente do cemitério de Neópolis, guiando uma motocicleta, observou na fachada do mesmo uma frase bem coloquial que dizia:

“Eu fui o que tu és e tu serás o que eu sou”. Ao ler a descrição gracejou consigo mesmo. À noite, à procura de uma namorada na Praça de Neópolis, ele se aproximou de uma jovem desconhecida e sem delongas falou pra ela: “Eu fui o que tu és e tu serás o que eu sou”.

A jovem perdida naquele devaneio, não observou que era uma cantada, mas ficou entendida de que ele dissera que ele já tinha sido mulher e que ela iria ser homem.

O JOGO DO BICHO: surgiu em 1892, João Batista Viana de Drummond (Barão Drummond) criou o jogo do bicho. Depois de ser nomeado barão pelo imperador D. Pedro II o nobre abriu um zoológico no então distante bairro da Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro. Com a proclamação da república em 1889 o Barão deixou de receber ajuda financeira do governo, e seu estabelecimento ficou comprometido. Para remediar a situação, Drummond criou uma espécie de jogo para estimular as visitas ao zoológico. Todos os dias um pequeno papel com a anotação e o desenho de alguns dos 25 animais do zoológico era colocado num quadro e içado ao alto de um poste, cada visitante ao entrar no parque recebia um bilhete com um dos bichos, no fim do dia aqueles que tivessem o bilhete com o mesmo animal

que estava no quadro recebia um prêmio 20 vezes maior do que o valor do ingresso. Em pouco tempo o jogo ficou popular e a ideia do Barão começou a ser utilizada fora do zoológico.

O jogo do bicho em Carrapicho surgiu na década de 30 pelo cambista, o Sr. Nilo, que era pai de Preguinho, as apostas das pessoas daqui eram corridas na banca de Penedo do Sr. Zé Elias e Nestor Maio, esse último se tornou um grande comerciante daquela cidade. Em seguida foi cambista seu Lourenço, como era conhecido o Sr. João Manoel de Carvalho, e o seu filho Vavá (Osvaldo de Carvalho) deu continuidade a atividade de seu pai, em 1984. Atualmente Vavá faz jogo da banca, A Cavalcante, casa com 25 anos de credibilidade, ela é uma das sucursais a ser instalada em Penedo. A partir de 2019, Dany, uma jovem de Penedo, percorrem as ruas de nossa cidade gritando o slogan: “Mil para hoje. A depender do prêmio, pode ser um mil, dois mil, cinco... que o felizardo pode ganhar”. A rifa que leva o título de “rifa penedense” tem o prêmio mínimo de mil reais. Várias pessoas daqui já foram contempladas com prêmio, entre os quais Edvânio, o filho de Etevaldo, meu sobrinho. O dono da rifa já veio a Santana pra realizar o sorteio no meio da comunidade. Atualmente várias moças vendem rifa de mais de uma casa.

Gente que Faz

JOANITA: Joanita, como é conhecida **Joana Guimarães Barrozo**, filha do Sr. João da Silva Barrozo, é uma exímia articuladora política. Reside em Muribeca, onde ali constituiu a sua família. Passou a ser militante política e foi eleita pelo voto popular naquela cidade para prefeita no ano de 2000, depois foi reeleita e atualmente tem seu filho como vice-prefeito.



PAULO COSTA, o nosso Brigadeiro do Ar. O Jovem piloto de combate do primeiro grupo de aviação de caça brasileiro da FAB heroicamente participou da segunda Guerra Mundial, que foi o maior conflito bélico de todos os tempos, no qual o Brasil, após ser agredido pelas forças do mal, foi forçado a participar desse conflito para salvaguardar a liberdade, a integridade e os preceitos éticos do seu povo e do seu território. Foi ali na base aérea na Itália do fascista Mussolini que o piloto Paulo Costa, com determinação, realizou 68 missões tendo o seu avião alvejado por três vezes mas conseguindo chegar à base, teve uma carreira coberta de glória e se concretizou como um dos ases da primeira aviação de caça brasileira cujas ações contribuíram para a grande vitória, culminando com a paz duradoura. Por isso nosso povo precisa conhecer essa história! A história do nosso verdadeiro herói sergipano, Paulo Costa! Paulo Costa era filho do senhor Theotônio José da Costa, esse era filho natural do povoado Carrapicho e funcionário da marinha mercante da companhia Lloyds Brasileiro, sua mãe era a senhora Dagmar Pereira que nasceu no povoado Serrão, pertencente ao município de Ilha das Flores, filha do senhor José Antônio Pereira Dagmar, era irmã do latifundiário senhor José Antônio Pereira (conhecido por Zeca Pereira, que levava o mesmo nome do pai).

Após o enlace matrimonial, o senhor Theotônio e sua esposa Dagmar passam a residirem em Vila Nova (Neópolis). Dessa união conjugal Dagmar e Theotônio tiveram quatro filhos ainda em Vila Nova:

- 1º Lurdes Pereira Costa
- 2º Celeste Pereira Costa
- 3º Osvaldo Pereira Costa
- 4º Albertina Pereira Costa

O 5º filho foi Paulo Pereira Costa, que já nasceu em Aracaju em 18 de maio de 1916. Era o filho caçula da família, que se tornou brigadeiro do ar. Depois de estarem residindo em Aracaju o senhor Theotônio e a senhora Dagmar e seus filhos vão residir na cidade do Rio de Janeiro, onde o jovem Paulo Costa passou a ser piloto de avião.



EXÉRCITO BRASILEIRO: A nossa pátria é uma enorme família divinamente constituída de honra, disciplina e paz, mas para os nossos direitos não serem cerceados temos um contingente de homens armados para nos defender como: exército, marinha e aeronáutica. Graças a essas forças e nossa harmonia vivemos em paz com o mundo apesar de este estar em constante reboição.

O jovem **Fábio Antônio Silva Barrozo**, filho de Antônio Guimarães Barrozo (Tonho Padre) e de Ana Maria Silva Barrozo (Tuca), faz parte desse seleto grupo militar, com uma carreira promissora, aos 34 anos de idade já ocupa o cargo de capitão do exército, destacando atualmente na cidade de Bagé no Rio Grande do Sul. Indubitavelmente esse jovem almejará o posto de General.



MARINHA DO BRASIL: Graças a Marinha do Brasil ela nos confere pleno poder e livre arbítrio de ir e vir em nossas águas quando quisermos. E nessa incorporação militar temos um jovem, também com uma carreira promissora, este jovem é **José Alberto dos Santos** (Betinho), filho do Sr. Aderbal José dos Santos (Aderbal) e de Maria do Rosário. Betinho, ele ocupa o cargo de 1º Sargento da Marinha. Outros filhos

da terra que logo cedo saíram em busca de dias melhores estão

conseguindo cargos relevantes e só aparecem aqui quando estão em gozo de férias.

DIREITO: meu amado filho **Diego José Santos Cruz** concluiu, pela Universidade Tiradentes, o curso de direito e, logo em seguida, em outubro de 2012, foi aprovado pela OAB. Sendo filho natural do então povoado Carrapicho foi por mérito o primeiro cidadão santanense a ter a formação de advogado do nosso município.

O COLÉGIO EVOLUÇÃO é a primeira Escola particular da história do nosso município, fundado em 2010 pela ilustre professora **Edjane da Silva Dantas**, filha do senhor Edno Dantas. A Escola ensina do maternal ao 3º ano, estando estabelecida na rua Santo Antônio, ao lado do antigo Correios atendendo 50 alunos e 6 professores.

SINDSFRAN: Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Santana do São Francisco foi criado pelo jovem funcionário do município **José de Jesus Leite** em fevereiro de 2002. Graças a sua perseverança, seguida de demais companheiros, construíram sede própria na rua do Sítio. José de Jesus esteve à frente da primeira direção provisória por um período de dois anos. Sendo em seguida eleito para um mandato de três anos. Graças a sua militância política atualmente é vereador. Atualmente o presidente é o senhor Edson Marques Barreto.

EDJÂNIO: **José Edjânio Oliveira Ramos** nasceu em Carrapicho, é filho de Cícero Lino Ramos (Cilço Cachorrada) e Maria José de Oliveira Ramos, Edjânio começou logo cedo a fazer pintura, pois quando estava no pré-escolar já expunha a sua aptidão e com 10 anos ignorava o dever escolar e se entretinha com a pintura. Já expôs seus trabalhos feitos em telas à venda no banco do BANESE em Neópolis, o de maior valor custava R\$ 200,00 (duzentos reais), as molduras que ele pinta não tem título. Já ex-

pôs nove telas no teatro Sete de Setembro em Penedo e essa foi a sua 1ª exposição, pintou uma moldura representando a entrada de nossa cidade que foi vendida ao Padre Vicente e essa foi levada para a Itália. Atualmente o jovem Edjânio trabalha em uma empresa que restaura Igreja, porém ele está à espera de uma grande oportunidade.

A VIVENDA: As irmãs “freiras”, em 2003, compraram ao Sr. Manoel Candido a casa vizinha à garagem e a casa do Sr. Pedro Silva Melo, situada na Praça João da S. Barrozo, que era herança de seu pai, o Sr. Olímpio Melo. Na 1ª administração municipal a referida casa foi a prefeitura. Restauraram e atualmente é uma confortável casa onde ali recebem de portas abertas, com fraternidade, todos que vem da Itália e de todos os nortes (lugares) do mundo e de nossa própria cidade.

O CENTRO COMUNITÁRIO: Nossa senhora da visitação na rua São Vicente, de frente ao cemitério local, foi construído pelas as Irmãs (freiras), foi inaugurado em 30 de janeiro de 1993. A comunidade de Carrapicho até então quando necessitava de realizar reunião usavam escolas, sede de clube de futebol, a Fênix Club, a igreja e a sede da ASCOMCAR, Associação comunitária de Carrapicho, situada a rua São João.

Graças à generosidade das Irmãs o centro comunitário Nossa Senhora da Visitação passou desde sua inauguração a servir de ponto de apoio para reuniões, cursos, palestras, eventos festivos e até de albergue para visitantes, casamentos. As Irmãs disponibiliza o centro às pessoas que a procuram a custo zero. No dia 23 de setembro de 2005, sexta-feira de manhã, foi inaugurada a Escola de Informática Clique Fácil, tendo como palestrante Dr.^a Rosivan Machado, juíza de direito, e representantes de órgão governamental de Aracaju. Irmã Rita Tufano é a presidente da Associação do centro comunitário Nossa Senhora da Visitação. Quando

da inauguração foram instalados 10 microcomputadores, as aulas passaram a ser ministradas no período da tarde e da noite, com 20 alunos em cada horário, dois alunos por computador.

O professor era o Sr. Danillo, da cidade de Neópolis, e após a conclusão do curso o diploma foi concedido pelo SEBRAE. Após o primeiro curso, ficou sendo multiplicador o professor Tiago, o filho de China e Tathy, filha de Beбето, era cobrado R\$ 80,00 (oitenta reais) por aluno a título de consumo de energia e apostilha e ali me fiz presente. Paulo, o filho de Vavá, o jovem Fagner. O Clique Fácil. As Irmãs, ainda com suas ações solidária, mantém aula de reforço escolar para 23 alunos, 10 de manhã e 13 à tarde durante toda a semana as aulas são ministradas pela jovem Regiane Batista Moura, filha de Gentil.

ÁGUA DE CHEIRO: Naqueles tempos eram assim que se designava o perfume para nossa gente, essas águas de cheiro se encontravam à venda em quase todos os estabelecimentos comerciais, as marcas quase que não era levada em conta e sim a qualidade do produto. Lúcia e Paulo, ambos os filhos de Pedrinho Gastir, passam a serem os primeiros revendedores ambulantes de perfume em Carrapicho e as fragrâncias eram da AVON. A AVON se instalou no Brasil desde 1959 na cidade de São Paulo. Por volta de 1973, **Antônia Rosa Costa Fortes** (Tunda), filha de Zé Rodrigues, passa a ser a terceira revendedora dos produtos Avon aqui em Carrapicho, em seguida **Maria Suzanete** Santos, minha esposa, e depois a Senhora Creuza, esposa de Chicão, com a aceitação dos produtos o número de revendedores cresceu, mas as revendedoras pioneiras deixaram de venderem e minha esposa passou a ser uma fiel consumidora. Atualmente no Brasil existem cerca de 800 mil revendedoras da AVON, na sua grande maioria são mulheres. Atualmente em Santana existem revendedores de vários segmentos do mundo da perfumaria como: Natura, O Boticário, Blosson, Clorofila, Hinode e a própria AVON, todas

elas inovaram colocando no mercado também produtos de beleza e seus correlatos.

SANTANA FEST: O jovem Bruno Ricardo Soares Freitas, filho do Sr. Zequinha Gama, e o jovem Wesley Geibe, neto de Zé Rodrigues e Sr. Antônio Vieira Lima (Tonho Bundão), elaboraram um evento que era alusivo ao dia 06 de abril, dia da emancipação política do nosso município, e criaram o SANTANA FEST. O Santana Fest é formado pelo bloco PULAÊ, as camisas caracterizam as cores do camaleão que à noite, com as nuances das cores, as luzes refletem o mimetismo. O dinheiro para custear a festa é adquirido através da venda dessas camisetas, patrocínios de casas comerciais da região que ficam estampadas nas costas das camisetas e colaboração da prefeitura municipal de Santana do São Francisco quando pode. Na frente da camiseta se destaca o slogan do evento. A camiseta é uma camisa sem manga estilo machona, esse evento é realizado durante dois dias, sábado à noite e domingo começando pela tarde e terminando à noite.



O PRIMEIRO Santana Fest foi realizado em 22 e 23 de maio de 2004. No dia 22 de maio, sábado, a festa ocorreu na Praça Sete de Setembro, às 22h com o trio Folha Verde e a banda Cio da Terra, dia 23 de maio, domingo, o arrastão que começou na beira do rio às 16h, seguiu até o porto das balsas e retornou animado pelo trio elétrico Folha Verde e o cantor CID NATU-

REZA. A camisa no primeiro ano custou R\$ 10,00 (dez reais) e no segundo ano custou R\$ 15,00 (quinze reais). Em 21 e 22 de abril de 2007 a camiseta custou R\$ 20,00 (vinte reais), em 2013 a festa foi realizada só no domingo, dia 12 de 05, e a camiseta custou

30,00 reais, quem tocou foi a banda Valneijós em cima do trio Ospal, antes, porém, tocou a banda Atrevidos de Aracaju, saindo à tarde da COHAB Nova até à beira do rio. Esse evento de 2013 foi o sétimo desde que começou. De 2009 a 2012 só aconteceu o evento uma vez. Esse evento que foi criado para celebrar a emancipação lamentavelmente só saía na data de emancipação uma vez. O Santana Fest este ano de 2014 foi realizado domingo 20 de abril, tendo como o organizadores o jovem Pedro Ernado, filho do senhor Ernando Silva e de Maria das Graças Monteiro, e Carlinhos, do senhor Aderbal.

ABEMSP: Associação Beneficente Messias da Silva Passos, fundada pelo jovem José Edimar Santos de Carvalho em 16/09/2015. Com o nº de inscrição 23.568.813/0001-88 sendo esta uma entidade de natureza jurídica privada estabelecida na Praça João da Silva Barroso nº 23, na cidade de Santana do São Francisco. Finalidade: Desenvolver serviços de assistência social, esporte, lazer, arte e cultura. Projeto: Social Escolinha de Futebol Craques da Bola “Descobrimos atletas nas escolas”. Assistindo atualmente cerca de 60 crianças e adolescentes na faixa etária entre 7 a 16 anos. Tendo reconhecimento como de utilidade pública através da Lei Municipal de nº 212 de 10 de maio de 2016.

O FESTEJO DA RUA SÃO JOÃO: Como os festejos juninos de nossa comunidade desvaneceram um grupo de pessoas da rua São João se reuniram para propiciarem os festejos juninos na rua São João. Principais integrantes do grupo que realizaram a primeira festa de São João no ano de 2004:

- Adenildes dos Santos (Delildes)
- M.^a Auxiliadora Lima Santos (Dodôra)
- Débora Stos Cruz, minha filha
- José Wesley de Santana Barboza (Ueba), meu genro

- Lindinar Cezarino (Iá), minha afilhada
- M.^a das Dores de França (M.^a de Pai Vermelho)
- M.^a Laurinete Santos Cruz (Laura)
- Joyce de França Moura (filha de Nilzete)
- Davy Santos Cruz, filho de Gileno - Rodrigo, filho de Socorro
- Martelo e Caco, filhos de Tonho Preto- Cáca, filha de Didi-
M.^a Suzanete Santos Cruz, minha esposa.

Para brincarem arranjaram com Dudé, esposo de Socorro, madeiras e comadre Adelaide de Galdino comprou em Adélia um pedaço de plástico, armaram o barracão em frente à porta de martelo com cachoba e cobriram, foram ao mato, tiraram palha de ouricuri para enfeitar e dentro dele colocaram uma TV passando DVD de bandas. Em 2005 os organizadores do primeiro evento tomaram emprestada a armação do barracão que foi cedida pela prefeitura municipal e pelo jovem Wesley Geibe, ex-candidato a vereador, e o plástico da cobertura foi emprestado mais uma vez, a enfeitaram com palha de ouricuri e dentro do barracão foi colocado um som três em um para animar a festa, porém Bebel em uma das noites do dia 23 e 24 de São João se fez presente com sua pequena sanfona, entre arrasta-pé e goles de bebidas as noites juninas da rua São João ficaram festivas. Os festejos daí por diante seguiram-se agora animados por várias bandas de seresta de nossa cidade.

Tocou a banda Pedacos, de Carlinhos de Aderbal com Joãozinho e Fafá, filha de Toinho, como vocalista, na véspera e no dia de São Pedro de 2005 tocou a banda Desejos, do filho de Bindô, Wilmes Freitas Silva, vocalista Fernando de Francisco e Fagner, filho de Domício.

A rua ficou cheia de vendedores de batatinhas, pastéis, entre outros. As festas continuaram acontecendo e para que isso

acontecesse os próprios organizadores fizeram uma vaquinha e pediram ajuda também a algumas pessoas como: Ricardo Roriz, que cooperou com 150,00 reais, M.^a Suzanete, minha esposa, com 50,00 reais, Adelaide, com 10,00 reais, Laura de Pneu, com 10,00 reais e mais pessoas contribuíram e fizeram as duas noites de São João e de São Pedro. Em um dos anos.

A festa passou a ser feita pela a organização da prefeitura tendo até trio como palanque ficando em frente à porta de Diná e depois em frente à casa de Zé Pacarú. Esse ano de 2013 a festa foi moderada, só com uma festinha com grupo de seresteiro de Carlinhos de Aderbal e Carça de Neópolis.

TERCEIRA IDADE: O grupo da terceira idade denominado de “Sou da 3ª idade e vivo feliz” foi fundado em 1993 e é coordenado pela ação social, esse grupo tinha 100 membros. Os encontros eram realizados no centro Nossa Senhora da Visitação, é responsável pela organização e orientação do grupo a senhora Gelba (Gelda da Silva Santos). O GRUPO da 3ª idade denominado de “Idosos de mãos carentes” foi fundado com 119 membros em 1997, os encontros ocorriam às terças e sextas no antigo cinema na Praça 7 de Setembro, era responsável pela organização e orientação deste grupo a senhora Aurilia Campos de Santana (D. Nina). O TERCEIRO grupo de idosos está localizado no Povoado Saúde e é denominado de “Santa Clara de Assis”, iniciou com 36 membros e foi fundado em 1997 e se reuniam nos dias de domingo no grupo municipal Agesislao, atualmente graças ao empenho de D. Zizi (Maria Terezinha dos Santos) que é responsável pelo grupo, o mesmo tem sede própria situada ao lado do Posto de Saúde. O quarto grupo é do Povoado Saúde e é denominado de “Paz e Amor”, foi criado em 1992 com 62 membros, reuniam-se no bar Sorriso na rua São Francisco, o qual foi derrubado na administração do prefeito Ricardo Roriz, e era coordenado por D. Gildete Silva.



O POSTO TELEFÔNICO: No ano de 1987 é que a Associação comunitária de moradores de Carrapicho (ASCOMCAR) constrói, ao lado de sua sede no final da rua São João, um pequeno imóvel para implantar o ser-

viço de telefonia para satisfazer as necessidades de comunicação de nossa gente, principalmente dos artesões que tinham dificuldade de comunicação com seus fregueses, que estavam em partes longínquas, assim se fez e, em março de 1988, foi inaugurado com grande expectativa o posto telefônico. Funcionava com um mono canal através de rádio receptor da cidade de Propriá, dispondo apenas de uma cabine para chamadas e escuta. Em 1994 foi instalada mais uma cabine com ampliação para mais três canais, sendo dois canais para o posto e uma foi instalada na prefeitura. A prestadora de serviços era a empresa Telergipe. A demanda era grande principalmente no horário da noite quando a tarifa ficava mais acessível ao usuário e isso causava constrangimento, pois todos queriam fazer uso e alguns se sentindo dono da razão abusava, em consequência disso estipulou-se um tempo para cada pessoa telefonar, para tentar atender a todos. Surgiram problemas com ruído na linha e a tarifa pela prestação de serviço estava exorbitante, tendo quem diga que alguns telefonistas alteravam o valor da tarifa para ficarem com dinheiro.

O CELULAR: várias pessoas para evitar transtorno compraram telefone celular, que não foi a solução porque existia o problema de sinal. Com a implantação do posto telefônico quem mais se beneficiou com essa tecnologia foi, sem dúvida, os ceramistas. Em agosto de 2001, o posto fechou sua porta, os funcionários que eram telefonistas e mensageiros foram ocupar funções

em outros setores públicos do município. O primeiro cidadão a possuir aqui um telefone celular foi o Sr. Ernando R. Silva, e a possuir um computador foi Gabriel J. G. Barroso.

A TELEMAR: Ainda no 2º semestre de 2001, a Telemar começa a implantar telefones residenciais, em 25 de outubro do mesmo ano implanta o telefone da secretaria municipal de saúde e ao mesmo tempo instala orelhões nas ruas em pontos estratégicos para também servir a comunidade. Para os que podiam pagar a taxa de implantação e a taxa de serviço mensal, além da fatura, passaram a ter maior comodidade não dependendo da espera e do horário restrito das 7h da manhã às 22h. Atualmente quem presta os serviços de telefonia é a Oi e a taxa de serviços mensais dos telefones residenciais é de 42,00 reais, os telefones residenciais prestam ainda os serviços de internet com um giga por R\$ 39,90. Havia um grande problema, pois vinham cobranças de ligações não realizadas, por isso muitas pessoas cortaram a linha telefônica não admitindo ser vilipendiado. Para se ter uma ideia todo o cidadão que tinha telefone residencial se queixava da Telemar. Atualmente existem pouquíssimos telefones residenciais até porque a comunicação por celular tornou-se fácil, prático e barato o uso do pré-pago.

DONA ANTÔNIA DE SOUZA: é filha de Mané de Souza e esposa de Seu Ornobre, ela diz que começou o ofício de costureira muito cedo, quase que não brincou com bonecas e gosta do que faz que é costurar, ali ela encontra seu passa tempo, só sai de casa para ir à igreja rezar, costura para homens e mulheres mas a sua peculiaridade que me chamou a atenção é que sempre fez mortalha, porém até hoje não cobra um centavo sequer a quem o pede a mortalha, a mortalha é feita ao gosto do pedinte, chegando a colocar costura a moda antiga, usa dedal e aos 78 anos coloca a linha na agulha com habilidade, diz ela que com a modernidade as coisas estão mudando e os pedidos, principalmente de mortalha, são cada vez menores.

PEDRO REZADOR: Pedro Rezador foi uma daquelas pessoas que nasceu com o dom de ser mezinheiro e um guia espiritual, esse seu apelido se deve ao seu ofício. Pedro Rezador comprou um pedaço de terra ao senhor Mane Clemente e D. Geralda, sua esposa, que eram donos do Povoado Tenório, no seu pedaço de terra ele construiu sua residência, é ali que passa a ser o centro de apoio para quem buscava ajuda para a cura de suas enfermidades materiais e espirituais, em sua casa tinha um terreiro onde se realizava o culto afro, pela fé dos que lhe procuravam e pelos trabalhos bem administrados seu Pedro Rezador angariou em pouco tempo fama e em toda região o seu nome era sugerido para resolver problemas do equilíbrio do corpo e da mente, por tais necessidades muita gente de Carrapicho recorria aos seus préstimos, com o decorrer dos tempos seu Pedro Rezador adquiriu prestígio de nossa gente e um grande número de adeptos.

No dia 13 de junho de cada ano, dia de Santo Antônio, para agradecer o seu Santo Padroeiro, seu Pedro realizava uma grande festa e junto com seus moradores que habitavam próximo ao seu lar oferecia acolhida para todos que ali chegassem, no dia da festa tinha para o divertimento das pessoas brincadeiras de barco, sombrinha, roda gigante e para os adultos tinha o arrasta-pé com dança de sanfona. A tradição da festa era o quebrar de cabacinha cheia de água de caju, que ao ser lançada na pessoa se espatifava, seu Pedro fazia garrafada para alguns tipos de doença, para tantas outras ele rezava. Conta-se que ele conhecia do pensar das pessoas, pois nos relatos que me foi dado alguém disse que aproveitando dos festejos, foi até lá para resolver um problema espiritual, como era menor de idade foi acompanhado de sua tia e participaram da festa que estava tão boa que se esqueceu do objetivo principal. E ao término da festa quando estava se arrumando para regressar para o seu lar, seu Pedro chegou e disse: “fulana, cadê a encomenda?” “Êita seu Pedro”, respondeu a tia, “eu já estava es-

quecida!”. Seu Pedro disse “Fulana você está me testando?” ele se recolheu com as duas e disse tim-tim por tim-tim do problema da menina e em seguida solucionou o problema. Na vinda as duas ficaram admiradas com tamanho conhecer dos fatos. Seu Pedro, através da sua meditação e de deveres por ele recomendados para o paciente, resolveu a situação precária de muitos. Seu Pedro faleceu e hoje onde era o seu pequeno arraial é a fazenda de fruticultura H. DANTAS.

A FONTE DO MOCAMBO está situada na lagoa de cima, na propriedade do Sr. Juventino. Esta fonte ao longo de sua existência saciou a sede de muitas pessoas e alimentou a imaginação fértil de tantas outras, ali no passado era um local ermo por isso era conhecido como um local mal-assombrado. Várias pessoas relatavam que mesmo durante o dia abandonava o local em azáfama por se deparar com uma mulher de características singular chamando-o, via-se também um bode saindo labaredas pelas narinas. Falavam que uma linda mulher vinha em sonho oferecer riquezas em prata e ouro, inclusive uma enorme corrente que deveria ser desenterrada em plena meia-noite, quem o fizesse ficaria rico e quebraria o encanto que ali existe, porém os cabras machos de plantão reclamavam que a visagem só oferecia a botija aos frouxos.

O PASSADIÇO: Bem próximo ao Mocambo, ainda na propriedade de seu Juventino, existia um passadiço debaixo de um pé de cagoeiro, tinha uma estrada que vinha sair perto do Juazeiro que tinha uma pedra onde Zé Dunizio, Zé de Bida, Aluízio, pai de Antônio dos Anjos e sobrinho do meu pai, e o meu próprio pai aprontavam barro, era estrada única para quem vinha da lagoa e queria sair próxima a cerâmica de seu Edgar. Lembrando que a lagoa estava em atividade durante todo o ano entre limpa, plantação, colheita e pescaria, isso fazia com que as pessoas passassem por ali, mas tinha pessoa que evitava passar por causa do

encanto da serpente. Algumas pessoas ao passar por aquele passadiço se depararam com a serpente com a qual se comentavam, ambos ficavam inerte por certo tempo. A serpente era bonita e a pessoa ficava possuída pela sua beleza e pela maneira que a cobra se comportava, dava a entender que ela queria se comunicar, dizer-lhe algo e a pessoa ao ficar lúcida afastava-se imediatamente do local, porém a lembrança o marcava definitivamente e quem a viu diz que não tem cobra com as características iguais em toda região, pois a sua formosura é indiscutível.

A FONTE DO MANGÁ: A fonte do mangá localizada na propriedade do Sr. João Barroso, antes era um minadouro a céu aberto como todos os outros ali existentes, mas por estarem em um lugar bem localizado as pessoas adentravam a mata formada por densas moitas de calumbí para pegar aquela água límpida e espriada que ali se encontrava para o consumo, quando o rio São Francisco estava em plena cheia, as águas ficavam barrentas (túrbidas), a demanda aumentava e as pessoas faziam fila para coletar água naquele local. Com a grande cheia do ano 1960, Manoel de Oscar, como tantos outros usuários, matutou e chegou a uma conclusão, chamou seus irmãos Edite, Milton e seu irmão José Calado, fizeram uma picada de aproximadamente 100 braças de comprimento no calumbí para a água escorrer, limparam a área do olho do minadouro, que estava em ebulição, pegaram um tonel de ferro tiraram o fundo e a tampa, colocou sobre o olho da nascente que tão logo transbordou água fria e cristalina, observando aquela atitude o Sr. Eronildes G. Sacramento solicitou ao prefeito de Neópolis a construção de uma alvenaria para fonte, foi atendido e por volta de 1964 o pedreiro José Vieira Santos (Zé Tintino) fez a cobertura lajeando a nascente e as pessoas foram beneficiadas. Ao cair da tarde com o término da labuta diária, o movimento era intenso. Homens, mulheres e meninos carregavam água em potes e latas, quase que a noite toda também, o vai e

vem das pessoas lembravam o caminho da saúva no roçado. Surge a DESO e as pessoas deixaram de fazer uso da fonte do mangá, que atualmente se encontra abandonada.

O TREM DA ALEGRIA: Em todo o Brasil parte dos empregos públicos municipais, estaduais e federal eram preenchidos por indicação de um cabo eleitoral, que representava o seu político que estava no poder. Isso só findou com a aprovação da Constituição de **1988** que extinguiu esse privilégio. Passando a investidura nos empregos públicos a depender de aprovação prévia em concurso público. Indicação e nomeação para o emprego público era uma prática habitual desde 1808 quando o príncipe português D. João e a família real chegaram ao Brasil, fugindo das tropas napoleônicas. Aqui D. João começou a distribuir favores e privilégios entre eles, nomeações para cargos públicos. Prática consensual dos que tinham o poder nas mãos e acreditam que é: “Dando que se recebe”.

No então povoado Carrapicho as regras do jogo não foram diferentes e dezenas de famílias foram beneficiadas com o emprego público de um ente querido, graças a Eronildes Gomes do Sacramento, Mirian Silva, Eufrásio de Oliveira Forte e Antônio dos Anjos, que pelo o ensejo de suas atividades políticas indicaram inúmeras pessoas para se empregarem na rede municipal de Neópolis e tantas outras na rede pública estadual sendo a maior parte na área da educação. Então a enxurrada de empregos que começou a surgir no Estado de Sergipe por volta do ano 1983. A ação de empregar por indicação recebeu dos populares o sugestivo nome de Trem da Alegria.

Os provedores de tantos benefícios foram: Sebastião Campos de Jesus Lima, prefeito municipal de Neópolis (1983-1986), entre outros, e Dr. João Alves que foi governador de Sergipe por três mandatos (1983-1987; 1991-1994; 2003-2006), tendo Antônio

Carlos Valadares como o vice no seu primeiro mandato. Valadares viera a ser governador de Sergipe em 1987-1991, antes porém fora deputado estadual. Teve Nicodemos Falcão à frente da secretaria de educação do estado de 1984/1985, mas que também fora deputado estadual, e dona Maria do Carmo, esposa de Dr. João Alves, que se elegeu senadora por três mandatos, esteve à frente da LBA em Sergipe. Dr. João Alves nos dois primeiros mandatos e os demais supracitados(as) promoveram os empregos.

Eronildes Gomes do Sacramento, nome forte na política local fora cabo eleitoral (militante político), vice-prefeito e prefeito. O governador João Alves viajou para o exterior e assumiu Valadares, que era o vice e de imediato. Valadares promoveu a admissão de funcionários na rede estadual sem concurso, então com o apoio de Valadares o senhor Eronildes empregou de uma só vez **21 pessoas** no grupo estadual Antônio Mathias Barrozo, depois seguiram outras nomeações. Sendo beneficiado até pessoas de Neópolis e inclusive do povoado Mussuípe, que foi empregada na Deso. Entre as pessoas beneficiadas estava o seu filho, Barão, que foi empregado como assistente administrativo no Colégio Mathias Barrozo, aqui em Carrapicho. Entre a esfera estadual e municipal o senhor Eronildes empregou **mais de 50 pessoas**.

Mirian Silva (Dona Cilça) que fora militante política, uma das pioneiras na educação do povoado, diretora do Colégio Mathias Barrozo, no qual ajudou a construir, tinha uma forte ligação com o senhor Nicodemos e a seu pedido Nicodemos empregou mais de 20 pessoas também no Mathias Barrozo. Ao fim da temporada, Eronildes e Dona Cilça indicaram e foram empregadas 62 funcionários no Mathias Barrozo. Tendo José Viana, seu esposo, como um dos beneficiados. Em uma das etapas de admissão o próprio Nicodemos veio a Carrapicho e empossou os funcionários. Eram eles serventes, executor de serviços básico e professores.

Eufrásio de Oliveira Forte que fora vereador e militante político, empregou várias pessoas tanto no município como no Estado. Eu, Roberto, estava entre as pessoas empregadas por indicação de Eufrásio na prefeitura municipal de Neópolis, exercendo o nobre ofício de professor no grupo Afonso de Oliveira Fortes (86/87). A pedido de dona Maria do Carmo, que estava à frente da LBA, Eufrásio cedeu, através de concessão (empréstimo), o prédio da Sede da Batucada Unidos da Cerâmica Nossa Senhora de Fátima, situado ao lado da delegacia de polícia, no qual ele era o fundador e presidente, para implantar a Escolinha. Por gratidão Maria do Carmo ofereceu a Eufrásio os empregos que seriam necessários para o funcionamento da referida Escolinha, dentre os empregados estava Beto Doido, o seu filho, e Maria de Murilo a qual passou a ser a diretora. Por isso a Escola passou a ser chamada de “**Escolinha de Tia Maria**”. Anos depois, Beto Doido e mais alguns funcionários aderiram ao “PDV” plano de demissão voluntária. Entre a rede municipal de Neópolis e o setor de educação estadual Eufrásio empregou aproximadamente 20 pessoas.

Antônio dos Anjos, que fora vereador e militante político, por ensejo de suas atividades também indicou inúmeras pessoas para se empregarem na rede municipal de Neópolis, do qual nosso povoado fazia parte, entre essas pessoas estava a sua companheira Izabel, filha do senhor Ranulfo. O próprio Antônio dos Anjos foi empregado no Colégio Antônio Mathias Barrozo, passando a ser funcionário estadual. Antônio dos Anjos empregou **14 pessoas** na rede municipal de Neópolis. **Foram** Eronildes, D. Cícera, Eufrásio e Antônio dos Anjos que através dos governantes supracitados que concederam aos vários filhos, filhas e famílias do povoado Carrapicho o tão sonhado **emprego**, proporcionando felicidades e dias melhores.

Gentes e Fatos

A FAMÍLIA: Lar doce Lar, é em seu aconchego que se constitui uma família, é ali que os filhos guiados pela benção dos pais cresciam com o sentido da vida, o amor da família mantinha-se pela solidariedade e suscitava a moral que moldava o caráter permanente de cada filho que iria se constituir em um cidadão.

MODOS: No passado algumas palavras eram proferidas pelos meninos e meninas no dia a dia. “Bença pai, bença mãe, bença madrinha ou padrinho” ou quando se deparava com uma pessoa mais velha ele dizia “bença tia ou bença tio”, isso por sinal de respeito. Ainda se usava “com licença, por favor, boa tarde, boa noite, o senhor, a senhora”, dificilmente se empregava a palavra “você”, era com essas boas maneiras que as pessoas se tratavam respeitosamente apesar de na grande maioria não terem instrução escolar, eram esses bons hábitos que formavam uma comunidade saudável e respeitosa.

A DISCIPLINA: Quando um filho errava era disciplinado, o pai o chamava e mandava-o ir buscar um cipó para levar uma surra e o filho ia buscar o cipó.

A ESPOSA: Quando pequena aprendia os afazeres do lar, quando mulher não faltava ao marido, a acolhida e reparo nas vestimentas, como costurar, etc.

O ESPOSO: No tino da sua educação o homem era voltado para a servidão da família, não se atendo para as traquinagens do mundo.

AS VESTIMENTAS: Dependendo da época usava-se tecido e calçado com formas exclusivas, por exemplo tamanco, feito de madeira leve com o rosto do tamanco fechado que levava o nome de tamanco de jeito, além de vários tipos de tecidos usados chamados de: chita, fustão, sirôco, amesca, brim, cutim, casimira e algodão.

OS HOMENS: Os homens usavam suspensório para sustentar as calças e como peça íntima usava ceroula ou cueca sambacção além de estar sempre com um chapéu sobre a cabeça.

AS MULHERES: As mulheres usavam um volume enorme de roupa, os vestidos ou saias eram tão grandes que cobria o tornozelo e quando, por descuido, o homem via a batata da perna da mulher era motivo suficiente para ele ficar libidinoso e perpetuar desejos por aquela mulher. As roupas íntimas da mulher eram: anágua, caussola, corpete ou califom.

ENGOMAR: As mulheres às vezes engomavam roupa com tapioca, para isso colocava goma na água e levava ao fogo e sobre ela colocava a roupa depois que fervia retirava a roupa, espremia e colocava no sol, depois colocava sobre a mesa, salpicava água e passava o ferro de engomar, que era aquecido com brasa.

A HONRA: A castidade feminina era primaz e era cultivada por toda família, a sociedade no convívio desse dilema cobrava de maneira absoluta um comportamento ilibado das meninas, quando isso fugia as regras elas eram as únicas a serem vilipendiadas por tal sociedade. A mulher quando perdia a honra e não casava sofria depreciação e era olhada com desprezo, quando a mulher perdia a honra dizia-se “Fulana perdeu a honra, perdeu o cabaço, perdeu a virgindade, deixou de ser pura, se perdeu, foi deflorada”. A honra tinha um alto valor do qual a mulher preservava cautelosamente e quando a perdia a única coisa que reparava a perda era o casamento. A perda da honra malsucedida acarretava em fuga do desordeiro para não casar apulso (forçado), pois o preço de uma honra era a morte causada pelo pai da moça ou familiares, na perda da honra envolvia duas famílias, ou melhor, dois pais que culminava em desordem, às vezes ocorriam litígio judicial ou a consumação do casório, mesmo que após o casamento cada um saísse por um lado da porta e iam viver separada-

mente, mas a honra da moça tinha sido reparada e ela passava a reconquistar a sua dignidade social. Atualmente se comenta que se a honra feminina fosse um remédio e se um paciente estivesse em fase terminal, necessitando desse remédio, morreria, pois em nome do prazer, poucas são as moças que se resguardam preservando o hímen e a dignidade. A maioria das moças dizem que não querem casar, só querem **ficar!**?

TRIBUTO: Foram por essas famílias que se instituiu o dia da família, que é o dia 10 de março de cada ano. Recordo-me de em Carrapicho, onde todos viviam com atitudes humanitárias e celebravam a fraternidade, os valores morais das pessoas eram compartilhados e a paz se fazia presente.

Lampeão em Carrapicho



O cangaço fez sua história por um longo período negro de 1877 a 1940, com todo o tipo de barbárie, o 1º grupo de cangaço foi constituído pelos líderes Jesuíno Brilhante e João Calangro. Nasce em 04 de Junho de 1898 Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, na Fazenda Ingazeira de propriedade de seus pais no município de Vila Bela hoje Serra Talhada-PE. Virgulino passaria ser a figura mais polêmica da história do cangaço, não por sua generosidade, ao contrário, ele e seu grupo, a partir de 1918, começou as suas extremas crueldades, homens do bando como Zé Baiano era conhecido como ferrador de mulher, costumava ferrar as mulheres no rosto ou nos seios e estuprava mulheres de todas as idades.

Volta seca, Boca preta, Canário, Faísca, Sabonete, Canjica, Jararaca, Meia Noite, Pancada e Vila Nova, todos eles não menos cruéis infames assassinos. O bando agia nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Sergipe. É nestas andanças e neste clima de terror que se faz saber que Lampião e seu bando estariam chegando ao então povoado Carrapicho. A partir do ano de 1928 até o dia de sua morte, em 1938, Lampião e seu bando tinha presença constante em nosso estado. Sabendo da notícia, famílias inteiras do nosso povoado abandonaram seus lares, refugiando-se nas matas ou indo para a casa de parentes ou amigos em outras cidades, teve quem cruzasse o rio e procurasse abrigo nas ilhas.

Foi um Deus nos acuda, um verdadeiro pandemônio, algumas pessoas cavaram buraco no quintal para esconder as suas economia, mulheres grávidas a terem abortos, todos ficaram em pânico, alguns fugiram só com a roupa do corpo, o desespero foi tanto que alguns pais que tinha uma arredada (muitos) de meninos quase que deixaram alguns de seus filhos para trás, tamanho era o desespero, as localidades de Saúde, Valentim, Brejo e Carrapicho ficaram quase que deserta. **Maria da Conceição Oliveira** (D. Birita) não correu porque seu filho era pequeno, o Sr. Afonso de Oliveira Forte, seu esposo, não se encontrava, pois tinha ido a Propriá comprar mercadoria pra surtir o seu comércio, sendo este o maior comerciante do povoado Carrapicho.

Seu Messias Bacalhau ainda menino e morador do Sítio Valentim tomou a atitude de ser uma atalaia, no lombo do seu cavalo veloz chamado Passarinho percorria a estrada do Valentim, indo e vindo a Saúde e Carrapicho para testemunhar a chegada de Lampião.

No povoado Saúde a senhora Cecília, estando em casa enquanto seu marido, o senhor Elísio José de Santana, se encontra-

va na roça, ficou em sofreguidão ao ver sua pequenina filha Jovelina, nascida em 1932, chorando e implorando para que fosse escondida dentro do oratório de sua casa. Os pais de D. Linda, esposa de tio Agripino, e tantas outras pessoas do Povoado Saúde adentraram a mata e pernотitaram sob a luz de candeeiro, as crianças ao necessitarem de alguma coisa faziam mímica aos seus pais, porém Lampião por aqui não chegou e a comunidade voltaram pra casa, mas tenso de expectativa.

Acredito que Lampião não passou por aqui, por estarmos próximo de um grande centro urbano, Penedo, e por ele ser devoto de Nossa Senhora Santana, da qual ele tinha grande veneração. Narrou o Sr. Agesislao, dono da fazenda Várzea Nova, que Lampião passou no povoado Pindoba, deve ser nesse dia que o pessoal de nosso povoado pensou dele passar aqui. Ele também esteve na cidade de Japoatã, antes chamado de Jabotão, lá estando foi até o Padre Arthur e pediu licença para assistir uma missa, Padre Arthur disse umas coisas a ele, falou que um bandido como ele não poderia entrar na casa de Deus, porém Lampião reclamou! “Padre eu também sou filho de Deus!”, o Padre deu uns conselhos a Lampião e acabou mandando que ele e seus cabras deixassem as armas do lado de fora da Igreja e entrassem para assistir à missa.

Contou-me São Pedro Marcelino (M. Pêda), uma das memórias vivas daqui, que Lampião e seu bando com 20 homens aproximadamente por volta do ano de 1934 visitaram a cidade de Japoatã às 09h da manhã de uma segunda-feira, invadiu a casa de uma família, o seu proprietário estando ausente, ele estuprou a dona da casa, que tentava fugir por um lamaçal no quintal. No mesmo dia quatro capangas de Lampião, com uniforme de amesca cor azul, surgiu na fazenda Ladeirinha, na casa de D. Salú, esposa de José Feliciano, onde ela estava arranchada. Diz São Pedro Marcelino que eles pediram para comer e que ao terminarem de se alimentarem agradeceram e seguiram viagem para o povoado

Ladeira, deixando todos em paz naquela casa. Ao chegarem ao povoado Ladeiras invadiram a casa do senhor conhecido como Moço, ele para não ser morto fugiu tendo sua casa saqueada, na rua os quatro cabras jogavam dinheiro para o ar.

Contou-me dona Eremita (**Henerita**) que a chegada da família de Manoel Riachão, seu pai, em Carrapicho, se deu por Lampião com seu bando ter passado em sua casa na fazenda Riachão, município de Glória. Chegaram com 20 homens e cinco mulheres, às 08h da manhã pedindo para comer, depois de terem saciado a fome deram dinheiro em recompensa, porém, disseram que se falassem da sua passagem por ali voltavam e matariam a todos, a família composta de 11 filhos foge e em 1936 chegam a Carrapicho.

O estado mais visitado e revirado por Lampião e seu bando foi o estado de Sergipe, aqui ele era tão acolhido que até as pedras eram suas amigas: Na página 388 do livro intitulado *Lampião as Mulheres e o cangaço*, de autoria de Antônio Amaury Correia de Araújo, Traço Editora (2012), o cangaceiro Zé Sereno afirma que vindo ele e seu bando das imediações entre o município de Capela e Malhada dos Bois, em Sergipe, embrenharam-se para a banda da praia, estiveram em uma fazenda situada entre Neópolis e Ilha das Flores, chegaram às margens do Rio e viram a maré do mar. Isso coincide com o relato da senhora São Pedro sobre a presença de cangaceiro na fazenda Ladeira, onde ela se encontrava.

O REINO ENCANTADO: A história que será descrita foi verdadeira, aconteceu com quatro jovens no ano de 1970. Esses quatro jovens eram pessoas ilibadas da nossa comunidade e o fato foi sabido por todos.

- Lúcia Helena, filha do Sr. Moacir;
- Núbia, filha do Sr. Lao e D. Dulce;
- Maria Suzanete, filha de D. Salvelina;
- Ninha, filha de Lindaura de Regino.

Era habitual aquelas três jovens percorrer a estrada do mangá e cruzar o riacho, ir até a bica do Sr. José Feitosa (Zé Pirão d'água) e lavarem roupas. Como toda moça na flor da idade tinha suas fantasias, uma delas era a de encontrar o seu príncipe encantado, ali onde elas estavam era o local onde toda comunidade relatava o encantamento de um reinado.

Núbia, Lúcia Helena e Ninha ao acabarem de lavarem as roupas no horário da manhã como de costume, aproveitando o céu límpido estenderam as roupas para enxugarem sobre a grama do pasto e começaram a conversar. Lúcia Helena disse que ali tinha um reino encantado e como estava namorando comentou se aparecesse alguém pedindo pra ela quebrar o encantamento ela o faria, pois ficaria rica e casava logo.

Porém Ninha retrucou, disse que não queria pois “quem não me deu suas coisas em vida não me dê em morte que eu não quero”. Nesse diálogo o tempo parou de maneira a incomodar a elas e de repente aconteceu um leve redemoinho que deixou a mata e a grama frescas do orvalho encrespadas e apareceu subitamente um cavalo com a rédea de ouro todo arreado, o ouro da rédea reluzia e o cavalo espezinhava o chão com as patas dianteiras e fixava o olhar para elas como se quisesse comunicar-se. O tempo ficou pasmo e elas sentiram que aquilo era sobrenatural, ligeiramente apanharam as roupas e correram para casa, ao chegarem a casa narraram o acontecido a seus pais e vizinhos, logo a notícia estava em todos os ouvidos.

E então durante o dia Lúcia Helena foi tomada por um sono profundo e sobre a Cama ela entrou em transe, começou a conversação e ela falava por ela e pelo homem que se dizia ser um príncipe de nome André, e era irmão da Princesa Lígia.

Esse homem de voz agradável falou que ele e seu reinado tinham sido encantados por uma bruxa malvada, que ele e seu rei-

no se transformaram em pedras no local da bica, nesse momento da conversa transportou Lúcia Helena em sonho até o local do reino encantado, lá ela observou que o castelo tinha grande quantidade de ouro e joias e viu também a imagem da padroeira do nosso povoado Nossa Senhora Santana sentada, e a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, o príncipe falou pra ela que quando o reino fosse desencantado era pra ela levar a imagem de Nossa Senhora Santana para a capela dela, e a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres era pra subir rio acima em uma embarcação, quando chegassem à barra do Ipanema, às margens do São Francisco, de frente à capela, jogasse a imagem dentro d'água que ela iria até a sua capela. Depois dessa conversa o príncipe André lhe deu uma joia e Lúcia Helena colocou no dedo, porém ao chegar ao portão do castelo tirou o anel e disse a ele que ia deixar o anel fixado na ponta de uma estaca, pois aquele anel era muito caro e não teria como se explicar ao pai se chegasse a casa com ele, repentinamente acordou-se e levou um grande susto, pois estava rodeada de pessoas a observá-la com admiração por ouvir aquela dupla conversa de odisseia por uma só pessoa.

Maria Suzanete soube do ocorrido à noite e comentou “comadre Ninha (comadre de fogueira) não teve coragem de desencantar o reinado mas eu tenho” quando foi de manhã ao chegar ao seu trabalho, na casa de D. Clotilde, funcionária do correio, este era dentro da própria residência ao lado da gruta na Vila Operária da Passagem, ao acabar de tomar café Suzanete viu surgir do tempo, que estava em mormaço, um vento forte, um verdadeiro redemoinho que sacolejou as árvores do quintal e invadiu porta adentro e tomou Suzanete com um pesado sono, ela procurou refúgio na cama e mal chegou nela adormeceu sobre a cama atravessada, logo foi arrebatada por um sonho e foi levada até a bica onde ouvia e via todo o seu habitat, as árvores rangiam, os pássaros cantavam e o chuá, chuá, permanente da queda d'água. Então escutou a voz

de um homem que lhe perguntou: “Você disse que tinha coragem de desencantar o reinado?” Suzi com a cabeça asseverou que sim, quando estava nesse diálogo D. Clotilde chegou e disse “Suzi, uma hora dessas dormindo! Que coisa estranha o que aconteceu com você?”, Suzanete acordou mas ainda ouviu o homem dizer “eu ainda volto pra lhe explicar e você desencantar o reinado”.

Suzanete estava acordada mas estava ariada (sem tino) e no seu consciente pensava que já era a tarde e falou: “D. Clotilde eu já vou pra casa”, D. Clotilde disse “minha filha ainda é o horário da manhã”, aí ela deu conta de si e explicou a D. Clotilde o que havia acontecido.

Nesse mesmo instante em Carrapicho Lúcia Helena tornou a ser possuída e o príncipe falou a ela que ele tinha acabado de chegar da Passagem, pois tinha falado com Suzanete e ao vir da Vila Operária da Passagem também viu o pai de Lúcia Helena limpando as vidraças da fábrica onde trabalhava, ao ser averiguado tal fato foi constatado que o pai de Lúcia Helena estava limpando as vidraças. O príncipe disse a Lúcia Helena o motivo de ter ido onde estava Suzanete, é que ela disse que tinha coragem de desencantar o reinado. Lúcia Helena falou ao príncipe que era de mal de Suzanete, ele respondeu que não tinha nada a ver com isso, que o objetivo maior era o desencantamento do reinado e comentou a Lúcia Helena dizendo “vá você, Suzanete e Núbia à tardezinha até as taquaireiras que ficava vizinho a bica e levasse uma vela e uma caixa de fósforos e chegando lá vão encontrar debaixo das taquaireiras três pedras, uma de vocês, pegue-as e siga adiante quando chegar à cancela, que dá acesso para bica, uma das três tem que ficar e as outras duas devem seguir adiante, lá o cavalo vai aparecer, quando ele estiver diante de vocês pegue uma pedra e jogue na testa do cavalo, outra jogue no peito e a outra por baixo dele e o encanto se quebrará”. Ao sair do transe a casa estava cheia de

gente que ouvira estarecidas aquele diálogo que Lúcia Helena vez falava por si, vez falava pelo o príncipe, todos admiravam aquele fato.

No dia e horário marcado Lúcia Helena e Núbia foram até o local indicado, mas não levaram Suzanete, que a ela também não deram conhecimento dos fatos, como se não bastasse esqueceram-se de levar o fósforo, só levaram a vela, ao chegar de baixo da taquaireiras não encontraram as pedras, pois tinham quebrado as regras e a sequência de fatos que deveria acontecer não aconteceu, voltaram desiludidas e nunca mais mistério algum aconteceu, mas a história ficou notória pelos populares. Quanto das ocorrências dos fatos, Zé Pirão D'água, encabulado, pois se via na eminência de perder a terra, dizia que se desencantasse o reinado Carrapicho viraria um buraco.



O SR. AGNALDO E AS SANDÁLIAS: Em 1962 surgiram as sandálias Havaianas, O Sr. Agnaldo, sobrinho de Seu Ervécio, chega aqui com sua família em 1967, passa a residir em uma das casas de seu Olímpio, na Rua São Vicente, onde hoje é a lojinha de confecção de Luís, e instala uma máquina e juntamente com sua família começa a produzir sandálias com os mesmos materiais da Havaianas, só não era a mesma marca. Essas sandálias logo tiveram aceitação, à noite ele lotava a sua picape de sandálias e viajava para ao amanhecer ele vender nas feiras livres e em casa de comércio de várias cidades, com ele viaja Chico Doido, que tinha vindo em sua companhia, esse rapaz com sua ingenuidade e peraltice conquistou a confiança e o afeto de todos nós. Agnaldo permaneceu aqui por uns dois anos e se foi, porém Chico Doido ficou pois adotara Carrapicho como seu lar e o povo como sua família. Para o seu

sustento ele trabalhava carregando cerâmica em cesto para o nosso porto, depois foi residir na cidade do Cedro de São João, lá esse sujeito gracejador faleceu tão sozinho quanto o seu pensamento de liberdade.



MISS SANTANA: Aconteceu o primeiro concurso de Miss Santana, o evento foi organizado pelo fotógrafo Barrozo, que tem um pequeno estúdio em Neópolis, o concurso foi realizado no Colégio Estadual Antônio M. Barrozo, na noite de sábado de 05 de novembro de 2005, a prefeitura custeou uma parte e outra foi conseguida com os ingressos de R\$ 5,00 (cinco reais) cada, eram sete concorrentes, sendo cinco daqui e 2 do Povoado Saúde, a faixa etária era entre 15 e 17 anos e tinham o curso médio. A vencedora foi a jovem Natália Silmara da Silva Santos, filha de José Augusto dos Santos Silva e Cristina Vitorino, residentes na rua Santo Antônio. A jovem tem 1,64 m de altura, pesa 45 kg, a vencedora ganhou um curso básico de informática oferecido pela Clic Informática de Neópolis. Sábado dia 03 de dezembro do mesmo ano Natália concorreu ao concurso de Miss Sergipe na AABB em Propriá, entre as 22 concorrentes a felizarda foi a Miss Propriá que passou ser a Miss Sergipe 2006.

ZÉ PIRÃO D'ÁGUA: como era chamado o senhor José Feitosa, nasceu no povoado Santa Cruz no Município de Propriá em 1º de abril de 1917 e faleceu em 1998. Sua esposa era a senhora Maria Henrique (Feitosa), conhecida como Dona Bia, que nasceu no povoado Carrapicho em 11 de novembro de 1919, dessa união conjugal tiveram 11 filhos, mas só vingaram oito. São eles: Floracir Feitosa (D. Birunga), a filha mais velha, Jaime Feitos, Maria Feitosa (D. Bília), José Filho Feitosa (Zé Piluca), Maria das

Graças, esposa do senhor Ramalho, Carlos Feitosa, vereador por vários mandatos, Ana Maria Feitosa (Aleide), Alcy Feitosa, esposa do senhor Cornélio. Teve ainda cinco filhos extraconjugais com a senhora Neuza e mais um com a senhora Irene, que foi Nezito. Ele tinha três irmãs, Dona Eugênia que morava na Praça Sete de Setembro, dona São Pedro que residia a rua São João, e dona Cândida que residia a rua Santa Luzia ao lado da cerâmica do senhor Joel, o qual era filho adotiva dela, assim como D. Cândida adotou já em Carrapicho a menina Deilse que é mãe de Dimarães Canuto.



Zé Pirão D'água era um homem que viveu incessantemente na labuta buscando o sustento de sua família. Chegando ao povoado Carrapicho começou a trabalhar batendo tijolo maciço (fazendo), com o dinheiro apurado do seu trabalho dia de sábado ia à cidade de Penedo para fazer a feira, lá chegando se entocava numa furna “casa de jogo de baralho) e gastava quase todo o dinheiro ou às vezes

todo, voltando de Penedo sem os alimentos, sendo necessário muitas vezes recorrer ao pirão d'água para se alimentar. Por isso lhe rendeu o apelido de Zé Pirão D'água. Carlos Feitosa me contou que seu pai deixou de beber e jogar baralho ao mesmo tempo, tendo como fato decisivo de deixar a bebida é que certo dia vindo bêbado para casa, situada na Praça Sete de Setembro, beirando a rua, quando levou um tombo, que o fez pender em sentido da porta de sua comadre, a senhora dona Lau, mãe do senhor Bindô, essa pôr sua vez pensou que ele a queria pegá-la. Envergonhado, seu Zé Pirão D'água tomou a decisão mais acertada de sua vida, deixou de beber e jogar. Daí por diante concentrou ainda mais a sua vida ao trabalho e diversificou suas atividades. Deixou de bater tijolos e começou a matar porco para ven-

der na feira livre daqui, depois começou a matar boi, deixando esse ramo para seus dois filhos Jaime e Zé Piluca. Passou a ser cambista de peixe da porta d'água do senhor Pedro Silva, da porta d'água do senhor João Barroso e da Tapajé do senhor Manezinho da Cachaça, “Manoel Raimundo da Rocha Filho”, na fazenda Várzea desses dois últimos produtores ele comprava toda a produção, levando o peixe para ser vendido em Penedo. Chico Saboia tomava conta da Porta D'água da lagoa de baixo, pertencente à família Barroso. Ele era casado com a senhora Maria Salia, esta era mãe do senhor Virgílio Marques, que era botador de lenha para os oleiros de Carrapicho. Um balaio de peixe custava, em certa época, 800 cruzeiros e cada cesto pegavam aproximadamente de 18 a 20 kg de peixes. Dizia Virgílio “Que mulher é como jegue só vai à pancada”.

Então Zé Pirão d'água passou a ser o segundo homem mais rico do nosso povoado, só perdendo para o senhor Pedro Silva que foi o filho mais bem-sucedido de nossa terra. Já próspero passa a ser proprietário da ilha de São Pedro, da propriedade Chico da Luz, das terras ao lado do povoado Brejo da Conceição, da terra que atualmente é o conjunto habitacional Albano Franco “COHAB Nova”, de terras no meio da lagoa de cima, de terras no Sítio Valentim, proprietário da canoa que passou a ser lancha Anil, que era pilotada pelo senhor Góis, esposo de Osvaldina, dono de máquina de bater arroz, dono de cavalos, gados, muito gado, de maneira que quando a sua boiada vinha dos pastos do tabuleiro para ir para sua ilha, cruzando o nosso povoado, as primeiras cabeças de gado já se encontrava quase na beira do rio e as últimas ainda vinha sendo tangida no começo da rua São João no início do povoado. Tinha ainda canoa feita de um só tronco de madeira chamada de Itaparica, que foi do padre Helvécio, irmão de Dona Morena, esposa do senhor João Barroso, essa canoa servia para transportar gente, inclusive a sua família, para ilha

de São Pedro, que era sua propriedade, e transportar calunga de planta na lagoa de cima no tempo das plantações.

Tinha momentos que seu Zé Pirão d'água estava arredio, então se alguém quisesse acertar negócio com ele era advertido “Não vá lá que ele tacapé (com raiva, enfurecido)”, nesses intentos de raiva ele costumava chamar a pessoa que o enfurecia de cara de rapariga. Já afortunado passou a ter influência com os delegados do município de Neópolis entre eles o delegado Dirani e através desta estreita relação passou agir como delegado em nosso povoado Carrapicho, não podia ver um menino jogando bola na rua que ele tomava a bola, rasgava ou furava.

A ÁRVORE QUE CHORA: José Domingo Santos, filho do Sr. Juca e D. Eutímia, todos os dias fazia um percurso pelo corredor que na verdade é uma estrada antiga que inicia na rua São João, ao lado da atual cerâmica Pedregal, e dá segmento até a beira da lagoa que quando seca possibilita o trajeto das pessoas até o Povoado Brejo da Conceição. No vai e vem à procura dos seus animais Zé Domingo observou uma árvore marizeira ao lado da estrada, às margens da lagoa, que estava pingando constantemente dia e noite sem parar, mesmo sendo um período de estiagem, curioso observou que todas as outras marizeiras ao redor mesmo estando viscosa e frondosa não ocorriam tal fato.

Zé Domingo começou a lardear esse fenômeno a toda comunidade de Santana, daí por diante passou cada dia uma grande multidão ir ver aquela árvore que ficava pingando dos seus galhos um líquido meio amarelado, os necessitados que são os detentores da fé começaram a colher aquela água para curar as suas mazelas e afirmava que estava sendo curada de enxaqueca, dor de coluna, dor de cabeça, entre outras, uma dessas pessoas que se dizia beneficiada foi a Sr.^a Moreninha, mãe de Zé e companheira de Zé Tenda. Notório desses benefícios o povo começou a fazer fila para poder colher um

pouco daquele líquido, ocorreu uma verdadeira romaria e chegava ali gente da região, esse fato foi até matéria em alguns meios de comunicação como o jornal Carranca e o Cinform.

Esse acontecimento foi observado por Zé Domingo no início do ano de **2002**, porém um fato trágico aconteceu com a árvore no decorrer do ano de 2004, três jovens lenheiros (botadores de lenha em carroça) criou um método sistemático para roubar madeira. Saía com o machado ou a foice e já com a árvore escolhida começava sorrateiramente a picotar a árvore (dá cortes), no lado da árvore que os olhos de quem passava por perto dela na estrada não observasse o estrago, picotava mas não derrubava, deixava a árvore frágil, de maneira que a um simples tanjo do vento ela tombava e caía, e cinicamente o lenhador, perverso, como se não tivesse sabendo de nada ia até lá, fazia (faz) lenha da árvore tombada e vendia aos ceramistas. Foi isso que aconteceu com a árvore que chora, tantas outras continuam sendo cortada e levada ao forno, de forma que as poucas árvores grandes existentes da rocheira, até chegar ao pasto do Sr. Toinho Lobo, estão sendo tragadas pelos golpes fatais dos tais lenheiros. Como se não bastasse a última árvore a tombar foi a centenária árvore do mocambo e as autoridades ainda não se obtiveram a tão danoso problema.

ROLA PAU: era o apelido do jovem Antônio, filho da senhora Dejanira, que com as suas peripécias arremedava as atitudes de João Grilo, Cancão de Fogo e Pedro Malazarte, personagens da literatura de cordel. Em uma de suas artimanhas mais uma vez foi preso, ao sair da cadeia chegou a Carrapicho vestido em uma farda de polícia, até calçado com os coturnos, desfilou por todas as ruas do povoado como se quisesse exibir para a comunidade a sua habilidade de persuasão, até mesmo para o delegado de polícia.

O TÚNEL dos jesuítas: Os jesuítas eram membros da ordem religiosa Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Santo Inácio

de Loyola. Os jesuítas tinham submissão absoluta ao Papa e sua organização era quase militar. Esta ordem se espalhou por todo universo e chegou aqui no Brasil. Ao contrário do que a ordem pregava em um dos três votos, que era o voto de pobreza, os jesuítas até hoje ficaram notórios pela sua dedicação sacerdotal e pelo acúmulo de bens materiais, entre eles ouro e prata, que ao saírem às pressas do Brasil, por causa da invasão dos holandeses, deixaram para trás o ouro e a prata enterrados nos templos religiosos ou em túneis dos quais eles faziam para uma fuga repentina, como de fato aconteceu e foi o que os salvou.

É o que se comentam até hoje os populares em Carrapicho. Por volta de 1965 um grupo de jovens, entre eles Lolô, filho de Zé de Bida, Domício Sales, João Cobra, Neca de dona Bida e Nininho de Manoel Aguiar, todos são e salvo até hoje, descobre na rocheira uma picada erma no fundo do quintal de Maria Veado, acima do cemitério, no fim dela existia uma abertura nas rochas. Pegaram lanternas e alguns entraram sem precisar se agachar na caverna.

Lolô ficou à espreita em cima do galho de uma árvore em frente ao túnel para fazer uso de sua soca-soca, no caso de um ataque de fera aos amigos, os que adentraram mesmo usando lanterna e estando em plena luz do dia não conseguiram enxergarem além do nariz, nesse momento despencou sobre eles, ocupando todo o espaço existente naquele túnel, uma infinita enxurrada de morcegos, ao voltarem do seu mundo sobrenatural que inundava seus pensamentos observaram que aquela caverna dava prosseguimento, pois se estendia um longo corredor. Saíram da caverna e ao conversarem chegaram a uma conclusão, que não voltaria mais para tentar desbravar aquela gruta, que diziam haver um corredor subterrâneo que saía no alto de João Barrozo e vinha até ali. Esse túnel com o tempo o lixo ali jogado tapou a entrada e hoje só resta as lembranças de que ali tinha riquezas dos jesuítas.

O QUINTO pecado capital: Enquanto as maiorias das mulheres se obstem dos alimentos, para cultivar o modismo do raquitismo em nome da beleza, o homem faz dele a fonte de energia para a sua existência, porém aqui em nossa comunidade existem alguns homens que são verdadeiros glutões e fizeram proezas causando admiração e espanto. **Ernando de Dominal**, que era aprontador de barro e nunca na história do artesanato ninguém aprontou enorme quantidade de barro de uma só vez como ele fazia rotineiramente. Proporcional ao seu vigor físico era o seu apetite, pois quando se aconchegava no refeitório da empresa que trabalhava chamava a atenção de todos, pois comia desvairadamente e isso lhe dava prazer e causava espanto aos populares.

O JOVEM BENTO também fazia parte desse grupo de comilão, mas correspondia o alimento consumido com as horas de trabalho do qual fazia sem relutância, pois ele era produtivo. Com seu apetite voraz comia mais de uma lata de doce de goiabada após o almoço. Ernando Saboga e Gogó, filho de Luís Cabaça, também se encaixa nesse rol de comedores.



O SR. ERNESTO Campos Batista era um homem de elevada estatura e o timbre de sua voz correspondia ao seu corpo, sua profissão era de pedreiro (tirador de pedras). A habilidade que tinha em tirar pedra fez com que ele tirasse pedra ao longo de toda rocheira sem nunca causar danos a nenhuma pessoa e nem a nenhuma residência, pois as explosões da qual ocorria uma saraivada de detritos de pedras eram realizadas com tamanha cautela, a cada pavio aceso Seu Ernesto gritava

avisando que a pedreira iria explodir. É em um dia desses de trabalho que o Sr. Edgar Silva, como de costume, todas às 10h comprava um tabuleiro de arroz doce e a cada funcionário de sua cerâmica ofertava um copo de arroz doce para merendar, em certo dia Seu Edgar chamou Seu Ernesto: “Seu Ernesto venha cá”, prontamente ele atendeu e ao chegar Seu Edgar lhe ofereceu um copo de arroz doce e ele respondeu “Seu Edgar não vai perder o tempo de melar a minha boca com um copo de arroz doce!”, agradeceu e voltou ao serviço. Seu Edgar no outro dia mandou o menino trazer o tabuleiro de arroz doce de costume e mais uma lata de querosene, também cheia de arroz doce, o arroz doce do tabuleiro distribuiu como de costume e o da lata chamou novamente Seu Ernesto, chegar Seu Edgar disse “Seu Ernesto essa lata de arroz doce é do senhor” ele sentou-se com ela entre as pernas e meteu o pau a comer, quando acabou limpou a boca com o dorso da mão, bebeu uma moringa d’ água bateu na barriga e disse “agora sim fiz uma merenda”. Seu Ernesto faleceu com 93 anos de idade.

ZÉ DO CHEIRO nascido em 1920. Era filho de Zé Vieirinha da Punça e pai de Dagão (Agnaldo). Após uma farta pescaria (Dada) no Brejão, Zé do Cheiro cozinhou peixe em uma lata de querosene, após cozido colocou o caldo em um agridá de barro, fez o pirão com farinha de mandioca e comeu todo o peixe que estava superlotando a lata. Após comer o peixe bebeu o caldo como é hábito dos ribeirinhos, pegou uma tigela de barro que pesava aproximadamente ½ litro de água, se dirigiu ao barreiro e bebeu três tigelas de água. Zé do Cheiro ainda está vivo.

MASOQUISMO: Diz um dito popular “que de médico e de louco todos nós temos um pouco”, pois é bem verdade, gostos e atitudes são peculiares a cada pessoa, mesmo que pessoas apreciem a mesma coisa elas divergem em alguns pontos, por exemplo, os apreciadores de pimenta, uns consomem ela verde

outras madura, uns consomem moderadamente, outros usam elas abusivamente com prazer se sentindo um verdadeiro homem dragão.

No passado o nosso povo, pelo modo de vida que levava, era comum pegar bicho de cachorro e bicho de porco, esses bichos se alojavam de preferência nos dedos dos pés ou entre eles, por isso é chamado de bicho de pé, mas o seu nome científico é *Pulex irritans*, quando esses bichos davam de correição chegava aos testículos do homem e nos dedos das mãos, o seu habitat é terreno que tenha pó.

Os bichos de cachorro eram detestados por todas as pessoas porque ao se fixar nelas ardia e causava inflamação. Já o bicho de porco, era o xodó de muita gente, pois ele ao penetrar a pele começava umacoceirinha gostosa nos dando prazer, quanto mais coçava ocupava espaço em seu processo de reprodução querendo dar continuidade à sua espécie neste ciclo de vida, as pessoas se sentiam prazerosas e não se contendo propagava o fato com os amigos e, passando o dedo indicador com cuspe no local afetado, mostrava o bicho a todos, só quando o saco do bicho estava cheio de lêmnea é que a pessoa chamava outra que sentia prazer de exercer o ato de extraí-lo, e solicitava para arrancá-los do dedo e ela o fazia com uma agulha, presilha ou as pessoas mais cautelosas usavam espinho de laranjeira e o extraia, ao extraí-lo ficava um buraco grande no local, ali se colocava cinza de cigarro, fumo ou sarro de cachimbo para sarar. Hoje, pessoas reclamam saudosamente dos bichos de porcos, umas por não pegarem.

A BOTIJA: O nosso povo acreditava, e os mais velhos ainda hoje acreditam, em botija. Conta-se que pessoas que tinham recursos ao estarem prestes a falecer, colocavam seus pertences de valores em pote, tacho ou baú e enterravam, que ao morrer a alma penada vinha oferecer em sonho ou visão seus pertences a

uma ou duas pessoas que lhe conviesse, só assim essa alma sairia do sofrimento em que estava, se a pessoa que recebesse o aviso tivesse coragem e não contasse a ninguém arrancaria a botija, porém se contasse a alguém a pessoa ao cavar a botija só encontrava carvão, ou objetos sem utilidades.

A botija só devia ser desenterrada à meia-noite e a pessoa deveria rezar sem parar desde o momento que se aproximasse dela até quando a tirasse e se afastasse daquele local, tinha que fixar os olhos com a atenção na botija, pois acontecia muita assombração com vozes que apareciam e vultos sinistros fazendo um verdadeiro reboliço para afugentar a pessoa que na maioria das vezes em fuga desesperada abandonava o local, quando a botija era oferecida a dois conta-se que ocorria o mal da cobiça, pois o colega ao ver a riqueza tentava assassinar um ao outro.

Quando alguém melhorava de vida do dia para noite, o comentário era que ele tinha arrancado uma botija. Comadre Adelaide afirma que a mão de Belizana tirou no porão da casa que foi a Escola Municipal na rua da Igreja uma botija. Da mesma forma Seu Zuzu comentou-me que seu Afonso, pai de Eufrásio, ao entregar a casa de seu Passos, que o alugara, foi encontrado um buraco no quarto de trás em consequência da retirada de uma botija, a casa referida é a que passou residir madrinha Flora. E muitos eram os relatos de botijas arrancadas.

FATALIDADE: Nasce em Neópolis um menino de nome Arnaldo Castor que passou a ser chamado de Nadú. Quando homem passou a ser proprietário de uma fazenda entre o Povoado Brejo e Carrapicho, que atualmente é a Fazenda do Penedense Sr. Toinho Lobo, conhecida também como Fazenda Saquinho. De frente para a lagoa seu Nadú construiu uma casa de tijolos, duas de taipa e um curral ao lado da casa de taipa que ficava sentido do sol poente. Ali viveu sua vida até o dia em que estava deitado

na rede na casa de taipa ao lado do curral, por volta das 18 horas, quando um executor retirou um torrão de barro da parede da casa disparou um único tiro certo e fulminante entre a axila e o peito e ele foi assassinado, todo o seu gado que estava dentro do curral e nas imediações sentiu a morte de seu dono, começaram a urrar incessantemente e fazia dó a quem via e ouvia aquela cena, como afirmou o Sr. Sinval. Isso ocorreu em um período que a lagoa estava cheia mas já se tinha iniciado o plantio do arroz. Atualmente a fazenda está em atividade.

SEU AURÉLIO e o algodão doce: Em suas andanças em Aracaju, meu pai, Aurélio, viu um homem com uma máquina produzindo algodão doce, ele se aproximou, ficou matutando a estrutura daquela engenhoca e nada perguntou ao dono. Ao chegar a Carrapicho, sem falar pra ninguém, constrói uma máquina de algodão doce e nossa família em estado de ansiedade esperava tal feito se concretizar mesmo sabendo que meu pai era capaz, ele botou a máquina pra funcionar e é claro que ela funcionou. A máquina era constituída com engrenagens assimétricas, de maneira que quando meu pai dava com a mão direita um giro com a manivela a turbina onde recebia o açúcar e produzia o algodão dava tantas vezes mais volta, e aí estava produzido o algodão doce. Testado a máquina só então meu pai saiu à rua com aquele pequeno carro tangido por duas rodas de bicicleta, como suporte dois pés de madeira e para conduzi-lo dois braços também de madeira, ao ver aquela geringonça o povo que não conhecia nem de longe o invento ficou observando qual era a bola da vez, meu pai ao começar a produzir algodão doce a multidão se aglomerou e quase o Carrapicho inteiro veio presenciar na Praça Sete de Setembro aquela maravilha nunca visto, fruto da sua invencionice e meninos e adultos disputavam para comprar algodão doce, era o produto de maior aceitação. Também era vendida a cocada, que era o subproduto do algodão doce, papai honestamente angariou dinheiro e a todos nós honrou.



SEU AURÉLIO e o helicóptero. Meu pai passou ainda mais a ser o foco principal do povoado Carrapicho, aguçando a curiosidade de todos, quando ele começou a angariar tudo que lhe fosse conveniente, inclusive engrenagens que era descartada da fábrica Peixoto Gonçalves. As peças colhidas eram colocadas dentro do Rancho, que era coberto de zinco que estava ao lado do pé de mangueira, no fundo do nosso quintal na Rua Batista Gomes. O povo sabendo do ajuntamento das peças comentava que meu pai iria verdadeiramente concretizar o seu sonho de fazer o helicóptero, pois desta vez o povo tinha argumento contumaz, pois ele já inventara a máquina do algodão doce com êxito. Começaram a comentarem que após o helicóptero pronto seria ele o piloto e o seu filho Zé Calixto responsável pela propulsão do mesmo, pois o avião alçaria voo pelo tanjo da manivela, o ponto de onde o helicóptero alçaria voo seria do fundo do quintal da cerâmica de Zé Dunizo ao pé de uma barrigudeira no atual quintal de Cicero de Lucenço. E daí por diante fantasias não faltaram para endossar a imaginação consistente e febril de nossa comunidade. Uma dessas histórias é que meu pai fez esse avião para caçar marrecas, porém ao narrar esse fato o narrador ironicamente conclui que meu pai enquanto dirigia em pleno voo ordenava “Pedala Calixto! Pedala Calixto! Oi a Marrecalixto, atira Calixto!”. Como poderia Zé Calixto trabalhar na manivela e ao mesmo tempo fazer uso da espingarda e acertar o alvo. Muitos comentam que o avião se espafifou lá embaixo nos minadouros do mocambo. Já idoso, meu pai foi aposentado pelo FUNRURAL e faleceu de morte natural na noite de 22 de novembro de 1991, porém ficou respeitosamente conhecido como Santo Dumont e até hoje as pessoas relembram esse passado. Às vezes quando pessoas mais

íntimas me fazem tal pergunta, eu respondo “Quase todos os aviões têm aeromoça. E a aeromoça do avião do meu pai era a sua mãe!”, e todos caem em gargalhadas e fica o dito por não dito. Já meu irmão Zé Calixto, como é extrovertido e cheio de pilhéria, é quem alimenta a história, narrando sistematicamente os fatos que não aconteceram e todos ao seu redor ficam na razão do existir tentando captar imagens do sucesso ou fracasso de um homem idealista e essa história se perpetua. Eu sempre digo às pessoas que para a perspectiva do amanhã, eu vou crer que creio porque cren-do poderei.

OS QUITANDEIROS: Em Carrapicho, épocas atrás se vendiam em tabuleiro de madeira ou outras vasilhas sobre a cabeça: frutas, abóboras, ovos, mel de engenho, arroz doce produzido por mãe Pêda, mungunzá, e diversos alimentos inclusive o cuscuz de arroz saboroso de D. Lionor, que eram feitos em pequenas fôrmas de alumínio que mais pareciam mamilos femininos por causa do seu formato, porém também tinham as quitandeiras que vendiam em frente ao Mercado Municipal e à Praça Sete de Setembro, debaixo do frondoso pé de almendeira, que foi plantado por D. Biritá, a mãe de Eufrásio. D. Barriguda, a mãe de Eurique e D. Neuzita, a mãe de Lió e de Esmeraldo (Mão), era uma dessas quitandeiras. Atualmente os vendedores de verduras e frutas provenientes do Platô de Neópolis vendem em nossas ruas em carros de mão ou carroça de burro, e D. Cida, esposa de Cláudio, e Maria de Zé Garicôco vendem as suas verduras e frutas em sua banca de madeira em frente ao Mercado Municipal. Goizinho, Major e Chocha surgem no comércio adaptando um novo estilo de venda, pois entre os vários produtos que estão: carne, peixe ou frango são carregados pendurados na mão e vendidos em rifa. Ao ganhador do sorteio da rifa e entregue o produto. Além dos vendedores ambulantes, como Bomfim que vende de tudo um pouco em sua carroça de burro, de farinha a fumo, irmã Meire, esposa de irmão

Rildo, que vende sopa em um carro de mão e Fifi, o irmão de Ieda, que vende amendoim também em um carro de mão.

SOCIEDADE alternativa: Fazia-se e, até hoje, fazem sociedade, para isso reúnem-se um grupo de pessoas e em comum acordo chega-se a uma quantia a ser contribuída por cada um do grupo, essa contribuição pode ser semanal ou mensal e é especificado um valor que será igual para todos e a cada contribuição do grupo, uma pessoa saca o dinheiro. É lógico que nessa sociedade o que teve a iniciativa de formar o grupo é o primeiro contemplado, mas algumas vezes ao entrar em acordo o mais apertado (necessitado) é quem primeiro recebe, o valor contribuído do grupo é o mesmo valor recebido pelos membros, pois são valores fixos independente da moeda está acomodada ou inflacionada, no caso de inflação o único a lucrar é o primeiro felizardo, em seguida todos perdem, porém quem mais tem a perder é o último a receber, mesmo estando conscientes desta probabilidade numérica todos se consolidam e não abrem mão de fazer a conhecida sociedade. Atualmente pequenos comerciantes recorrem ao auxílio do Credi-amigo do Banco do Nordeste, já a sociedade civil recorre aos agiotas da cidade de Santana e do povoado Saúde.

O TABELIÃO: Toda pessoa leva consigo uma única vez na vida pousada em seus ombros, **não obstante o que ele é, ou o que será um nome e um sobrenome do qual passara a ser tão admirável que perpetuará a sua existência ou não. Para se obter um nome aqui no Brasil no passado, fazia-se um único registro batismal de introdução eclesiástica. O registro civil surgiu com a chegada da república**, com isso os cidadãos passaram a ter uma segunda fonte de registro. Houve um tempo em que o tabelião do cartório de registro civil de Neópolis era o senhor **Baltazar Fontes**, este senhor quase sempre estava de porre por isso cometia várias aberrações ao registrar uma pessoa, em consequência de sua permanente embriaguez.

O pai da criança chegava para registrá-la e ele ignorava o nome, dando outro totalmente diferente ou incorreto, como ele era autoridade o homem simples não questionava com medo. Data e origem da criança também eram trocadas e as pessoas do povoado Carrapicho não fugiram às regras. Seu Baltazar chegou ao cúmulo de registrar uma criança com a data de nascimento do pai, isso aconteceu com o Sr. Manoel Cizino do povoado Betume (seu Pires), anos mais tarde seu Pires precisou dos préstimos da justiça, e o juiz ao averiguar os seus documentos observou que existia uma gafe, pois sua data de nascimento equivalia a de seu pai e estupidamente cobrou-lhe esta com intenção de punição. Cidadãos nascidos em Carrapicho eram registrados como nascidos em Neópolis. Fonte Popular.

1º DE ABRIL: Dia 1º de abril é conhecido pela nossa gente como o dia da mentira, porém isso ocorreu séculos passados quando o rei da França mudou o dia primeiro de abril, que era o começo do ano, para 1º de janeiro, alguns malandros ignoraram a mudança e começaram a enganarem. Em Carrapicho, nesse dia, os mais atentos faziam os outros de tolos. Nem bem o dia descortinava o seu crepúsculo matutino, as pessoas se levantavam da cama e uma mentira já lhe sondava para pegá-lo de surpresa, por exemplo “fulano me leve esse pilão na casa de beltrano” e ele alheio a tal malandragem colocava o pilão no ombro, saía rua a fora e ao chegar à casa indicada dizia “ô de casa”, respondiam “ô de fora”, e ele ofegante com o peso do pilão dizia “ói aqui o pilão que fulano mandou” e o dono da casa dizia “eu não pedi o pilão não”, e de repente ambos lembravam que tinham sido enganados. Outro dizia “fulano vá levar uma escada na casa de fulano de tal”, e ao pegar a escada para levá-la observava sorrisos irônicos e logo percebia que iria ser pego pela mentira. Algumas pessoas pegavam um bilhete e entregavam a alguém que não soubesse ler e mandava ir a lugar tal, ao chegar o bilhete era aberto e nele

estava escrito “bote esse besta pra rodar”, quando o cidadão não compartilhava com aquela atitude dizia “fulano você está sendo enganado”, e este enfurecido ficava a ponto de causar problemas. Mas, na verdade, tempos atrás quem não foi pego pelo dia da mentira 1º de abril?

PECULIARIDADES: A nossa gente também tinha as suas peculiaridades. Comentava-se que criança que demorava a fechar a moreira iria ser inteligente.

- Quando a criança ficava de quatro pés e olhava por entre as pernas para trás, a mãe brigava com o menino, pois dizia ela que a criança estava chamando outro neném, e isso era coisa que ela não queria.
- Antes se tinha o hábito de plantar árvores frutíferas, as pessoas mais velhas tinham sua metodologia, alguns cavavam o buraco depois chamava um menino, despia-o e depois de nu pedia que ele plantasse a árvore. O próprio adulto quando ia plantar uma árvore um dia antes se abstinha de relação sexual.
- Os pais que nem se quer conhecia o “anda-já” de produção industrial, fazia um de madeira com duas rodinhas atrás e uma na frente e o anda-já ficava com um formato triangular, e a criança se contentava em ser bípede.
- Também os pais faziam em alguns lugares da sala um “anda-já” fixo, que era uma pequena roda de cipó com três pés fixados ao chão, onde a criança ficava dentro sem poder perambular pelos poucos compartimentos da moradia.
- Quando o garoto se acordava à noite e com sede pedia água para beber, a mãe pegava a caneca com água tirada do pote e passava sobre a chama da candeia em cruz três vezes, para quebrar a dormenteza da água.

- Os proprietários de árvores frutíferas ficavam atentos para as meninas não subirem nas árvores, principalmente quando elas estavam no ciclo menstrual, pois se elas subissem as frutas da próxima safra em diante ficavam doentes ou com uma mancha ou coisa assim nas frutas.
- Antigamente quando os sapos apareciam (surgiam) de correição (em grande quantidade), como falava os mais velhos, os queimadores de forno ficavam atento, pois os sapos surgiam saltitantes de frente a boca de fogo, com uma breve parada fixava as chamas ardentes e se lançava sobre elas. Isso era tão rotineiro que chegava a incomodar ao queimador do forno, porém alguns avessos aos fatos pegava um pedaço de ferro colocava no fogo e esse ao se transformar em brasa viva era jogada de frente ao sapo e de repente o sapo lançava a língua sobre a barra, engolia e logo começava a se contorcer, a barra às vezes queimava a barriga e caía, porém de qualquer sorte o sapo morria instantaneamente.
- Se a pessoa estiver com soluço e alguém o fizer levar um tremendo susto o soluço passa.
- Para acabar com berrugas (verrugas) é só cortá-la e passar sobre ela sangue de menstruação.
- Se alguém ri quando outro peida é repreendido pelos mais velhos, pois eles acreditam que a pessoa que ri envelhece rápido.

Ditos Populares

- A mentira tem pernas curtas
- Mato tem olho e parede tem ouvido

- A quem meu filho beija a minha boca endossa
- Quem bem fizer pra si é
- Cavalo dado não se olha os dentes
- Chuva fina é que molha os bestas
- Deus escreve certo por linhas tortas
- Dor de barriga não dá uma vez só
- Deus tarda mas não falha
- É melhor comer pouco do que dormir sem cear
- Quem ri por último ri melhor
- É de morrer dois morra um
- Fiquem os dedos e se vão os anéis
- Quem não olha pra frente pra trás fica
- Gato com dois sentidos não pega rato
- Se faz de morto pra comer o cu do coveiro
- Morre o boi para o bem do urubu
- Cu falou, cu pagou
- O que é de gosto regala o peito
- O pau que nasce torto morre torto
- Quem te viu quem te vê
- O sujo falando do mal lavado
- Quem não arrisca não petisca
- Se eu soubesse, não tem casa nem morada
- Quem enche cu de judeu é molambo
- Quem se mistura com porcos farelos comem
- Quem ri por último, ri melhor
- Quem dá o que tem a pedir vem
- Quem faz filho na mulher dos outros perde o feitio

- Quem aluga o seu fundilho não se senta quando quer
- Quem vai pra casa não se molha
- Pra cavalo comedor cabresto curto
- O que tem olho dá molho
- Escorregar não é cair, é um jeito que o corpo dá
- Deus ajuda a quem cedo madruga mas dormir não é pecado
- Cabra ruim não dá leite, o pouco que dá larga os pés e derrama

APELIDOS: Alcinha ou cognome são apelidos colocados em pessoas que passam a ser conhecida por tal nome e não pelo nome de registro, às vezes os apelidos são exóticos ou depreciativos. Sem dúvida nenhuma nossa comunidade é um povo acolhedor e todos que aqui residem ou chegam recebem um apelido: A velha debaixo da Cama, Amélia de Manjuba, Ana de Jangada, Antônio Cu duro, Arerê, Boca de Fogo, Burrego, Beregedé, Bosta, Cambada, Caganeira, Cancão de Fogo, Cangaço, Casca de Peido, Cassete Armado, Chibil, Chico Precisão, Couro de Abelha, Dona Riquitê, Dagão, Fogo, Timboca, Fudenga, Fufú, João Babado, João Cobra, José Veneno, João Broinha, Luísa Capote, Luís Cabaça, Moreninha Ponchita, Maria Pimenta, Mané A8, Manoel Milho Cru, Mané Alho, Manoel Pinta Fêmea, Maria Chirioró, Maria da Prestação, Maria Estremilique, Maria Pata larga, Maria Pidona, Maria Taba Lisa, Mario Onça, Olho de Garapa, Paturí, Pedro Pagão, Picolé de Fogo, Prejuízo, Pé na Cova, Rosalina Burundanga, Salineira, Tinteiro, Tonho Cibica, Topa no Osso, Velha Carocha, Vicência de Chicolateira, Zé Banha, Zé Bimbinha, Zé Ganança, Zé Penquinha. Esses são apelidos que fizeram e fazem parte do nosso cotidiano.

Galeria de Fotos

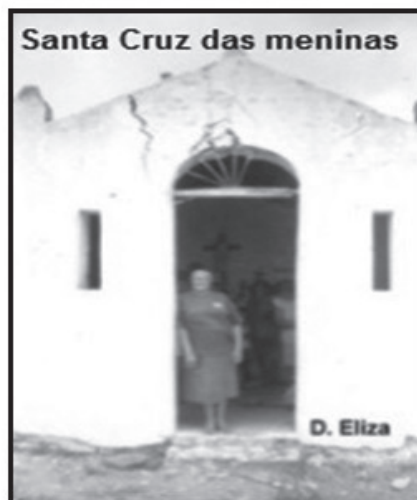


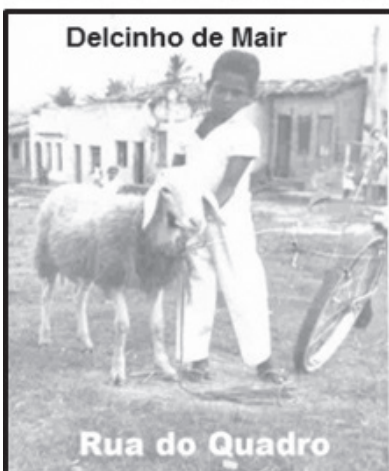




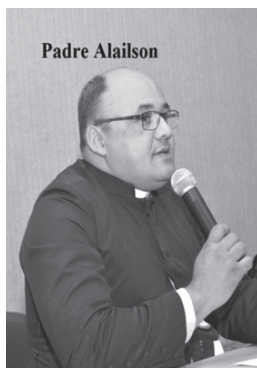








Um Pouco de Cada



A FÉ CATÓLICA chega a Carrapicho com a família do colonizador português, o senhor Pedro Gomes, mas foi com o nascimento do menino chamado Messias da Silva Passos (seu Passos), bisneto do fundador da povoação, que a fé e a tradição da religião católica teriam um marco definitivo em nosso povo. Pois ele foi quem edificou a pequena capela que deu origem a atual Igreja Matriz. Com 50 anos de vida sacerdotal, Monsenhor José Moreno de Santana, que era o padre da paróquia da Igreja de Santo Antônio em Neópolis e daqui, já convalescente veio a falecer em 31 de dezembro de 1990. Então com a morte de Monsenhor assumiu por vez a paróquia de Santo Antônio os seguintes sacerdotes: padre Isaías, padre Edinaldo, padre Paulo e padre Alailson. Alailson Santos Souza é natural de Aquidabã. No dia 25 de maio de 2007 foi ordenado a padre na cidade de Propriá e dois dias após a ordenação, em 27 de maio, chega a nossa comunidade e passou a ser colaborador do pároco Padre Vicente.

Padres da Paróquia de Nossa Senhora Santana

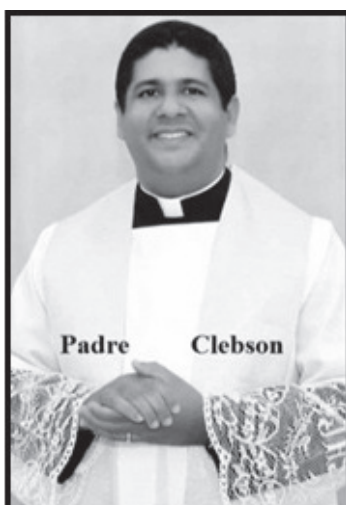
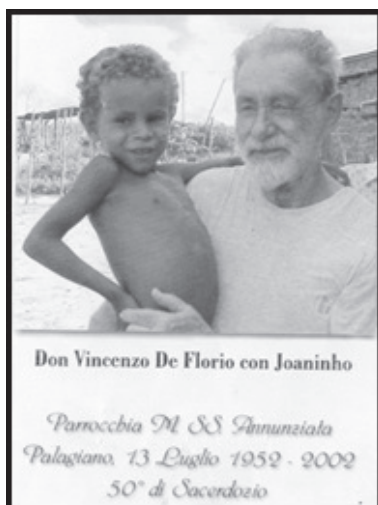
PADRE VICENTE: No dia 13 de janeiro de 1995 chega da Itália o ilustre Monsenhor Dom Vincenzo de Florio. Já com 53 anos, dedicado ao sacerdócio. A 28 de janeiro de 1996 foi empossado como administrador paroquial da Matriz de Nossa Senhora Santana do nosso município.

Decreto de criação da Paróquia Senhora Sant'Ana, fundada em 04 de outubro de 1995, com CNPJ: 13.374.525/0030-73. Editado por Dom José Palmeira Lessa, Diocese de Propriá, que empossou Padre Vicente.

PADRE CLEBSON: Clebson Ferreira Moura, natural de Nossa Senhora da Glória, filho do senhor Nivaldo de Jesus Moura e Maria Aparecida Ferreira Andrade Moura, foi ordenado em 06 de janeiro de 2010 em sua cidade natal, chegou a nossa comunidade e foi empossado em 14 de janeiro de 2010.

PADRE ROBERTO: Roberto Manoel dos Santos, natural da cidade de São Sebastião-AL. Filho do senhor Cassimiro dos Santos e da senhora Maria José Neres Sena. Foi nomeado diácono em Neópolis em 2002 e ordenado a padre na cidade de Propriá em 2003. Padre Roberto chega à nossa comunidade e foi empossado como administrador paroquial da Matriz de Nossa Senhora Santana segunda-feira 04 de novembro de 2013.

PADRE MARIO: Mario César de Souza, natural da cidade de Neópolis, filho do senhor José Cirilo de Souza, mais conhecido como Zé Fação, e da senhora Maria de Lurdes Santos. Em 19 de maio de 1997 foi ordenado na matriz de Santo Antônio na cidade de Neópolis, vindo a tomar posse como pároco da Matriz de Nossa Senhora Santana em nosso município em 13 de janeiro de 2019, quando ocorria os festejos da festa de Bom Jesus em Penedo.



DIA DA HORA: No quadragésimo dia depois da ressurreição de Cristo ocorreu a sua ascensão, pois estando Jesus com seus discípulos no monte das Oliveiras, deu-lhe as últimas instruções depois subiu ao céu em uma nuvem. Em Carrapicho, o povo comemorava a ascensão de Cristo com ramos. Ao amanhecer todos

pegavam ramos e colocava na frente da casa na porta, janela ou na fresta da parede e as casas ficavam todas enfeitadas. Vários moradores antes de colocar os ramos na frente da casa, tangia as moscas de dentro de casa com os ramos que neste período grassava, tornando um incômodo para todos. Muitos moradores, apesar de celebrarem este dia por longos anos, não sabiam o verdadeiro sentido dessa tradição, que era conhecido por todos de Dia da Hora, esse dia tinha um valor tão sentimental que quando um vizinho atarefado nos afazeres domiciliar tardava em colocar o ramo, o outro já o fazia por ele e as ruas ficavam com as frentes das casas todas esverdeadas e com um ar fresco de relva, os moradores acreditavam que nesse dia as moscas, após serem colocados os ramos, eram afugentadas.

AS IRMÃS ITALIANAS: “freiras” pertencentes à irmandade Nossa Senhora da Visitação. Chegaram à nossa terra em 20 de maio de 1990, onde começaram a prestar relevantes serviços pastoral e social, dentre eles a ampliações da igreja e reforma.

- Anunciação, Geriatra;
- Carmelina, Enfermeira e geriatra;
- Pasqualina, Pedagoga e enfermeira.

Para realizar a reforma da igreja matriz, como não se tinha recurso, foi pensado em um leilão de animais, sendo os mesmos doados por pessoas. No dia 08 de maio de 1994, realizou-se o leilão arrecadando 3.718.937,00 cruzeiros, que não deu para realizar a reforma, continuou a arrecadação, pois a moeda estava desvalorizada. Então em 15 de novembro de 1995, a comunidade se reuniu em uma grande multidão e deu início a obra, no término do mutirão foi servida uma feijoada para mais de 140 pessoas.

Obra de reforma e ampliação foi construída em 22/09/98, ampliando as laterais da igreja, com demolição do altar e sacristia, para construção de novas sacristias, os sanitários, escritórios e

sacristia têm piso em cerâmica esmaltado e forro em gesso e azulejos nas paredes do sanitário, a pintura interna é em látex.

13 de janeiro de 1995, toda estrutura do prédio é em concreto armado, as paredes de blocos furados, o piso atual é em mármore, as esquadrias da janela de alumínio e a cobertura das ampliações laterais em telha de amianto.

A instalação da paróquia Senhora Santana deu-se em 29 de dezembro de 1995. Aconteceu a celebração eucarística às 19h30, realizada pelo Bispo Dom José Palmeira Lessa, desmembrando a nossa igreja da paróquia de Santo Antônio de Neópolis, graças às irmãs Rita e Carmelina, que até hoje continuam com o seu desempenho junto a nossa população, a nossa Igreja está cada vez mais impecavelmente maravilhosa. A capela agora é igreja matriz, completamente transformada por uma bela arquitetura, passa a ser uma das mais belas igrejas da região, arquitetura essa idealizada por Irmã Carmélia, Padre Vicente e Irmã Rita, tendo como arquiteto Dr. Marcos Caetano, e sob a proteção de Nossa Senhora Santana está a Matriz amparada.

IRMÃ RITA TUFANO: que pertence a congregação “Pobre Filhas da Visitação” presta relevantes serviços a comunidade. Sábado, dia 26 de setembro 2015, aconteceu uma grande festa em comemoração dos seus 50 anos de missão sacerdotal, estando presente comunidades de várias paróquias de Sergipe e a presença do ilustre Dom Mario, bispo da diocese de Propriá.

PADRE FRANCISCO: Odail Francisco é filho de Osvaldo de Carvalho (Vavá) e Terezinha Vieira de Souza. Francisco estudou Sacerdócio em Rio de Janeiro e Belo Horizonte, em Propriá-SE foi ordenado Padre. Celebrou a 1ª missa na Paróquia de Santana em nossa cidade, atualmente realiza seus serviços sacerdotais na Diocese de Própria, quando Dom Mário, bispo, viaja Padre Francisco assume a administração da Diocese.

IGREJA DE SÃO PEDRO: O Monsenhor Padre Vicente, em 24 de Agosto de 1997 solicitou ao Ilmo. Prefeito, o Sr. Ernando R. Silva, uma área de terra do município na Cohab Nova, para a construção da Capela de São Pedro, foi atendido, sendo doado uma área de 35x80m onde a Diocese ergueu a capela ainda no período da administração do Prefeito Ernando R. Silva. É ali, no conjunto Albano Franco, que no dia 29 de junho de cada ano se comemora a festa de São Pedro. A 1ª festa do Mastro de São Pedro foi realizada em 19 de junho de 2005 e um dos organizadores do Mastro foi o jovem conhecido como Carrapato. A chegada do mastro na capela culminou com uma seresta ao som de Adalton, no Bar de Carrapato, esse ano a festa do mastro foi debaixo de chuva, a imagem foi conduzida em uma carroça em procissão por carroceiros, motoqueiros, cavaleiros e pedestres da Igreja Matriz até a sua capela. O 1º tiramento do mastro da Igreja São Pedro ocorreu no ano de 2005, o segundo aconteceu em 18 de junho de 2006 e se seguiram a tiragem do mastro, neste ano de 2013 não aconteceu a tirada do mastro. O organizador do mastro da COHAB é o senhor Carrapato, José Genilson Santos.

Dona Nenzinha, que era responsável pela chave da igreja católica, faleceu em 25 de setembro de 2009. Antes de morrer entregou a chave da igreja Matriz aos cuidados da senhora Etna, mais conhecida por China, esposa do senhor Suarino.

- A celebração matinal, chamada de ofício, realizada durante os festejos de Nossa Senhora Santana na casa das pessoas, acompanhada de um serviço de carro de som proveniente de Neópolis e café-da-manhã, foi criado pelo o jovem idealizador Padre Clebson, quando ele era o pároco do nosso município.
- Já no ano de 2013, irmã Iara (Freira), filha do senhor Sergio e de Dona Ofélia, natural do então povoado Carrapicho, começou com os demais organizadores a confeccionar com

tapetes no chão feitos com pó de serra e outros produtos no perímetro entre a frente da casa de Aderbal e a residência de Maria, do finado Eronildes.

FESTA de Santo Antônio: No ano de 2010 o senhor Antônio Ramalho de França criou o festejo de Santo Antônio, na rua Santo Antônio, e a partir de então ocorre essa festa popular, onde é celebrada a missa, sendo depois oferecido aos presentes mugunzá e arroz doce, acompanhado de seresta.

Festa do Mastro

Se faz necessário urgente que os organizadores da festa do mastro por questão humanitária elaborem um plano para não maltratarem os animais que participam da festa, sendo um dos requisitos a chegada mais cedo do mastro, muito mais cedo em seu local final. Isso porque a maioria dos animais que servem a festa são animais que durante a semana, na labuta diária, não são bem alimentados nem bem cuidados e desprotegidos do sentimento de misericórdia de quem os usa, são fustigados pelo manguá. No dia do Mastro as atitudes contra os referidos animais não são menos cruéis. Os infelizes animais ao bel prazer de quem se refestela em seu lombo passam o dia com o seu direito básico subtraído, água, alimento e descanso. Os animais que puxam as carroças sofrem ainda mais pela a carga excessiva de gente que ele transporta, além da comida e bebidas. Ainda mais, vários passageiros, embalados pela música e canto, tripudiam sobre a carroça que fica em sacolejo. Como se não bastassem os maus tratos aplicados nos animais, que são abandonados pela a boa razão humana, começa ainda na manhã do domingo festivo e se alonga à noite. Hoje, segunda 8h25 da manhã de 15 de julho de 2019, passou em frente à minha residência um burrico trôpego puxando uma carroça com 5

foliões, decorrente da festa do mastro do dia anterior. Esses escabrosos e pérfidos fatos ocorrem todos os anos sob o olhar da multidão, principalmente das autoridades competentes. Lamentável! Não?

Tragédia Anunciada

O Mastro de 2018 ocorreu domingo, 15 de julho de 2018, com o patrocínio da prefeitura de Santana e a organização de Barão (José Gomes do Sacramento), ocorreu, como era de se esperar a cada ano, com a presença de mais pessoas participando do festejo, mais veículos de todos os portes, carros, caminhões, motos, cavalos e carroças fazendo com que o trajeto e a própria cidade ficassem com seu espaço apertado, juntando a isso a euforia exacerbada de parte dos foliões causando fatos desastrosos e lamentáveis! Observando que a cada cortejo a polícia se faz presente e neste ano de 2019 vieram até a polícia de cavalaria. Em 2018 mais uma vez o mastro saiu do sem-terra acompanhado por três trios e de uma multidão de pessoas, cavalos, carros e motos, no primeiro trio que puxava o cortejo estava a cantora Taty Vaqueira, no segundo o cantor Mido Santana e no terceiro Adalton. Chegaram à cidade por volta das 19 horas. Após a chegada o trio de Taty ficou em frente à Igreja Matriz e os demais trios ficaram lá em baixo, onde anteriormente acontecia a folia sem tocarem. Enquanto o festejo acontecia, próximo à beira do rio ocorreu uns cinco disparos de arma de fogo, o disparo atingiu a **nádega** da filha de Piau, motorista da ambulância do município, e outro passou raspando a barriga da filha de João Enfermeiro. Já na festa do Mastro, ocorrida domingo 14/07/2019, no percurso de vinda próximo aos eucaliptos, ainda na estrada de barro, um veículo colidiu com uma moto que estava sendo conduzida por Valdir da Silva Macena, de 45 anos de idade, natural do povoado Brejo da Conceição, vindo a falecer, deixando esposa, dois filhinhos e um neto!

O Protestantismo no então Povoado Carrapicho

Joel Rodrigues. Com peculiar observação destaco que o protestantismo surgiu no então povoado Carrapicho, atual cidade de Santana do São Francisco, graças ao senhor Joel Rodrigues, cidadão nascido a 16 de agosto de 1933 no povoado Jila, pertencente ao município de Porto Real do Colégio em Alagoas, mas que em Carrapicho tomou pouso. Filho do senhor Paulo e da senhora Maria Lucinda (Mãe solteira), Joel tinha 5 irmãos: Marilene Candido dos Martires, Maralina, Graciliano, Marinita e Olavo, que era surdo-mudo. A adoção: Joel Rodrigues foi adotado pelo senhor Jacó, que era irmão de dona Maria, essa por sua vez era avó paterna de Joel, e pela a senhora Maria Cândida (Dona Caindinha), que era procedente do povoado Santa Cruz no município de Propriá. Dona Caindinha, como era chamada, era irmã de Zé Pirão D'água, de dona Eugenia e de dona São Pedro, mãe de Padre Aleijado. Esse casal não podia ter filhos. Como o senhor Jacó e dona Cândida possuíam casa na cidade de Propriá e no povoado Jila Joel e seus pais adotivos viveram entre Propriá e o povoado Jila. Tempos depois só Joel e dona caindinha vieram residirem no povoado Carrapicho.



Fisionomia. irmão Joel, como passou a ser chamado, tinha em sua fisionomia traços orientais inclusive os seus olhos, por isso vários amigos, entre eles o bem-sucedido comerciante, o senhor Manoel Aguiar, o chamava de Japonês. Homem de estatura mediana, de corpo robusto, de tez clara, alegre, bondoso, sorriso farto, hospitaleiro, de palavras edificadoras e muito compreensivo.

O Oleiro. A senhora Cândida e Joel chegaram ao Carrapicho, povoado que tinha como principal economia o artesanato em barro. Dona Cândida passa a trabalhar no cultivo do arroz e a vender artesanato na feira livre de Ilha das Flores e Joel logo aprendeu o ofício de oleiro, que valeu sua sobrevivência e posteriormente a sobrevivência de sua família. Tempos depois, ainda solteiro, foi à cidade de Vitória do Espírito Santo para trabalhar também com artesanato. Diferente daqui, lá na cidade de Vitória ele trabalhava com um torno a motor. Onde agregou conhecimento à sua arte: Lá ele aprendeu a fazer filtros, miniaturas e a confeccionar peças artesanais com a cana do trigo. Arte que repassou para a sua esposa Maria. Ao construir a sua própria cerâmica passou a produzir exclusivamente filtros em um torno mecânico, sendo Joel o primeiro a implantar o torno mecânico em Carrapicho.

A conversão. Certa noite, enquanto passeava pelas ruas e praças da cidade de Vitória, passou em frente a um templo evangélico que naquele momento estava em atividade ministerial, parou repentinamente para ouvir a palavra de Deus, fazendo uma breve reflexão adentrou no templo, já dentro da igreja ponderou meticulosamente e cansado da sôfrega vida e da bebedice, costume habitual de pessoas de nossa região ribeirinha, com um gesto sábio e nobre levantou sua mão e se converteu. A nova doutrina religiosa, que era isenta de penduricos, baseada exclusivamente na Bíblia propiciou novos conhecimentos na fé em Jesus Cristo, o redentor. Após a conversão, o senhor Joel, que era um leitor assíduo, passou a consultar meticulosamente a Bíblia e tornou-se um bom conhecedor das escrituras sagradas.

O retorno. O senhor Joel Rodrigues retornou ao então povoado Carrapicho em setembro de 1965 e começou a trabalhar na olaria do senhor Toinho Gama, na qual o ensinou a fazer miniaturas e depois, já casado, foi trabalhar na olaria do senhor Eufrásio O. Fortes e lá também ensinou a fazer miniatura, habilidade

trazida do Espírito Santo. Tornando-se grande amigo, dentre outros, de Cicero Viturino de Jesus que trabalhava de pintor.

O enlace matrimonial. Após 40 dias apenas da sua chegada a Carrapicho, vindo do Espírito Santo, e de namoro, Joel e Maria se casam em 05 de novembro de 1965. Maria José Ferreira (Rodrigues) nasceu no povoado Flexeiras, município de Porto Real do Colégio em Alagoas, a 14 de abril de 1947, era filha da senhora Lindinalva Ferreira da Conceição (Mãe solteira). Maria chegou aqui aos 13 anos de idade e casou aos 18, Joel aos 32 anos de idade. Maria tinha 2 irmãos, José Ferreira e Lenoir, ambos aprenderam o ofício de artesão. Desta união conjugal tiveram 12 filhos: 1º Iris, nascida em 06/09/1966; 2º Isis, nascida 12/04/68; 3º Irã, nascido 27/05/1969; Ivair (Dindinho); Ibrahim (Bamba); Idiam (Urso); Izaú, teve um aborto de 6 meses, depois teve uma barriga de dois (gêmeos), que foi Laurinda (Loló), nome que era atribuído a avó de Maria, e um menino chamado de José Eduardo que morreu ao nascer, depois Lucinda e por fim Mariele.

Observando que irmão Joel, por não ter residência própria quando casou foi residir na praça Belarmino Gomes, onde atualmente é a casa de Gardel, vindo a mudar de moradia várias vezes até ir residir na sua própria casa situada na rua Santa Luzia em frente a sua cerâmica.

A reconciliação. Já em carrapicho sentiu-se uma ovelha desgarrada, fora do aprisco, pois não existia igreja evangélica para congregar, vindo a desvanecer e declinar na fé, retornando ao ciclo dos velhos amigos, passando a participar das farras de outrora, porém, a boa semente da fé que fora plantada em terreno fértil estava paulatinamente sendo regada pelo o Espírito Santo, então após o nascimento de Isis, sua segunda filha, ocorrido em 1968, a semente que estava germinando brotou, e o senhor Joel restabeleceu definitivamente a sua fé e se reconciliou com Jesus Cristo filho de Deus.

O evangelismo. Com sua fé bastante sólida Joel Rodrigues começou a evangelizar aos seus amigos, às pessoas mais próximas, entre elas a senhora Honorina de Alcântara (Santos) e ao senhor Cícero Vitorino de Jesus. Dona Honorina era madrinha de Joel, mas como tantas outras pessoas do pacato povoado detestava, odiava crente, de maneira que dona Honorina passou a evitar contato com o seu afilhado Joel, mas aos poucos a persistência de Joel e a misericórdia de Deus conseguiu a conversão de Honorina. O senhor Cícero Vitorino de Jesus, nascido em Carrapicho a 21 de julho de 1943, por duas ou três vezes cruzou o rio São Francisco rumo a Penedo, por volta do ano de 1968, e visitou a Igreja Assembleia de Deus, situada na Rua Ulisses Batinga. Então ao receber o convite do irmão Joel, no terceiro domingo do chamado, atendeu ao apelo e se reconciliou também com Jesus.

O Culto no Lar. Por volta do ano de 1968, irmão Joel junto com os irmãos aos domingos à tarde saíam para fazer visitas domiciliares, à noite irmão Joel dirigia o culto em sua casa. A irmã Honorina passou a frequentar os cultos, acompanhada do seu esposo, o senhor Barnabé Silva Santos (Seu Bé), por sua vez não se converteu à igreja Batista, mas viria a fundar a Igreja Assembleia de Deus, que seria a segunda Igreja Evangélica do povoado, levando a sua esposa com ele.

O intercâmbio. Os abnegados irmãos Durval, Zé Felix e Irmão Tiago, assim como o pastor, todos da 1ª Igreja Batista de Neópolis, vinham para a casa de irmão Joel fazer visitas e realizar culto no lar. Certa vez, ao retornarem após o culto a Neópolis os irmãos em Cristo foram agredidos a pedradas por pessoas que obstinadamente não aceitavam o Evangelho. Uma das agressões ocorreu na esquina do antigo Correio e outra vez próximo ao telheiro do senhor João Barroso.

O Batismo. Com o intercâmbio ministerial já consolidado, e no período em que Maria estava de resguardo de seu filho Irã que nascera em 1969, Joel Rodrigues se batizou.

A EBD. Quando da “Escola Bíblica Dominical” que ocorria aos domingos de manhã em Neópolis, Joel Rodrigues e Cícero Viturino iam a pé até o templo Batista. Já por volta de 1975, Irmão Cícero levava consigo suas duas filhas, Maria Pureza (7/6/1965) e Ana Cristina (27/08/1966), que tinham entre 8 ou 10 anos de idade, assim como irmão Joel levava os seus três filhos. Joel comprou uma bicicleta e colocou uma cadeirinha, botava Irã na frente sentado na cadeirinha, Isis atrás, Iris no meio sentada de banda entre Joel e Irã e os levava para a EBD.

A 1ª Congregação Batista. Cada vez mais consistente na fé, irmão Joel continuou com punhados de palavras santas, evangelizando, pregando as Boas Novas no povoado Carrapicho e mais pessoas começaram a congregarem, então irmão Joel alugou uma das casas do Sr. Olímpio na rua São Vicente, depois alugou outra e outra, isso por vez. Para a comodidade sua e de sua família, o senhor Joel comprou um veículo Brasília de cor azul, assim como um pedaço de chão à senhora Dorotéia, esposa de Mané Branco, na rua Santa Luzia, e no segundo semestre de 1980 construiu a garagem do seu veículo, porém como já foi dito que Joel era um homem bondoso ele doou a garagem do seu veículo para ser a 1ª congregação Batista que a partir de então passou a ter sede própria.

O 1º Templo Batista. Anos depois a Igreja Batista compra um terreno no início da rua das Bananeiras, e de 12 a 17 de outubro de 1996 irmão Joel, demais irmãos colaboradores da própria igreja Batista, tendo à frente dos trabalhos os irmãos missionários norte-americanos, Bruce Mecbil, que veio acompanhado de sua esposa e o filho Jason, que assim como o seu pai era o tradutor do grupo, e Cristophe, que também veio acompanhado de sua es-

posa, além dos construtores irmãos Kaven, que era o engenheiro, Bob, Den, incluindo Jason, fizeram um mutirão no qual ergueram um templo maior, no estilo da arquitetura Batista norte-americana e o primeiro templo Batista lá está estabelecido até os dias atuais.

Na época da construção do templo o nobre pastor Antônio Martins Bezerra exercia a função de diretor executivo do campo Batista Sergipano e o Pastor Renirton Eustáquio dos Santos era o pastor da igreja Batista de Neópolis e de Santana do São Francisco. Irmão Joel, ao olhar o novo templo erguido, seus olhos se ofuscaram e encheram de lágrimas e o seu coração regozijou-se na certeza de que estava cumprindo a ordenança divina escrita no Evangelho de Marcos. “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Marcos 16:15,16).

O Decesso. Já combalido, vítima de vários AVCs (acidente vascular cerebral”), irmão Joel veio a falecer no hospital de Neópolis à uma hora da manhã de segunda-feira, dia 15 de março de 1999, e após seu corpo ser velado no templo Batista foi conduzido ao cemitério local e sepultado na tarde do mesmo dia. Maria José Ferreira se converteu na 1ª Igreja Batista fundada por seu marido, porém após a morte dele em 1999 foi realizado um culto em sua casa pela Assembleia de Deus, que já era a segunda igreja Evangélica de Santana do São Francisco, e Maria se batizou na Assembleia de Deus nas águas do rio São Francisco no porto da cidade de Neópolis.

O Concílio. A primeira Igreja (Congregação) Batista em Santana do São Francisco foi organizada pela Igreja Batista de Neópolis, em 26 de outubro de 2008, com 44 membros. O concílio que a organizou ficou assim constituído: Pastor San-

dro Vieira Ribeiro, presidente (era pastor da igreja Batista de Propriá); Pastor Jairo de Sousa Pereira, examinador geral (era diretor executivo do campo Batista Sergipano); pregador pastor Antônio Martins Bezerra (era pastor da 3ª igreja Batista em Aracaju); Valdir Cardoso Santa Rita, leitura do pacto das Igrejas Batista (diretor); Pastor Jose Robério de Sousa, secretário (era pastor da igreja Batista em Capela); Ronalson dos Santos, seminarista, entrega da bíblia (era diretor da igreja Batista de Neópolis).

Quando da eleição de Irmão Valdir e os demais membros da direção, abaixo relacionados, Valdir assumiu o cargo de diretor da igreja Batista em Santana, já com o intuito de promover o concílio para dar novo status à congregação, após o concílio a diretoria continuou até o fim do mandato. Observando que ao assumir a igreja só tinha 20 membros permanentes, tendo Valdir e seus correligionários que correr para alcançar o número mínimo de membros exigidos para que o concílio acontecesse. Primeira diretoria eleita da Congregação Batista como Igreja: Valdir Cardoso Santa Rita, Presidente; João Ivan Dantas Ramos, vice-presidente; Giliarde da Silva, primeiro secretário; Solange Nascimento de Santana, segunda secretária; Manildo Batista dos Santos, primeiro tesoureiro; Maria Nilzete de França Moura, segunda tesoureira. Igrejas protestantes no município de Santana do São Francisco.

Graças à benção de Deus concedida ao irmão pioneiro Joel Rodrigues, que fundou a primeira Igreja Evangélica no então povoado Carrapicho, denominada de Primeira Igreja Batista, atualmente no município de Santana do São Francisco existe no 19 igrejas evangélicas e **8** (oito) congregações filiais das referidas Igrejas professando a palavra da fé para uma população de aproximadamente 7.800 habitantes. A saber:

Cidade de Santana

- 1 – 1ª Igreja Batista tradicional (a pioneira)
Rua Bananeira
- 2 – Igreja Batista Peniel
Rua São João
- 3 – Igreja Casa de Davi
Rua São João
- 4 – Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rua Santo Antônio
- 5 – Igreja Assembleia de Deus Ministério Minas Gerais
Rua Santo Antônio
- 6 – Igreja Evangélica Shalom
Rua Santa Luzia
- 7 – Igreja do Evangelho Quadrangular
Rua Santa Luzia
- 8 – Igreja Assembleia de Deus Missão
Rua do Grupo
- 9 – Núcleo de Oração da Igreja Universal
Rua do Grupo, em 2019 inaugurada a Igreja na Praça 7
de setembro
- 10 – Igreja Congregação Cristã no Brasil
Rua do Mangá
- 11 – Igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira
Rua Batista Gomes
- 12 – Igreja Deus é Amor
Rua do SESP

- 13 – Segunda Igreja Batista
Rua São Vicente
- 14 – Igreja Assembleia de Deus em Cristo Jesus
Rua das Flores
- 15 – Salão da Testemunha de Jeová
Rua São João, em um dos imóveis do senhor Edilson de Fizo

Igreja no Conjunto Albano Franco

- 16 – Igreja Tabernáculo do Avivamento
- 17 – Igreja do Nazareno

Igreja no Povoado Saúde

- 18 – Igreja Tenda dos Milagres
Rua N. Sra. de Fátima
- 19 – Igreja Vivendo pela Fé
Conjunto Cohab

Congregações Filiais

Conjunto Albano Franco “COHAB Nova”

- 1 – Congregação Batista Tradicional
- 2 – Batista Peniel
- 3 – Assembleia de Deus Missão
- 4 – Assembleia de Deus Ministério Madureira.

Congregação no Povoado Saúde

5 – Assembleia de Deus Missão

Rua N. Sra. de Fátima

6 – Batista Peniel

Trav. Santo Antônio

7 – Adventista

Rua N. Sra. De Fátima.

Congregação no Povoado Brejo da Conceição

8 – Deus é Amor.

(Censo feito por mim, Roberto)

Obs.: A 1ª Igreja Batista por diversas vezes foi dirigida pelo ilustre diretor João Ivan Santos, que atualmente está estudando no Seminário Teológico. Em 2010 chega de Aracaju o ilustre ministro religioso pastor José Carlo, que é tendencioso ao movimento neopentecostal, ele é indiscutivelmente um homem dinâmico e estrategista, porém impositivo. Por sua determinação, a Primeira Igreja Batista, no ano de 2015, deixou de ser uma Igreja tradicional e passou para a condição de Igreja em Movimento (em célula). Observando ele que célula é método e não doutrina, passou a EBD (Escola Bíblica Dominical) para a condição de CCM (Centro de Capacitação Ministerial), alterou o nome de professor para facilitador, concedendo aos discentes assíduos do CCM um certificado, como o que ocorreu pela primeira vez domingo dia 29/07/18. No momento da diplomação o formando deve se apresentar com um paraninfo.

Trouxe de outros autores, para aos membros da Igreja, no ano de 2018, o seminário intitulado “Vida Vitoriosa”, no qual os temas centrais são libertação e cura. Os participantes recebem palestras de variados assuntos bíblicos, entre eles: Trevas X luz, Mentira X Verdade, Cativo X Liberdade, Orgulho X Humildade. A cada tema é aplicado um exercício escrito e durante o evento acontece os momentos de orações e reflexão.

Irmão Valdir, irmão José Carlos (Pinto) com demais irmãos colaboradores fundaram a igreja da Cohab Nova, porém, em 21/12/2013, o pastor José Carlos e demais membros inauguraram o prédio da Congregação da Cohab Nova, que passou a ser dirigida por Irmão Daniel, filho de Damião Soldado. Em março de 2018 foi alugado o prédio o qual era o bar de Rasga Xale, no povoado Saúde e estabeleceu a Congregação Batista, tendo à frente dos trabalhos o irmão Valtenis.

O TRAPALHÃO: Dedé Santana, dos Trapalhões, esteve aqui fazendo um show evangélico na Praça Sete de Setembro, sexta-feira da paixão de 2003.

OS CIGANOS: Casaram-se os ciganos na missa de Senhora Santana, no dia 06 de agosto de 1922. Nesse ano de 2013 casaram-se cigano na igreja evangélica do pastor Francisco. Na verdade, a comunidade cigana sempre esteve aqui presente. Por volta do ano de 1995 ocorreu um tiroteio na rua Subida da Tevê entre ciganos, onde o cigano, por nome de Mangaba, alvejou e matou com revólver o cigano Egídio, irmão de Valmir. Mas eles sempre tiveram uma convivência pacífica com o nosso povo.

AISIRCOPIH: Vou trabalhar alguém me pede ajuda eu persigo. Estou falando, alguém me pede a verdade eu omito. Vou almoçar alguém me pede pão, eu nego.

Eu persigo, omito e nego, hoje tenho ceia na Casa do Senhor, eu cearei com ele e ele comigo!

A Escolinha do “Professor Raimundo”

Antônia Rosa dos Santos, filha de Maria de Aderbal, teve a ideia de criar uma escolinha para plagiar o programa humorístico da Rede Globo, comandado por Chico Anysio, denominado de Escolinhado Professor Raimundo. Para tal certame ela procurou o jovem Chicô (Francisco José Freitas de Carvalho) que faria o papel principal, Chicô atendeu ao apelo, porém com ressalva, ele disse que seria interessante manter os nomes dos personagens do programa de Chico Anísio, mas as piadas dos personagens deveriam apresentarem fatos peculiares de gente da nossa própria comunidade para poder resgatar os valores da nossa terra.

A seguir ele constituiu um grupo seletivo de pessoas que assumiriam os personagens cômicos e por fim elaborou a piada de cada um. Entre as pessoas que iriam representar os personagens estava o próprio Chicô, que fez o papel do professor Raimundo, Gilvan de Alaíde, Maria de Murilo, Dinho de Raquel, João de Bindô, Luís de Aderbal, George de Zuzu, Marlene de Joaquim, o Filho de Zé Marmita, que leva consigo até hoje o nome do personagem “Seu Boneco”, José Carlos dos Santos Filho. Crizinha, filha de Gazinho, que falou sobre os gatos que João Goleiro roubava da vizinhança para servir de tira-gosto em suas cachaçadas, assim como Wellington de Bindô que falou sobre o inventor do avião, que era meu estimado pai, seu Aurélio.

O ato lúdico foi exibido uma única vez na noite de domingo de 25 de julho de 1993, após a novena de Senhora Santana, sobre o palanque no qual se realizava shows de calouros, que ficava em frente à casa de dona Bezita, e serviu de bastidor para os personagens, atualmente é a casa de Bruno Ricardo. Afirma Gildo Santos, filho de dona Nete, que chegou da cidade de São Paulo na segunda-feira de 26 julho de 1993, e o evento tinha aconteci-

do na noite anterior. Sabendo do evento, surgiu gente de toda a redondeza para assistir, inclusive pessoas de Aracaju, e ao fim da peça teatral pediram bis. Porém não se repetiu anos depois, é que o saudoso professor Laercio fez acontecer por duas vezes. Foram os filhos de Santana que com autenticidade, galhardia e mil por cento de aprovação popular reviveram os personagens da Escolinha do Professor Raimundo.



O Papa Do Diabo Em Carrapicho

José Luiz Howarth Silva, nascido em Icapuí, no Ceará, que ficou conhecido por professor Luiz Howarth, depois de algumas andanças chegou, por volta da década de 70, a Aracaju. Como um excelente comunicador, teve logo seu programa de rádio, na Rádio Liberdade AM, de onde professava seus poderes paranormais aos radiouvintes e em nome de Lúcifer desafiava os poderes

eclesiásticos. Passou a ser uma figura conhecida nacionalmente graças aos meios de comunicação, marcando presença no rádio, em jornais, em revistas e até na tevê, onde se apresentou no Programa Fantástico da Rede Globo. Durante sua permanência em Aracaju teve seu consultório para atendimento espiritual ao público no pavimento superior do prédio de esquina que fica entre a rua Santa Rosa com avenida João Ribeiro, no centro da cidade, de onde provinha sua fonte de renda, além das consultas também vendia velas fabricadas por ele. No prédio de fachada extensa onde ele trabalhava se destacava com letras garrafais os dizeres: CENTRO ASTRAL PROF. LUIZ HOWARTH. No piso de seu consultório tinha o desenho de um caixão. Professor Luiz Howarth construiu a Igreja do Diabo em formato de um caixão de defunto no povoado Parque dos Faróis, no município de Nossa Senhora do Socorro. Depois de vários embates com o Arcebispo Dom Luciano teve o seu templo indenizado pelo o então governador do estado, o senhor Augusto Franco, e logo após a Igreja do Diabo foi demolida. Após uma visita ao seu consultório, acompanhado de sua esposa Pureza, o oleiro senhor Rosevaldo, mais conhecido por Rozé, filho de seu Lucas, convidou o professor Luiz Howarth para fazer uma visita à sua residência, tendo a mesma uma olaria no quintal, a casa era localizada a rua Santa Luzia, no então povoado Carrapicho, onde atualmente é a residência de Chumbinho (Filadelfo), sendo prontamente atendido. Nesta época, eu, Roberto, era o seu ajudante “candango” em sua olaria, por determinação dele fui em uma manhã de sol esperar o professor Howarth na entrada do povoado, nas imediações do atual centro de artesanato, e o conduzir sentado no banco da frente do seu veículo “Galax ou Doge” de cor preta, até a casa de Rozé. Lá chegando ocorreu uma calorosa recepção, tendo visitas de populares, como habilidoso artesão Rozé recebeu a encomenda do professor para fazer centenas de imagem do diabo. Depois de produzidas, as imagens satânicas foram levadas ao forno para o cozimento. En-

quanto elas sofriam o processo natural de cozimento começaram a se estilhaçarem. Amedrontado com o fato, Rozé não conseguiu dormir e na manhã seguinte foi constatado que quase todas as imagens tinham sido quebradas.

NOSSA SEGURANÇA: Saudade dos velhos tempos. Ao cair da noite forrava-se o terreiro com uma esteira de pipiri em frente à casa, deitava e ficava a observar o esplendor do céu representado pelas estrelas com suas formas geométricas e seu brilho ofuscante. Como leigos tentávamos decifrar quais eram as Três Marias, os Três Reis Magos, o Cruzeiro do Sul, a Arca de Noé, o Sino e o Cágado. Nalgumas noites, quando surgia a lua, resplandecente, circundada, sabia-se que o círculo perto da lua representava chuva longe e o círculo longe era chuva perto, ou seja, em breve choveria. Hoje, com o surgimento das drogas e por questões de segurança ninguém ousa repousar sobre a esteira, até porque ela não está mais em moda. E foi neste clima de insegurança que o jovem Zinho de Beta criou um grupo de vigias noturnos, formado por 10 pessoas que não usavam armas, só um colete de identificação, um porrete e cada um com um apito para a comunicação. Trabalhavam das 22h às 6h da manhã, percorrendo as ruas da cidade. Pelo serviço eram cobrados mensalmente R\$ 3,00 (três reais) a quem queria ajudar.

O carioca, residente na cidade de Santana, o senhor Reginaldo Chagas Azevedo, que era policial civil, em 2016 criou e foi coordenador de um grupo de jovens com a perspectiva de formar a Guarda Civil do município de Santana do São Francisco. As inscrições para o Curso de Formação da Guarda Municipal foram concorridíssimas: entre os alunos da cidade estavam Carol, filha de Pinto, Maxuel, filho de Cícero Vitorino, e Catucha, filha de dona Neuza. Do povoado Brejo da Conceição estavam Leidiane e Tainá, e do povoado Saúde estavam Elieje e Ruan. Teve como colaboradoras a professora Geise e a professora Vicença.

Eu, Roberto, realizei palestra nos dias 16 e 21 de fevereiro de 2017 para os referidos alunos com a descrição histórica, reportando-se começando pelo período colonial, depois pelo o período Imperial e por fim pelo o período Republicano, falou dos títulos honoríficos que eram vendidos pela a Corte Imperial do Brasil aos nobres da terra, e traçou um breve histórico sobre a Guarda Nacional, passando pelas questões do coronelismo e por fim sobre os delegados que eram nomeados e comandavam os militares de carreira. Em março de 2017 ocorreu a noite festiva com a entrega do diploma aos formandos na quadra Vitória.

A NOTÍCIA: Tempos se foram em que a notícia chegava até nós através do rádio ou por algum conterrâneo vindo do sul, e essa notícia às vezes era de descontentamento por causa da ação desastrosa do homem, mas nós ficávamos sossegados, pois o fato ocorrera a quilômetros de distância e a nós só restava o constrangimento. Atualmente apesar de não haver um progresso vertiginoso em nosso município fatos desagradáveis acontecem, como assassinato e assalto a mão armada.

SOB A MIRA: Foi o que aconteceu em 08 de novembro de 2004, quando dois homens por volta das 19h de segunda-feira entraram no Mercadinho São Francisco, situado a Praça Sete de Setembro, de propriedade da Sr.^a Clemilda, com um revólver na mão rendeu o caixa e recolheu todo o dinheiro que tinha, nesse momento Zé Antônio, filho de Sr. Pneu, que estava ao lado do caixa para pagar uma garrafa de bebidas, balbuciou em protesto daquela ação nunca vista. Repentinamente o larapio bateu com a mochila de níquel em sua cabeça e o advertiu severamente, logo em seguida cruzaram a Praça seguiram pelo Beco de Manoel Aguiar e tranquilamente desceram a rocheira ao lado da Fênix Club e desapareceram no negrume da noite, só aí é que as ruas ficaram com um furvilhão de gente e a polícia apareceu mas não conseguiu efetuar nenhuma prisão.

ASSALTO AO CORREIO: Um é ruim dois é péssimo e três é demais, porém foi o que aconteceu com o correio daqui, três assaltos em um curto período de tempo. O primeiro assalto ao correio foi realizado por dois sujeitos que chegaram de moto às 11h40 da manhã, do dia 01 de junho de 2005, entraram no correio, abordaram o funcionário João com revólver e tranquilamente colheram o dinheiro, com a cata do dinheiro já realizado foram embora. Pouco tempo depois ocorreu outro assalto em 04 de junho de 2005, segunda de manhã, e foram embora sem serem pegos. Assim seguiram outros assaltos, tanto no correio como no comércio e em residências.

O jovem Tião, filho de Gogó, que trabalhava com vários vigias, entre eles Murilo, conhecido por Moca, filho de Zé Correia, e o senhor Capineira, em 15 de abril de 2010 em decorrência da violência e sucessivos roubos esteve em minha residência e me comunicou que a partir daquela data estava deixando de ser vigia noturno. Atualmente roubos, assaltos, assassinatos, estupro, enfim, crimes de diversas naturezas ocorrem em nosso município, apesar da presença da polícia e da justiça e nós vivemos na penúria da sofreguidão!

Lamentavelmente o município de Santana há muito tempo vive sob o regime de violência, roubos, assaltos, arrombamentos e assassinatos, a maioria deles praticados pelos filhos da própria terra!

O ALCOOLISMO: A pretexto de se divertirem, muitos convidam o álcool a entrar em suas vidas, nunca mais saindo. É habitual grande parte da população das localidades ribeirinhas fazerem uso do álcool abusivamente, antes eram só os homens que usavam, porém nos dias atuais mulheres casadas, moças e mulheres livres bebem mais que os homens nos finais de semana e feriados. Várias mulheres casadas saem de casa cedo e só voltam à noite e marido e mulher acham isso normal. São incontáveis os trágicos aconte-

cimentos que ocorrem por causa do álcool em nossa comunidade que vão do suicídio aos atropelamentos, afogamentos e etc. O alcoólatra leva desespero às suas famílias além de vários deles se tornarem improdutivos. Costumam iniciarem a bebedeira na sexta-feira e prolongarem a farra “bebedeira” até a segunda-feira.

Um caso peculiar é que Laurita, a filha de Manoel Chepeiro e da senhora Sá Jesus, foi dormir embriagada em sua residência na rua do Cajueiro, colocou sua filhinha Sueli para amamentar. O povo só ouvia o choro de uma criança e ao chegarem ao quarto Laurita, a mãe da criança, estava morta.

Um fato cômico, porém desagradável, aconteceu quando Eanes, filho do Sr. Francisquinho, em uma de suas farras com peripécias, alcançou os lances da escada da igreja, pegou o sino, colocou de boca pra cima e derramou cachaça, e isso ficou notório que: Em Carrapicho até o sino bebe.

Atualmente nas ruas de Santana existem pedintes alcoólatras implorando por uma meiotá, um corote, uma cabeça amarela (garrafa de 61) ou um real para tomar uma dose. O álcool é visto por muitos como um desvio de caráter, entretanto, sabe-se que se trata de uma doença grave que precisa ser tratada, pois o álcool é uma droga, que mata.

O GRUPO de alcoólicos anônimos de Neópolis em 06 de Maio de 2004 realizou reunião de esclarecimentos ao público e autoridades presentes na pessoa do coordenador F. de Neópolis e do secretário M. no Centro Comunitário Nossa Senhora da Visitação, em nossa cidade, e no dia 17 de maio de 2004 foi fundado o grupo de alcoólicos anônimos de Santana denominado de “grupo Carrapicho”, por sugestão do companheiro J. F. que no momento foi o padrinho do primeiro ingresso, mas infelizmente o jovem Dimas se afastou do grupo e em 12 de Dezembro de 2005 foi tragado pelo rio às 6h da manhã em consequência do álcool.

As reuniões do AA continuam acontecendo, porém poucos são os que se dispõem procurar o grupo de A.A. de nossa comunidade ou uma Igreja Cristã para expiar os seus vícios e adorar a Deus.

PASSEIO JUNINO, todos os anos a direção da Escola Afonso de Oliveira Forte realiza o passeio junino, culminando com o festejo na Praça Sete de Setembro onde ficam as barracas vendendo doces, salgados, bolos, etc., além da apresentação dos alunos com trajes típicos do grupo escolar.

O BALÉ: o senhor Rui “Carlos Augusto Ferreira”, diretor das Escolas Integrada VIP situada a rua Santo Antônio em Neópolis, realizava aulas de balé clássico para as meninas de nossa cidade no prédio das freiras. A cada aluna era cobrada uma mensalidade. Minha neta, Zuzyane, frequentou a referida escola. No dia 09 de outubro de 2011 às 17h ocorreu um desfile saindo do colégio Municipal Afonso de Oliveira Fortes, no qual as alunas do balé também desfilaram.

O RALLY: No 2º semestre de 2004 aconteceu o primeiro rally com motos, que fizeram o percurso do povoado Brejo da Conceição por trilha até o Povoado Saúde, organizado por Alexandre, motorista da prefeitura, e Rony, o filho de Mirabel, moradores de Santana organizaram.

VELO CROS: Sábado e domingo, 5 e 6 de outubro de 2013, dias de sol forte aconteceu a Terceira etapa Estadual de Velo Cross, na localidade de Várzea no terreno do senhor Mazinho. O primeiro Velo Cross aconteceu na prainha da Saúde, já o segundo na Várzea. Organização de Alexandre do povoado Saúde, o vereador Mauricio Inácio e Vagner, filho de D. Maurina aqui de Santana. Teve competidores de nove estados brasileiros e um atleta de Portugal que já se encontrava em temporada.

O JEGUE: os jegues tiveram tamanha importância na economia do povoado Carrapicho, entre esses jegues poderiam ser con-

tadas histórias curiosas, como a do Jegue Cabano e do Jegue Cabrito que era violento por ter a mania de estuprar outros jegues, chegando a estuprar um jegue na lagoa de baixo e o pobre animal morreu, com seu apetite voraz estuprou até vacas e bezerros.

LONGEVIDADE: Em nosso município existem pessoas que foram ou são contemplados com a longevidade, como a senhora Calú, residente a rua do Mangá, no dia 10 de novembro de 2018 alcançou seus 106 anos de idade, mas veio a falecer quarta dia 02/01/2019. O senhor Luiz Cabaça “Luiz de França Lemos”, morador da rua das Pedrinhas, onde era cuidado pelo o seu filho Benito, que é o coveiro da cidade, acaba de falecer em 25/07/2014, aos 103 anos de idade. Dona Maria de Tuní, residente no povoado Brejo da Conceição, faleceu em 16 de março de 2013 aos 109 de idade. A senhora Berenice da Silveira Silva, mãe da senhora Alvinete Silveira, moradora do povoado Saúde, veio a falecer em 11 de julho de 2014 aos 95 anos de idade.

O ESPAÇO ANGEL: de propriedade do senhor Antônio dos Anjos e seu irmão Manoel, está situado ao lado do campo da Portuguesa. Teve o seu primeiro evento em novembro de 2007 com a Banda Forró Maior, tendo como empresário o filho da terra, o jovem Bruno Ricardo Soares Freitas, o qual trouxe outras bandas como Asas Morenas, Gingados, Banda Valneijós, que tocou com o trio dentro do espaço, o cantor Pablo e o conjunto de dimensão internacional “Os Folhas”, que se apresentou na madrugada do sábado. Por sua vez, Deneci Souza Santos (Dela) trouxe o cantor Auvanildo. Além do espaço para shows existe uma piscina para crianças e outra para adultos, para o lazer da comunidade. O espaço tem servido para diversas atividades. O MÉDIUM que incorporava Dr. Fritz com sua equipe esteve em nossa cidade e atendeu no Espaço Angel de 17 a 21 de agosto de 2009. Houve pouca procura.

A SUBESTAÇÃO da Energisa situada nos limites intermunicipais leva o nome de SUBESTAÇÃO CARRAPICHO: Latitude 0762518, Longitude 8859684. Leitura de Geraldo, engenheiro ambiental e coordenador do ITP – Instituto de Tecnologia e Pesquisa da UNIT.

ACHADOS DA HISTÓRIA: O Porto das Pedras, por via de regra, foi o acesso principal para o então povoado Carrapicho, e as pedras do referido porto passou a ser um point para as lavadeiras, assim como para vários banhistas, turistas e curiosos. Max Miler de Melo Santos, um adolescente de apenas 13 anos de idade, filho de “Joãozinho Côcha”, é um desses banhistas, que no ano de 2018 começou a mergulhar como hobby e passou a encontrar vários objetos submersos, entre esses objetos de sua coleção estão moedas do Brasil, moedas da França, pequenos cachimbos feito de barro, anéis contendo pedras azuis encrustados neles, figa, pequena cruz de chumbo contendo a imagem de Jesus e outra cruz que parece dourada, uma medalha de romaria na qual se destaca “lembrança de minha romaria ÀNS do Bomfim” e no outro lado da medalha se destaca a imagem do senhor do Bomfim.

- Moeda de 1927: a mais antiga dos achados da coleção, no centro dela destaca-se o número 20, *PETRUS I*, sendo esta a primeira moeda encontrada por Max Miler;
- Moeda de 1868: moeda de 1869. Moeda de vinte réis de 1870 contendo no centro o rosto de D. Pedro, escrito *PETRUS II* e embaixo dele tem uma sigla “CL”;
- Moeda de 1990: Moeda de 1938 tendo no centro uma asa e do outro lado o rosto de Santos Dumont. A moeda francesa parece ser de prata, se destaca no centro dela um rosto feminino com folhas de louro sobre a cabeça, além de estar escrito *FRANÇAISE REPUBLIQUE* (República Francesa) no centro do outro lado da moeda está escrito *CELAMBORES*

nº 5. COMARCE DE FRANCE (Câmaras de Comércio da França). Mais ou menos isso. Entrevista dia 14/04/2019.

A Nossa Feira Livre

Com o povoamento da Fazenda Carrapicho se fez necessário um abate maior de rezes, pois a procura de carne se tornou maior que a oferta. Por isso pessoas da região e da própria comunidade começaram a abater gado em vários locais de nosso lugarejo e ali mesmo vendia a carne. A nossa feira livre sempre ocorreu dia de domingo, começou com o abate e venda de carne bovina, o Sr. Alcebíades, que viveu com dona Fulô, mãe de D. Neguinha e Galego, matava boi ao lado do cemitério, embaixo de um pé de cedro, ali mesmo esquartejava e vendia, ele era de Pacatuba, um dos bois que ele matou se chamava Fidalgo, o boi era de cores amarela e branco. Seu André matava boi embaixo de um pé de cajueiro, onde hoje é a casa das freiras, e ali mesmo vendia. O Sr. Ananias matava boi na rua do Cajueiro embaixo de um dos pés de cajueiro mais antigos e também vendia no local. Os senhores Barbino, Zé Marcelino, Seu Sérgio, pai de Valter, e Filirmino foram os primeiros marchantes a matarem boi em um mesmo local, na Rua do Quadro, hoje Praça 7 de Setembro. Matavam o boi de frente ao Bar de Manoel Aguiar, ali existia um pé de cagoeiro (*ariticum*) onde tinha uma roda de carro de boi fixada em um tronco de madeira, que servia para cortar a carne. Zé Pirão D'água deu início ao abate e venda de carne de porco também naquele local.

Esse abate sempre ocorreu dias de domingo, tinha dono de casa que comprava de 15 a 20 kg de carne por vez para o consumo da família. O segundo produto a ser vendido na nossa feira livre foi a farinha de mandioca, vindo do Brejo do Vieira e, por

causa dos rigores do tempo e das precariedades do local de venda, o próspero comerciante, o Sr. Afonso, manda construir por conta própria um pequeno pavilhão para os vendedores ficarem em melhores condições, eles começaram já a venderem vários produtos como verduras, condimentos, e o Sr. Xavier e sua esposa Enize vendiam dentro daquele pequeno pavilhão a sua farinha, normalmente só se matava um boi por semana. O Sr. Luís, que era casado com a filha do Sr. Camilo, começa a vender uma das melhores carnes do sol, ele era da Água Vermelha. O peixe era vendido nas ruas ou sobre a calçada de D. Nanã, onde ali mesmo ela cedia a sua balança pra pesarem o peixe, quem mais vendia peixe aqui era a família Maneta que era exímia pescadora.

Zé Pirão D'água começa a matar boi e a vender já dentro do pavilhão. Hidelbrando, prefeito, manda que no mesmo local do pavilhão fazer um pavilhão maior, com melhores condições. A feira cada vez mais foi crescendo e começava a vir gente de fora para vender seus produtos.

Na administração do prefeito José Machado Barreto é construído definitivamente o Mercado Municipal em 1957, como estava escrito na fachada. Ele foi construído quase ao lado do mercado feito pelo senhor Afonso de Oliveira Forte para a comunidade. A feira livre já ocupava o mercado e a área da frente, onde ali o Sr. Egídio, esposo de D. Santa, vendia manga em um cesto. Carrapicho, mesmo com uma pequena comunidade, comprava mangas, pois a comunidade era digna, porém há muito tempo a libertinagem de inúmeras pessoas invadem os sítios e, como verdadeiros delinquentes, cortam arame, quebram estacas, apedrejam os telhados das casas mangueiras, pois a cada manga que seus olhos desejam acontece uma saraivada de pedras, para cada pedra atirada dezenas de mangas verdes caem sem fazer parte da conquista de sua cúbica, esses delinquentes ainda agridem os proprietários com palavras de desafetos,

palavrões e apelidos pejorativos, deixando os donos dos sítios raivosos e com faniquito, a comunidade e a Justiça continuam indiferente ao grave problema. A longa temporada da safra das mangas que deveria ser longa passa a ser minguada pela queda indevida das mangas verdes.

AS BONECAS DE PANO: que eram feitas aqui pela senhora Sabrina, mãe de Lucia de Cosme e esposa do senhor Zé Sabino, e as que eram feitas por algumas mulheres do povoado Saúde eram vendidas com grande aceitação na nossa feira livre. (16/12/04)

O HOMEM e as melancias: Na feira sempre apareciam novidades, como um forasteiro que ao se aproximar de um monte de melancia apostou com os demais como chupava todas elas, se o fizesse ganhava a aposta e se não perdia. Aposta confirmada ele começou a chupar melancia, a sua volta só se via melancia e a cada melancia ingerida os curiosos apertados (Bexiga cheia) corriam para urinarem repetidas vezes, a mijadeira foi geral e ele sequer saiu do lugar e ganhou a aposta.

O CURADOR: De vez em quando chegava à feira um homem com dois caixotes de tábuas que ao abri-lo nos deixavam arrepiados, pois ele era o curador, com ele nos caixotes vinham diversas cobras, entre elas algumas descomunais que lembravam as serpentes narradas em contos que em luta tragava o mais valente guerreiro. Ali com as cobras expostas ele convidava de maneira convincente todos a virem se curar para ficarem livres do veneno de cobras peçonhentas durante toda a sua vida. Ele curava as pessoas pela mordida ou pelo rastro, os que queria ser curado pela mordida colocava a cobra sobre o corpo e depois que ela escorregava em ziguezague, sob a ordem do curador mordida e sobre a perfuração da presa escorria sangue e daquele dia em diante todas às vezes que a pessoa fosse picada por uma serpente não seria vítima do veneno fatal dela.

Aos que queriam ser curado só pelo rastro colocava seu pé sobre a estrela de Salomão rabiscada no chão pelo curandeiro, o curandeiro com sua mão imposta rezava como um solilóquio, a cura sobre o rasto evitava a picada de cobra quando atacado, e para expor a convicção do seu trabalho ao público, mandava alguns abrirem a mão e depois de uma minuciosa consulta publicava a todos que aquele cidadão era curado de nascença e não recebia dinheiro por tal logro, por isso ficava agraciado pela credibilidade de seu trabalho. Zé Piluca e Jaime começam a vender carne dentro do mercado e até hoje a família do Sr. José Feitosa (Zé Pirão D'água) vendem carne. As tratadeiras era a senhora Rosália, mãe de Bininha, e a senhora Liu, mãe de Bel. Elas tinham grande relevância, pois eram elas que limpavam os fatos, só depois de tratado é que era vendido ao público com muita aceitação. Atualmente o limpador de fato é o jovem Êzio dos Santos, conhecido como Galo.

O peixe e o camarão daqui são vindos da Saúde e do Brejo da Conceição, são vendidos na calçada do mercado de frente a Sinval. O peixe predominante à venda no momento é o tambaqui, e Cícero de Penedo está sempre com sua banca de peixes salgados e congelados. A presença de peixe de água salgada aqui devia-se ao senhor chamado de Cambalho que vinha de Piaçabuçu-AL.

Penedo sempre foi indispensável ao nosso povo, ali naquela feira livre que acontece às sextas e sábado de cada semana a maioria das famílias de Carrapicho faziam e fazem compras, porém nunca deixando a nossa feira livre. Por consequência da venda de cerâmica em diversos lugares da nossa região se fazia e se faz feira, quando Tonho de Caçula, com sua canoa aqui aportavam na segunda-feira, com ele vinham mantimentos comprados na feira de Ilha das Flores. Outra cidade que as pessoas faziam compras era Japoatã e o faz até hoje, mas o Sr. Pedro Gastir, homem próspero que tinha gados, terreno para o plantio do arroz, canoa e uma boa vivenda, ia com seu carro de boi à feira livre de Japoatã. O

Sr. Júlio Veríssimo saía daqui com um enorme cesto de cerâmica na cabeça para vendê-las em Japoatã, só depois começou a negociar levando o artesanato em lombo de animal. A nossa feira livre continua a ser aos domingos, a maioria dos vendedores são de fora mas ao raiar do dia eles já estão sortindo as suas bancas com produtos diversificados. Nas BANCAS vendem: roupas, cereais, farinha de mandioca, CDs, bolos, arroz doce, galinha de granja, verduras, bebidas na banca do senhor Joá, uma doze de pinga custa cinquenta centavos, plantas medicinais e apetrechos como candeeiro e peteca, fumo de rolo e cigarro do Paraguai, frutas do Platô, produtos utilitários como escoador, baldes de plástico, doces e balas, cintos, bola, pegador de cabide, pente, condimentos, peças para bicicleta, relógios e também realizava o conserto.



Na banca do senhor Joá uma doze de pinga custava cinquenta centavos. Atualmente Tonho Boró é quem vende. O fiscal municipal, José de Jesus Leite (Duda), atualmente vereador, cobrava por banca pequena Cr\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos) e em

uma banca maior Cr\$ 3,00. A banca mais antiga é a do pessoal do povoado Brejo da Conceição que vende pé de moleque, sarôio, malcasada e tapioca.

Na semana Santa o peixe quase que dobra de valor. Por trás do mercado de frente à casa de D. Neuzita realiza-se troca de animal e o gerenciador dessas trocas é o Sr. Zé de Jorge, que vem do Povoado Espinheiro, e um rapaz de Pacatuba, apelidado de Jaquinho. Atualmente se abate cinco bois por semana. Além dos vendedores que vem da cidade do Cedro e da cidade de Ilha das Flores. Zé Piluca mata dois; Guinho, seu sobrinho, mata dois, e ambos saem do mercado e vendem nos imóveis de Tonho Boró na Rua Santa Luzia. Joelson mata um e vende em seu próprio açougue ao lado do Mercado, atualmente é seu filho Jeferson. O senhor Guaia vende carne de porco.

Todos os vendedores de dentro do mercado tiveram que sair para que ali o prefeito Ricardo Roriz restaurasse e fizesse uma Biblioteca Pública Municipal. Os feirantes até hoje vêm reclamando, pois necessitam de um sanitário para as necessidades básicas, porém este pedido está sem ser solucionado. No dia 08 de junho de 2014 a feira livre foi transferida para a rua Santo Antônio, depois de séculos de existência, por causa da nova construção da praça 7 de Setembro, e até o momento, agosto de 2018, ainda continua lá.

Os Artesanatos do Povoado Carrapicho

Em Carrapicho além do nosso tradicional artesanato em barro existiam outros tipos de artesanatos, onde homens e mulheres tiravam destes ofícios o seu sustento.

O ARTESANATO DE PALHA: O trabalho do artesanato em palha começou logo cedo em Carrapicho, com feitio de abanos e

vassouras, também pessoas do Brejo do Viega, como o Sr. Manoel Dum, irmão de Ramiro, fazia parte desse proletariado, aqui o Sr. Nucir e a senhora Adélia foram uns dos pioneiros no feitio do abano e da vassoura, peças essas fundamentais no dia a dia do lar. A senhora Maria das Dores Neres, mãe de Eluza, foi uma das primeiras pessoas de Carrapicho que deu início a arte de fazer trança e chapéu. Depois surge com a migração de pessoas de Alagoas, inclusive da localidade Freixeira, artesãs como:

- Maria Nilza Santos e sua genitora Maria Francisca da Conceição Santa;
- D. Lindinalva, esposa de Pedro Barbeiro;- D. Eulina, a mãe de Edna de Beto doido;
- D. Marilene, esposa de Linoir;- D. Maria, esposa do Sr. Eugênio;
- D. Cabocla, esposa do Sr. Valentim;
- D. Maria esposa Joel Rodrigues.

Essas mulheres, além de produzirem, transmitiram a técnica deste trabalho aos moradores daqui, como: Ninha de Creia e Maria Verônica Santos (a muda), irmã de Dorgival Santos (Doje), dentre outras que se habilitaram nesta arte. A palha para a confecção de trança era e ainda é retirada de ouricurizeiras, que era encontrada em abundância em nossas matas e hoje não. As palhas também eram usadas para fazer outros produtos como: bolsa, inclusive uma espécie de bolsa chamada “Boca-Pio”, e tapetes, alguns deles serviam como decoração exposto na parede de casa.

A ouricurizeira dá um pequeno fruto aglomerado em cachos, esses frutos são comestíveis para pessoas e animais ruminantes, após caírem de maduro, consumido pelo gado e depois de expelido fica seco e é colhido pelas pessoas, que para consumi-lo que-

bra ele com o atrito de duas pedras, o ouricuri também é colhido do cacho ainda semimaduro e levado ao fogo com água e cozido se torna um alimento agradável que era vendido nas feiras livres com grande aceitação. O período favorável para a tiragem das palhas na ouricurizeira era no mês de janeiro, fevereiro e março, pois a palha não corria o risco de mofarem ou enrolarem, para evitar esses problemas quando necessário recorria-se ao calor do forno da cerâmica após a retirada das peças queimadas.

Para se fazer um chapéu, se fosse pequeno gastava 2 ½ (duas braças e meio) de palha trançada, para se fazer um de tamanho médio gastava 3 ½ (três e meio), as braças de trança de palha gasta em um chapéu é de acordo com o tamanho dele. Para fazer um chapéu enorme como o que Chicô encomendou a Nilza de Virgílio (Maria Nilza Santos) para brincar no carnaval ela gastou mais de seis braças de palha trançada para fazê-lo. As mulheres costumavam a trabalhar em grupo para que o serviço nunca ficasse monótono e produzissem mais, elas realizavam o trabalho em grupo sentado no chão dentro de casa encostada na parede ou na calçada.

O produto mais vendido era o chapéu, este depois de pronto era levado por intermediários para diversos destinos, entre eles: São Paulo, e o período de maior demanda de vendas eram o carnaval e São João. Um rolo de trança de palha dava para fazer aproximadamente 10 chapéus, o máximo que uma mulher conseguia produzir por dia era seis braças de tranças. Os rolos também eram vendidos para os intermediários que vinham e levavam para Freixeiras, Penedo, Propriá e outros locais. Por volta de 1983 seis braços de tranças custavam CR\$ 160,00 ou CR\$ 170,00.

Atualmente o trabalho de produzir chapéus e tranças não é mais realizado, não só pela escassez das ouricurizeiras, que trouxe um grave problema para as mulheres, mas também pela falta de

encomenda, pois reclama a senhora Nilza, entre outras, que está apta a trabalhar, o problema é que não aparece mais um filho de Deus lhe encomendando tais serviços. Porém o trabalho de produzir vassouras continua mesmo com toda a dificuldade de arranjar a matéria prima, o fazem pois é seu único meio de tirar (obter) o seu sustento. Ninha de Pracida, a esposa de Zé Antônio, a mulher de Perneta, levava o seu produto para venderem na feira livre de Penedo e Neópolis e cada vassoura custava apenas R\$ 1,00 (um real), agora custa 2,50 (dois reais e cinquenta centavos), mesmo assim às vezes tem dificuldade de vender, pois as vassouras industrializadas tem maior aceitação.

O ARTESANATO DE CIPÓ E TABOCA: O artesanato trabalhado com cipó e taboca sempre foi produzido por gente de nossa região. O Povoado Saúde se destacava e ainda hoje se destaca na produção de covos e carrapicho, não fugiu à regra. O Sr. Jonas da Silva, mais conhecido como o velho mouco, pai de Irene e o Sr. Lizeu, foi um dos artesões que se valeu de sua arte para atender as necessidades de pescadores carregadores de cerâmica e vendedores de pães, pois eles faziam enormes cestos, coufe, balaios e chuva.

O ARTESANATO DE APETRECHOS DE PESCA: Homens e mulheres eram o suporte sustentável para que houvesse a atividade da pesca, pois eram eles que confeccionavam os apetrechos, tempos passados usavam fio de tucum ou em alguns casos cordão para fazerem: punçá, jereré, rede, tarrafa e etc. Alguns dos pescadores eram sistematicamente detentores desse ofício, pois faziam, entranhavam, colocavam chumbos e remendavam os seus apetrechos. Já outros só sabiam remendarem. Alguns desses bons artesões eram:

No Pinel, Mané Geije, Aluizio Maneta, D. Pudú, Maria Trovada, alguns atuais são: Nalva, esposa de Florisval, Mário Onça,

Djailton, Dionísia, Zaú, filho de Joel Rodrigues, Roberto Alves Feitosa (Beto de Ermínio), Dona Balbina. Porém, com o aparecimento de apetrechos totalmente industrializados a produção artesanal dos mesmos está saindo de evidência e brevemente, por não haver mais uma atividade efetiva, a arte tende a desaparecer, porém se faz necessário, urgentemente, a aprendizagem de pessoas para saber fazer, costurar e entranhar os apetrechos de pesca.

O ARTESANATO DE REDE DE DURMIR: Alguns artesãos de apetrechos de pesca também sabiam fazer redes de dormir ou rede do Ceará, como é conhecida, para o descanso do corpo, essas redes eram feitas de cordão e não de tecido, por causa de suas malhas que dava a semelhança de uma rede de pegar peixe. No verão eram muito usadas por causa da boa ventilação, ao deitarmos nela sem camisa, ao levantarmos, as costas ficavam com marcas das entrelinhas e dos nós. Dona São Pedro de **Zé do Jitó**, minha mãe, D. Raquel, era uma das pessoas que produzia tais redes, mas quase todas as pessoas que faziam rede de cordão faziam também para o uso da família.

O ARTESANATO DE RENDA COM BILRO: Era corriqueiro ao cair da tarde e ao passarmos pelas ruas vermos mulheres sentadas em tamboretas ou cadeira com uma enorme almofada, fazendo trocadilho de bilros com suas habilidosas mãos e produzirem belíssimas rendas de bilro.

D. Bela, a mãe de Sinval, D. Rosa, irmã de D. Miné, Maninha, tia de Hidelbrando, faziam parte desse seleto grupo de artesãs. Tínhamos a senhora Miriam (D. Cilça) que era presidente da associação de moradores Amigos de Carrapicho (Santana do São Francisco), que tinha 160 associadas e produziam: ponto de cruz, rendendê, crochê e bordado. O produto era escoado para o NUTRAC, em Aracaju, para Belo Horizonte e outros locais, esta associação tem sede própria, que fica situada na Rua do SESP,

porém está obsoleta. Quero ressaltar, enfaticamente, que desde o artesanato de barro até o último item aqui citado, entre o fazer e o aprender, estas atividades estão na iminência de ser excluída de nossa cultura, como na verdade algumas já foram. E as autoridades competentes não se atêm aos fatos que nos nega a um legado sociocultural, a exemplo da cerâmica, não existe um professor de arte e todas as modalidades que faz existir essa arte, inclusive a queimação em preto e em vitrificação e a habilidosa técnica de abrir nome (fazer), pode ser extinta em breve!

O nosso Futebol

Aqui em Carrapicho os rapazes ainda quase imberbes começaram a praticarem a famosa pelada, também chamada de racha, fazendo uso de nossas planícies e várzeas, inclusive nas crôas que são baixios de areia surgidos no leito do rio. Surge o 1º time organizado formando assim o 1º clube de futebol, criado pelo Sr. Amábílio, que era filho do Sr. Manoel Cizino Freitas e tio do senhor Gazinho, com a denominação Esporte Clube de Santana, porém conhecido como Santanense. No mesmo ano, por seu intermédio, é construído o primeiro campo do povoado, o Campo de Baixo no terreno doado por João da Silva Barroso ao lado do Riacho do Mangá, o campo foi inaugurado no dia 14 de janeiro de 1940. Houve missa solene e benção no campo realizada pelo Padre Jervázio, sendo o encarregado do campo e do time o Sr. Amábílio Freitas. Nomes de alguns dos primeiros jogadores: Barroso, irmão de Teniza; Toinho Marteliano, pai de Fudenga; Manuel de Otília, pai de João de Bia; Ozon, pai de Neco; Zé Piabinha; Beilço, pai de Dete, esposa de Messias, que era goleiro. Com a construção desse campo passaria a acontecer treinos e disputas com times das regiões vizinhas, tornando as tardes dos

domingos festivas, pois toda a atenção da comunidade nestes dias era voltada para estes encontros futebolísticos. Um dos times que mais frequentou o Campo de Baixo foi a agremiação chamada Tira Teima da Vila Operária Passagem.

O SANTANENSE ainda jogou em um campo improvisado onde é a área do grupo estadual. Depois de longos anos de atividades o Campo de Baixo deixa de ser o centro das atenções futebolísticas, pois os fatores que inviabilizaram o uso deste foram as permanentes enchentes, os invernos rigorosos, as águas transbordantes do Riacho do Mangá e ainda as instalações dos postes com as linhas elétricas de alta tensão da CHESF.

DO TIME SANTANA surgiu o Treze. Em 13 de outubro de 1953 é fundado, o Treze Futebol Clube, estando na presidência o Sr. Amábilio. A origem do nome Treze aconteceu por influência de alguns jogadores daqui que gostava do Treze de Campina Grande. Imediatamente, no mesmo ano da fundação, deram início a construção do campo no topo da colina e passou a ser chamado o Campo de Cima, alguns meses depois, já no início de 1954, ele já estava construído. O terreno foi doado por João Barroso, o desmatamento da área deste campo foi feito por seu Antônio Grande (pai da professora Salete), através de uma empreitada, e foram retiradas da área aricurizeira, mulunguezeiro, mangueira, juazeiro, cajueiro, velande, jurubebas e outros. A própria equipe do Treze nos finais de semana se organizavam e ajudavam a construir o campo, seu João Marcelino que apesar de não jogar bola sempre participou ativamente com o Treze. Foi escolhido para a construção do campo do Treze a área do grupo estadual, a área do sítio de Fizo, irmão de Eufrasio, e a área da cerâmica de Ernande Silva, porém, por ser um terreno pedregoso desistiram.

Na inauguração do Treze houve festa com a celebração de uma missa solene, o Estádio do Treze leva o nome do ilustre filho da

terra, Estádio João da Silva Barroso, mais conhecido como o Barrozo. A sede do Treze está situada ao lado do campo e foi inaugurada em 2001.

Alguns dos primeiros jogadores do Treze: Pneu, esposo de Florita; Tonho Sibica, pai de Erinho; Joaquim, o pai de Lê; Maí, esposo de Dalva; Nininho, o pai de Biba; Suarino, o esposo de China.

Zé Pereira, o filho do latifundiário do Betume seu Zeca Pereira, sendo candidato a deputado estadual doou 25 pares de chuteiras ao Treze, que até então jogavam descalços. O Treze participou de vários campeonatos e torneios, chegando a ser campeão e conquistando alguns títulos. O Treze não competiu intensamente no período de glória da Portuguesa, Treze e Portuguesa sempre foram rivais e sempre foram os melhores times de Santana.

Manuel de Oscar jogou em alguns times de Carrapicho, gostava de jogar de extrema e foi o jogador mais veloz na história do futebol de Carrapicho.

As bolas usadas naquela época eram de couro e tamanho nº 4 costurada à mão, era formada em gomos e se introduzia uma câmara de ar circular e a fechava cozendo, ficando com um tampão exposto no local do pito que ao chutá-la de mau jeito descalço o jogador se machucava, e quando a bola estava encharcada ao ser chutada só percorria alguns metros, dessa maneira era impossível chutar o tiro de meta. Era habitual quando havia partida no Campo do Treze dois homens da organização do mesmo passavam uma corda entre o pé de Juazeiro e o mato na entrada do campo, fazia cobrança da entrada e quem tinha pouco dinheiro pagava um preço simbólico, porém alguns torcedores adentravam o denso mato e mergulhavam a cerca de arame farpado.

ÁGUA PARA BEBER, como o campo ficava distante do povoado e mais longe ainda do rio. Pessoas da comunidade, inclusive eu, Roberto, levava potes, moringas e cabaças com água e vendia a

água, tendo como medida uma caneca ou um copo, isso só deixou de acontecer a partir de 1981. Curiosidade era que Alfredo dos Santos, nascido em fevereiro de 1961, “Alfredinho” trabalhava de candango na cerâmica do senhor Toinho de Flora e aos domingos Alfredinho acompanhava seu Toinho ao campo, porém levava consigo o banquinho de madeira pra seu Toinho sentar.

A Portuguesa

A Portuguesa antes era um time formado por pescadores e canoieiros, gente das águas, alguns desses jogadores eram: o senhor Chupa, filho de D. Pudú e irmão de D. Jinú; Nelson Fausto, pai de Cachoba; Tonho Arara, irmão de João Goleiro; seu Lunga, pai de Mida; Paulo de Tonho Grande, que era o goleiro. A Portuguesa antes era chamada time dos Canoieiros, entre tantos outros nomes que tentavam escolher para ele. O Sr. Nelson Fausto queria colocar o nome de Caravela, porém ao irem a Penedo e chegarem à loja o primeiro uniforme que viram foi o uniforme da Portuguesa, se agradaram e compraram os mesmos e em 25 de agosto de 1957 é fundado a Portuguesa de Desportos, tendo a pessoa do Sr. Djalma, conhecido como Lunga, como presidente.

Até então jogavam de pés descalços, a Portuguesa não tinha seu próprio campo, fazia uso do Campo do Treze para os treinos e as partidas. Por volta de 1979, Antônio dos Anjos (Vereador), meu primo, viabilizou pela pessoa do Sr. Nelson Araújo, candidato a deputado estadual, que veio ficar na suplência, a máquina para fazer o campo, que era um sonho a ser concretizado por todos da Portuguesa, neste período o presidente da Portuguesa era o Sr. Carlos Feitosa, filho de Pirão d’água (José Feitosa), que era fã nº 1, tanto é que muitas vezes custeava as farras, viagens do time e da própria torcida.

A bandurra era a batucada organizada por Machinho de Giselda (Florival) e por João Goleiro, que acompanhavam a Portuguesa. Chega a máquina e é apontado o terreno de João Barroso, onde hoje é a cerâmica de Ernando, para a construção do campo, a máquina começa o trabalho mas de imediato vem uma segunda ordem para suspender o trabalho, isso se deu através de uma pendenga entre pessoas da direção dos dois times Treze e Portuguesa.

Carlinhos, o presidente, orientado por seu pai, procurou Toinho Lobo, que eram amigos, e pediu uma área de terra em sua propriedade para fazer o campo e o mesmo foi atendido prontamente, o terreno foi doado, a máquina prosseguiu com os trabalhos realizando, em 1979, o sonho de uma sociedade esportista, hoje o campo é evidência para os que ali se fazem presente.

O campo da Portuguesa leva o nome de Antônio Araújo Lobo, em homenagem ao doador do terreno, mas o campo é conhecido como o Lobão. Ao longo desses anos por falta de interesse das diretorias que ali se fizeram presente até hoje a escritura do campo não foi feita. Tivemos indiscutivelmente duas figuras de destaque: Lourdes de Adolfa, que com seu dinamismo norteara as ações festivas, e Zé Tintino, cunhado da mesma que incansavelmente contribuía com o clube, ajudou a fazer o muro do campo da Portuguesa e a construção da sede situada entre a Rua São Vicente e a Rua Batista Gomes.

Em 12 de abril de 1979 a Portuguesa realiza seu primeiro treino em seu campo e em 26 de agosto inaugura seu campo jogando contra o time de Nossa Senhora de Lourdes, onde a Portuguesa foi a vencedora, daí por diante se destacou como uma equipe a altura dos seus adversários, conquistando seu espaço e consequentemente títulos. Chega a conquistar o título de tetracampeão pela liga da Passagem Nova, defrontando-se em uma cerrada disputa

com o Guarani do Serrão, havendo até tumulto dentro e fora de campo, pois a paixão dos torcedores era maior que a razão e nisso culminava muitas vezes em desordem.

Porém levou o título do tetracampeão com o resultado de 3x2. No mês de fevereiro de 1982, semanas antes, Rogério foi quem fez o gol para classificação final, a partida do tetra foi realizada no Estádio José da Silva Peixoto, na Vila Operária da Passagem. A Portuguesa foi campeã pela 1ª vez no campo do Treze e jogou sem chuteira.

Ligas que representaram os campeonatos: Regionais e Intermunicipais das cidades de Neópolis, de Propriá e a Vila da Passagem. Nesses campeonatos tivemos a participação do Cruzeiro do Colégio-AL, América de Ilha das Flores e Guarani do Povoado Serrão, todos com grande favoritismo.

ÁRBITROS que contribuíram com nosso esporte: Xavier, o pai de Tonho Gorgulho; Eufrásio Fortes; Maí; Adabel; Cícero Vitorino; Zé de Otávio; Zé tuca; Chico e Pedro, filhos de Vavá; Daril; Tito; Vardinho, de Maria de Alves; entre outros.

GOLEIROS que se destacaram: Paulo de Tonho Grande; Mazola; Nidinho; Nen de Ozom; Idelbrando, este último defendeu por várias equipes: Portuguesa; Treze; Passagem; América de Propriá; Santa Cruz de Penedo; Santa Cruz de Estância; fez o teste no Confiança e foi aprovado porém veio embora, foi cogitado para o Sergipe porém alheio ao sucesso negou-se a si mesmo, ainda jogou no Sete de Brejo Grande, de onde ele é natural.

Jogadores que se destacaram: Messias de Maria de Alves; Sergio de Zuzú; Eanes e seu irmão Toinho; Lirinho; Jaime; Tico de Zequinha; Zé Piluca; Nino; Zé Bolinho de Sila; entre tantos outros.

JOGADORES PROFISSIONAIS: GABRIEL, filho de João Barroso, aos 13 anos começa a jogar futebol como atacante de-

fendendo o Treze, depois passa a jogar pela Portuguesa, logo depois se integra ao Passagem Esporte Clube e se consagra campeão sergipano pela segunda divisão, depois passa para o CSA-AL e em 1968, aos 22 anos, é campeão alagoano, permanece ali por um ano, sai por espontânea vontade e vem jogar no Penedense por 3 anos, depois participou de várias partidas pelo Bonfim de Neópolis, Gabriel era um exímio craque, mas por questões pessoais não fez do futebol sua causa maior.

MACHADO, irmão do senhor Maí, começou sua carreira no futebol antes de Gabriel, defendendo o Treze, de lá foi para o CSA-AL. Era um excelente atacante sendo negociado para o Botafogo da Bahia, onde se consagrou como melhor atleta da Bahia, com isso alguns times do Rio de Janeiro o queriam, porém o Botafogo prendeu seu passe, frustrando o seu sucesso, até hoje ele reside em Salvador.

ROSALVINHO: Começou a jogar aos 13 anos pela Portuguesa, depois veio jogar no Treze, e aos 26 anos é contratado e passa a jogar no Penedense, no ano de 1977, ficando no clube por mais de um ano na posição de ponta direita, defendeu o Penedense contra o CSA, CRB, ASA e outras agremiações, com o Penedense em situação precária abandonou o time, jogou ainda em Neópolis e Passagem e recebeu convite de clubes Sergipanos mas negando-se, a sua capacidade absoluta frustrou a sua glória.

ROGÉRIO: Ainda jovem começa a defender o Treze e depois vai para a Portuguesa, aos 16 anos é convidado para jogar no Penedense e fica neste clube de 82/83 jogando de atacante e de 84/87 defendendo o Esporte Clube Recife, depois passa a defender o Platinense Futebol Clube do Paraná durante quatro meses, sendo negociado para o clube de Portugal, o União Desportivo de Leiria, onde permaneceu por quatro meses, por ter

uma contusão no tornozelo direito, ao jogar no Leiria machucou-se e para agravar o problema o clima de Portugal não o ajudou a recuperar, sendo dispensado. Jogou ainda no ABC de Natal, Prudentina de São Paulo, Sampaio Correia do Maranhão, Botafogo do Ribeirão Preto, totalizando 14 clubes profissionais, antes de encerrar a carreira ainda jogou no CRB de Alagoas e Itabaiana-SE. E foi auxiliar técnico do Penedense. Atualmente o seu filho Roger Silva Santana joga no time de Olho D'água das Flores, Alagoas.

NOMES de vários times de Carrapicho: Os Perigosos; Santa Cruz; Botafogo; Palmeirinha; Juventude; Vasquinho; Os Canarinhos; São Paulo; Fluminense; Rio Branco; Os Homens de Ouro, que eram jogadores coroa; Madureira; O Social; os Barreiros, este fundado por trabalhadores que aprontavam barro, fundadores foram Toinho Marteliano e seus filhos, o único objetivo deles era de se divertirem aos finais de semana e a máxima do clube era participar.

Foi o time mais perdedor da história do nosso futebol, ao jogar todos faziam a mesma pergunta “Perdeu de quanto?” “De quanto perdeu?”. Mesmo com tantas derrotas era um time festivo, porém, depois se estruturou e se reorganizou passando a se chamar Guarani.

Atualmente existem vários times, porém só a Portuguesa e o Treze continuam sendo os principais. A Portuguesa, porém, só joga com três titulares, os demais jogadores são de fora assim como o Treze, que também só tem três titulares da terra, os demais vêm de outros lugares e pior que ambos os times pagam aos que aqui chegam para jogarem. O que mais acontece atualmente são torneios, mas a empatia do torcedor o ausentou do campo, pois não existem mais aquelas tardes festivas. O esporte mais praticado em Santana sempre foi e é o futebol.

Todo o dia 1º de maio de cada ano é realizado torneio de futebol acontecendo nos campos do povoado Brejo da Conceição e povoado Saúde, aqui na cidade nos dois campos. Esse ano jogaram no Brejo 4 times de lá mesmo e cada time ganhou 80,00 reais, o 1º e o 2º lugar ganharam ainda 1 troféu. No povoado Saúde foram oito equipes de lá. Cada equipe ganhou 80,00 reais e o 1º, 2º e 3º lugar além do dinheiro ganhou um troféu. Em Santana foram 16 equipes, Portuguesa e Treze como de costume não participaram. No campo do Treze jogaram oito equipes e no campo da Portuguesa oito equipes. A disputa final se dar no campo do Treze por ser o melhor campo. Foram finalistas: Os Modernos, comandado por Toinho de Francisquinho, e o COHAB Velha, comandado pelo filho de Maria Galega. Não houve comes e bebes após o torneio como de costume porque a prefeitura não arcou com a despesa sozinha como habitual. Foram organizadores do torneio: Rogério de Tonho Caçula, José Silva (Zezinho de Palé), secretário de esporte e lazer, Bebel de Silço de Lucensso, Van Carlos, filho de Rasga Chalé, Neném, irmão de Rogério. O torneio aconteceu debaixo de uma tremenda chuva.

Atualmente, o Treze joga só com dois titulares de Santana, Davi, filho de Pneu, e Edinho, filho de Capineira, mais o goleiro Aldo, que é casado com a filha de Nelsinho. A Portuguesa joga com três titulares, Evertinho, filho de Moura, Luluca, filho de Dona Bia, e Americano, filho de Chiquinho. Em 2013 aconteceu um campeonato regional denominado Copa do Arroz, tendo doze equipes formadas em três grupos com quatro times cada. Atualmente o presidente do Treze é o jovem Vamberto (José Ronaldo Silva Fontes) e o presidente da Portuguesa é também um jovem, Chibanga (José Antônio Rocha de Souza).







**Rogério,
em Portugal**



Rosalvinho

Portuguesa: Goleiro (Nidinho), Toquinho, Rosalvinho, João Leão, Galeguinho, Tonho Cachorro,
Agachados: Carlinhos de Zé Prão d'água, (), Jesse, Lirinho, Bisourinho, 10



**O TIME CHAMADO OS HOMENS DE
OURO NO CAMPO DO TREZE.**



27=08=87

Portuguesa já aniversariou mas a festa será no dia 6

Neópolis – A Portuguesa de Desportos de Carrapicho, completou na última terça-feira, dia 25, 30 anos de atividades, no cenário futebolístico sergipano. Para marcar o acontecimento, convidou o Guarany do Sertão, para uma partida amistosa, levando todos os seus torcedores ao Estádio, no domingo que antecedeu a data do aniversário, no caso, no último dia 23.

Além do jogo com o Guarany, o 30º aniversário da "Lusa", foi comemorado apenas com a celebração de uma missa em

Ação de Graças, pelo senhor José Moreno de Santana, às 19:00 horas da terça-feira, da qual participaram, jogadores, comissão técnica, diretores e a torcida da Portuguesa de Desportos. Hoje, o time mais querido de Carrapicho. A festa, para valer mesmo, vai ser realizada no dia 6 de setembro, por ocasião da inauguração da nova sede social, que, pelo fato de encontrar-se ainda em obras, obrigou a direção da Portuguesa adiá-la para aquela data. Um dia inteiro de muita festa, Carrapicho viverá, para apre-

sentar a nova sede do time ao povo, que, mesmo ainda sem estar concluída, já é admirada por todos, graças aos esforços dos benfeitores da Portuguesa, dentre eles Carlos Alberto Feitosa e o seu presidente José Vieira dos Santos, além do relação pública José Viana Filho.

Reina grande expectativa em todos os setores de atividade de Carrapicho, em torno da festa da Portuguesa de Desportos, no dia 6 de setembro, até mesmo, entre as pessoas que torcem por outros clubes.

27/08/87



3/9/87

Festa para a Portuguesa do Carrapicho

NEÓPOLIS – Domingo próximo, a Portuguesa de Desportos de Carrapicho, estará inaugurando sua nova sede social, quando será também realizada as comemorações do seu 30º aniversário. A data do aniversário da Lusa, foi o dia 25, entretanto, sua diretoria achou por bem comemorar no dia 6, aproveitando o ensejo, para entregar a seus associados a nova casa do tricolor.

casas do tricolor.

Uma vasta programação será cumprida, durante todo o domingo no Carrapicho, por ocasião da festa da agremiação esportiva mais querida pelos moradores. A diretoria já expediu convites a diversas autoridades e amigos da Portuguesa, para que visitem as instalações de sua nova sede e participem da grande festa. Afinal de contas, ter casa própria e instalações modernas, é a realização de um sonho, que já dura 30 anos.

3-9-87

3/9/87

O Progresso Chegou

HISTÓRICO DE PEIXOTO & GONÇALVES: O Sr. Joaquim da Silva Peixoto era brasileiro e o Sr. Manoel Gonçalves era português, como eram dois homens de grande posse financeira e tinham um só ideal, uniram-se e compraram uma propriedade por 40 mil réis à Sr.^a Maria das Dôres de Barros Mendes, a propriedade era denominada de fazenda Passagem. Nesta fazenda tinha, onde atualmente é o escritório da fábrica, um casarão e nas imediações sete casas e onde hoje é a igreja existia uma pequenina capela, ainda possuía essa propriedade coqueiros e lagoas, a área total era de 61.000 m². A compra foi representada pelo Sr. Manoel Gonçalves.



Em 18 de maio de 1906 ocorreu a fundação da indústria têxtil, foi registrada na Junta Comercial do Estado, sob o nº 03, em março de 1907, como Razão Social Peixoto Gonçalves & CIA. As caldeiras e máquinas vieram da Inglaterra e chegaram de navio.

Ao darem início às atividades industriais a fábrica amparou socio-economicamente 390 famílias e grande era a peleja, pois muitas pessoas recorriam àquela indústria para serem empregados, porém nem todos eram contemplados. Para adquirirem a matéria prima e escoar a sua produção a indústria tinha a aquisição de veículos e dois navios, um chamava-se Brasiluso, tinha capacidade para 700 toneladas de carga, esse era o maior, e o outro se chamava Luso Brasil, tinha capacidade para 500 toneladas, ambos tinham 16 tripulantes. O porto mais distante que eles aportavam era o porto do cais da cidade de Santos-SP.

Desde o início das atividades da fábrica vários homens e mulheres de Carrapicho deixaram os seus ofícios e foram trabalhar ali. Algumas pessoas habituais ao seu trabalho de rotina eram alheias ao mando de um chefe e as horas fixadas para trabalhar, ao serem questionadas se eximia de tal responsabilidade e voltava ao seu antigo ofício. Porém, muitos ávidos por um novo horizonte ali se integravam à situação, e permaneceu até ser contemplada com a tal sonhada aposentadoria, também trabalharam ali pessoas do Brejo do Viegas e povoado Saúde.

A CALDEIRA: A caldeira da fábrica, para continuar ardente e gerar energia, começou, em nome do progresso, a consumir madeiras de árvores tombadas pelo golpe fatal do homem, madeiras essas de nossa mata, que no início era levada pelos carros de boi. O algodão, matéria prima imprescindível para a produção de tecidos, era cultivado em nossa região, como na fazenda Terra Nova. O município de Neópolis, ao qual pertence a fábrica, teve suas atividades econômicas na área da agricultura por tonelagem no ano de 1956: feijão 16 t; algodão em caroço 55 t; milho 840 t; arroz com casca 2.242 t; mandioca 11.080 t; coco 14.000 t. O algodão que chegava à indústria começou a dar prejuízo pois vários agricultores, tentando faltar o bolso, usavam de má fé e colocavam pedras, pedaços de madeira, castanhas, mandavam até

o algodão molhado e esses entulhos causavam grandes transtornos às máquinas e ao operário, atualmente essa matéria vem de longe e já chega beneficiada. Atualmente as duas caldeiras existentes trabalham alternadas, uma trabalha consumindo eucalipto plantado para esses fins, a outra trabalha consumindo óleo diesel.

A ENERGIA ELÉTRICA: Com o surgimento da energia elétrica graças ao desempenho do afortunado nordestino Coronel Delmiro Gouveia, que instalou naqueles rochedos de Paulo Afonso, em 1913, uma pequena usina que produzia 1.500 HP de energia elétrica e anos depois o nordeste se industrializava e ficaria economicamente viável. O Coronel Delmiro era um homem alto, forte, de cabelos anelados e fazia paragens em Penedo quando vinha de Pernambuco em navio a vapor depois seguia viagem rio a cima, apesar de ser abastado ele era afável com os pobres e tenros com todos, mas foi abatido por um tiro fulminante e certo por um algoz que estava de tocaia e morreu. Paulo Afonso foi um sertanista português que no século XVI entrou pelas terras do nordeste descobrindo a cachoeira que hoje leva o seu nome. Com as linhas de alta tensão que passava por aqui vindo de Paulo Afonso, cruzavam o rio apoiadas em quatro enormes torres que existe até hoje. Os Peixotos & Gonçalves solicitaram uma subestação para viabilizar um melhor desempenho da sua indústria e foram feitas pesquisas para encontrarem um local propício para a instalação, onde hoje é o campo do Treze F. C chegou a ser cogitado para a implantação da mesma, porém como o interesse e o poderio eram exclusivamente dos Peixoto a subestação foi construída em suas terras, nas imediações da fazenda do Sr. Manoel Gonçalves, conhecida como Passagem Velha, hoje Fazenda Purezópolis. Após a construção a subestação passou a distribuir energia para a demanda daquela indústria. Contou-me Tonho Padre (Antônio Guimarães Barrozo) que ao começar a trabalhar na subestação observou atentamente que estava escrita na calçada

da casa de operações a data de 1956, se deduz que aquela data se refere à data da construção, pois os pedreiros daquela época acostumavam a datar no cimento fresco a construção da obra.

Os funcionários da subestação que trabalharam na subestação, filhos de Carrapicho: Gilson Guimarães Barrozo, Antônio Guimarães Barrozo (Tonho Padre), Adalberto Silva (Adabel), João Wilton Freitas Silva (João de Bindô), atualmente funcionário da empresa DESO, John Kennedy Sales, filho de Domício Sales e D. Vanir.

A indústria Peixoto Gonçalves em seu apogeu chegou a empregar dando dignidade a muitas famílias. Dr. Mário e Dr. Roberto eram receptivos com todos os funcionários e se relacionavam com todos como se fossem irmãos. O Sr. Manoel Gonçalves acolhia em sua casa, na fazenda Passagem Velha, quem o procurasse, ele só retrucava quando alguém entrava em sua residência com o chapéu na cabeça, pois de maneira discreta no meio do diálogo ele falava “Aqui dentro nem está chovendo nem fazendo sol”. Quando o visitante não se atinha ao seu coloquial, a empregada, que sempre estava por perto, gesticulava, o visitante se fazia entender e logo tirava o chapéu da cabeça.

A família Joaquim da Silva Peixoto também contribuiu com muita gente inclusive patrocinou os estudos na universidade do jovem Raimundo Marinho, que se formou em odontologia e passou a ser um ilustre penedense.

Padre Aleijado (Lídio), filho de D. São Pedro aqui de Carrapicho, quando menino ao subir no telhado de uma casa pra ir apanhar a bola de futebol do telhado da casa, tombou e caiu, ficou deficiente do quadril e do pé onde ficou uma ferida que nunca sarou, quando rapaz ficou apreciador de aguardente, em consequências de suas tocadadas com sanfona, Padre procurou auxílio a Dr. Roberto e Dr. Mario, foi acolhido e a qualquer hora

que Lídio necessitava deles era atendido, Lídio passou a chamar Dr. Roberto de pai e ele foi encaminhado ao médico por ele para reconquistar a sua condição física. Porém Padre Aleijado começou a mentir e pedir dinheiro para diversos fins, mas na verdade era pra comprar cachaça, como se não bastasse chegou a Dr. Roberto aos prantos e pediu-lhe dinheiro pra comprar o caixão da sua mãe que havia falecido, foi atendido o pedido. Dr. Roberto deu suas condolências, porém D. Maria São Pedro estava vivinha da Silva, e ao saber de tal fato Dr. Roberto cortou relações com Padre Aleijado. Alguns anos depois ele ainda moço faleceu, pois não tirara a platina da perna que estava em tratamento e a ferida se expandiu.

OS BRINQUEDOS: No mês de dezembro de cada ano os Peixoto & Gonçalves ofereciam presentes de boa qualidade aos filhos dos seus funcionários, como: bonecas e carros da marca Estrela. E para os pais nesse mesmo dia oferecia uma grande festa com comidas e bebidas, eram neste período que todos nós de Carrapicho desejávamos ser filho de funcionários. Atualmente na indústria Peixoto Gonçalves e Cia. cada máquina que chega à fábrica e é instalada se elimina a mão de obra, se procedendo à demissão. E com isso, quando os operários ouvem dizer “chegou uma máquina nova” todos sabem que vai acontecer o comentado corte (demissão) e o cadafalso que induz o operário a um pesadelo constante e fatal. Com essas máquinas se empregam poucas pessoas, em nome do progresso tecnológico está ocorrendo a exclusão da mão de obra, tirando a dignidade do homem.

VÁRIAS PESSOAS de Santana que trabalham na fábrica: Jailson Andrade dos Santos (Biguiço), João, filho de Nanô, Naldinho, genro de Hidelbrando, Severino Ferreira Santos (Lino), Anilson, filho de Q-Suque, Silvio, filho de D. Ninha, Lungo, filho de Cosme, Nilson e Zé, filhos de Zé de Mana, Zezinho de

Carmelita, Zé Paulo, Clebson, filho de Bia, Leônidas e Jorginho, filhos de Ercilo, Betão, Carlos Roberto Santos de Santana, filho de Zé de Bida, Sandro de Valfredo, Charles, filho de Creuza, Tíndinho, filho de Tonho Santana, Joemir, filho de Benício, Beleza, filho de José Vieira Santos (Zé Tintino), Chaulim, filho do Sr. Nivardo, Zé Cuia, filho de Roberto, Nêgo, filho de Tião, Boga, filho de Tonho do Chinaré. Atualmente o serviço de energia é prestado pela Energisa e não atende adequadamente a demanda de energia criando caos à comunidade ordeira Santanense com as frequentes oscilações de energia, a queima de eletrodomésticos como ocorreu em 23 de agosto de 2012, onde a queda abrupta da energia queimaram eletrodomésticos em diversas casas de Santana, entre eles estavam minha residência que teve o motor da geladeira queimado, o aparelho de som, 2 lâmpadas e a entrada do mini computador, para a Energisa pagar sem morosidade recorreremos ao fórum e recebemos o dinheiro, muitos, mas negociaram com a Energisa e receberam o dinheiro antecipado porém com perda.

Por conta do progresso industrial, nesta sexta-feira, 28 de agosto de 2020, foi lamentavelmente demolido o Cine Passagem, imóvel que marcou uma época de entretenimento e vínculo social!

Sociais de Carrapicho

José Viana Filho era esposo de dona Miriam Silva, mais conhecida como Dona Cilça. Ele estava sempre presente na vida social de nossa comunidade, inclusive ele era correspondente do jornal Folha de Neópolis, do Jornal da Manhã, assim como da Folha Sergipana, ambos da cidade de Aracaju. Os recortes de jornais que se encontram nesse livro pertenciam ao seu acervo.

Zé Viana



Eufrazio Fortes

Aniversariou no dia 14 de novembro em Carrapicho o Sr. EUFRAZIO DE OLIVEIRA FORTES, este cidadão que tem alguns predicados como Funcionário Municipal, Vereador, Ceramista Gerente nº 1, da Cooperativa Artesanal de Cerâmica de Carrapicho Ltda., sempre vem trabalhando em benefício da comunidade local. A's 13 horas, recebeu em sua casa todos os seus colegas de trabalho, amigos e Correligionários. Ofereceu-nos um almoço regado a uma brama bem gelada, compareceu seus colegas Políticos como o ex-Prefeito de Neópolis JOSÉ BARBOSA DE LEMOS, e Vereadores.

No momento usaram a palavra José Viana Filho Correspondente do CORREIO naquele Povoado, e o Aniversariante agradeceu a todos as homenagens recebidas. O CORREIO parabeniza o ilustre aniversariante.

08-12-77

1985

NOVEMBRO

10.11 - Aniv. do Prof. Ederaldo Andrade Freitas; O proprietário José de Carvalho Passos; O ceramista Suarino Soares e José de Guardino.

14.11 - Aniv. de Eufrazio de Oliveira Fortes, ceramista e político em nosso povoado, foi o primeiro Gerente da Cooperativa de Artesanato em nosso povoado.

20.11 - Aniv. da Prof.^a Rejanira Silva dos Santos, da Esc. Est. "Antônio Mathias Barroso".

27.11 - Aniv. de João Marcelino e da Sra. Hozana de Carvalho.

02.12 - Aniv. de José Gomes do Sacramento, Oficial Administrativo da Esc. Est. "Antonio Mathias Barroso".

02.12 - Aniv. da Prof.^a M^a Selma Santos Silva da Esc. Est. "Antonio Mathias Barroso".

14.12 - 15 Anos da Jovem M^a da Conceição Silva Viana, filha do Casal José Viana e Mirian Silva Viana, ele Colaborador do nosso Jornal e ela Diretora da Escola Est. "Antonio Mathias Barroso".

14.12 - 3 aninhos da linda garota Adriana Rodrigues Sacramento, neta do vice-pref. Eronildes Gomes do Sacramento.

24.12 - Aniv. do Prof.^o Josevaldo Messias dos Santos da Esc. Est. Antonio Mathias Barroso".

24.12 - Aniv. do Ceramista Manoel Messias dos Anjos.

28.12 - Realizou-se na Capela de Ana o enlace-matrimonial dos jovens JOSÉ IVÁ SANTOS (CACHOBA) e M^a AUXILIADORA SANTOS e Prof. da Esc. Estadual "Antonio M. Barroso, mestre também no Artesanato, reconhecido no Estado e no Brasil, pela riqueza da sua Arte, com várias exposições em São Paulo e no Rio, e várias vezes no Estado de Sergipe. Padrinhos dele o Sr. Gilson Guimarães Barroso e Sra. Maria das Dores A. Barroso, dela Antonio dos Anjos e Sra. Maria de Fátima dos Anjos. No final foi servido um luto almoço regado a uma bem gelada Antártica. A Folha de Neópolis congratula-se com os neo-casantes.

Sociais de Carrapicho

10/85

01 - Aniv. do Proprietário JÚLIO DA SILVA BARROZO

05 - Proa. Marly Freitas Silva, de Esc. 1º Grau "Antonio M. Barroso".

06 - Mons. José Moreno de Sant'Ana, vigário desta grande Paróquia, todos nós que fazemos esta imensa Paróquia, desejamos tudo de bom nos seus 76 anos neste imenso trabalho a frente dos seus servos, sempre trabalhando, ao serviço de Deus. Que esta data seja multiplicada - ao lado dos seus paróquianos.

08 - Reginaldo Martins dos Santos, Presidente do TREZE FUTEBOL CLUB, pela 2ª. Vez, trabalhando sempre por esta agremiação esportiva, onde ele apele para todos os amigos deste clube, que os ajude para o melhor trabalho desportivo de nossa comunidade.

09 - Aniv. da Prof.ª Ana M.ª Silva Barrozo, Orientadora da Esc. Est. "Antonio Mathias Barroso".

12.1960 - (25) anos de Casamento (BODAS DE PRATA) do comerciante e assinante do nosso Jornal - ANTONIO CIRILO SANT'ANA e JOCELINA SANT'ANA). Nós que fazemos esta "FOLHA" congratulamos por esta data. PARABÉNS - ao lado dos seus (5) filhos: J. Antonio J. Cirilo - Rogério - Luis - Manoel.

2 - Aniv. da Prof.ª M.ª José das Neves

27 - Aniv. da Prof.ª Maria José Machado Sacramento (da Esc. Est. Antonio M. Barroso).



27. Aniv. do Vice-Prefeito de Neópolis ERONILDES GOMES DO SACRAMENTO. Nós que fazemos esta Folha agradecemos de coração tudo que tem feito por seu (POVOADO).

27. Aniv. do Presidente da PORTUGUESA, JOSÉ VIEIRA DOS SANTOS.

NEÓPOLIS

12/09/87

Novo prefeito de Neópolis é filho natural do Carrapicho

O novo prefeito de Neópolis Eronildes Gomes do Sacramento, já está em plena atividade à frente do município. Eronildes, que era o vice prefeito, assumiu o comando do município, após a morte do titular Sebastião Campos de Jesus Lima, falecido no último dia 30 de outubro. O prefeito que faleceu, tinha 78 anos de idade e 37 de política, era casado com d. Beatriz Barreto Lima e tinha duas filhas, Maria de

Lourdes e Cláudia Barreto Lima, além de três netos.

O novo prefeito, é natural de Carrapicho e promete cumprir toda a programação elaborada por Sebastião para o mandato que se encerra em 1989. Para isto, decorridos os oito dias de luto oficial por ele decretado, reuniu-se com sua equipe de trabalho, para tomar pé da situação atual da prefeitura, visando continuar a obra iniciada por seu compa-

nheiro falecido. Eronildes Gomes do Sacramento, é casado com a sra. Maria Aguiar Sacramento, tem quatro filhos e uma neta. Tem 59 anos de idade e muito dedicado à política.

As esperanças de cada neopolitano, são de que Eronildes possa fazer um bom trabalho frente à Prefeitura Municipal de Neópolis, para honrar o nome do já saudoso Sebastião Campos de Jesus Lima.

12-11-87



Desfile em Carrapicho — 85

Semana da Pátria em Carrapicho

O Povoado de Carrapicho, brilhou com vários acontecimentos na Semana da Pátria. Foi aberta solenemente com a saudação da Diretora MIRIAN SILVA VIANA, em seguida uma Exposição belíssima do prof.º José Ivã Santos, sobre a Nova República; Nova Constituinte; Reforma Agrária; a Pesca; a Agricultura e a Cerâmica, isto feito por seus alunos completamente cientes em cada assunto. Houve um minuto de silêncio e fêz-se ouvir a Voz do saudoso Presidente Tancredo de Almeida Neves, pelo Som instalado na Escola sob a Responsabilidade do Sr. J. Viana Filho. Os alunos que participaram da Exposição: Valdecy da 6ª Série; Francisco José da 7ª ; Auxiliadora da 5ª Manoel Helvécio da 8ª ; Helenilton da 4ª -A; Gislene da 4ª B e Mª José Batista, falando sobre o Artesanato. Também fizeram alocações as seguintes Professoras; Mª das Graças Sales; Marlene Freitas; Nilza de Oliveira Lima; Ederaldo Andrade Freitas e finalizando com um sentido bem Patriótico e político a Profª Mª Alvinete Santos arrancando aplausos dos presentes.

Encerrando a Semana Fes-

tiva no dia 08 com o Desfile Cívico Escolar, todos os alunos desfilando garbosamente cheios de entusiasmo e muita boa vontade dos Pais, que contribuíram no possível para o nosso sucesso neste dia tão importante para nossa Pátria a ser seguido rigorosamente: Rua do Grupo; S. Vicente; Belarmino Gomser seguido rigorosamente: Rua do Grupo; S. Vicente; Belarmino Gomes; São João; Santa Luzia; pcº João da Silva Barrozo; S. Antonio, encerrando na Pcª 7 de Setembro. O desfile contou com várias alegorias, na frente a Sigla da Escola "E. 19 G. A.M.B.", depois o Escudo da Escola, as Bandeiras do Brasil e de Sergipe, vários cartazes significativos como, a nossa Cultura; o Artesanato etc; representantes das várias Agremiações Esportiva como: a Portuguesa pela ala feminina; o Treze; Vasco; Vaqueiro; Guarany; Juventude e uma apresentação da Batucada "OS ARATACAS", depois veio D. Pedro no belo cavalo, a Princesa Izabel ao lado dos escravos, e o Padre José de Anchieta, catequisando os índios, em um carro muito bem ornamentado, o último a desfilir foi uma representação do Pré-Escolar "Pequeno Sábio",

finalizando assim as 18 horas com o arriamento da Bandeira e todos presentes alunos e comunidade cantando o Hino Nacional. O brilho Musical a cargo da Banda Marcial do "COLEGIO DIOCESANO DE PENEDO", a nossa Escola desfilou aproximadamente com 800 alunos embora num espaço curto de organizar em apenas (8) oito dias agradou ao público que compareceram em massa as principais artérias de nossa futura CIDADE, com muito incentivo e calor humano para com o nosso Desfile, o primeiro da Nova República. As autoridades presentes: o Secretário Paulo Passos, representando o Prefeito Municipal; o Vice-Pref. Eronildes Gomes do Sacramento; o Sec. Mun. Educação José Josafá Vieira e o Ex-vereador Eufrázio de Oliveira Fortes.

Ao finalizar a Direção da Escola convidou a todos a participarem de um (cocktail) e jantar aos presentes, foi quando recebemos a visita honrosa do Empresário ERNANDO REINALDO SILVA, um dos nossos Colaboradores desta festa.

José Viana Filho - (Colaborador da Folha de Neópolis em Carrapicho).

1985

Sociais d

(04-86)

06.04. = A profª Anicleide Fontes dos Santos,
16.04. = A profª Mª Edilene Fortes dos Santos
17.04. = A profª Maria Alvinete Santos
19.04. = Os tri-Ômeos: José, Ana e Fátima Men-
donça.
22.04. = Carlos Alberto Silva Costa, Of. Admi-
nistrativo.
27.04. = Aniv. do Sr. Gilson Guimarães Barroso,
Pres. da Assoc. comunitária de Carrapicho, desen-
penhando seu papel com seriedade e firmeza, nós
que fazemos a FOLHA, parabenizamos com
muito júbilo.
29.04. = A profª Helena Santos da Silva, profª de
Religião.

01.05 - Aniversário do Co-
merciante Manoel Sales.
04.05 - Aniv. de Dra. Maria
Lídia de Melo, D.D. Diretora da
DR-06 com Sede em Propriá.
04.05 - Aniv. da Profa. Ma-
ria Márcia Silva Barroso.
11.05 - Aniv. da Profa. Ma-
rie Dalva Santos da Silva.
12.05 - Aniv. da Profa. Ana
Maria Aguiar Feitosa
12.05 - Do amigo Ramiro
Torquato - Func. do Mercadinho
Sant'Ana.

12.05 - Quatorze anos de
casamento do casal Gilson Guimã-
rões Barroso e Marie das Dores
Aguilar Barroso, ele func. da Ener-
gipe e Pres. da Assoc. Comunitária
(ACC) passo bem conceituado
em nosso meio social. Ela Vice-
Diretora da Esc. de 1.º Grau "An-
tônio Mathias Barroso" nós que
fazemos a "FOLHA" parabenize-
mos e regemos a Deus que mul-
tiplique esta união, que daí tem (2)
frutos maravilhosos "filhos" Gil-
son G. Júnior e João Manoel A.
Barroso.

13.05 - Aniv. de Fátima dos
Anjos, func. estadual.

13.05 - Aniv. do amigo Or-
lando Carvalho - o maior cambis-
ta do jogo do bicho em nosso Po-
voado.

13.05 - Aniv. do amigo Pe-
dro Lima, Vigário de Porto
Real do Colégio-Alagoas.

14.05 - Aniv. do Sr. Jaime
Feitosa. Marchante de gado em
nosso comércio.

15.05 - Realizou-se o enlace
matrimonial dos jovens Rogério
Cirilo Sant'Ana e Denise Silva, ele
filho do comerciante e assinante
do nosso Jornal Antônio Cirilo
Sant'Ana e Josefina Sant'Ana, ela
filha do comerciante Francisco
Silva e Salvelina Silva. Rogério um
brilhante atleta hoje desenvolvendo
suas atividades esportivas no
Recife. A FOLHA parabeniza o
mais novo Nêo-casante.

18.05 - Geniza de Souza
Pereira - Servente da Esc. Está-
dual.

SOCIAIS DE CARRAPICHO - 85

ANIVERSÁRIOS

05 de Setembro, Edgard Farias de
Sant'Ana, func. da Esc. de 1.º Grau
"Antônio M. Barroso".

07 de Setembro, Sr. José Vieira da
Punça - grande Carpinteiro, 85 anos.

08 de Setembro, Francisco Silva -
Comerciante e Ceramista.

10 de Setembro, Sra. Salvelina Sil-
va, esposa do Sr. Francisco Silva.

10 de Setembro, Osvaldo Carvalho
- grande Cambista.

17 de Setembro, Antônio Freitas
de Mendonça - precioso na arte de
Pintura do nosso Artesanato.

DEZ - 85 Socia

02.12 - Aniv. de José Gomes do Sa-
cramento, Oficial Administrativo da
Esc. Est. "Antonio Mathias Barroso".

02.12 - Aniv. da Profª Mª Selma San-
tos Silva da Esc. Est. "Antonio Mathias
Barroso".

14.12 - 15 Anos da Jovem Mª da Con-
ceição Silva Viana, filha do Casal Jo-
sé Viana e Mirian Silva Viana, ele Cola-
borador do nosso Jornal e ela Diretora
da Escola Est. "Antonio Mathias Barro-
so".

14.12 - 3 aninhos da linda garota
Adriana Rodrigues Sacramento, neta do
vice-pref. Eronildes Gomes do Sacra-
mento.

24.12 - Aniv. do Profª Josevaldo Mes-
sias dos Santos da Esc. Est. Antonio
Mathias Barroso".

24.12 - Aniv. do Ceramista Manoel
Messias dos Anjos.

28.12 - Realizou-se na Capela de
Ana o enlace-matrimonial dos jovens
JOSÉ IVÃ SANTOS (CACHOBA) e Mª
AUXILIADORA SANTOS ele Prof.
da Esc. Estadual "Antonio M. Barroso,
mestre também no Artesanato, reconhe-
cido no Estado e no Brasil, pela rique-
za da sua Arte. com várias exposições
em São Paulo e no Rio, e várias vezes
no Estado de Sergipe. Padrinhos dele o
Sr. Gilson Guimarães Barroso e Sra.
Maria das Dores A. Barroso, dela Anto-
nio dos Anjos e Sra. Maria de Fátima
dos Anjos. No final foi servido um lau-
to almoço regado a uma bem gelad
gelada Antártica. A Folha de Neópolis
congratula-se com os nêo-casantes.

1977

PEDRO SILVA

Faleceu no dia 23 de maio, em Salvador, um dos grandes proprietários do baixe São Francisco, Sr. Pedro Silva, proprietário da Empresa Fluvial São Pedro das balsas São Pedro e Santana do São Francisco, e de quase toda a lagoa do Carrapicho, tendo deixado (6) seis filhos, dos quais o digno Vice-Prefeito de Neópolis Ernando Reinaldo Silva, Dra. Elita de Melo Silva — Cirurgiã-Dentista no Hospital Regional de Neópolis, a Dra. Edy de Melo Silva e Edgar Silva, Maceió.

O corpo do saudoso Pedro Silva foi trasladado para Carrapicho, onde viveu e agora Deus o levou para sua glória Celeste. Contava com 86 anos.

Estiveram presentes aos funerais as seguintes personalidades: Dr. Roberto da Silva Peixoto, o Prefeito Municipal e todo o Secretariado, o Vice-Prefeito Ernando Reinaldo Silva, Chefe da Capitania dos Portos de Penedo — Ten. Luiz Augusto Campos e todos familiares do extinto.

«Correio» que perdeu um assinante e amigo, envia à família enlutada, sentidas condolências.

Carrapicho está de Luto

20/06/77

Perde um de seus Ilustres Filhos.

Ao amanhecer do dia 20 de junho, um dos grandes Proprietários e Político do nosso município, faleceu JOÃO DA SILVA BARROSO.

Contava com 73 anos dos quais 50 de Política. Incansável, Vereador por várias Legislaturas, até então vice-Prefeito de Neópolis. Deixou 5 filhos: Gabriel Guimarães Barroso, Polícia Fiscal; Juracy Barroso, Funcionário Municipal; Gilson G. Barroso, Funcionário ENERGEIPE; Antônio Guimarães Barroso, funcionário ENERGEIPE e Joana Guimarães Barroso, Professora; Deixa viúva Sra. Virginia Guimarães Barroso.

CARRAPICHO perde o braço direito dos humildes, e no peso Político da ARENA perde as forças; — Pacato e modesto, sempre um sim de sua boca e muito difícil um não. CARRAPICHO total chora a perda de um conselheiro. Acompanharam o feretro aproximadamente 3 mil pessoas, entre elas podemos anotar todos os políticos da Região. Principalmente o Prefeito Municipal de Neópolis, Carlos Torres de Souza; o Vice-Prefeito Ernando Reinaldo Silva; o Ex-Prefeito José Barbosa de Lemos e Amintas Diniz Tojal Dantas; Delegado Municipal de Neópolis Dr. Manoel Menezes Cruz; Vieram parentes e amigos de Aracaju; Ilha das Flores; Japota; Penedo; Neópolis; Passagem e Pindoba e toda comunidade em peso o levou a sua última morada.

Nasceu a 04 de Março de 1904

Descanso eterno daí-lhe Senhor. Que a Luz brilhe sobre «JOÃO DA SILVA BARROSO»

Do CORRESPONDENTE: José Viana Filho
CARRAPICHO - SE. 20-6-77

14/07/87

Municípios neopolitanos encontram-se abandonados

A terra da cerâmica, o povoado Carrapicho, no município vergipiano de Neópolis, bem em frente a Penedo, carece de melhor assistência, tanto por parte da administração municipal, quanto pelo próprio governo estadual. Ruas esburacadas e as dificuldades no acesso, são alguns dos sinais do abandono das autoridades a uma das localidades mais procuradas pelos turistas, na região do Bairro São Francisco, devido o seu riquíssimo artesanato em cerâmica.

Na principal artéria do povoado, a Igreja Matriz da Senhora Santana, está em péssimas condições de conservação. Paredes rachadas, telhado quase desabando e sinais de rachaduras em toda sua fachada. É lamentável o estado em que se encontra o único templo católico de Carrapicho. É lamentável também que as autori-

des ainda não tenham se sensibilizado com o problema, apesar das dividas que Carrapicho rende tanto para o município, como para o Estado.

Seria importante que as autoridades vergipanas, particularmente as neopolitanas, ajudassem a comunidade de Carrapicho nos trabalhos de restauração da Igreja Matriz da Senhora Santana, conservando seu trabalho e acabando com as rachaduras de suas paredes, deixando em perfeito estado de conservação, o único templo religioso de Carrapicho. Seria igualmente importante, uma melhor assistência por parte das autoridades municipais a Carrapicho, executando melhoramento em suas ruas e facilitando seu acesso, oferecendo ao turista melhores condições de visitar o rico artesanato da terra da cerâmica.



Único Templo Católico de Carrapicho, encontra-se no abandono, carecendo de reparos

13/11/87

NEÓPOLIS Prefeito divide as opiniões

As opiniões dos neopolitanos são bastante divergentes em relação ao novo prefeito Eronildes Gomes do Sacramento. Eronildes por ter sido eleito vice-prefeito, assumiu a chefia do executivo municipal de Neópolis devido o falecimento do titular Sebastião Campos de Jesus. Hoje, duas semanas após assumir a prefeitura, dividem-se as opiniões a seu respeito, pois, de um lado estão os que acreditam que ele será simplesmente o homem que vai prosseguir o trabalho de prefeito que faleceu. Na opinião de outros, entretanto tudo vai ser diferente e sua administração vai deixar muito a desejar.

Os pessimistas afirmam que, pela primeira vez que foi dada a Eronildes uma oportunidade de assumir interinamente a

Prefeitura, ele fez coisas absurdas, como transferências desnecessárias, demissões sem justa causa, inclusive a de uma comadre sua, cheia de filhos, que, inexplicavelmente perdeu o emprego, sendo posteriormente readmitida, quando o titular reassumiu.

Mas os otimistas acreditam que nada disso vai acontecer. Eronildes Gomes do Sacramento, vai aproveitar para projetar-se politicamente e acima de tudo, honrar os compromissos assumidos por Sebastião Campos de Jesus Lima, dando a Neópolis, tudo o que ela merece, sem qualquer revanchismo ou perseguição. Afinal de contas, ele agora é o prefeito e tem que fazer o melhor pela cidade, trazendo bem-estar e tranquilidade para o povo que o elegeu juntamente com Sebastião, adiantando que na situação atual, vingança não vai levar a nada, senão prejuízos para o município.

13-11-87

CAPÍTULO 3

Entretenimentos

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DE CRIANÇA: Que saudade daqueles tempos! A molecada de hoje perdeu a oportunidade de criar brinquedos e se divertir, pois, a tecnologia baniu as brincadeiras simples e agradáveis capaz de nos satisfazerem quando éramos crianças.

1. Amarrar traque de moça no rabo do gato ----- Menino
2. Adivinhação ----- Menino e Menina
3. Arraia, Pipa ----- Menino.
4. Boneca ----- Menina
5. De pião ----- Menino
6. Finca ----- Menino
7. De Jangada ----- Menino
8. Jogar pelada ----- Menino
9. Garrafão ----- Menino
10. Para-queda ----- Menino
11. Patinete ----- Menino
12. Manzoar ----- Menino
13. Bolha de sabão ----- Menino e Menina
14. Batida salve ----- Menino e Menina



15. Bolinha de cabra ----- Menino e Menina
16. Boca de forno ----- Menino e Menina
17. Balanço ----- Menino e Menina
18. Bicho ----- Menino e Menina
19. Baralho ----- Menino e Menina
20. Cavalo de pau ----- Menino
21. Castanha ----- Menino e menina
22. Cozinhada ----- Menino e Menina
23. Corrida de canoinha ----- Menino
24. Chimbra (Bola de Gude ----- Menino
25. Canela de pau ----- Menino e menina
26. Corrida circulando as ruas ----- Menino e menina
27. Corrida com o ovo na colher ----- Menino e Menina
28. A paradinha ----- Menino e Menina
29. Atirar pedra na água ----- Menino e Menina
30. Corrida de saco ----- Menino e Menina

31. Contar história ----- Menino e Menina
32. Carretel de linha----- Menino e Menina
33. Corrida de costa ----- Menino e Menina
34. Cambalhota ----- Menino e Menina
35. Carrinho de lata ----- Menino
36. Curri-curri ----- Menino e Menina
37. Cinema ----- Menino e Menina
38. Circo ----- Menino e Menina
39. Cantar ----- Menino e Menina
40. Cabra cega ----- Menino e Menina
41. Cuscuz ----- Menino e Menina
42. Cadê o grilo ----- Menino e Menina
43. Dar batim ----- Menino e Menina
44. Casco de coco ----- Menino e Menina
45. Se esconder ----- Menino e Menina
46. Elástico ----- Menino e Menina
47. Estrela nova cela ----- Menino e Menina
48. Gavião do mar, no rio ----- Menino e menina
49. Gavião do mar em terr ----- Menino
50. Gangorra ----- Menino e Menina
51. Galinha de melão ----- Menino e Menina
52. Já vai a bola ----- Menino e Menina
53. Linha do croque ----- Menino
54. De liga ----- Menino e Menina
55. Mão no bolso ----- Menino
56. Melancia ----- Menino e Menina
57. Mergulho a distância ----- Menino e Menina
58. Mané gostoso ----- Menino e Menina

59. Meu e seu ----- Menino e Menina
60. Anjo bem e anjo mal ----- Menino e Menina
61. Natação ----- Menino e Menina
62. Pneu com vara ----- Menino
63. Pembrarra ----- Menino e Menina
64. Peteca ----- Menino e Menina
65. Papai e mamãe ----- Menino e Menina
66. Pegar tanajura ----- Menino e Menina
67. Pular corda ----- Menino e Menina
68. Passará ----- Menino e Menina
69. Papel tesoura ----- Menino e Menina
70. Queimado ----- Menino e Menina
71. Quebra coco ----- Menino e Menina
72. Pau de sebo ----- Menino
73. Quem chega primeiro ----- Menino e Menina
74. Rói-rói ----- Menino e Menina
75. Quebra pote ----- Menino e Menina
76. De pedra ----- Menina
77. Roda com gancho ----- Menino
78. O salto mortal ----- Menino e Menina
79. Subir em grandes árvores ----- Menino
80. Telefone ----- Menino e Menina
81. Tricilamento ----- Menino e Menina
82. Trenzinho ----- Menino
83. Carrinho de gancho biciclo ----- Menino
84. Atirar argila um no outro ----- Menino e Menina
85. Pegar cachimbau (Libélula) ----- Menino e Menina

86. Pegar catenga (lagartixa) de laço ----- Menino
87. Pegar borboleta ----- Menino e Menina
88. Capar sapo ----- Menino
89. Porquinho de bucha ----- Menino e menina
90. Com bichos feitos de barro ----- Menino e Menina
91. Atirar flechas ----- Menino
92. De parar a respiração ----- Menino e Menina
93. Quem lançava o mijo mais longe ----- Menino
94. Andar com o outro na corcunda ----- Menino e Menina
95. Fazer Brinquedo de barro ----- Menino e menina.
96. Capuco de milho com pena ----- Menino e Menina
97. De medir força corpo a corpo ----- Menino
98. De rolar com pneu ----- Menino
99. Canoinha no córrego da chuva ----- Menino...

TANAJURAS ou Içá, como são conhecidas as fêmeas das formigas saúvas, quase sempre no mês de janeiro ou no início das chuvas de cada ano no crepúsculo vespertino, elas surgiam em centenas de milhares, sobrevoavam as ruas de Carrapicho anunciando a chegada do período de chuva. Para a “pivetada” eram tempos festivos, pois todos saíam às ruas com vassouras na mão ou um galho de palha de ouricuri para abatê-las em pleno voo e em algazarra gritava “cai, cai tanajura na panela da gordura seu pai morreu e sua mãe tá dura”, enquanto durasse o voo das tanajuras os meninos uníssonos continuavam com o canto, corriam desembestados para derrubá-las e uns esbarravam nos outros, chegavam a acertar a vassourada em alguém, mas a gana de derrubarem tanajuras era tanta que pouco se incomodava com a pancada, mas às vezes aconteciam brigas repentinas, pois todos

estavam entretidos e de ponta de pés, como se quisesse flutuar para pegar as tanajuras que estavam voando mais alto com medo de serem abatidas, a brincadeira acontecia até cair a noite quando as tanajuras se afugentavam. As garotadas todas lambuzadas de poeira mas alegre sentavam no chão e iam contarem quantas tanajuras tinham abatidos, tirando de sua vasilha uma por uma e colocando no chão, depois jogava ela para as galinhas comerem, outros se divertiam introduzindo um talo de palha de ouricuri no cu da tanajura e aproximava-a do ouvido para ouvir o bater de asas das infelizes tentando alçar voo sem poder, depois disso todos os garotos voltavam alegres para os seus lares completamente empoeirado, porém satisfeito. Zé Pernambucano comprou uma porção de tanajura e fez um guisado, ao saber disso todos os meninos corriam para vendê-las a seu Zé, ele ficou azoado (perturbado) com tanta oferta que desistiu de comprar tanajura.

TRAQUE DE MOÇA: O traque de moça era uma pequena banana explosiva que ateadada fogo em seu pavio explodia com muito barulho, após a explosão deixava muito papel espalhado pelo chão. Era vendido em épocas juninas. Os meninos pegavam o traque, amarrava no rabo do gato, acendia o pavio e o soltava, o pobre com a suada do chio do pavio saía tão doido que às vezes errava o local que queria entrar, pior ainda era quando acontecia a explosão. 18/10/04

A PIPA: Curiosamente a pipa ou papagaio é chamado de arraia por nossa gente, ela sempre fez parte das brincadeiras dos garotos e de adultos também. A pipa é uma antiga arte e tradição japonesa e que se tinha ela não só para o entretenimento, mas também como forma de arte, quando os japoneses soltavam pipa acreditava-se que era uma maneira de se comunicar com o céu. Chico de Elvória, que quando grande passou a ser sanfoneiro, na sua adolescência foi um dos melhores feitores de arraia e gostava de fazer enormes pipas em forma de corujão. A rua do Grupo era

um dos locais onde a meninada soltava pipa, porém na lagoa de cima, de frente à rocheira, era o local predileto para a molecada empinar as suas arraias. Delfino, João Cobra, Zé Calixto, Arnaldo de Regino, Lolô e tantos outros meninos passavam o dia todo de domingo soltando pipa, e a brincadeira era tão prazerosa que eles se esqueciam até de almoçarem.

BOLHA DE SABÃO: Pegávamos uma caneca e colocávamos um pedaço de sabão em pedra com água dentro da vasilha, mexia-se até formar uma espuma, subia-se no mamoeiro, colhia uma haste, cortava e fazia um canudo do qual introduzia na caneca, levava à boca, de maneira delicada soprava o canudo e começava a formar uma bolha multicolorida. A competição era pra quem fizesse a bola maior e ao redor ficava cheio de garotos mais ameninados, pois quando a bolha se desprendia do canudo era um Deus nos acuda, pois todos corriam atrás da bolha para estourarem.

CAVALO DE PAU: Brincar de cavalo de pau era muito gratificante para a meninada, mas mais gratificante era para poucos que tinham um cavalo de pau com uma cabeça em formato de cavalo, o meu pai aproveitava a sua habilidade e fazia de madeira a cabeça do cavalo mais original possível, então, orgulhosamente, eu desfilava entre os demais causando cobiça. Existia corrida dos cavalos, a famosa pegar parecia, se brincava também com a palha do ouricurizeiro como cavalo, para isso pegava o próprio galho da palha colocava entre as pernas, pegava duas palhas de cada ponta e amarrava sobre os ombros.

O JOGO DE CASTANHAS: O Jogo de Castanha era jogado em apostas com as próprias castanhas, ganharia o jogo quem acertasse a última castanha no buraco do cano d'água que corria água das telhas e se debulha na calçada, a usura do jogador não estava só em ganhar a maior quantidade de castanha possível, mas também em ganhar a castanha enorme chamada de bugelô.

CAPAR SAPO: No período chuvoso ocorria grande aparição de sapo e a garotada brincava de capar sapo. Essa era uma brincadeira grotesca e sadoquista, pois na verdade não capava sapo nenhum só fazia machucá-lo, pois se pegava um pedaço de madeira grossa e sobre essa perpendicular colocava um pedaço de tábua, sobre uma das laterais da tábua colocava o sapo e com um porrete na mão batia na outra ponta, o coitado do sapo subia, subia, ia às alturas, e isso o moleque fazia com o mesmo sapo repetidas vezes até ele ficar mole de tanto se espatifar no chão.

CANELA DE PAU: Quase todo menino daqui um dia teve uma canela de pau, que na verdade eram duas feitas de taquara, ou de carrapateira, a façanha dessa brincadeira era quem andasse mais rápido ou subisse ou descesse em obstáculo sem cair, ou tivesse a canela de pau mais alta, andávamos tanto que os dois dedos dos pés que se prendia no pau ficavam em carne viva.

CARRINHO DE LATA: Os Peixoto & Gonçalves uma vez por ano realizavam uma grande festa, nesse dia contemplavam os filhos de seus funcionários com os melhores brinquedos, pais e filhos ficavam felizes, o garoto que não fazia parte desse grupo ao ver tais presentes, por não ser privilegiado, começava logo a pôr suas imaginações férteis em evidências. Juntava lata de óleo comestível, pedaços de tábua, materiais flexíveis encontrados na fábrica da Passagem para fazer os feixes de mola, pregos, cordão, solado de sandálias havaianas para fazer as rodas ou já aproveitava a roda de um e outro brinquedo quebrado. Pegava esses materiais e faziam carros de diversos modelos, uns carros eram bem feitos outros toscos, isso dependia da habilidade de cada menino, porém todos brincavam sendo cúmplice e vencedor de seus sonhos.

A PELÍCULA CINEMATOGRAFICA: Pegávamos uma lâmpada queimada e com um cutelo tirava-se a parte metálica e a parte do filamento, fazia-se uma limpeza por dentro da lâmpada

e depois colocava água colhida da fonte, tampava a parte que se tinha extraído os materiais e sobre uma base de barro colocava a lâmpada, e sobre a base e de frente a lâmpada fixava uma parte da fita de filme que era rodada em cinemas, depois colocava essa lâmpada sob a luz do sol que incidia dentro de casa pela fresta da telha, e a imagem surgia ampliada sobre um pano branco na parede e depois de cada imagem apreciada por todos, narrava-se as cenas com entusiasmo.

A BRINCADEIRA DE PIÃO: A brincadeira de pião era realizada por alguns com grande agilidade, pois era capaz de quando lançava o seu pião sobre o do companheiro, que fixava o ferrão de tal maneira que abria as bandas do pião do amigo. A madeira mais usada para fazer pião, aqui em Carrapicho, era a de goiabeira, e umas das pessoas que faziam ótimos piões eram o Sr. Ernesto e Seu Antônio Quirino.

BRINCAR DE TRENZINHO: Para brincar de trenzinho pegava-se uma corda e amarrava uma ponta na outra e alguns garotos ficavam dentro dela enfileiradas (fila indiana) segurando-as com as mãos na altura da cintura, ao solavanco do que estava na frente todos saíam em disparada rua a fora ziguezagueando, abruptamente dobravam a esquina da rua ou retornavam ao seu ponto de partida com revoluções que mais pareciam um chicote em movimento, a poeira mesmo a noite se fazia ver, pois alçava voo e a corrida só parava quando alguém do grupo era atropelado pelo companheiro, ou quando estavam exaustos e hilariantes, despediam-se um dos outros empoeirados, mas felizes iam para casa.

MANZOAR: Com o surgimento do cinema em Carrapicho, exibiam-se muitos filmes de caubói e a garotada não deixou por menos, pegava qualquer objeto e usava como arma, inclusive alguns revólveres eram feitos com barro. Com a arma na mão a garotada dividia-se em dois grupos e ambos se escondiam, depois

saíam à procura um do outro, quando pego de surpresa ouvia o seu adversário manzoar, então se entendia que ele estava dizendo “mãos aos alto”, ou ainda que ele estava sendo removido da sua toca e consequentemente excluído naquele momento da brincadeira.

BRINCADEIRA com carrinho de gancho: Gerônimo, o filho do Sr. Góes e D. Osvaldina, estando brincando com o seu carrinho ao impulsioná-lo com mais velocidade foi atingido pela ponta do pau do carrinho que enfiou em sua barriga.

AS DIVERSÕES: Era salutar que os adultos tivessem seus momentos de lazer e cada um nos finais de semana se entretinha de acordo com os seus gostos.

O PRAZEROSO PIC-NIC: era quase sempre realizado por casais de namorados e amigos, nos sítios, nas crôas, na Ilha de São Pedro e no Valentim, era uma diversão saudável onde todos se compartilhavam com farta quantidade de alimentos que eram preparados e cozido no local, tinha ali a presença tímida de alguma bebida singela onde todos se fartavam prazerosamente, sem se desvairar do seu pensamento crítico, das brincadeiras de pic-nic saía casamento.

DIA DAS MÃES: A nossa gente era alegre e festiva e no dia das mães todos os anos aconteciam um grande evento, o festival que ocorria no período da tarde no Cine Santana, para isso semanas antes se elaborava a programação e no dia o cinema ficava lotado de gente, pois ali estava presente quase toda a família de Carrapicho, e no palco crianças, jovens, estudantes e adultos decorriam versos e poemas. À todos os presentes eram distribuídos brindes. É uma dessas ocasiões que alguém sobe ao palco e, sob os olhares convidativos de todos, uma pessoa discursa um breve verso: “lá vem a lua saindo, tal alvinha como leite quando ela talhar eu como”. Foi esse verso que fez as pessoas gracejar por muitos anos com o tal poeta.

TOURADA DE JESSÉ: O Sr. Jessé chega a Carrapicho com uma brincadeira nunca acontecida aqui, era a tourada e essa brincadeira foi bem receptiva por nossa gente, ele se instalou na rua do Grupo, foi nessa tourada que além de Jessé, que era um hábil aventureiro, homens arredios de Carrapicho enfrentavam o boi tentando mostrar a sua supremacia máscula, sendo recompensado às vezes com fartos aplausos ou às vezes com uma enxurrada de vaias por ser vitimado por um esbarrão do boi.

CORRIDA DE CAVALO: Por volta de 1987, os barões Gilmar e alguns amigos começaram a realizarem corridas de cavalos, a famosa pareia, o percurso das disputas era das mangueiras de seu Zuzu até aproximadamente a torre da CHESF, a cada disputa se fazia aposta, começou a vir cavalo de outras regiões como: Cedro de São João, Neópolis, Piaçabuçu, Ilha das Flores, Brejo Grande e Japoatã. Nomes de alguns cavalos de Carrapicho que se destacaram nas corridas: Castanho, o Show, Carroceiro, Lourinho, o Baile, o Pampo, o Máscara e a Besta menininha.

AS APOSTAS: Os donos dos cavalos cada um apostava dinheiro no seu animal, às vezes apostava-se um animal no outro, os torcedores apostavam individualmente ou faziam bolão, com o tempo as corridas passaram a acontecer do mata burro de Ernando Silva até um pé do gameleiro frondoso que existia onde hoje é o começo da COHAB Nova. As corridas de cavalo a partir daí ficaram mais acirradas, pois os proprietários dos cavalos para superar as expectativas começaram a alimentar o seu cavalo com ração balanceada e ainda dava medicação para vigorá-lo mais ainda. A corrida passou a ser realizada no dia 1º de maio, dia dos trabalhadores, e ficou mais organizada oferecendo Seresta ao vivo e gratuita a população. Em 2005 aconteceu quase que no mesmo trajeto, só que dentro da fazenda do Sr. Toinho Lobo. Teve animação com o serviço de som do minitrio de Juninho. O 1º prêmio foi conquistado pela besta Paquita do jovem José Edenilson

dos Santos e família, que recebeu um garrote e um troféu. O 2º prêmio foi conquistado por um cavalo de Brejo Grande que recebeu como prêmio um garrote. Teve como patrocínio desse evento a Prefeitura Municipal de Santana do São Francisco, câmara de vereadores e casas comerciais e até nos populares cooperamos.

CORRIDA DE ARGOLA: Cobra, como é conhecido o Sr. Frank Silva Batista, que também participava das corridas de cavalo, passou a organizar a corrida de argola e teve grande aceitação, chegou a brincar no ex: Campo de baixo, e fez um ótimo corredor para as disputas na beira (margens) da lagoa de cima, ao lado de sua residência, e veio gente de toda a região que fez acontecer uma grande festa e foi oferecido brinde aos competidores.

BRIGA DE GALO: Mesmo sendo um entretenimento, que quando praticado infringe a lei federal, os adeptos de tal esporte ignoram a lei, e clandestinamente em todo território nacional ele é praticado e aqui não foge as regras, pois desde as antigas que a briga de galo é praticada. Os galos acompanham o modismo, pois são preparados com alimentação e medicação especial e ainda é submetido a um condicionamento físico. De tempos em tempos aqui ocorrem torneios e a rinha fica lotada dos adeptos desse esporte, vem gente de toda parte, e também os donos de galo daqui viajam para disputarem com seus galos em outras freguesias. Aqui não se arreia (bota pra brigar) um galo para a aposta por menos de cem reais, um dos melhores galos daqui chama-se Jeguinha, pois em combate já ganhou oito vezes, o galo chamado Sombra já ganhou 5 vezes. Além de dinheiro se aposta: peru, carneiro, pertences pessoais, bebidas como uísque. Um combate pode durar 45 a 55 minutos e se o galo correr da rinha, além do dono perder a aposta, ele é levado ao fogo, cozido e degustado por todos naquele recinto. Em Santana não há rinha permanente em um lugar.

RODEIO: Chega a Santana pela 1ª vez a companhia de rodeio JM em 13 de fevereiro de 2004, a companhia se instalou na área entre o Centro de Artesanato e a residência de Antônio Mathias Barrozo Neto (Tonho de Julinho), e todas as noites em suas apresentações era casa cheia, superlotada, às vezes pessoas ficavam em pé, o preço para a entrada era acessível.

O GRUPO DE CAPOEIRA: Há muito tempo que 15 jovens reuniram e fizeram um grupo de capoeira chamado Pura ginga, alguns dos responsáveis por esse grupo são: Dê, filho de Neguinha, Jonas, o filho de Leonor do Brejo, e Peixinho, filho de João Titela, eles praticam o esporte tendo como expectativa o lazer. O nosso povo sempre foi de grande proporção festiva, nas velhas tardes de domingo faziam predominar o prazer de existir em perfeita harmonia com a paz, hoje a paz vez por outra é tomada de sobressalto, em decorrência do álcool e de maneira insana todos se acostumam com o entretenimento do álcool e a vida tem sido ceifada por ele.

PARQUE DE VAQUEJADA: Barão e seu filho Jadinho construíram no terreno de Tonho de Julinho, entre as mangueiras do finado Zuzú e a Porta D'água de João Barrozo, um Parque de Vaquejada denominado Joana Barrozo, que foi inaugurado em outubro de 2016 e em 2017 ocorreu mais outra vaquejada com boas premiações. Por isso veio gente de todos os lugares.

Bodegas e Bares

EM CARRAPICHO existiram várias bodegas sendo algumas delas grandes vendas que tinham secos e molhados, como a do Sr. Afonso, pai de Eufrásio, e do Sr. Néio que vendiam querosene, arroz, feijão, milho, açúcar, farinha de mandioca,

candeeiro, manteiga, arreios para animais. Na verdade a bodega era sortida de tudo que a população necessitava. Tanto na venda de secos e molhados, como nas bodegas, quase tudo se vendia a retalhos (fracionados).

Em cima do balcão de tábua estava uma balança de dois pratos, quase sempre balança Filizona em destaque para pesar os produtos que seriam vendidos. Querosene vendia de meia garrafa, garrafa e litro e era transferido da lata para o recipiente do freguês, despejado em um funil, tinha dono de bodega que chegava a vender de 5 a 6 latas de querosene por semana aqui em Carrapicho, porém no tempo da guerra houve uma escassez do querosene e quem pôde recorrer aos óleos vegetais, inclusive de dendê e azeite, o fez.

A bodega de menor porte tinha a bebida como o principal comércio. As prateleiras de tábua fixadas às paredes sempre estavam repletas de bebidas como: Teimosa, Gato, Laranjinha, Águia, Zinebra, cachaça limpa, Vinho de Jurubeba e o saboroso Vinho de Jenipapo, entre outras bebidas.

FRACIONAMENTO dos produtos como jabá eram vendidos ao gosto do freguês meio quarta equivalia a 50g, uma quarta equivalia 100g, quando se pedia uma libra pesava-se 500g, meia ($\frac{1}{2}$) libra 250g, e assim eram vendidos os produtos, o café também era fracionado. Não sei quem teve essa sábia ideia, pois essas atitudes viabilizaram a compra e venda no comércio, pois até caixa de fósforos era aberta e o fósforo era vendido em retalho, todos vendiam e compravam alegremente. A manteiga vinha de vários cantos (lugares), até da fazenda Várzea que ficava ao lado do povoado Saúde, que era do Sr. Manezinho da Cachaça, esse nome não se deve ao vício da embriaguez, mas por Seu Manezinho ter uma tropa de aproximadamente 10 burros que iam buscarem cachaça em um local

pra lá de Muribeca chamada Boi Brabo, cada burro carregava duas barricas de madeira chamada de corote e cabia em cada uma delas 30 litros de cachaça limpa, seu Manezinho trazia e vendia a cachaça na região aos bodegueiros, por isso lhe valeu o nome Manezinho da Cachaça.

As mercadorias que abasteciam as vendas de Carrapicho vinham de Propriá e Penedo e por volta de 1955 o Sr. João do Norte chegava com seu caminhão até os eucaliptos na ladeira do Ouvidor e despachava as mercadorias para algumas bodegas de Carrapicho, os donos das mesmas iam buscar as suas mercadorias de carroça de boi, Sinval de Dona Bela era uma dessas pessoas que ia buscar.

A BODEGA DE DONA BELA: Maria Felisbela das Neves (D. Bela) era mãe de D. Alzira e do senhor Sr. Sinval, cidadão nascido no Povoado Brejo do Viega em 1930. Sendo Sinval filho de João Reinaldo. O pai de Sinval era irmão da mulher de Pedro Silva, a senhora Ernestina Melo, que nasceu em 28 de junho de 1900. O senhor Reinaldo era um grande proprietário de terra na divisa do Brasil com o Paraguai, de suas terras ele tirava madeira e vendia em São Paulo ao grupo Matarazzo. Sinval era carreiro e veio morar em Carrapicho em 1951, trouxe a sua mãe e comprou a casa com bodega ao vereador Sr. Noberto de Carvalho por 12 contos de réis, Sinval casa-se com Eunice, a irmã de Eufrásio O. Fortes, porém ela vem a falecer de parto. Sinval arrenda a porta d'água do Sr. Ermínio por um período de 3 anos, depois passou a ser proprietário de terra e deixou de ser carreiro, Sinval tinha um hábito de falar com a sua boca maior que o corpo. Dizia que não devia a ninguém e que não precisa de corno nenhum, gostava de chamar as pessoas de “sujeito péssimo”, porém era só mania de falar, pois era uma boa pessoa, já idoso viveu sem atividade vítima de uma enfermidade nas pernas que parecia erisipela e andou se internando com frequência,

vindo a falecer em sua residência na noite de sábado de oito de outubro de 2005.

A BODEGA DE MANOEL DE JÚLIO: Manoel de Júlio, dono de uma bodega, vendia uns bolachões gostosos, grossos e de tamanhos enormes e comíamos com cocada, mariola ou manga, ele criou a cachaça Fogo Serrado que era a mistura de várias aguardentes com pimenta e mais alguns condimentos, quem ingeria ela só o fazia uma vez. Chico Doido, em um domingo à tarde, queria tomar um gole mas como não tinha dinheiro impuseram a condição dele tomar o maldito Fogo Serrado, ao traga-lo ele ficou hirto e ao tomar conta de si, mas ainda desnortado do gole, correu para o acúmulo de lixo da rocheira, estendeu a mão e ficou pedindo a benção à imagem de Bom Jesus dos Navegantes que no momento ia passando às margens do rio, na benção ela fazia um trocadilho de personagens dizia: “Bença meu padin Pade Cilço”. Bença Frei Damião, e isso eram motivos de gargalhadas para os que lhe fizeram vítima do vício.

A BODEGA DE DONA ANITA: Dona Anita e seu esposo, Manoel Norberto, tinham uma bodega situada de frente à Praça do Mercado e ao lado do bar 10 de Dezembro, onde era a bodega de D. Anita atualmente é o Açougue de Joelson, seu genro. Naquela bodega a bebida mais solicitada por certo tempo foi o famoso Vinho de Jenipapo, mas ali também se vendia de tudo. A cachaça às vezes chegava de manhãzinha, chacoalhada por causa do tango do burro, e ao chegar na bodega ali já estava o pinguço esperando para tomar uma lapada (gole) de cachaça que lhe era oferecido gratuitamente pelo o montador. Ao passar o pau no copo (encher por completo) ele tomava o gole de uma só vez e ali ficava embriagado, então as pessoas comentavam que uma doze de cachaça chacoalhada valia por dez.

A BEBIDA naquele tempo era consumida por gente madura, convenhamos que fossem pessoas de respeito, e eram pou-

cos os rapazes que faziam uso da bebida mas de certo havia os vitimados pelo vício e se tornava pedinte e para saciar a sua vontade de beber se dava ao desatino, como o Sr. Manoel Jacinto, irmão de D. Emília, mãe de Cícero Liró, que chegou à casa do Sr. Felício, filho de Maria Catuaba, pediu um gole de cachaça, para agraciar, o Sr. Felício, sem pestanejar, colocou o dedo indicador na ratoeira e ela disparou, o Sr. Manoel Jacinto chamava a todos respeitosa e de meu filho, meu filho! O Senhor Jacinto era cheio de proeza, ao chegar à feira livre viu um ajuntamento de gente, se aproximou e tentou entrar para ver o que tinha no meio daquela multidão para observar o que estava acontecendo, tentou, tentou e não conseguiu, curioso e já enfurecido bateu de mão ao seu famoso punhal, conhecida como vira vela, e gritou “saí da frente que lá vou eu”, então todos com medo alargaram o seu caminho e ele ao chegar ao centro da aglomeração viu um macaco acompanhado de seu dono fazendo apresentação, com tal raiva apunhalou o macaco até a morte e foi embora.

Fatos não faltam a contar daquele homem, ele chegando a uma fazenda ouviu os trabalhadores a lamentar que seu patrão estava com o dinheiro do pagamento deles na boca do rifle esperando que eles fossem buscarem, coisa que não acontecia pois ninguém era tolo, ao ouvir essas lamúrias disse ele “isso é coisa séria” chamou o bubutão de gente (grupo de pessoas) e pediu que o acompanhassem e, ao se aproximar do homem do rifle, sacou do seu punhal vira vela e continuando em marcha com aquelas pessoas falava “Atire, se errar morre, atire, se errar morre”, chegou todo mundo e recebeu o seu dinheiro, inclusive o atrasado. Outro dia, no meio de um grupo de amigos, seu Manoel Jacinto colocou na ratoeira não o seu indicador e sim o seu falo só para ser contemplado com um gole de cachaça, mas ninguém impôs tais condições, ele fez por iniciativa própria. Seu Moreno, o avô

de Duardo, esposo de Celestina, também fazia suas peripécias pelo um gole de cachaça. Em uma noite de São João puxou uma brasa da fogueira, colheu com a mão e colocou na boca, tirou-a depois de apagada.

O GOLE E A PROEZA: A bebida quase sempre era consumida no pé do balcão, ali todos em pé conversavam satisfeitos e a bebida era servida em um pequeno copo de vidro meio afunilado, mais da metade dele até o fundo era só vidro sem espaço, por isso era conhecido por todos como o copo engana bêbado. Em cima do balcão estava uma vasilha de barro, como se fosse uma pequena bacia com uma tampa em cima da vasilha, a tampa era toda cheia de furos, esse vaso normalmente era vitrificado, e após um rápido gole do freguês o copo era lavado com água que já se encontrava embaixo do balcão em uma vasilha, e colocado sobre a vasilha o copo para escoar a água, ou às vezes o dono da bodega tinha uma tábua com vários tornos fixados nela, essa tábua estava fixada na parede onde os copos depois de lavados eram colocados nesses tornos. Por mais que se bebesse na bodega quase sempre só era vendida a bebida por gole, o dono da bodega sempre era interlocutor das conversações dos fregueses e aquele recinto se tornava um âmbito amigável, era ali que saía os fuxicos, o que foi feito e o que estava para se fazer, as prosas, as adivinhações e a parolagem chegavam ao ponto culminante com a conhecida Lôa, que era proferida por aqueles que dominavam a arte de fazê-la.

A LÔA: era um trocadilho de palavras que o bebedor pegava o copo a altura do rosto dos demais e com o movimento do copo e a palavra formulada esperava dos ouvintes o mote, que era a resposta contundente que concluía a frase, tão satisfeito ficava quem respondia o mote da lôa quanto o que formulava a mesma, algumas lôas:

São três coisas desta vida que eu queria ver
Mulher magra criar carne
Cavalo seco correr
Eu passar em uma bodega
Ver cachaça e não (Mote, ou seja, a resposta: beber).

Cachorro que pega bode
Mulher que era uma vez
O homem que bebe cachaça
Não presta nenhum (Mote: dos três).

Balança, balcão e barrica
Vinho, Zinebra e licor
Quem cai é que sente a queda
Quem geme é quem sente (Mote: a dor).

Deixei de beber cachaça
Pelo papel que ela faz
Desmoraliza os solteiros
E só atrapalha os casais
A gente só puxa pra frente, e ela só puxa (Mote: pra trás).

A LÔA era muito conceituada entre os que bebiam e quanto mais bem feita, mais bem elogiada quem a fazia, através da lôa se ganhava uma rodada de pinga e muitos que formulavam lôa por onde andavam ganhavam admiração, o assunto chave da lôa quase sempre era a cachaça a ser elogiada.

Existiram outras vendas entre elas a do senhor Zé Pernambucano, a do senhor Argemiro e a do seu irmão Sergio.

OS BARES: Nomes sugestivos de pequenos bares, que na maioria são dentro da própria residência, e os tira-gostos básicos servidos são: mocotó e galinha de granja; bebidas são diversas:

cerveja, atualmente é a Schincariol, e aguardente, que estão em moda são Imperial, Dreher e 61. Alguns pequenos bares:

Bar do Cuscuz	Bar da Jega	Bar do Murro
Bar Taquara	Bar da Uva	Bar Triângulo
Bar da Fumaça	Bar da Taíada	Bar do Urso
Bar do Pantanal	Bar da Lata	Bar do Frango
Bar o Inferninho	Bar Instituto do Coração	Bar o Cambalacho.
Bar da Bosta	Bar da Boa	Bar Araguaia

A princípio o imóvel do bar 10 de Dezembro foi construído e pertencia ao alagoano que era comerciante e artesão o senhor Afonso de Oliveira Forte, onde ali ele teve o seu primeiro comércio de secos e molhados, depois vendeu ao senhor Manoel Aguiar e construiu outros onde atualmente reside o seu filho Eufrásio de Oliveira Forte.



BAR 10 DE DEZEMBRO: O Sr. Manoel Aguiar Melo nasceu no povoado Poço dos Bois, porém passou a viver na sede do seu município Malhados dos Bois, ele fazia entrega de algodão do seu pai na fábrica dos Peixoto Gonçalves para a produção de tecidos, conta Sinval que depois ele passou a trabalhar, na Toca da Onça no Povoado Brejo do Vieira, para o Sr. Ornobrio que era proprietário da mesma e funcionário dos Peixoto. O Sr. Manoel Aguiar trabalhou por três anos depois foi para Bela Vista-AL. Onde tomou conta de três mil tarefas de terra entre o plantio de arroz e o plantio do capim, tempos depois volta e passa a morar definitivamente em Carrapicho. Ca-

sa-se com Alzira Nascimento, irmã de Sinval e filha de D. Bela, desta união tiveram: Jonas Nascimento Aguiar, Maria das Dores Aguiar, Maria de Fátima Aguiar, Marialves Nascimento Aguiar, Ana Maria de Aguiar.

O Sr. Manoel Aguiar passa a ter um bar cedido pelo bem sucedido comerciante senhor Afonso de Oliveira Fortes e anos depois o senhor Manoel Aguiar passa a ser definitivamente o proprietário. A este colocou o nome Bar 10 de Dezembro, em homenagem a sua data natalícia, e anexa ao bar. Com a frente para o beco tinha uma venda de secos e molhados e existia uma porta entre as duas casas que se comunicavam internamente. No seu bar tinha uma enorme máquina de fazer picolés e esta servia também de balcão e na parte mais ampla do salão existia um sinuca de mesa que entretinha por dia e noite homens da nossa comunidade.

O SINUCA: O sinuca muitas vezes se transformava em campo de batalha pelos enfrentamentos que ocorria dos melhores jogadores que se valia de suas exímias habilidades para ganhar a aposta daquela partida, entre as quinze bolas do jogo estava a vermelha nº 1, a preta que era o nº 7 e a bola branca que norteava o jogo. Entre uma tacada e outra estava o gole de bebida, para tentar contornar o nervosismo que ocorria em consequência das apostas estava no bico (boca) do jogador cigarro do tipo: Astoria, Continental, Belmonte, Asa Branca, Regência, Hollywood ou Holanda Branco. Nomes de alguns jogadores que mantinha um padrão de jogo quase que profissional:

Oliveirinha de Seu Dú, Manoel de Tapitir, Seu Gaminha, Manoel de Otilha e Cícero Liró. Seu Manoel Aguiar, vez por outra, ouvia conversa naquele recinto com moça namorando em local indevido, ele pegava o seu serviço de som e com a sua possante voz falava “vou dizer a 1ª primeira letra da moça que estava na-

morando em lugar tal” e em vez de dizer a 1ª letra dizia o nome todo. O Sr. Manoel, quando estava em prosa, costumava falar com a pessoa assim “diga Seu Boba”, ele pronunciava dessa maneira não por ofensa mas por bem querer. O Sr. Manoel faleceu em 28 de julho de 1981.

O Bar Franciscariol que funcionava desde 1995 e o seu proprietário é um cearense conhecido por todos como Francisco da Lojinha, situado a rua São João. Atualmente só existem quatro Bares: Bar Carrapicho, situado às margens do rio, de propriedade do Sr. Heleno, um exímio pescador; o Bar de Chiquinho que fica ao lado da cerâmica de pintura de Tonho Cachorro (Antônio Carvalho), onde acontecem as serestas; Bar Araguaia, na estrada do sítio Valentim, onde toda segunda-feira acontece serestas.

O BAR E RESTAURANTE TIO TONHO: de propriedade do senhor Antônio Cirilo de Santana (Tonho de Caçula), que era piloto e dono de canoa chata, vendeu a sua canoa, em um dos móveis do senhor Olímpio Melo reformou e fez o bar e restaurante que passou a ser o ponto de referência da cidade e o mais visitado. Com o falecimento de Tonho Caçula o bar e o restaurante, que ainda chegou a ser arrendado, fechou. Em 2019 surgiu ao lado do sítio de Cabral Radialista, no Valentim, boteco de Erivam, na propriedade do finado Lunga, batizado por todos com um nome sugestivo, “Upa”. Temos o pequeno aconchegante restaurante do senhor Evandro “Biba”, situado na Praça João da Silva Barrozo, que também serve quentinhas, petiscos e aperitivos.

CHARADA: Charada é um enigma que consiste em descobrir uma palavra, partindo-se de sílabas e de um conceito que expressa a palavra desejada. Vejamos:

No fundo do mar e acima de Deus = refrigerante.

Duas e duas. Conceito: refrigerante, cada palavra grifada deverá ser decifrada com duas sílabas.

No fundo do mar com duas sílabas LIMO

Acima de Deus com duas sílabas NADA

Nesse caso o refrigerante é Limonada

Aqui a crença é bebida.

Uma e uma. Conceito: bebida.

“Aqui” com uma sílaba é CA

“Crença” com uma sílaba é FÉ

Nesse caso a bebida é: Café.

Rosto sujo, pode servir de lanche.

Duas e duas. Conceito: Lanche.

“Rosto” com duas sílabas CARA

“Sujo” com duas sílabas MELO

Nesse caso o lanche é: Caramelo

No leito do rei da selva, dorme um réptil.

Duas e duas. Conceito: RÉPTIL

“Leito” com duas sílabas CAMA

“Rei da selva” com duas sílabas LEÃO:

Nesse caso o réptil é o Camaleão

Cura e sara o pássaro.

Duas e duas. Conceito: pássaro

“Cura” com duas sílabas SARA

“Sara” com duas sílabas CURA

Nesse caso o pássaro é a Saracura.

Adore aquela mulher abastada daquele continente.

Duas e duas. Conceito: Continente

“Adore” com duas sílabas AME “Abastada” com duas sílabas RICA

Nesse caso o continente é a América.

* Um olhar morto

Duas e uma. Conceito: Morto

“Um” com duas sílabas CADA

“Olhar” com uma sílaba VER Nesse caso morto é Cadáver.

Pessoas que se destacaram: Adabel, Joel Rodrigues, Gilson Barroso, Domício Sales, Gildo de Nanô, Tonho Palhaço (Antônio Reinaldo), Jurandir de Miné. Nesse ciclo de cultura estão contemplados como inteligentes os que criam as charadas e o arrematador. Antônio Reinaldo me ensinou a enveredar nesse universo literário e por diversas vezes o senhor Brejinho, que era fiscal fazendário do Estado de Sergipe, acompanhado de Galego de Fulô, me convidava a comparecer no Bar de Tonho de Caçula para fazermos charadas.



Festas e Folias

OS VISIONÁRIOS: Existia um grupo de adolescentes que se reuniam para brincarem as brincadeiras de criança, felizes sem o compromisso da tal inflação e sem o pudor ideológico da sociedade, graças a Deus éramos misantropos a tais compromissos sociais. Jogávamos pelada (futebol), brincávamos saltitantes nas pipeiras existentes nos quintais da lagoa do Sr. Zuzu querendo imitar Tarzan. Entre esses meninos estavam: Tonho de Julinho, Carlinhos de Pedro Soares, eu, Beto de Aurélio, Cilsinho de Elizeu, Pedro de Zuzu, Cilsinho de Sibica, Eli de Antunino, Juquinha de China, Erinaldo e Bolinha, filhos do Sr. Edson, Pelé, empregado do Sr. João Barrozo, Tonho de Julinho, Martelo de Tonho Preto, Rochinha, filho de Joãozinho, Mamão e Rogério de Zequinha Gama e Eval, filho de D. Estelita e Joaquim, entre outros. Surge entre nós a ideia de formar uma batucada e começamos a construir os instrumentos, lata de tinta e de óleo comestível servia para fazer tambor, lata de goiabada cortava as laterais e colocava tampa de garrafa de cerveja e estava pronto o pandeiro, para os tambores e a cuíca usava-se plástico ou couro de capivara que se tinha em abundância no terreno de D. Maria de Julinho, na área dos minadouros ao lado da fazenda Priquita da Lulu.

Cortávamos câmara de ar e a borracha servia para prender o couro ou o plástico no tambor, e para dá o estique necessário no couro pegávamos nas pontas dele que sobressaía da borracha e batíamos o tambor no chão ou tocava-se fogo em jornal velho e passava-se o fundo do instrumento sobre o fogo, o ganzá fez com cabaço de cuieira. Os ensaios eram durante a semana à noite, aos sábados à tarde e domingo de manhã, eram realizados no telheiro do Sr. João Barrozo, muitos componentes se aconchegavam nas pilhas de saco de arroz com casca. O primeiro ano que saímos foi em 1973, a camisa era de cor verde e o pano era grosso, as calças

e calçados cada um saiu a seu contento, no segundo e último ano saímos com as calças sem padronização e a camisa era de cor amarela, o tecido era tão fino que ao vestir a camisa se via a pele, a esse tecido dava-se o nome de volta ao mundo, o nome do conjunto estava em destaque nos bolsos da camisa (Os Visionários), nome esse bem sugestivo para aquele grupo de adolescentes que pretendia alçar voo na vida.

Ao nos apresentarmos nas ruas do nosso povoado fomos bem acolhidos, ao entrarmos na residência de uma pessoa, como era de costume as batucadas fazerem isso, éramos bem aceitos e ganhávamos guloseimas, no lugar de aguardente ou refrigerante ganhávamos copos de refresco Q Suco, em estado natural. No último ano imitamos os adultos, fizemos também uma ala feminina de passistas e entre essas meninas estavam a filha de Cajé e do Sr. Manoel de Olímpio, quando estávamos na Praça Sete de Setembro Expedito, filho de Zequinha Barbosa, nos convidou a nos apresentarmos no carnaval de Neópolis, como a picafe não cabia todo mundo e nós não estávamos acompanhados dos nossos pais não fomos.

AS PEQUENAS BATUCADAS: Com a ausência dos conjuntos Unidos da Cerâmica e Couro de Gato e do frevo do mercado o carnaval de Carrapicho perdeu o seu brilho, mas mesmo assim durante esses longos anos até hoje o pessoal não ficou quieto, formaram pequenas batucadas e esses componentes continuam cultuando com alegria o nosso carnaval, mas o mesmo não acontece com a população que não enaltece com euforia as pequenas batucadas, não saem às ruas como outrora e não existe mais a próspera rivalidade. Nesse ano de 2013, Ailton de Emília, aquele grande tocador de tamborim, formou uma batucada e se apresentaram no carnaval.

NOMES DE ALGUMAS BATUCADAS: Aratacas que também acompanhava os jogos do Treze; a Bandurra; Brotinhos do Samba; Os filhos da Pauta; Beira Rio; Pau Pendeu; Bloco um Pau;

De bem com a vida; os Unidos de Santana. O Bloco De bem com a vida saiu uma só vez em 1997 e foi organizado por Antônio M. B. Neto, em sua grande maioria os componentes eram mulheres. A batucada Unidos de Santana, além de brincarem aqui, eles foram a um dos três dias de carnaval para a cidade de Gracho Cardoso se apresentar a pedido do deputado estadual João das Graças.

BATUCADA CHAMADA CARRAPICHO: atualmente é a única batucada da nossa cidade e nesse carnaval de 2013 foi às ruas com 35 componentes, seu dirigente é o senhor Ailton de Emília “Ailton Silvino Lemos”. Cor predominante das vestes: azul e branco, inclusive o chapéu de nylon branco. Neste ano de 2014 saíram às ruas mais uma vez.

O BOI BIN LADEN: José Antônio Santos (Bebel), Antônio Carvalho, Chicô, Juquinha de China, Denis e mais alguns amigos fizeram um boi e colocaram o nome de Bin Laden em chacota ao terrorista que foi responsável pelo ataque às torres gêmeas no EUA, em 11 de setembro 2001. Bebel tocava a pequena sanfona acompanhado de tambor, triângulo, pandeiro esse pessoal saiu às ruas animando o carnaval.

O SANTANA: O Sr. Plínio era maestro por excelência e das pessoas que ele educou musicalmente reuniu algumas delas e formou um conjunto musical chamado Organização Musical Santana, fazia parte desse conjunto os senhores: Plínio; Di (Edivaldo) de padrinho Américo; Valtinho; Renato; Ponciano, filho de Zé Vieira; Murilo, filho de Zé Guardino; Benício Bacalhau (Benício Messias dos Santos), esses tocavam instrumento de sopro. Nenê de Meliano (Valdomiro Baptista) tocava Bangô; Messias, filho de Santiago, meu cunhado, tocava pandeiro; Domício Sales, tocava um antigo e enorme contrabaixo que era do tamanho de uma pessoa; Paulo Santos (Paulo de Teniza) tocava cavaquinho; Vardo de Titio tocava bateria; mais algumas pessoas compunham o con-

junto que foi criado por volta de 1960 e o conjunto se apresentava e realizava bailes na região como: Penedo, Neópolis, Passagem Nova, Povoado Saúde e em 1961 tocou em Canhoba. Quando o conjunto ia tocar em Neópolis ou na Vila Operária da Passagem, Domício Sales alegando a ocupação de seu ofício artesão pedia para o seu companheiro, o Sr. Ornobre, pai de Zé Molinho (José Santos do Nascimento), que ele levasse o seu contrabaixo, pois estava queimando o forno e só ia chegar lá já em cima da hora, prontamente seu Ornobre atendia e levava aquela enorme peça de madeira nas costas, nem bem começava o baile e Domício já estava presente e isso se tornou corriqueiro a ponto do Sr. Ornobrio observar que aquilo era um engodo.

OS ARTISTAS E A BOEMIA: A nossa gente sempre foi festiva e muito antes de formar esse conjunto já existiam os boêmios que alegravam os nossos finais de semana e as noites. Como bons seresteiros a moda antiga, algumas moças acompanhando estes se-



resteiros, cantarolavam como verdadeiro menestrel do amor. Um desses boêmios era o Sr. Manoel de Otilha, ele tocava instrumento de corda, quase sempre o cavaquinho, Lurdinha, filha de Amarello e da senhora Maria José e esposa de Ji (Jivaldo), à noite em frente a cada lar específico ela se fazia uma cancionista. Exibiram-se em nossa terra com sua arte musical, artista que era ou passou a ser destaque nacional como:

- Ari Lobo, apresentou-se no Cine Santana
- O Trio Nordestino, no salão de seu Amábilio Freitas
- José Augusto Sergipano
- Joacir Batista

- Maurício Reis que esteve aqui por duas vezes, na última vez se apresentou no Cine Santana, era o ano de 1975, e as mulheres em algazarra gritavam “Maurício e eu! Maurício e eu!”, isso porque algumas foram contempladas com afago e beijo. Após o show uma linda jovem de apenas 13 anos de idade, que residia na rua das Flores, fugiu com ele e grande foi o alvoroço.
- Alcimar Monteiro esteve aqui por mais de duas vezes e se apresentou no palanque na Praça Sete de Setembro, em ocasião das festividades da nossa cidade, aconteceu no 1º e 2º mandato de Gilson G. Barrozo. As festas que ocorriam em frente ao Mercado Municipal na Praça Sete de Setembro, na administração do prefeito Ricardo Roriz passou a acontecer na beira do rio com o palanque sendo instalado com as costas pro rio.
- Agnaldo Timóteo apresentou-se na Praça 7 de Setembro, no mandato de Ernando R. Silva.
- Adelino Nascimento apresentou-se na Praça Sete de Setembro, na administração do prefeito Ernando R. Silva, e ficou na cerâmica de Ernando por alguns dias bebendo cachaça.
- A banda Calcinha Preta, também no mandato de Ernando R. Silva. E por fim, quando da realização do 3º Encontro Cultural, promovido em 2011 pelo prefeito Ricardo Roriz, o cantor Reginaldo Rossi, por volta das 00:30h de sexta-feira para o sábado de 14 de janeiro se apresentou no palco na beira do rio, tendo como cover o nosso digníssimo conterrâneo **Dario**, que foi bem recebido por Reginaldo e a multidão.

FILHOS DA TERRA: Temos filhos da terra que hoje estão se aconchegando no mundo musical, podendo ter uma carreira promissora. José Artur Santos Fortes, filho do Sr. Edílson, é um ótimo tocador de contrabaixo e está sempre sendo chamado a tocar em alguma banda, como a banda Arerê de Penedo.

Betinho, filho de Roberto Alves Feitosa (Beto de Hermínio), vive há muito tempo em nossa cidade Jardim, Aracaju, sempre tocando bateria e hoje é baterista da banda Descarada.

Joãozinho (João Santos Mendes), filho de João de Manoel de Otilia, é vocalista da H2O de Penedo e faz biscate (quebra-galho) na banda Pedacos aqui de Santana.



O REGIONAL SANTANA: Temos há muito tempo um regional formando por: Eufrásio de O. Forte, vocalista, Valdomiro Baptista, vocalista, Beto Alegria, filho do Sr. Neca, vocalista, esses vocalistas são ótimos pandeiristas, Naldinho da Pindoba toca sanfona, Sandoval de Neópolis toca diversos instrumentos, Chiquinho da Saúde toca cavaquinho, Antônio Fernandes dos Santos (Tonho de Saboga) toca

tan-tan (Atabaque) e Paulo de Saboga que toca e canta. Às vezes faz parte do regional Zé Renato, dono do KI-BARATO, que toca violão, e Iolando de Neópolis, José Freitas (Zé Pantho), Leandro, filho de Nado. Alguns membros desse regional, como Eufrásio e Valdomiro, tempos atrás fizeram shows na emissora Rio São Francisco AM, por volta de 1992 eles ainda se apresentavam ali com um regional de Penedo composto por um tocador de cavaquinho, Paulo de Teniza, filho de Carrapicho mas que mora em Penedo, atualmente Eufrásio está tentando gravar um CD. Zé Piabinha (José dos Santos Ramos) aprendeu tocar violão de ouvido (sem aulas), participava de quase todas as brincadeiras daqui, porém é um homem encabulado e de tudo desconfia. Em plena farra se alguém olha pra ele de soslaio e ele observa, se levanta, põe o violão nas costas e vai embora, esteja onde estiver.

CAPÍTULO 4

A Nossa Flora e a Nossa Fauna

A MATA atlântica é assim chamada por estar na encosta do Oceano Atlântico, a sua existência se deve a vários fatores, um deles é a umidade que vem do oceano, a mata se estende ao longo da faixa costeira do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. O cedro, a peroba e o jacarandá são madeiras de lei, essas árvores são comuns neste ambiente, atualmente a mata atlântica encontra-se quase que totalmente destruída pelo homem. A nossa região pertence a esta vasta mata atlântica, onde os franceses muito antes dos portugueses embarcavam o nosso nobre pau-brasil por longo tempo para o comércio europeu. O nosso pau-brasil é uma árvore cuja madeira de cor de brasa, donde vem o seu nome, era usada na europa como matéria-prima para obtenção de corante de tecidos, e ali figurou na economia por séculos. O nosso pau-brasil é também denominada de: Pernambuco, Ibirapitanga, Imirapitanga, Imirapiranga. Sendo o seu nome científico *Cesalpinia Echinata*.

NOME de várias espécies de plantas que existiam em Carapicho com abundância: arueira, abacate, arapiraca, angico, açoita cavalo, ariticuntaia, açafraão, araçá de pedra, araçá de porco, almeixa, babatená, bananeira, bugio, banheira, cambotá, cambuí, canduru, carrapatinho, cruatá, coronha, cagoeiro (araticum), cedro branco, cedro vermelho, cajueiro, cruirí amarelo, cruirí vermelho, carrapateira, quando grande é chamada de mamoneira,

cajazeira, caramboleira, cajuí, canela de veado, cinzeiro, carne danta, cordeiro, dendezeiro, espinho branco, espeteiro, folha de urubu, folha larga, fruta preta, fruta pão, gonçalo alves, grã de galo, gararoba, goiabeira branca, goiabeira vermelha, gobiraba, gobiraba rasteira, gualambi branco, gualambi vermelho, ingazeira, jabuticaba, jaqueira, jurema vermelha, jurema amarela, João mole, joá-mirim, juazeiro, jenipapeiro, jacarandá, jatobá, louro branco, louro canela, louro pimenta, laranjeira braba, laranjeira, murici, mulungu, malvizinho, mutamba, murta, moisés, maçã braba, marizeiro, mangabeira, mama de cachorro, maçaranduba, mangueira de espécies diversas, maria preta, ouricurizeira, oitintzeiro, pitombeira, papa conha, pau ferro, pitanga, piranha, pau d'arco, pau branco, pau roxo, peroba, pau pombo, piçarra de cachorro, pirunga, quifú, quixabeira, quina-quina, romã, sapoti, sambaíba, sapucaia, sucupira vermelha, sucupira amarela, tucum, toré de caboclo, trapiá, timbaúba, tamarineira, taboca, taquara, umbaiá.

Existiam diversas outras plantas como o gravatá da família das bromélias, o gravatá quando estava com os seus frutos no ponto de serem colhidos exalava tal essência agradável que todo o recinto da mata nos dava prazer, e a colher o fruto para degustar tínhamos que tirar a pele, pois a mesma cortava a língua. As suas folhas densas e compridas acumulavam água que nos mitigava a sede, às vezes ao se aproximar do gravatá observávamos uma rudia de cobra acomodada, essa planta era muito visitada pelos pássaros, inclusive pelo colibri (beija-flor).

O alecrim era muito usado para acender fogo de lenha e era cheiroso.

O labirinto, planta com grande quantidade de leite, e por causa do seu entrelaçado era usado como cerca viva, existia muito no quintal de D. Querubina e no sítio Mangá.

Gangorra era encontrada bastante no peri-domiciliar e seu fruto era comestível, existia a gangorra vermelha e a amarela.

Tínhamos o maracujá de peluchi, o comum e o maracujá de cobra.

O carrapicho, que deu nome ao nosso povoado. Existe o carrapicho de ema que se faz uso medicinal usado nos banhos de asseios ou tomado como chá depois de fervido, para a cura de pedra do rim. O Sr. Agesislao da Várzea Nova, aconselhado por seu vaqueiro, tomou o chá repetidas vezes e a pedra do rim saiu pela urina.

A sambaíba e o cajueiro eram árvores preferencialmente colhidas para do seu caule se fazer pilão e o pilão era acompanhado de duas mãos de pilão, um dos grandes feitores de pilão era o Sr. Zé Latão.

O pau de louro branco era muito procurado pela as abelhas para se arrancharem (morar).

A coronha tinha em seus galhos pequenos, bajes que quando descascada o seu conteúdo servia como cola, colava-se carta (envelope) e figurinhas, essa planta era encontrada com abundância da cerâmica de seu Zuzu até o fundo do cemitério na rocheira.

O bujio suas hastes eram flexíveis por isso servia para o arco de jereré e de punçá.

A maturí do caju tinha grande aceitação, as mulheres com o cesto na cabeça se dirigia até o pé de cajueiro, colhia as maturis e ao chegar à casa despejavam no chão e melava com cinzas para evitar a acidez do leite, depois cortava abrindo as bandas das mesmas, lavava e esquentava, colocavam nova água e todo o tempero que se coloca em peixe e bastante leite de coco e fazia uma boa comida.

A aroeira, ou pimenta rosa como é conhecida, é uma grande árvore de madeira muito dura, era própria para a construção de casa, e cujas folhas, flores, casca e frutos têm propriedades medicinais, é desses pequenos frutos avermelhados destas árvores que várias pessoas do povoado Saúde estão tirando o seu sustento,

vendiam o kg do mesmo por R\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos) a um senhor que vem de Vitória do Espírito Santo e compra dizendo que é pra fazer sabonete medicinal. Porém, a partir de 1992, o Estado do Espírito Santo passou a ser o primeiro Estado do Brasil a comercializar a aroeira e a exportar. Justamente de onde vinha o comprador. Usada amplamente na culinária internacional como uma fina especiaria utilizada pelos melhores chefes gourmet em vários pratos de carne, aves, massas e peixes. Foi implantado em Piaçabuçu e Maceió-AL. O projeto Aroeira para inclusão social pelo o instituto Eco Engenho, que tem a frente dos trabalhos o engenheiro de pesca José Roberto Fonseca, ex-presidente do Instituto de Meio Ambiente de Alagoas. O kg atualmente custa quatro reais, depois de selecionado os frutos, ainda no povoado Saúde, a mulher que seleciona vende um kg por R\$ 120,00.

NOMES DE VÁRIOS CIPÓS: Os cipós eram materiais imprescindíveis para a construção de diversos produtos, entre eles: covo, cipó de alho, cipó preto, cipó de sapo, cipó de bito, cipó de capoeira, cipó pau, cipó jarrinho, cipó salsa, cipó caninãna, cipó branco, cipó amarra valente, cipó cururu, cipó de chumbo, cipó de paca, cipó de balaio. No cipó mucunã continha muita água e quando o homem estava com sede e a maré estava alta ele cortava o cipó, levava sobre a boca de cabeça erguida e bebia a água que jorrava do mesmo e matava (saciava) a sede. Milone era uma planta usada na cachaça, pois tinha grande aceitação. A palavra milone é a corruptela da palavra mil homens, dizia que quando ingerida a pessoa ficava possesca com a força de mil homens. O timbó e o tingui eram plantas usadas em concentração de água parada para envenenar os peixes, porém eles podiam ser consumidos, essas plantas foram usadas pelos nossos índios Tupi-Guarani.

CUIEIRA: Cuieira ou cuitezeira é uma árvore cujo fruto depois de seco era utilizado como vasilhas pelos nossos índios, este fruto pode ser pequeno ou enorme, capaz de flutuar sobre a água

com um garoto sobre ela. Esta árvore era encontrada em nossa região, podendo atualmente ser encontrada na fazenda União Fruticultura. Seu fruto muito nos serviu, ele cortado ao meio servia como cuia para: cessar arroz, juntar arroz do terreiro, apanhar o arroz para colocá-lo na medida, apanhar peixe do paneiro, apanhar água da fonte pra colocar no pote, esgotar água do fundo interno da canoa, no campo tomava-se água nela e comia-se nela, na casa de farinha ela ainda servia para o manuseio da farinha de mandioca, o fruto inteiro servia como depósito de pólvora para os caçadores ou cabaça pra levar água para roçado. Este fruto teve uma enorme utilidade para nossa gente, porém com o desmatamento e o surgimento do PVC baniram a cuia.

ERVAS DANINHA: Pega-pinto, cansanção branco, cansanção vermelho, tamiarana, amorzinho (amor de veio), rasga beirão, unha de gato, malissa, urtiga e várias espécies de carrapicho. Algumas pessoas usavam o miolo do cansanção com açúcar para clarear as vistas.

Cabacinha era dada ao cavalo (animal) como medicamento para combater o cansaço ou o catarro

Bucha que quando seca era usada para limpar as panelas, os pratos e talheres, hoje substituídos pela esponja de aço (bombril).

Um alerta muito importante: estão plantando sabiá para substituir a cerca de arame farpado e isso vai causar um desequilíbrio ecológico. A nossa mata atlântica foi ceifada pelos golpes impiedosos dos machados e foices do homem do campo, e a pouca mata que nos resta se encontra nas terras de Ernando Silva, fazenda de Geraldo Gomes, nas nascentes dos macacos, do Pipiri e atualmente a fazenda Mãe Natureza é a única intocável graças ao desempenho de Dr. Francisco Barreto. O pouco da mata que nos resta está clamando por socorro, pois aos poucos estão sendo surrupiadas pela ganância do nato predador, o Homem.

A NOSSA FAUNA: Tão abundante quanto a nossa flora era a nossa fauna, a seguir várias espécies de cobra (serpente): cobra de cipó, cobra coral, cobra d'água, cobra cega ou de duas cabeças, cobra verde, cascavel, caninana, corre-campo, jiboia, jararaca, jiricuá, jaracuçu amarelo, jaracuçu traíra, jaracuçu preto, pico de jaca, papa ovo, salamanta de veado e sete buraco de venta (cascabuio).

Dizem que quando uma pessoa é picada por uma cobra coral, sai sangue por todos os poros e essa pessoa morre. A caninana quando está à espera de uma presa para se alimentar dá um nó com a cauda em um ponto fixo e qualquer vivente que passar por ali será sua presa. A mesma coisa acontece com a jiboia, ela dá um bote tão repentino e preciso que a presa não consegue fugir, aconteceu de um bezerro ser emboscado e no tanjo que deu ao ser emboscado ele chegou ao pasto com a cabeça e uma parte do corpo da jiboia fixado em sua anca.

A salamanta, dizem que essa cobra ao picar rapidamente ela sai de baixo, pois a presa tomba de imediato e cai, é uma cobra astuta, pois se alguém que tem um hábito de passar por uma estrada, ao vê-la espancá-la e ela não morrer, ela passará o tempo que for possível à espera, pois só sairá dali quando o emboscá-lo. Se uma pessoa for picada por uma jararaca, dizem que urinará sangue.

Jaracuçu traíra é o que os populares dizem que transa com a traíra. Jaracuçu preta é uma cobra de grande porte, ao vê-la nos faz admira-la e ter medo, é conhecida como a cobra mamadoura, pois gostava de procurar as mulheres ou bebê no período lactante, quando a mulher ou o bebê estava deitado a jaracuçu tinha o costume de se agasalhar junto na cama ou na rede com mãe ou filho. No ano de 1974 me deparei com uma enorme cobra que estava agasalhada com o pequeno Robson Santana Santos, nascido em janeiro de 1974, filho de João Goleiro, que tinha apenas uns 6 meses de idade, estava dentro da rede em sua casa, vizinho

ao cemitério, grande foi o alvoroço, pois chamei seus pais para socorrê-lo e houve grande dificuldade para matá-la sem machucar o menino.

Jiricuá gosta muito dos galhos de árvores e ao se locomover por necessidade faz com tal presteza que é incapaz de alguém segui-la, mesmo duas árvores estando separada ela voa de uma para outra.

Alguém ao subir em uma jaqueira para tentar roubar jaca já se abraçou com uma cobra pico de jaca sem identificá-la, pois ela usava o mimetismo.

AVES E PÁSSAROS: Infinita eram as espécies de aves e pássaros que serviam de adornos, de entretenimento e de consumo humano, isso ocorria por necessidade e por jactância, por isso os pássaros eram perseguidos impiedosamente pelo homem sob a mira de uma arma ou de uma armadilha, que sempre estava à espreita, e eles eram abatidos. Esses animais tinham hábitos diurno e noturno. Nomes:

Anum Branco	Coruja	Pé-de-laque
Anum Preto	Curió	Pêga
Arara	Extravagante	Periquito
Arma de Gato	Galo d'água	Pica Pau
Assanhaço Azul	Garça	Pinta Cilgo
Assanhaço Caboclo	Gavião	Preto de Lagoa
Assanhaço de Coqueiro	Guerreu	Quero-Quero (espanta boiada)
Azulão	Guriatá	Rasga Mortaia (Mortalha)
Beija-Flor	Jaçanã	Rolinha Azul
Beijola	Jacú	Rolinha Capim

Bem-te-vi	Jesus Meu Deus	Rolinha Caldo de Feijão
Bizil	João de Barro	Rolinha Fogo Pagou
Burguesa	Jurití	Sabiá
Caboclinho	Marreca	Sangue de Boi
Cacurutada	Mergulhão	Sebinho
Caça ou Lavandeira	Nambu	Siricora
Canário Belga	Nampupé	Siricuri
Canário da Mata	Pacapara	Socó
Chérri	Papa Capim	Vim-vim
Chofreu	Pardal	Xexéu
Codorna	Patativa	Zabelê
Corró Grande	Pato Brabo	
Corró Pequena	Paturi	

Nomes de vários animais Terrestres e Anfíbios

Camaleão	Jacaré Preto	Raposa
Coelho	Jacaré do Papo Amarelo	Rato de Lagoa
Capivara	Jia de Padre	Saruê
Cutia	Lebre	Saguim (Sagui)
Quatí	Lontra	Tatu
Furão	Macaco	Teiú
Gato do Mato	Mocó	Tamanduá
Gambá	Preá	Veado
Guaxinim	Paca	Anta
Jacaré	Peba	

A CAÇA: De fato o ato de perseguir, caçar e matar era um ato rotineiro, dia e noite e com isso foi se extinguindo as nossas espécies.

Funda e bodoque, essas armas foram poucas usadas por causa do seu difícil manuseio, mas mesmo assim os caçadores eliminaram muitas caças.

A PETECA, como é chamada o estilingue, era feita com uma forquilha de galho de velande (Velame), esta arma era usada para abater pássaros e animais de pequeno porte e os garotos eram quem mais fazia uso desta. E para caçarem os garotos catava no meio da rua pequenas pedras redondas colocava dentro do bernal de pano, que estava quase sempre dependurado no ombro esquerdo, e iam caçar nas imediações do nosso povoado e nas várzeas das duas lagoas. Vários garotos levavam muitas pedras, porém só traziam pouca caça ou às vezes nenhuma por não terem boa pontaria.

Já outros, como Paulo, filho do Sr. Cizino, atualmente residente no Povoado Brejo da Conceição, Devaldo, sobrinho de Joinha, filho do Sr. Raimundo, e Iran, filho do meu amigo Joel Rodrigues, eram habilidosos e tão certos que a sua pontaria fazia com que eles exibissem aos seus colegas a quantidade de pedras que levavam para caça, pois cada projétil lançado era uma ave abatida com certeza, quando sentia fome enquanto caçava atirava no talo da manga e colhiam sem precisar subir na mangueira, eles eram tão exímios no manuseio com a peteca que tinham como troféu pendurado em suas mãos os beija-flores que eram abatidos em pleno voo enquanto estavam degustando o néctar da flor.

ESPINGARDA: A espingarda foi a arma de fogo que mais contribuiu para a extinção e considerável baixa em nossa espécie animal, com ela se caçava de tudo. Existiam dois tipos de espingardas: a espingarda de cartucho e a espingarda de feixe, tam-

bém conhecida como soca-soca ou soca tempero. A espingarda de cartucho tem boa praticidade no seu manuseio, pois ao querer carregá-la (colocar carga) o caçador colocava a coronha (coice) da espingarda no sobaco (axilas) esquerdo e prendia com o antebraço, e com a mão direita dá um tanjo na frente do cano, descangotando-a de maneira hábil e rápida, na parte de trás do cano introduzia um cartucho previamente carregado e voltava o cano com a mesma mão direita para a posição normal, assim sendo o caçador já estava preparado para o ataque.

Enquanto que a espingarda de feixe precisava de uma operação delicada, o cano não esgoelava (deslocava) só o cão, e sobre a base desses colocava-se a espoleta e com a espingarda no sentido vertical, com a boca pra cima, introduzia nela pólvora, bucha e chumbo e com uma vareta que lhe acompanhava começava a socá-la parte por parte, só depois é que podia usá-la em seu alvo escolhido. As marcas de espingardas e de cartucho mais usadas eram Rossi, Boit e TBC, os calibres costumavam ser calibre 12, 16, 20 e 32. Quanto menor o nº do calibre mais espaçoso era o cano da espingarda. Usava pólvora de boa qualidade, Tupan de cor preta e a Faizão de cor amarela, branca e verde, e usava-se normalmente para caça de marreca. Os chumbos nº três e as espoletas quase sempre eram da marca Rossi, a pólvora preta depois de usada exalava uma fedentina.

A CAÇA DA MARRECA: Caçava-se marreca durante toda a noite na lagoa, principalmente quando essa estava em abundância de arroz, para isso fazia-se uma tocaia com mata cabra, junco e palha de arroz em forma de círculo na altura de uma pessoa, essa pessoa ficava assentada para se camuflar, o local da tal tocaia era próximo aonde as marrecas viriam comer e beber água à noite. Para atraí-las, além da comida, o caçador usava habilmente um apito chamado arremedo, que era feito de lata e soldado com solda branca. O Sr. Aurélio, meu pai, era o principal fazedor de

arremedo da região por isso recebia encomendas de apito de caçadores de toda a região. Com a chamada de arremedo, boa pontaria e fé em Deus as marrecas ao sobrevoarem o local da comida, em revoada como uma nuvem de gafanhotos, eram abatidas, pois o caçador com um tiro certo chegava a abater umas 20 marrecas de uma só vez. Um caçador só podia trazer sobre seus ombros no máximo 50 marrecas, por causa do peso, pois elas, os paturis e os patos brabos eram tão grandes que um só chegava a alimentar uma família.

Quando começava a chegar água na lagoa ou após o arroz caçar ou ser cortado, a caçada da noite passava a ser rápida e volumosa por haver muita fartura de comida, por isso muita marreca. O mercado que mais consumia as marrecas era o de Penedo e elas tinham boa aceitação e graças a Deus não existiam as indesejáveis galinhas de granja.

AS SIRICURIS: tinha um apetite voraz, nunca dava trégua à atalaia que ficava de plantão permanente. Parece que os pássaros estavam cobrando os ovos colhidos pelas pessoas de seus ninhos no tempo da limpa do arroz.

CAÇADORES DE MARRECAS: Sr. Véio, seu filho Everaldo, Caípira e Florisval, Aurélio, meu pai, Cizino, pai de Nilton, Deca de Paca, pai de Lia, Carlos, pai de Sêbega, Ornobre, pai de Netinho, Biquinho, Aluísio, pai de Tonho dos Anjos, o Sr. Mauro, Liezer, Bráulio, Carlos, todos do Brejo do Viega. Meu pai era um exímio caçador e pescador, em consequência disso nosso humilde lar nunca faltou o alimento, pois ali, o arroz, o feijão, a farinha de mandioca adicionada ao peixe ou a caça, principalmente a marreca, sempre estiveram presentes.

A CAÇA NA NOITE: Para caçar nas matas à noite, animais como peba e tatu, necessitava-se de enxada, enchadeco, cavador, pá, uma armadilha chamada jequi, candeia (candeeiro) espingar-

da e um bom cachorro de caça que se distinguia dos demais virá-lata, os donos dos cães de caça diziam sempre “esse cachorro nasceu pra caçar”.

O cachorro ao acuar (coagir) uma caça antes da toca era possível abatê-la e isso sempre ocorria, mas quando a caça se entocava era a vez do caçador usar seus apetrechos para desentocar a caça e pegá-la, quando mesmo assim não era possível colocava uma armadilha chamada jequi na boca do buraco, no dia seguinte retornava para pegá-la, apanhando-a na armadilha. Um dos melhores caçadores era o Sr. Manoel Caitano, nascido na Água Vermelha mas passou a residir aqui na rua do Grupo, ele foi um dos últimos caçadores a abater caça grande como veado.



O Sr. Ornobrio Bispo dos Santos, nascido na Fazenda Ladeirinha, morou no Povoado Brejo e está passando os longos anos de sua vida morando aqui na rua das Flores. Hoje, aos 87 anos, contou-me que não caça mais porque não existe mais caça e por causa da proibição federal. Com o seu cigarro no canto da boca alega que começou a fumar aos 22 anos de idade quando começou a caçar, pois fumava para espantar os mosquitos. Seu Ornobrio até pouco tempo lidava com suas tarefas de terra para pastagem, porém a idade já o recolheu ao seu lar, seu Ornobrio ressalta que nunca foi desonesto e jamais quis ser rico, disse-me que rezava em pessoas com pé doente, espinhela caída e outras mazelas e que agradece esse benefício ao finado Parreira, que era um morador do povoado Brejo do Viega, sendo ele que lhe ensinou o ofício. Esse Sr. Parreira rezava em bicheira de animais e com 3 dias após a reza os bichos caíam e o animal ficava bom, afirma ainda seu Ornobrio que quando seu Parreira rezava em uma

pessoa que estava com dor de dente ele enfiava um punhal no chão e após a reza o dente caía. (Ornobrio faleceu na noite de 24/01/2018, aos 97 anos de idade). A caça de fachear rolinha era muito habitual, pois o consumo de rolinha frita tinha grande aceitação.

CACHORRO DE CAÇA: Como tudo na vida é rotulado com os cães de caça não poderia ser diferente e cada dono de cão de caça dava um nome a seu gosto como:

Bago-Preto	Cerveja	Pingueira	Tubarão
Brasson	Duque	Rabito	Valente
Braque	Deixe Andar	Ralfé	Veludo
Baleia	Espanque	Sereia	
Brasileira	Panela no Fogo	Tupi	

A CAÇA AO JACARÉ: Caçava-se jacaré de barco ou a pé, à noite nas lagoas e açudes, para atraí-lo o caçador imitava o seu canto com a boca e ele respondia e se aproximava, o caçador com seu tiro certeiro entre os olhos o abatia, o jacaré ao ser alvejado às vezes mergulhava e o caçador sem pestanejar mergulhava atrás dele no ermo da sólida e do escuro, do fundo d'água trazia o seu troféu o Jacaré. Zezinho, filho de Edílson, era um exímio caçador, outros caçadores, porém, usavam método presunçoso, ao entardecer levava consigo vários anzóis grandes, iscado com bofe ou outra isca de carne podre, colocava os mesmos em pontos estratégicos, era notório que quem estivesse ali no botamento do anzol não poderia reclamar do fedor da isca, pois se o fizesse era repreendido pelo dono do anzol que dizia que o jacaré não fisgava o mesmo.

O anzol era fixado em uma corda de nylon, essa amarrada em uma árvore e a isca passava toda a noite à espera do jacaré, ao chegar ao local de manhã o caçador observava aquele jacaré brutamonte, o jacaré do papo amarelo era o mais agressivo, o caçador com uma forquilha na mão e com toda cautela vinha colhendo

ele pela corda, ao chegar ao seu alcance prendia o seu pescoço com a forquilha e o dominava, mas longa era a peleja e, às vezes, por causa do terreno pantanoso, o subjugado jacaré saía vencedor e fugia. Quando prendia a forquilha em seu pescoço dominava-o e depois o amarrava com as mãos para trás e amordaçava-o, colocava sobre as costas e trazia. Zé Calixta, meu irmão, era um desses hábeis caçadores e pegava jacaré maior do que ele, que ao trazê-lo nas costas parte dele vinha arrastando e a cauda fazia um rastro.

O jacaré é um ótimo petisco cozido ou muquinhado (moqueado) e assado. A lagoa das tabocas era um verdadeiro paú (terreno brejado) e ali era habitat natural de jacaré, ao nos aproximarmos dessa lagoa, que outrora era de propriedade da família Barrozo e hoje se encontra em limites alheios a essa família, ficávamos ali para caçar jacaré e éramos estranhos àquele pequeno universo de matas densas, ao olharmos as copas das árvores, que mais pareciam a cobertura de um imenso arranha céu, ao fazermos o menor movimento surgia das copas das árvores uma nuvem de morcegos em um mergulho suicida sobre nós e tomávamos um tremendo susto, só depois os morcegos mudavam de rota.

JIA DE PADRE: A Jia de Padre é caçada à noite em período chuvoso e ela é servida pelo pessoal que consome cachaça, ela é um saboroso tira-gosto.

RATO DE LAGOA: A caça aos ratos de lagoa acontecia quase sempre no período em que a lagoa começava a ser inundada, eles iam morar nas plantas que ficavam sobre os muros e aceiros. A pessoa se aproximava de barco e abatia de cacete os ratos com o próprio remo daj, do barco ou com peteca, os ratos depois de abatidos eram consumidos por muita gente. O rato de lagoa é o rato *Akodon ssp* mais conhecido como rato-de-chão, eles têm pelos longos e macios de coloração escura no dorso, quando adulto chega a pesar de 25 a 58 gramas, as fêmeas tem em média 3 fi-

lhós, vivem nas matas e em terras cultiváveis e possuem hábitos noturnos, porém podem ser encontrados durante o dia (não é o rato de casa).

A RAPOSA: Apesar de ficarmos apreensivos com os ataques das raposas no mês de setembro, não era motivo suficiente para algumas pessoas não deixarem de brincarem zombeteiramente com elas. Para isso, ao pegar uma, em vez de dar água para matar a sede, lhe oferecia cachaça em uma vasilha e ela bebia toda a cachaça se deliciando satisfatoriamente que chegava a se lamber, quando o álcool começava a surtir efeito ela começava a uivar como se tivesse tagarelando e a cada tentativa de ficar em pé ocorria um tombo sobre o outro e ela olhava para nós como se quisesse falar.

ISQUEIRO: Quase todo o caçador era fumante e para acender o cigarro usava um isqueiro feito de um pedaço de chifre, colocava dentro desse algodão e para formar faísca triscava uma pedra de figo em um pedaço de lima sobre o algodão para a centelha pegar fogo no algodão depois de usados, para apagar o fogo abafava o fogo com uma tampa de madeira.

O SR. CARBINO: O Sr. Carbino era um homem alto e negro e não despartava de um cesto na cabeça quando estava em movimento e para atear fogo no seu imenso cachimbo, que não tirava da boca, tinha sempre em sua mão um tição de Sucupira ou de Gobiraba, que era duradouro, esse senhor morava na casa onde hoje é a casa de Janice na rua das Flores.

ARIADO: Apesar de o homem ter uma convivência natural com as nossas matas, muitas vezes ao tentar retornar da mata se ariava (se perdia, ficava desorientado), e por mais que percorresse caminhos e varedos não chegava a lugar nenhum a não ser ao seu ponto de partida, inútil eram as tentativas de encontrar o caminho que conduzisse até sua casa. Acredita-se que ao adentrar a mata sem oferecer fumo ao espírito da floresta que protege a caça e reina sobre os animais, a

Caipora, ela penalizava com tal atitude às pessoas, porém os mais astutos recorriam a uma nobre virtude, hoje ignorada pelo progresso, a paciência, essa pessoa ao estar ariado sentava-se e pegava o fumo não para a oferenda mais para fazer um cigarro e em seguida dava suas baforadas até chegar ao entendimento e prosseguir o rumo de casa sem lhe faltar o tino. Foi o que aconteceu com meu pai e eu quando vínhamos da mata da palmeira após ter colhido imbé e arapuá, ficamos ariados apesar de meu pai ter sido um conhecedor daquelas matas, porém ele recorreu à virtude da paciência.

O MEZINHEIRO: O último remanescente dos homens e mulheres que recorriam às plantas para servirem às pessoas no tratamento natural de doenças com ervas, é o Sr. Manoel de Oscar (Bôto). Pessoas de vários cantos recorrem a ele para que busque no mato o remédio para sua cura, atualmente Manoel de Oscar, aos 67 anos de idade, reclama que sente dificuldade em encontrar os paus que lhe dão os produtos para mitigar as mazelas das pessoas, ele me descreveu as utilidades de algumas plantas:

- Pau-Ferro: a ante-casca depois de fervida serve para tratamento de pneumonia.
- Babatenã: queima a casca, faz do mesmo um pó e coloca na ferida, a água da casca serve para pustema e gastrite.
- Jenipapeiro: se a pessoa se alimentar com dois jenipapos de manhã durante alguns dias ele combate a anemia quando doente.
- Cipó Jarrinho: combate o reumatismo.
- Malva Branca: coloca na água e bebe pra curar pedras nos rins.
- Papa Conha: serve para quase tudo.
- Pau D'arco roxo: a ante-casca serve para dor de barriga, dor de mulher e limpeza pós-parto, deve ser usada fervida ou de molho 3 vezes por dia.

- Cajueiro Branco e quina-quina: a ante-casca dessas árvores fervidas e colocadas na moringa para beber combate a diabete.
- Mal Vizinho: a ante-casca colocada na água e tomada serve para combater a gonorreia.
- Sucupira Roxa: a ante-casca na água serve para pancada.
- Jatobá: a ante-casca fervida e tomada combate cansaço, dor no tórax e feito lambedor serve para asma.
- Cruiri Branco: a ante-casca depois de fervida serve para dor de mulher e pneumonia.
- A fruta felpuda do Jatobá: colocada dentro do café é o verdadeiro Toddy natural, o Toddy do pobre serve como alimento.

CRIADORES E TROCADORES DE PÁSSAROS: Um dos pontos vitais para a vivência humana é o entretenimento e cada um procura um hobby que lhe apraz, em Carrapicho houve uma época áurea para os criadores de pássaros, que tinham pássaros de grande estima e valor. Nomes de vários criadores e trocadores de pássaros que fizeram parte desta cultura:

Ailton de Emília;	Joelson;	Toinho de Emília;
Alves de Clotildes;	Martelo;	Tonho Baixinho;
Benício Bacalhau;	Netinho de Ornobrio;	Tonho Mau Negócio;
Capilé;	Nonô;	Valmir de Zequinha;
Chico de Júlia;	Pedro Soares;	Vavá;
Joaquim de Estelita;	Pneu;	Zé Brigadeiro;
João da S. Barrozo;	Seu Olívio;	Zé Galego.
Hermes de sibica	Benite de Luiz Cabaça	Dagão de Bernadete

Vários pássaros que faziam parte deste ciclo: Azulão, Azulão de Lagoa, Bigode, Cabeço, Cardial, Cancão, Chofreu, Curió,

Canário, Canário da Terra, Chupinha, Caboclinho, Estevão, Extravagante, Ferreiro, Guriatá, Jesus Meu Deus, Pêga, Pinta Cilgo, Patativa, Passo Preto, Rolinha Fogo Pagou, Rolinha Cardo de Feijão, Sabiá, Vinvim, Xexéu.

Muito se tem a contar desses pássaros que causaram cobiça aos adeptos deste esporte, os dois maiores criadores de pássaros de Carrapicho foram João Barrozo, que no alpendre do seu telheiro pendurava ou colocava nos tornos no armazém diversas gaiolas e para cuidar dos pássaros tinha o neguinho Pelé, empregado seu, e as ajudas dos visitantes. Os homens ali no alpendre do telheiro ao amanhecer ou entardecer se aglomeravam e a conversa central era sobre os pássaros e os cantos dos mesmos tornavam o ambiente agradável e sobre essa sinfonia criadora trocadores fechavam negócios com valores altos.

O Sr. Olívio, pai de Gazinho, ao lado de sua casa na rua Santo Antônio construiu um viveiro de tijolos com uma arquitetura peculiar, ali ele criava pássaros de todas as espécies e ainda tinha mais de 50 gaiolas, seu Olívio tinha um cabeçaço que cantava dentro do bolso de sua calça quando ele queria expor a qualidade do mesmo e tinha um xexéu que cantava o hino nacional. Vavá tinha um cabeçaço que cantava na mão. Nome de Cabeços famosos:

Pega na mão, Papelão, Vila Nova e Suru, o melhor da região que veio de Penedo da mão do Sr. Ormário Farias, que era treinador do Penedense Futebol, para João Barrozo. Azulão, canto fino de Joelson Soldado e o Cabra Preta, o melhor da região de Tonho Baixinho.

Era costume colocar canário para brigar, colocava os dois dentro de uma gaiola e eles acirravam a briga, os pássaros ficavam em combate muitas vezes até a morte e para isso os apostadores se valiam de uma grande aposta, o famoso canário chamado de Petrobrás chegou a brigar com outro 28 minutos e o seu adver-

sário torou (cortou) seus dedos, mesmo assim ele venceu a briga, esse canário já estava na mão (era dono) de Chico de Cândida de Neópolis nesse combate.



Para nutri-los os criadores usavam alimentos de acordo com cada espécie. Leite de vaca, banana, tomate, laranja, mamão, manga, galinha de melão, castanha de caju assada ou milho, amendoim alguns desses alimentos pas-

sado em um moinho manual ou prensado com uma pedra, alpiste, paísso, carne crua, areia granulada, folhas de segurelha, couve, semente de velande e de girassol, cansação. Usavam-se ainda produtos vitamínicos comprados em farmácia, pois era indispensável para a manutenção da saúde, como canarito e vitogodo, ambos em pó, e complexo “B” em líquido. As compras e as trocas de pássaros tornaram um ciclo vicioso, porém vital, trocava-se pássaros por pássaros, pássaros por dinheiro em espécie, por objetos. Na conversação da troca usava-se um coloquial e um dos parceiros saía ludibriado e como cavalo de trocador não tem garupa, só um ia para casa montado.

Tonho Mau Negócio trocou um cabeça em uma vaca leiteira de 10 litros, e outro cabeça em um cavalo e outro em um fusca.

O xexéu, chamado de Brejo Grande, que era de Doge de Espírito Santo, foi vendido para o Rio de Janeiro. Trocadores de fora que vinham fazer negócios: de Penedo: Marcos Moraes, Afrânio, Pedro Macaco, Tininho, Paizinho, Viajante, Erivaldo, Sargento Deneci, Batista, Zito e Mané da Boate.

De Neópolis: Jaime da Mariola, Boa, Mestre Quel, Cabaço, Francisco e Zé de Cândia, todos três irmãos, Alonso Sapateiro, Na-

do, irmão de Dandi. Do Cedro: Cheu, Bebê, Nando e Toinho. De Propriá, de Aracaju, Feira de Santana, Estância, Pacatuba, Brejo Grande, Ilha das Flores e tantas outras cidades vinham trocadores.

AS GAIOLAS mais usadas eram feitas de uma planta chamada barba de bode, proveniente de outra região. O Sr. Béia e seu Hélio, filho de Zé Dunízio, faziam gaiolas e assaprão com mata cabra ou joão mole colhida em nossa lagoa e tinha grande aceitação, os bebedouros (Caqueiros) dos pássaros eram de barro, com o tempo os criadores deixaram de usar, pois quando a gaiola tombava o caqueiro caía sobre o pássaro deixando ele defeituoso ou matava. Com o desmatamento a criação de pássaros está em decadência e pouco são as pessoas que criam pássaros.

A Pecuária

- População de bovino. 1. 148. Em 2013
- Número de bovino – 3.320 em 2003
- Número de bovino – 3.840 em 2005
- Gado leiteiro – 80 em 2003
- Número de bovino – 3.840 em 2005
- Gado leiteiro – 400 em 2005

A vacinação para combater a aftosa, raiva e brucelose alcançam mais de 90% do rebanho e é realizada pela Secretaria de Agricultura Municipal com apoio da DEAGRO. Esse ano de 2013 foi suspenso por causa da grande seca. Mas em nível de estado esse mês de agosto, com período muito chuvoso, a campanha já está sendo concluída.

Existem pequenos produtores de ovinos, caprinos, suínos, equinos, e de aves. A pecuária consiste em pequenos criadores, tendo como principal rebanho o bovino do tipo mestiço utilizando a pastagem natural. Sendo cadastrados pela ENDARGO, Núcleo de Neópolis, 106 proprietários.

O nosso Meio Ambiente

O nosso município de Santana faz parte do ecossistema da Mata Atlântica. O útero materno é o nosso primeiro habitat natural, e o mundo em que viemos e vivemos é o meio ambiente que faz parte da nossa vida. Mas em nome do progresso o homem está causando grande impacto e desequilíbrio na natureza. As nossas águas minguaram e várias nascentes secaram, as matas ciliares estão desaparecendo, a nossa fauna com sua abundância de espécies foi quase extinta, as árvores com suas peculiaridades de frutos comestíveis foram quase banidas, os caranguejos grandes de cor branca que existiam nas nascentes da Toca da Onça não existem mais e o homem continua desmatando fazendo queimada para cultivar o solo.

O meio ambiente tem grande influência no meio físico e biológico em consequência do sistema ecológico. Devendo haver manutenção no equilíbrio ecológico visando conciliar o desenvolvimento socioeconômico do nosso município, preservando a natureza. Devem-se proteger os mananciais hídricos, as matas ciliares, evitar erosão do solo e haver monitoramento na utilização de agrotóxico de maneira a evitar a contaminação do solo e dos alimentos produzidos. Poder Executivo e poder Legislativo, demais autoridades e a própria comunidade estão alheias à recuperação e a preservação ambiental do nosso município. Eu con-

clamo a todos que revitalizemos o nosso meio ambiente, para que nós e a nossa futura geração tenha vida saudável e em abundância!

CUIDAR DA NATUREZA É PRECISO!

22 de março dia mundial da água

27 de maio dia da mata atlântica.

05 de junho dia mundial do meio ambiente.

17 de julho dia de proteção das florestas.

04 de outubro dia do patrono da ecologia, São Francisco de Assis.

Não há dúvida de que pertencemos a praia (litoral), pois estamos inseridos dentro da área da mata atlântica. As aningas que se encontram na propriedade de Antônio Mathias B. Neto, na Fazenda Mãe Natureza, no Saquinho, propriedade do Sr. Toinho Lobo, e as constantes marés que nos banham evidenciam que somos praiheiros.

Estiveram como secretário de meio ambiente neste município: Ariosvaldo Gonçalves Gomes (Ari), no segundo mandato de Gilson; Carlos Feitosa, no terceiro mandato de Gilson; José Hebert Lima Santos (Hebinho) e Adeilton Tavares Silva (Dedé), no mandato de Ricardo Roriz; Van Carlos Inocêncio da Silva, no mandato de dona Preta; José Gardel Santos da Silva e Carlos Feitosa, no mandato de Junior. Eu, Roberto, estive como assessor dos três últimos secretários “sem receber nenhum benefício financeiro”. Lutemos para que graves problemas entre os quais os dos dois cemitérios, do lixão a céu aberto e dos limites municipais territoriais fossem solucionados. Mas, a saber, que para solucionar esses problemas requer dinheiro, muito dinheiro e acima de tudo interesse: No que se refere aos limites municipais há necessidade de uma atualização, isso porque a definição, em linha reta, e pelo

lado oeste, deixa localidades, como a Subestação Carrapicho, em uma situação duvidosa e questionável, por não haver um marco natural ou um marco fixado pelo o homem.

Além do mais cada prefeito no exercício do seu mandato deveria atualizar a lei administrativa, assim como os vereadores atualizassem algumas leis, entre as quais, Lei Orgânica, a Lei de tributos e o Código Sanitário que já caducam!

A nossa Agricultura

A ROÇA. A agricultura é definida geralmente como a arte e a ciência do cultivo da terra, para dela tirar de modo mais econômico a maior quantidade possível de produtos vegetais para o sustento. Em homenagem ao homem do campo foi constituído o dia 28 de julho como o dia do agricultor. Quase todo o morador de nossa comunidade era um pequeno agricultor, pois mesmo os que não faziam roça cultivavam em seu quintal fava e quiabo e uma vez por ano, no dia 19 de março, dia de São José, eles plantavam milho para colher e degustá-lo no dia de São João compartilhando com os festejos juninos.

A ROÇA NO VALENTIM: Em toda a Várzea do Valentim, cada proprietário fazia a sua roça e nela cultivava: mandioca, macaxeira, amendoim, cana, gergelim, girassol, inhame, milho, feijão e batata doce.

OS GRANDES PROPRIETÁRIOS: As maiorias das roças eram e são feitas nas propriedades dos outros, pois poucos eram agricultores que tinham terra para o cultivo. Sempre foi e é habitual os grandes proprietários cederem suas terras para o agricultor, e pelo uso da mesma não se cobrava nem se cobra nada, ao contrário, alguns agricultores, após alguns anos de cultivo na ter-

ra alheia, agregava a mesma como sua e a Família Barroso muito tem perdido para esse tipo de gente.

O DESBRAVADOR: Após o sim do proprietário, o roceiro já com o devido local escolhido para sua pequena seara, brocava (dava início ao desmatamento) o terreno alheio a qualquer fator de risco e desequilíbrio ambiental, com a destruição da fauna e da flora, que a cada golpe fatal do machado árvores eram tombadas e após a área quase limpa. O lenhador (lenheiro) fazia uso da madeira para alimentar as chamas dos fornos dos artesões. O local, já brocado, o roceiro dava início a segunda etapa que era prosseguida com o corte dos arbustos que ficava tombado sobre o chão, e depois de um tempo já seco pela ação do sol pegava-se uma parte desses gravetos faziam feixe de lenha e era trazido para casa para o fogão da cozinha, e os restantes dos gravetos eram amontoados em diversos locais da roça e a esses montes de matos dava-se o nome de coivara, nessas coivaras eram ateadas fogo. Os tocos das árvores nesse manejo pegavam fogo, e outros eram arrancados de enxadeco, com o terreno limpo o roceiro começava o preparativo da terra e o trabalho dependia do tipo de plantação, se lambicava (preparava a terra) e fazia canteiro ou cova, começava o cultivo depois aquele local passava a ser pasto do dono da terra.

A PLANTAÇÃO: Diversos produtos eram plantados como: melancias, abóbora, quiabo, maxixe... Porém o produto mais cultivado era e continua sendo. Nomes dos produtos de diversas espécies que eram cultivados aqui:

Tipos de mandioca: perna gorda, rabo de égua, roxinha, milagrosa, olho de pomba e platina.

MACAXEIRA: Cacau, rosa branca, sulimã, branca, rainha da mesa, manteiga, cabra, mata gato e a mais comercializada a macaxeira rosa. Atualmente 1 kg de macaxeira é vendido por Cr\$ 2.50.

FEIJÃO: Carioca, cubatão, baje roxa, mão curta, rosinha, mão preta e de arranca. O feijão mais consumido por nossa gente é o feijão de arranca.

FEIJÃO DE CORDA: Costela de vaca, rajado e costelão. O feijão de corda leva esse nome por causa da ramagem.

O MILHO: O milho é uma planta da família gramínea, cujo nome científico é *Zea Mays*, além de largo emprego como alimento ele tem larga produção industrial: Contêm amido, glicose, óleo comestível e álcool. O Brasil é um grande exportador desse produto e é o segundo produtor mundial, só perdendo para os Estados Unidos.

Tipos de milho: Iba, de raça, grande, zebu, batité, alho e pinto.

FAVA: Boca de ovelha, pintada, branca, a fava é pouco consumida por nossa gente, mas antigamente tinha aceitação e era cultivada no quintal de casa.

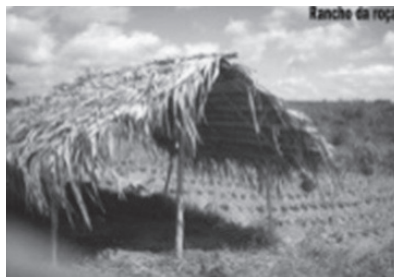
QUIABO: Roxo, ponta de viado, branco, de metro e o de sete semana, este é o mais consumido. O quiabo de metro após nascer começa a tomar espaço na árvore, e ao olharmos de supetão pensávamos que era uma serpente a espreita, minha mãe cultivava no nosso quintal, entre outras, fava e esses quiabos de metro que cresciam em uma mangueira.

BATATA DOCE: A batata doce quando cozida é servida com café, algumas pessoas o amassavam com a colher e adicionava leite, outros assavam na brasa e degustava. Algumas pessoas ao consumir catata tinham azia, porém comenta-se que se comer ela com casca, não dará azia. Esses agricultores têm esse cultivo de subsistência, porém parte do seu produto é vendido à comunidade. Existem trabalhadores que trabalham em sua roça e também no alugado para outras pessoas com a diária de 50 reais.

VENENO: O veneno era o nome dado por nossa gente para definir todos os inseticidas empregados para o combate das pragas nas suas plantações.

Nomes de alguns produtos de origem química que foram usados.

- * Tatuzinho = Pó
- * Formicida = Pó
- * Formigão = Pó
- * DDT = Pó
- * Mirex = Granulado
- * Formicidol = Pó
- * Andrex = Líquido



Os agricultores, por serem na sua grande maioria leigos e sem o esclarecimento prévio e devido, usaram e abusaram destes produtos, ignorando os perigos que lhes sondavam, e os informes contidos na embalagem sobre classificação toxicológica de alguns produtos e manuseio passavam despercebidos como: A cor da tarja que alardeava o perigo:

- Vermelho -----I extremamente tóxicas
- Amarelo -----II moderadamente tóxicos
- Azul -----III ligeiramente tóxicos
- Verde -----IV praticamente atóxicos

Porém para complicar ainda mais os agricultores não usavam EPI (equipamento de proteção individual), porém tomavam medidas que dificultavam os estragos causados pelas formigas, que na verdade era um controle mecânico. Ao descobrir a saída do formigueiro recorria aos olhos da mandioca, introduzia os mesmos no buraco do formigueiro e em seguida pegava bosta seca de gado e colocava também no formigueiro, e logo após completava com terra e socava com pau e ali deixaria de existir uma saída e entrada de formigas, que tinha provocado danos a sua plantação.

O ENVENENAMENTO: Um grande complicador para a causa do envenenamento era o efeito da intoxicação que poderia ser aguda ou crônica, isso induziu o trabalhador a prevaricar nos cuidados devidos no manuseio, e muitos trabalhavam em jejum e ainda por cima no período de aplicação eles fumavam, o veneno como o Andrex levou a óbito algumas pessoas como o Sr. Jivaldo, esposo de D. Enir, e muitos outros passaram no pau do canto (sobreviveu) mas viveram combalidos com as sequelas do veneno. Outro veneno usado em grande escala foi o famoso DDT (Diclorodifeniltricloroetano), mais conhecido popularmente como DDT. O DDT começou sua restrição comercial a partir da década de 70 por causa do seu longo período de ação residual.

Atualmente com a evolução tecnológica os inseticidas evoluíram também, um dos que está em evidência é o Mirex, que o roceiro coloca os granulados no carreiro das formigas ou na própria boca do formigueiro e ele é levado pelas formigas para dentro da sua colônia dizimando todas, oferecendo ao agricultor o resultado desejado. Ainda hoje, o agricultor ao se intoxicar recorre como primeiro socorro um copo de leite líquido de vaca, e esse leite às vezes passa a ser mais um complicador, pois ele age como um fixador do veneno no organismo, costuma também ao se intoxicarem provocarem vômito, só depois é que às vezes é levado ao médico.

O SINDICATO: O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santana do São Francisco foi fundado em 08 de novembro de 1993, com o CNPJ 04.109.672/0001-90. O seu primeiro presidente foi o Sr. Antônio Soares, depois o Sr. Amábilio (Bilinho), que foi um presidente provisório.

O Sindicato não tinha sede própria e o primeiro imóvel a servir de sede foi onde é a cerâmica de Ramalho na rua Santo Antônio, atualmente graças à administração de D. Creuza e Rosa, do finado Milton, construíram a sede própria onde era o sítio de seu Pedro. O seu terceiro presidente, o Sr. Florisval Santos (Flor), jovem saudense, foi eleito por duas gestões, sendo em sua votação candidato único na última eleição. Atualmente, D. Creuza (Creuza Pereira dos Santos Silva) é a secretária de finanças e a senhora Rosa de Milton (Ozair Sena Bispo) é a presidenta, estão à frente do Sindicato. Tendo o mesmo 960 filiados, porém menos de 150 estão em dia com suas contribuições.

AS ASSOCIAÇÕES: Os agricultores de Santana estão se organizando na expectativa de dias melhores, existem associações com seus membros assentados na área da Sambambira, Pipiri, Várzea e na chapada dos terrenos dos Barrozo, onde ali, através da Associação Pró-Desenvolvimento dos Produtores Rurais de Santana do S. Francisco, teve como presidente o Sr. José Augusto Santos (Moura) e atualmente é o senhor Osvaldo da Cruz Batista, o senhor Baroninho (Luiz Barboza do Nascimento) é o tesoureiro. Através do PRONESE adquiriram um trator e acabaram de construir a sede da associação, no conjunto COHAB Nova.

O MST em agosto de 2007 ocupou a propriedade da fazenda Terra Nova, do senhor Lauro Seixas, mas saíram de lá em 2010, estavam ocupando uma faixa de terra do senhor Ernando Reinaldo Silva no Sítio Valentim, à margem do rio, mas a terra foi desocupada. Chega ao povoado Saúde a senhora Wilinete Inácio

Santos onde ali se fixou, sendo ela Coordenadora Nacional do MLT (Movimento De Luta Pela Terra) e com demais companheiros ocupam uma faixa de terra do senhor Ernando Silva no Sítio Valentim, próximo do limite da Várzea. A coordenadora, a senhora Wilinete, está estabelecendo acordo com o INCRA para que as 33 famílias recebam umas 40 tarefas de terra.

A CASA DE FARINHA: Para suprir a demanda da produção da mandioca existiam diversas casas de farinha, como:

Da Rua São João: vizinho à casa de Alaíde, era uma casa de farinha, vizinho à Calminho, ainda na Rua São João, também existia uma, na Praça Sete de Setembro, onde hoje é a casa comercial e residência de Adélia, era uma casa de farinha.

Na rua das Flores: onde hoje é a cerâmica do Sr. Nininho era a casa de farinha da Sr.^a Joana Francisca.

Na Praça João da Silva Barrozo: Na cerâmica de Bebeu atrás era uma casa de farinha da Sra. Querubina. Tinha a de D. Maria de Julinho que ficava no quintal de sua residência. Na Praça João da S. Barroso existiam muitas casas de farinha. No momento só existe uma casa de farinha aqui que está em atividade e que é antiquíssima, ela fica situada no Sítio Mangá e é de propriedade do Sr. Antônio Caetano. O serviço realizado pelo dono da mandioca é pago com farinha. Quando a farinhada vai ser muita levam a mandioca para o Povoado Mundé da Onça, no município de Neópolis, pois lá é tudo mecanizado.

A farinha de mandioca tem cinco características distintas que depende de quem lida com ela.

Farinha doce: É a farinha que a massa é levada ao forno no mesmo dia de ralada e feita.

Farinha dormida: É a farinha que a massa é levada ao forno no outro dia depois de ralada.

Farinha azeda: É a farinha que a massa é levada ao forno depois de três dias por diante depois de ralada.

Farinha fina: Depende do calor da chapa (forno) e do manuseio com o rodo do farinheiro, o mesmo acontece com a farinha grossa.

Os fornos da casa de farinha são alimentados com lenhas trazidas pelo dono da farinhada.

FARINHA DE PIMBA: Quando as grandes cheias surgiam de repente, pegando todos de surpresa, quem tinha plantio de mandioca nas várzeas ou na ilha colhia às mandiocas às pressas, porém às vezes perdia a grande parte do roçado e as poucas casas de farinha existentes ficavam abarrotadas de mandiocas, e por causa da grande demanda se trabalhava na farinhada 24h por dia, é nesta labuta que ao sentirem fome pegavam a farinha mole e quentinha do forno, colocava em uma cuia, adicionava cebola, sal e pimenta a gosto. Estava pronto o manjar do farinheiro chamado farinha de pimba, e essa farinha tinha uma aceitação geral e todos matavam a fome degustando aquele adorável alimento com um sabor picante. Atualmente essa farinha de pimba ao ser preparada recebe diversos condimentos, e se colocam até pedaços de carne de jabá, pois o preparo da mesma depende do apreciador.

VELANDE: O velame mais conhecido como velande, algumas pessoas usavam como vchá, para isso colhia as folhas madura e colocavam em uma vasilha sobre o fogo com água, fervia e depois de fria escoava e tomava substituindo o café, meu pai compartilhava desse costume.

FEDEGOSO: O fedegoso da botânica brasileira, denominação de várias plantas da família das leguminosas — cesalpiníaceas, como algumas espécies medicinais. O nosso fedegoso

era uma planta pequena e suas sementes são encontradas dentro de uma bajem, várias pessoas trocavam o hábito de consumir café, muitas vezes por necessidade, para isso colhia-se a bajem seca da planta, debulhava e recolhia as sementes, colocava em um tacho que estava sobre o fogo, e a essas sementes adicionava açúcar e começava a mexer, com a temperatura em alta as sementes e o açúcar se dissolviam formando um líquido pastoso e começava a borbulhar.

A pessoa pegava uma superfície lisa e limpa e sobre ela colocava cinza peneirada, com o líquido pastoso no ponto derramava sobre a cinza que ao esfriar formava um bloco sólido, que ao esfriar quebrava-o com as mãos e levava até o pilão e pisava, depois de triturado era peneirado até transformar em pó que só então era usado como café pela família.

Porém até hoje D. Celina, a tia de Manoel Ouricuri, que reside na rua das Flores, tem em seu quintal um pé de café e é dele que ela toma seu café.

AMENDOIM: O amendoim é uma leguminosa denominada de *Arachis Hypogaea L*, essa leguminosa é nativa do Brasil e sua semente é considerada um dos alimentos mais completos em nutrientes e sais minerais: Esse produto sempre teve grande aceitação por nossa gente e um dos vendedores pioneiros foi o Sr. Petronílio, ele com seu jeito recatado e acolhedor todas as noites sentava na esquina do Mercado Municipal de frente à casa de Sinval e com sua cesta feita de cipó vendia o amendoim torrado e cozido, com sua voz anasalada como se tivesse gripado recentemente dialogava com todos nós que ali se faziam presentes. Até hoje degustamos esse produto que é vendido por Ana, Dina, Célia e Irene de Moura, Bomfim, o irmão de Ieda, que vende em um carro de mão assim como um rapaz do povoado Saúde e um senhor de Neópolis que vende

em uma carroça de burro. Atualmente o amendoim é vendido uma porção por um real. E poucos são os que vendem o amendoim torrado, vendem cozido.

JURUBEBA: A jurubeba era outra planta que existia com abundância, dela eram colhidos frutos que eram levados ao pilão e depois de machucados eram escoados em um pano fino e a esse caldo era adicionado cravo, álcool e açúcar, depois era engarrafado. No fundo do quintal cavava o chão, colocava as garrafas enterradas por um período de três dias, onde ali ficava em um processo de fermentação, só depois era retirada às garrafas e servida como um Vinho de Jurubeba medicinal de sabor agradável do qual meus pais eram hábeis em prepará-lo.

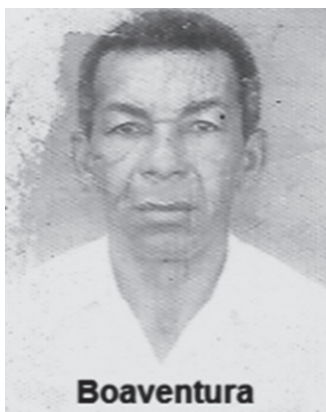
A SECA: A seca não é de ontem e nem de hoje. A 1ª menção da seca do nordeste data de 1564, relatada pelo missionário Laureto de Couto, quando de suas andanças pela região nordeste, onde se deparou com a situação na zona rural onde a metade da população era composta por pobres, e um terço por indigentes. A cronologia dos anos de estiagem indica fatores de crises sociais. O número de período de seca ocorrido na área nordestina que corresponde a 18% do território brasileiro:

- No século XVI – 03 secas;
- No século XVII – 07 secas;
- No século XVIII – 04 secas;
- No século XIX – 03 secas.
- No século XX O nº sobe assustadoramente para 19 secas, dando margem para o que se convencionou chamar a “indústria da seca”. O setor público passa a criar órgãos

e mais órgãos, e daí passa adotar medidas paternalistas e política eleitoreira.

É criado em 1904 a comissão de apoio e desenvolvimento de estudos, obras e engenharia contra seca. Em 1909 é criada a inspetoria de obras contra a seca, cria-se em 1953 o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), nos fins de 1959 surge a SUDENE. Entre as 19 secas do século XX, a de 70 para 71 vitimou nosso povo deixando uma comunidade faminta, pois esta tinha baixo valor aquisitivo e poucas pessoas tinham emprego e consequentemente salários, sendo a economia básica do nosso povo a pesca, o cultivo de arroz e o plantio de roças para o sustento familiar. Como para todas essas atividades necessitava de clima bom e chuvas, que não houve, a nossa comunidade ficou em estado de calamidade pública, criando-se um caos. O povo então se valeu do que pôde, desfaziam de alguns bens, resquícios de roças, árvores que seus frutos fossem comestíveis, como jenipapeiros e até ervas comestíveis como o manjangome, não teve uma que não fosse saqueada, e de tudo se tirava o sustento, pois se recorria a isso para garantir o sustento da família. Podia-se tudo, menos passar fome.

FATO CURIOSO e com precedentes trágicos aconteceu. Os pais de uma família em nossa comunidade, residente na Rua do SESP, saíram para trabalharem e a redada de filhos (muitos filhos) ficou em casa, eles ao serem acossados pela fome começaram a reclamarem, o irmão mais velho, porém, ao ver a situação crítica, vai até a roça da mãe e colhe umas raízes pensando que fosse macaxeira, onde na verdade era inhame brabo, cozinhou o inhame e serviu aos seus irmãos que ao comerem sentiram-se mal, o fato culminou em desespero, o irmão ao se explicar à vizinhança, elas deram auxílio, pois as crianças estavam intoxicadas, tomaram leite materno e água morna, tiveram crises de vômito e foi sanado o problema.



BOAVENTURA: o senhor José Domingos (Boa Ventura), homem de 1001 profissões, casado com a minha irmã Miralda Batista Cruz, residindo onde era o moinho do senhor Eráclito, já com filhos a fome lhes apertou então ele foi até a bodega do senhor Manoel de Julho, que era tio de Tonho Melo, e perguntou a ele se podia comprar fiado. O senhor Manoel respondeu que de jeito nenhum,

pois a coisa estava feia sem a circulação de dinheiro. Boa Ventura retornou para casa, onde seus filhos estavam famintos, pegou um saco e retornou a venda, lá chegando foi mandando pesar as mercadorias que lhe convinha, após o saco estar com a sexta básica de alimentos, Boa Ventura pegou o saco, olhou para Manoel e disse “estou levando o saco, mas assim que eu receber o dinheiro do serviço da construção da Ponte de Propriá, onde estou trabalhando, logo estarei trazendo o dinheiro. Mas se você não concordar saía do balcão e venha tomar o saco”. Manoel de Julho, sabendo que Boa Ventura era um homem resolutivo, deixou levar o saco de alimentos. Depois, Boa Ventura, meu cunhado, saldou o compromisso. Boa Ventura faleceu em 12 de abril de 2008, já residindo na capital Sergipana, gozando de sua aposentadoria.

SURGE NO BRASIL a companhia Brasileira de alimentos (COBAL,) empreendimento do governo federal. Em algumas cidades, inclusive Neópolis, a COBAL era um imóvel fixo e nas demais cidades aqui por perto, que tinha feira livre, a COBAL era em uma carreta volante “transformada em supermercado ambulante”. A COBAL oferecia às comunidades produto com valor menor ao de mercado, muito embora alguns produtos fossem de qualidade inferior, tendo até um tipo de arroz como se fosse xe-

rém de tão quebrado que eram o grão, estes produtos eram uns dos mais procurados, não pela qualidade, mas pelo preço de venda. A farinha de mandioca — produto imprescindível na mesa do nosso povo — com a estiagem faltou, Penedo traz então farinha de São Paulo, uma farinha que nunca esteve em nossas mesas, essa era diferente, estranha e sem qualidade, ao colocá-la no prato a farinha escaldava, virava um pirão insípido, se fizesse um movimento brusco com a vasilha em que ela estava ela fluía, ou melhor, voava, daí o povo o apelidava “farinha rôla-voou”, não sabendo a origem desta farinha o povo especulava dizendo que era feita de raiz de pau como mulungu, umbu ou umbaúba, na verdade era péssima e sem sabor de mandioca, porém produzida em forno mecânico em escala industrial, que não recebia o mesmo tratamento artesanal de preparo do homem do campo.

Como diz o dito popular “Depois da tempestade vem a bonança”, na verdade tempos melhores chegaram e a rôla-voou, voou e sumiu, voltamos a apreciar a nossa apetitosa MANI. Conta-se que, misteriosamente, uma índia ainda virgem e muito nova engravidou, desta gravidez nasceu uma linda menina muito branca que deram o nome de MANI, porém MANI morreu muito jovem e o seu corpo foi enterrado na própria oca e ali nasceu uma planta muito branca e dura que deram o nome de MANI’OKA, que quer dizer casa de MANI e popularmente passou-se a chamar mandioca, da mandioca é possível fazer quase de tudo para alimento, herdamos da cultura indígena o costume de consumi-la.

Segundo o noticiário televisivo do jornal nacional, nesse ano de 2013 está tendo a maior seca das últimas décadas. Já o jornal televisivo da Band informou que essa é a maior seca dos últimos 50 anos. Dias posteriores às notícias da seca a temperatura na rua estava, no horário da manhã, com 42º, eu fiz a medição, março de 2013. O clima mudou radicalmente e caiu o inverno abundante igual ao inverno de 2010. Segunda-feira 22 de abril

de 2013, com temperatura dentro de casa de 21° e fora de 25°, com sensação térmica de frio com várias pessoas usando roupa de inverno. Hoje domingo de manhã 18 de agosto de 2013 está chovendo. De 2016 para 2017 foi um verão de rachar, de maneira que várias mangueiras velhas do Sítio Valentim não resistiram e morreram.

A Usina Grande Vale

Surgiu no platô de Neópolis, no início dos anos 80, proveniente da política nacional de incentivo ao PROALCOOL.

A Usina Grande Vale foi criada por empresários do grupo Terra Nova, porém ainda em construção o patrimônio passa a pertencer ao Sr. Nilson de Albuquerque Tenório de Oliveira e sua esposa Dinorá, em 1981, com razão social da usina passa a ser denominada: Destilaria de Álcool Agroindustrial, Grande Vale LTDA, e empregava com benefício da CLT aproximadamente 1.500 pessoas e terceirizadas umas 3.500, envolvendo em um montante aproximadamente de 5.000 trabalhadores, Carrapicho fazia parte desta economia com a mão de obra e terras. Dona Dinorá queria criar Enéas, filho de toinheiro e dona Idinha.

Comenta o técnico agrícola filho da terra Antônio Carlos Costa Fortes (Toninho) que a Grande Vale tinha um potencial de aproximadamente 300.000 toneladas/ano de cana, que equivalia a 24.000.000 de litros de álcool hidratado para combustível, e segundo uma revista produzida pelo BNB a estimativa de produção em 1986 foi de 35 milhões de litros para 10 mil hectares de cana de açúcar.

A fonte de abastecimento de água para a Grande Vale era o manancial do Rio São Francisco, as terras usadas para o cultivo

das canas eram uma grande parte da própria usina que comprou terras de tabuleiros.



Essas terras do tabuleiro eram repletas de cajueiros de diversas espécies e de mangabeiras, de onde era farta a produção natural que delas muitas pessoas tiravam o sustento, essas mangabas suculentas chegavam às nossas mesas que nos dava cobiça pelo seu tamanho e aparência, eram suculentas. Com o desmatamento para o cultivo da cana também baniram o gravatá, que era apreciado, e tantas outras espécies de plantas e animais. Outras terras eram arrendadas à usina por pequenos e médios proprietários inclusive de Carrapicho, mas alguns proprietários cultivavam a sua cana e vendiam à usina.

A usina tinha disponíveis maquinários, como trator de esteira e trator de pneus, que trabalhavam em todas as propriedades, o dono da usina estabelecia o preço da cana por toneladas no ano de 1983, uma tonelada de cana custava Cr\$ 10.600,00 (dez mil e seiscentos Cruzeiros). Para produzir a cana, a mão de obra era de homens, mulheres e meninos.

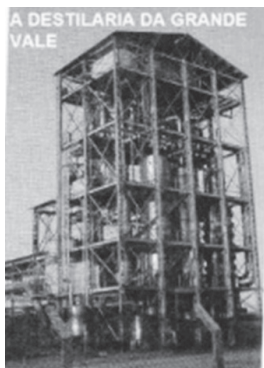
A usina tinha disponíveis maquinários, como trator de esteira e trator de pneus, que trabalhavam em todas as propriedades, o dono da usina estabelecia o preço da cana por toneladas no ano de 1983, uma tonelada de cana custava Cr\$ 10.600,00 (dez mil e seiscentos Cruzeiros). Para produzir a cana, a mão de obra era de homens, mulheres e meninos.

No período de plantação o homem ganhava cerca de Cr\$ 2.000,00 (dois mil Cruzeiros) aproximadamente por tarefa plantada, em geral a cana plantada precisava de 2 a 3 limpas para que se cortasse a mesma.

Na época do corte o homem chegava a ganhar Cr\$ 16.000,00 a 18.000,00 por semana e as mulheres Cr\$ 10.000,00 por semana, eram neste período que os cortadores de cana se prolongavam horas a fio para atender a demanda de produção da Grande Vale.

Os trabalhadores se alimentavam no meio do canavial ao léu com sua boia fria sob o sol escaldante e ao olharmos aquelas

almas fustigadas pela labuta e acinzentadas pelo o pó da cana queimada lembrávamos a figura de um negro fujão, e esses pobres trabalhadores não recebiam nenhuma assistência por parte de seus patrões.



No período da limpa o ganho era irrisório, pagava-se Cr\$ 1.500,00 (mil e quinhentos cruzeiros) por tarefa beneficiada e às vezes o trabalhador só conseguia tirar uma tarefa e meia por dia, como se não bastasse ainda entrava a ação do feitor, porém conhecido como cabo de turma, essa figura é quem determinava as regras de trabalho no campo, e esse cabo de turma ao medir com sua vara de contar a área a ser beneficiada pelo o trabalhador, em cada tarefa medida de forma inescrupulosa acrescentava algumas varas e essa diferença era juntada ao seu saldo, extorquindo assim todos os trabalhadores, mesmo todos tendo ciência do caso nenhuma providência era tomada sobre o cabo de turma.

A FALÊNCIA: Fim de uma jornada, a usina Grande Vale realiza sua última moagem em 1991 e em 1993 fecha por completo, entra em falência e muitos dos seus fornecedores e funcionários ficaram no prejuízo. Por volta de 1995, por causa de várias ações na justiça, o Sr. Nilson Tenório, proprietário da Grande Vale, passa uma temporada preso na Delegacia de Polícia de Santana do São Francisco, mas ele ficava em sala livre e quando queria saía e ia até o mercadinho sozinho fazer compra. Atualmente, onde era a área da indústria é a sede da fazenda São José do projeto Platô, e a Vila Operária passou a ser chamada Novo Horizonte e ali habita um grande número de famílias.

Nome de Localidades

Várias localidades que eram conhecida pelo povo:

- As Taquareiras: De João Barroso, próximo ao Riacho do Mangá.
- As Pedreiras: João Barroso, no pé do morro da grota dos Negros.
- Brejo Velho: Sérgio esposo de D. Ofélia, próximo a Fazenda de Teixeira.
- Brejão: de Manezinho da cachaça, de frente a Fazenda Várzea.
- Baixa do Mamoeiro: de João Barroso, próximo à lagoa do fogo.
- Baixa dos Atoleiros: de João Barroso, próximo ao Dendezeiro.
- Cancela do Padre: de João Barroso, na estrada da Subestação.
- Chico da luz: de Zé Pirão d'água, vizinho a Lauro Seixas na Terra Nova.
- Dendezeiro: de João Barroso, próximo ao Pau-Ferro.
- Grota dos Negros: de João Barroso, entre as duas colinas do alto de João Barroso
- João de Melo: de Ernando Silva, próximo ao Dendezeiro.
- Lagoa dos Porcos: de Andrezinho, de frente a entrada da Fazenda de Teixeira.
- Lagoa do Fogo: de João Barroso, caminho da água vermelha as margens da BR.
- Lagoa das Tabocas: do Francês, próximo a Subestação às margens da BR.
- Jitó: de Ernando Silva, na beira da lagoa de frente pro Valentim.

- Moita da Arara: de Ernando Silva, de frente à sede do Platô
- Mangá: de João Barroso, vizinho ao campo de baixo.
- Marizeiro, Barro Vermelho e Barro Duro: Ernando Silva, vizinho a Arlindo às margens da Lagoa de cima.
- O Saquinho: de Toinho Lôbo, beira da lagoa até a COHAB nova.
- O Lazareto: de João Barrosos, vizinho ao Riacho do Mangá. E ao lado da estrada velha do campo de cima.
- Os três coqueiros: de Ernando Silva, quase ao término do Valentim.
- Pau Ferro: de João Barroso, próximo ao Dendezeiro.
- Peixe Gordo: de Ataíde, por trás da Saúde e da Escola Municipal
- Riacho do Mangá: Que nasce no Dendezeiro.
- Riacho dos Macacos: Que vem das nascentes Pipiri e Macacos.
- Vira Vela: de João Barroso, próximo a Lagoa de Fogo.
- Pipiri: de Manezinho da Cachaça, próximo aos Macacos.
- Pedra da Marcação: de João Barroso, área do Platô limite de Carrapicho lado oeste.
- Poço Grande: de Ernando Silva, no meio da lagoa, próximo a Sinval.
- Toca da Onça: de Ernando Silva, no Brejo.
- Os Macacos: de Manezinho da Cachaça, próximo a Pipiri.
- Roncaria: de Ernando Silva, vizinho a Toca da Onça.
- Palmeira: de João Barroso, vizinho a riacho do mesmo nome

- Priquita da Lulu: Dona Lulu, vizinho a seu julhinho.
- Gravatá: de Ernando Silva, próximo ao Jitó.
- Catuê: de Geraldo Gomes.
- Baixa do Adoforme: Do Sr. Manoel Gonçalves.
- Terra de Eréu: era chamada a terra que a população desconhecia o seu dono ou que estava abandonada sem uso.

O Rio São Francisco

Poema “Rio São Francisco”, autoria de meu filho Roberto Santos Cruz.

Quem era eu hoje vivo a me perguntar
 Nasci na serra da canastra
 E fui descendo a presentear
 Povoados pobrezinhos e muita gente a alimentar.
 Lembro-me bem quando grandes embarcações
 Por mim passeavam
 Ai que saudade daquele tempo
 Em que minhas águas trasbordavam
 Para todos os lados para todos os lugares
 Não havia espaço que eu não pudesse ocupar
 Ai que saudade dói muito lembrar
 Quando meninos-rapazes subiam nos altos das arvores
 E se jogavam cortando o vento, em me fazia um esplêndido.
 Salto que prazer sentia ao ser tocado fortemente por meninos-
 Rapazes que corajosos meninos.
 Quão amável e delicada, eram minhas margens e as árvores.
 Ao meu redor com seus imensos galhos me acariciando.

Ai que saudade daquele pescador, que cedinho antes do sol.
Nascer lançava em mim suas redes, muitas vezes seus anzóis.
Pescavam grandes peixes e camarão também, saburica de.
Correnteza, pilombeta, piranha e outros peixes além.
Não sei em ponto, não sei em que lugar.
Lembro-me que se entendia uma cerca a onde eu passava
Correndo e assustado pensava que ficaria preso, mas que,
Alívio só os peixes que eles queriam ficar.
Lembro muitas vezes das mulheres lavando as roupas
E seus filhos em mim a brincar, espumas desciam de Água abaixo e eu
alegre fico a cantar
Chuáaa. Chuáaa...

A ILHA DA PEDRA DE SÃO PEDRO: fica em frente a nossa cidade e une Sergipe com Alagoas. Era conhecida pelos antigos como Ilha de São Pedro. Contava os populares que no lado de Alagoas de frente à cidade de Penedo, próximo à torre da CHESF, tem uma enorme pedra, e sobre ela estão duas pegadas de gente e eles acreditavam que essas pegadas era a pegada de São Pedro. Essa Ilha já foi descrita com esse nome em 1854 ao Imperador D. Pedro II. Chamando-a Ilha de Carrapicho ela por certo pertencia ao dono do povoado Carrapicho.

Essa ilha teve um papel importante na economia da nossa região, ali se cultivava de tudo e se produzia o arroz em torno dos ciclos das cheias. O peixe era represado com paneiros de taboca, e depois passou a ser com porta d'água que ficava do lado de cá, quase em frente a porta d'água de João Barrozo, depois passou a existir outra Porta D'água do lado de Alagoas. As grandes cheias inundavam toda a ilha e qualquer embarcação podia trafegar sobre ela sem problema, a cada grande cheia a ilha ficava fértil, porém perdia o espaço territorial, na ilha estavam erguidas seis grandes torres, duas dos Peixoto & Gonçalves, para a comunicação, duas da ECT

dos Correios e Telégrafos, também para a comunicação, e duas da CHESF (Companhia Hidrelétricos do São Francisco). Essas seis torres sustentavam os fios que cruzavam o rio e levava o progresso à população, hoje só resta em operação as duas torres da CHESF.

Na cheia de 1961, no mês de janeiro, a torre da CHESF da Pedra de São Pedro caiu e logo foi reconstruída, a ilha é patrimônio da União, porém já passou pelo domínio de várias pessoas que eram tidas como proprietários, mas na verdade quem adquire a ilha tem o direito de uso e não de posse, que é denominado pela lei vigente de usufrutos. O último a comprar esse direito da ilha foi um filho daqui, o Sr. José Feitosa (Zé Pirão d'água), e com o seu falecimento a ilha está em partilha com os seus familiares, mas algumas partes da ilha já foram vendidas a outras pessoas como o Sr. de Penedo chamado de Zé Rufino e ao Sr. Ernando Silva. Hoje a ilha ainda é capaz de alimentar família, porém com a ausência das enchentes ela só serve para o pastoreio do gado e cultivo de roça.

A ILHOTA: De frente ao Sítio Valentim existia uma ilhota que era separada da ilha grande por um estreito canal, e ali residia o Sr. José Lucenda, antes conhecido por Zé Viado, e sua esposa Zorilda e filhos. Eles cultivavam uma roça, tinham uma criação de galinha caipira e no baixio do canal plantavam arroz, a pequena ilha era cercada de caniços calumbi e ervanço, nela existiam alguns pés de mangueira que ficavam ao redor da casa de taipa, quem ali chegasse para tratar de negócio ou apenas bater papo chupava cana, descascadas com os dentes de tão moles que eram a cana, com o tempo as águas das enchentes a levou e hoje não existe mais.

PIRANHAS: A piranha (*Serrasalmus Piraya*) é um peixe com dentes numerosos e cortantes, é caracterizada por sua extrema voracidade e sua ação é espantosa, seus dentes são tenaz navalha afiada, elas vivem em grupo em centenas, são numerosas como um enxame de abelhas. Existem 15 espécies de piranhas e seu tamanho quando adulta é de 18 a 45 centímetros.

A PESCA NO RIO: A vivência dos nossos pescadores demonstra que as noites de luar ou sem lua, o verão, o inverno, o vento e as marés são fatores que contribuem ou não em suas atividades de pesca. De segunda a sábado o senhor Zé e o senhor Edmilson vêm do povoado Saúde de bicicleta venderem peixe fresco em nossa cidade, já o senhor Tonho Baixinho, cidadão Santanense, vai ao povoado Saúde comprar peixes e os revende aqui.

O PITU: O pitu (*Macrobrachium Carcinus*) é um dos nossos pratos típicos, e é bastante solicitado pelos que aqui chegam para degustá-lo, o pitu é levado ao fogo com coco e verduras sem a parte da cabeça e sem a casca (Carapaça) para servir no almoço acompanhado de arroz e feijão e farinha de mandioca. E quando frito em água e sal é servido como acepipe. Para pescar o pitu usava-se covo de tamanho maior em beiradas (margens), profundas como em toda orla do Valentim, e em locais de pedras submersas, à tarde para iscá-lo colocava dentro do covo mocotó, peixe podre, osso ou qualquer coisa que pudesse ficar podre e na manhã seguinte ia despencá-lo.

SABURICA DE CORRENTEZA: surge em milhares de milhares no horário da manhã, e à tarde em certo período do ano, e segue as margens do rio subindo. Elas são de tamanho mínimo e para pescá-la se usa urupemba ou faz um pequeno apetrecho com tecido de mosquito, parecido com a pituqueira. A saburica de correnteza é também chamada de pisirica, se comia frita às vezes adicionando verduras e ovos.

PILOMBETA: Tempos passados os nossos pescadores subiam rio acima para pescarem pilombeta (*Anchoviella spp*) com tarrafas feitas com linhas de tucum. Nô Pinel ao chegar com sua canoa Javali, em sua parada habitual, lá em cima no sertão armava a latada (abrigo feito com pano de canoa) e começava a temporada de pesca com sua tarrafa de 25 palmos sem tenso.

OS ANZÓIS: O anzol cachorro da modesta é considerado o mais eficiente; para a linha de mão é usado o nylon 0,40 ou 0,50; para confecção de vários apetrechos como a tarrafa é usado o fio de nylon mono/multifilamento.

PUNÇA DE ARAME: Pescava-se piranha com vários apetrechos, linha de mão, grozeira, vara de anzol, rede de arrasto, cuvú... Mas com o surgimento da cheia quando ela já banhava muitas ramagens e caules de árvores e a água ficava tordada, alguns pescadores como o Sr. Nelson Fausto, pai de Benildo e Cachoba, fazia um punça com tela de arame e colocava uma galinha morta com penas, amarrada pelos pés no pau do punçá e se apoiava (ancorava) à noite às margens onde tivesse um remanso e árvores e começava a pescar agitando a água com uma vara, logo a galinha era estraçalhada pela piranha e ligeiramente o pescador suspendia o Punça e jogava um amontoado de piranhas dentro do barco. Piranhas pequenas e grandes que ao vê-la até em sonho nos causava pânico, as cores das piranhas variavam de cinza a vermelha escarlate dependendo do tamanho e do seu habitat.

Outro pescador, o Sr. Soares de Melo (Suarino), nascido em Penedo, e sua mãe natural de Povoado Saúde, onde ali ele também viveu e saiu por causa da cheia, aos 15 anos veio morar em Carrapicho, conta ele que com as águas tordadas por causa da enchente deixava as piranhas como cachorro louco por não enxergarem bem, e aí em que topava mordida. Conta ainda o Sr. Suarino com um sentimento profundo que quando o rio era farto ele pescava de marinho com mais duas pessoas e já pegou noventa kg de chira de uma só vez, hoje afastado da pesca o motivo é que essa atividade não lhe é mais compensatória, afirma de maneira certa que a solução para os problemas da pesca, e as enchentes contínuas.

O Sr. Heleno Viera Barreto, filho do carpinteiro e pescador Hermínio Feitosa, que também é pescador, mas atualmente com

sua atividade pesqueira minguada, lembra que quando desejava pescar não tinha pressa, pois muitas vezes de um só lance que dava no baixio da crôa à noite, lotava o seu barco de peixe e tão logo voltava pra casa. Esses depoimentos foram concedidos por esses homens que do rio tiravam abundantemente os seus sustentos e que via o rio crescer e minguar, mas sem negar o seu farto pão a quem ele recorria. Atualmente o nosso rio se encontra agonizante, pela razão da legalidade imposta pelos mandatários que tomou o direito do ser, do haver e existir do nosso povo ribeirinho.

O CABELO E O MATO: Como se não bastasse os problemas encontradas pelo pescador em sua labuta, todo o rio estava tomado por duas gramíneas daninha, o cabelo (*Egeria Densa Planch*) e o mato que interfere na penetração da rede de pesca até o fundo, mas graças a Deus com a cheia de janeiro de 2004 a água fez uma boa limpeza.

Após a criação do IBAMA, em 1989, o mesmo passou a lidar com vários segmentos de atividades e quando passou a fiscalizar a pesca o setor pesqueiro começou a ver o IBAMA com desconfiança, pois com a crise pesqueira advinda de sucessivos barramentos ocorreu um impacto ambiental e a produção da pesca minguou. O estudo realizado pela equipe ambiental de Xingó constatou que em 1993 naquela região existia a presença de quarenta e cinco espécies de peixe e cinco de camarão. Já na borda da mata, município de Canhoba, em 1997, só constatou a presença de vinte e cinco espécies de peixes e dois de camarão. Percebeu-se que em apenas quatro anos há um indicativo de desaparecimento de vinte espécies de peixe e três de camarão, porém algumas espécies desapareceram ou diminuíram em todo o baixo São Francisco e com isso foi necessário o controle da pesca.

O DEFESO DA PIRACEMA: O dicionário da língua portuguesa Larousse define que a palavra “defesa”: é um adjetivo e que significa defendido por uma proibição, vedado, interditado. Piracema é arrição de peixes em grandes cardumes para a desova. Trata, por-

tanto, do deslocamento rio acima de espécies de peixes migradores (Reofilicas) para desovar. É nessa ocasião que os peixes ficam mais fáceis de serem capturados sendo assim interrompido o ciclo de reprodução, impedindo que novos peixes venham a povoar o rio e se multiplicarem. O fenômeno da Piracema é condicionado a temperatura, a turbidez e a salinidade da água. É preocupado com o povoamento das espécies que o IBAMA através de leis determina a temporada do defeso, que atualmente é de novembro a fevereiro.

A TRANSPOSIÇÃO: Se o rio de hoje já nos nega o sustento, com a transposição, o rio do amanhã nos ceifará a vida, pois ele mesmo será tragado pelos interesses escusos de vários mandatários do nosso país. Todos nós, ribeirinhos, devemos bradarmos constantemente para que o eco de nossas vozes inflame a consciência do mais incauto fervoroso da transposição e que em nome da razão e de Deus o nosso rio tenha vida. Revitalizar é a atitude coerente e obrigatória para dar vida ao nosso rio e dignidade ao nosso povo ribeirinho.

NOMES DE VÁRIOS BARCOS DE PESCA: Apocalipse, Arrocha, Araketu, Anzol, Bigode, Caetano, Fiat, Fui Fé em Deus, Hally, Iceberg, Yamara, Jalí, Logo Eu, Limite, Lábeas Mico Preto, Moura, Não Chore por mim, Pi, Rincon, Rico também chora, Sandoval, Sales, Só ele, Serafim, Suares, Tá no Porto, Taboca, Vá com Deus. Essas embarcações, companheiras inseparáveis do pescador, aos domingos eram usadas para a diversão de todos. Pois os donos as equipavam com dois enormes panos, até o remo costureiro era trocado por um gigante, e apostos a essas embarcações estavam além do piloto mais alguns homens cabiando para no tanjo do vento contrabalancear o tombo da canoa e pegavam pareia.

Isso ocorria nas famosas corridas de canoa que eram realizadas sem nenhum prêmio, essa canoa largava em grupo e seguiam rio acima até um ponto determinado, o domínio do saber e a arte do conhecer predominava e com uma pitada de sorte sempre tinha

um ganhador favorito, quase sempre se destacava ao pegar parecia a canoa Taboca do Sr. Soares de Melo, à Iceberg do Sr. Tonho Preto, outra que fez fama foi a canoa Maura do Sr. Mané Geige, um homem de cor morena, que em disputa com a afamada Garça da Saúde largando da Vila Operária da Passagem, a Garça tomou a dianteira mas com o devido manejo do piloto Oséias Homem Sertanejo e uma baforada de refrega nas imediações do Sítio Valentim, a Garça começou a levar couro e perdeu a corrida, precavido das paixões do povo Saudense e da confusão que iria acontecer a canoa Maura não deu porto no povoado voltou pra Carrapicho.

A CANOA DE PESCA E O BARCO DE PESCA: A Canoa é uma peça fundamental para o pescador, mas infelizmente nem todo pescador tem a sua embarcação de pesca, pois o pouco que ganha não dá para comprar. A diferença entre a canoa e o barco é que a canoa de pesca feita toda de madeira e tem caverna e é rumbeada já o barco não tem caverna e pode ser ou não feita de madeira ou rumbeado. Rumbeado é a peça que dá forma a proa e a popa da canoa. Afirmou o senhor Wilson Bispo, carpinteiro e proprietário do estaleiro São José, situado em frente ao cais de Penedo, que atualmente no rio só existe umas cinco canoas de pesca, os demais são barcos. O diâmetro de uma canoa de pesca ou barco dá em média de 35 palmos ou seis ou oito metros e poucos usam a vela, estando em evidência o motor de rabeta que além de ágil é muito econômico. O senhor Wilson trabalha com madeira louro canela vindo do estado do Pará.

ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES de Santana do São Francisco, tendo como presidente o senhor Toinho de Francisquinho situado na nossa cidade.

A **COLÔNIA** de pescadores profissionais, artesanais e Aquicultores do Município de Santana do São Francisco com CNPJ 12.033.639/0001-52, com sede na Praça da Matriz no povoado Saúde, nº 146, telefone 79/3339-1394. Fundada em 10 de abril de 2010 pelo senhor Evaldo Soares Silveira, cidadão Saudense de

grande atividade social. Tendo criado o mesmo a Associação dos pescadores da Saúde em 1990, chegando a ter 300 associados, adquiriu através do Banco Mundial oitenta e três canoas, entre outras. Sexta-feira, dia quatro de outubro de 2013, uma senhora, representando o Governador Jackson Barreto, que assumiu o cargo no lugar do governador Deda, inaugurou a margem do rio no local de frente à Várzea, os tanques redes da associação que criam tilápia chegam a pesarem, em média, novecentos gramas em seis meses de engorda, preço por quilo sete reais.

São vendedores de peixes de segunda a sábado pela manhã, do povoado Saúde que vendem aqui em Santana, os senhores Zé Cofu, Edenilson e Dojão. Esse último vende em especial as famosas piranhas. Tonho Baixinho, morador da Rua Batista Gomes, compra peixe no povoado Saúde e revende aqui. Na verdade, desde o nosso povoado até os dias atuais, nós somos o maior consumidor de peixe da região, isso porque de segunda a sábado quatro ou cinco vendedores de peixe e camarão percorrem nossas ruas a venderem seus produtos, além do vendedor de caranguejo-uça, que ao longo do tempo vem do povoado Brejão dos Negros, pertencente ao município de Brejo Grande, todos os sábados vender caranguejo na corda (um por vez). Um deles que tinha uma deficiência de coordenação motora gritava: “Carangueeejo, moça bonita não paga, mas também não como!”

As Cheias e as Enchentes

Alguns historiadores sinalizam que o primeiro registro de enchente do rio São Francisco ocorreu no **ano de 1712**.

Assim como ocorreram as grandes secas no nordeste brasileiro também aconteceu as grandes enchentes em nosso rio. A seguir

relatos de cheias desde **1792** até **1922**, segundo o pesquisador penedense Benedito Campos:

1792 – A cheia ficou conhecida como a cheia da tubarana, pois na água restante dessa cheia, cujo nível atingiu a altura de pouco mais de 1 metro acima do piso da NAVE da Igreja de São Gonçalo Garcia em Penedo, ficou presa uma tubarana.

1865 – Aconteceu outra grande cheia cujas águas chegaram as soleiras das portas da mesma igreja.

1906 – Ocorreu a famosa cheia de JANUÁRIA.

1907 – Nesse ano o rio com sua grande enchente também inundou as cidades e povoações ribeirinhas mas a cheia teve proporção menor do que a do ano anterior. E pelo modo engraçado que o povo tem de apelidar passou a chamar a primeira de Januária Mãe e essa segunda de Januária Filha ou Januarinha. De conformidade com a pesquisa do penedense Benedito Campos, não existe registro das cheias anteriores ao ano de **1792**.

No ano de **1922** houve uma grande cheia que ficou marcada nas paredes do interior da Igreja de São Gonçalo em Penedo, essa enchente foi observada entre outras pessoas e pelos viajantes do vapor MARAÚ.

A Capela e os Registros das Cheias

Começa-se a registrar as cheias oficialmente a partir do ano de **1929**, porém antes já ocorrera registro com medição, um exemplo disso é o acima citado e os registros da capela da Fazenda Várzea-AL. Em 12 de abril de **2006** às 10:20h, quinta-feira, maior dia ensolarado, acompanhado do meu amigo Felix (Elenilson), cidadão Saudense, aportamos em seu barco a motor às margens das Alagoas, fizemos um percurso de aproximadamente um km. E chegamos

a **capela da Fazenda Várzea**, antes propriedade de **Dr. Guerrinha**, a capela foi construída em **1884** ao lado da casa grande, quando o homem negro ainda não era senhor de sua razão, essa capela mede 5,5m x 8, 20 m e no rodapé externo de sua fachada está registrado pela CHESF, IBGE E CODEVASF o nível de diversas enchentes, e o marco mais antigo consta de **1919**, e um dos marcos já foi saqueado. A capela ao longo dos seus **123** anos de existência resiste ao tempo, porém está sem o teto e servindo de galinheiro, a imagem do padroeiro São José não mais se encontra ali. Atualmente aquela fazenda histórica passou a ser um lote, em razão das terras serem distribuídas pela CODEFASF e o dono deste lote é o posseiro Sr. Edson Alves Santos e sua esposa Sra. Rosilda.

Dia 11 de abril o jornal nacional noticiou que a CHESF tinha solicitado a ANA a diminuição da vazão do rio São Francisco de 1.300 metros cúbicos para 1.100 em detrimento da seca e logo foi atendida.

A VAZÃO: A imponente do Rio sempre foi marcada pelas grandes cheias que inundavam os seus 640.000 km de vales, e a vazão chegava fartamente aos 13.000 m³/s e quase infalivelmente as cheias aconteciam todos os anos.

A vazão do rio em maio de **1949** chegou a 13.500 m³/s. Em uma das cheias da década de 50, conta seu Lunga, que ocorreu uma grande epidemia de vermes, o nosso povo deixou de coletar água no rio e recorreram às fontes e as piabas que se alimentavam com esses vermes morriam.

Em **1954** a vazão foi de 5.900 m³/s, em 03 de fevereiro de 2004 a vazão na barragem de Xingó era de 8.000 m³/s e no dia 05 de fevereiro do mesmo ano as águas começaram a baixar e logo o rio ficou em seu curso normal.

No ano de **2004** o rio estava em seu curso normal com uma vazão média de 1.100 m cúbicos por segundo.

Para se ter uma ideia da força dessas águas em plena cheia elas lançavam-se mar a dentro por cerca de **12 km**. A época da cheia correspondia às chuvas de verão na cabeceira do rio e essas nos anunciavam que iria encher com a primeira cabeçada de água barrenta. Porém na época da estiagem as águas minguavam e ficavam azuis, esse período correspondia ao inverno.

Em **1960**, com as águas já escoadas, o rio continuou com suas armadilhas e Duvalina, filha de Antônio Ladeira, Neide, filha de Véio, Dourinha e Bezita, filha de Dominal, saíram de casa sem avisar aos pais no dia 13 de Junho às 14h e foram brincar às margens do rio, tentaram transpô-lo para ir até a crôa que tinha de frente às caieiras de cima, mas nesse percurso existia um perau (margem profunda), Bezita, com nove anos de idade, se afogou. As duas amigas também estavam se afogando e foram salvas por seu Ermírio que vinha passando de canoa e por terra vinha chegando Beta de Zé Lucindo, Beta e seu Ermírio socorreram as duas meninas porém Bezita já estava submersa. No outro dia Dominal e Hidelbrando (goleiro) foram à procura do corpo, colocaram uma vela benta acesa dentro da cuia e soltou-a em torno do local do acidente, a cuia girou e deslocou-se até onde estava o corpo e parou, ambos mergulharam e ao revolver das águas o corpo flutuou.

Em **1970** pode-se dizer que o rio não encheu, pois só houve um surgimento túbio de água barrenta que mais pareceu uma pequena maré repentina. A observar que ao declinar do ano **70** para o alvorecer de **71** em nossa região ocorreu uma grande e desastrosa seca. Foi essa água barrenta a causa das piranhas ficarem assanhadas e por essa razão o jovem de 12 anos de idade, Gerson Santos Filho, ao mergulhar com água pela cintura no Porto das Pedras do lado de cima, junto com os demais garotos na manhã ensolarada de **25** de dezembro só ele foi estraçalhado por um cardume de piranha, foi um acontecimento trágico para ele e para nossa comunidade. Nesse mesmo momento em que as piranhas abocanhavam o jovem

Gerson também morderam o dedo de Juquinha o filho de China e o dedo de Maria de seu Leônidas do Correio.

Os pescadores Zé Peixe Seco e Aluizio Maneta pegaram a canoa e com a rede de pesca começaram a tentar recolher o cadáver e não conseguiram, mesmo sabendo como pescadores da gravidade do problema ainda mergulharam e acharam o corpo nas pontas das pedras submersas e esse acontecimento me comove até hoje.

A Represa de Sobradinho

No início da década de 1970 foi lançado pelo governo federal um projeto de ampliação da capacidade de geração de energia, e nesse contexto foi construída a represa de Sobradinho com uma extensão de 350 km e com uma área de cerca de 4.200 km² formando assim o maior lago artificial do mundo, que tem capacidade para acumular cerca de 34 milhões de metros cúbicos de água.

Desse lago o homem colhe por ano cerca de 40 mil toneladas de peixe, e a primeira cheia que ocorreu com o controle desse lago foi em **1979**, e depois perderam o de enchentes. O rio, que antes em abundância de água passava largo e às pressas, hoje em seu correr lento cerca de sete quilômetros por hora faz do rio uma calmaria. O homem persiste com o desmatamento e cerca de 18 milhões de toneladas de terra são despejadas anualmente no nosso rio. Na verdade, as barragens são solavanco de entrave socioeconômico para o povo ribeirinho que habita os últimos cursos d'água.

As águas ficaram plúmbeas e aconteceu a festa de Bom Jesus dos Navegantes em um domingo chuvoso, e na segunda-feira, dia 19 de Janeiro de **2004**, o rio amanheceu com ares novos, estava em seu pique de cheia, pois nos últimos dias os meios de comunicação do Brasil publicavam diariamente que em todo o nordeste chovia,

e em vários lugares as chuvas eram tempestivas e muitos recorriam ao muro de arrimo para proteger a sua pequena vivenda.

A emissora de TV Sergipe declara na quarta-feira, dia 21, que o Rio São Francisco está com o volume d'água 2 metros acima do nível normal. No dia 29 de janeiro do mesmo ano o rio dá um grande salto, e no dia 30 ainda do mesmo mês a CHESF publica no jornal Hoje que a noite iria liberar 7.000 m³/s “sete mil metros cúbicos por segundo”, que até então a vazão era de 6.000 m³/s, nessa altura a nossa via que dá acesso a Neópolis já estava inundada e só os transeuntes conseguiam fazer esse percurso a pé, porém a situação dos moradores da rua da entrada do lado do rio já era lastimável, pois as águas já começavam a banhar os cômodos das pequenas cozinhas e alguns torrões das casas de sopapo já se desprendiam e eram levados pela correnteza. No dia 30 de janeiro, à tarde de uma sexta-feira, o prefeito disponibiliza o veículo trator para fazer as mudanças dessas pessoas às pressas, a demora na tal mudança deveu-se a vários fatores...

Alguns moradores, apesar de estarem acompanhando a gigantesca evolução do rio, não acreditavam que iriam serem incomodados, outros não tendo pra onde ir não queriam abandonar o seu aconchego e ficar ao léu. Apesar desse impasse a mudança repentinamente aconteceu e algumas casas foram tragadas pelas águas que passava de passagem velozmente, como se fosse a um lugar longínquo e por isso tivesse pressa de chegar.

A estrada de Santana ao Povoado Saúde não sofreu com a cheia mas esteve prestes a isso, pois em alguns pontos dela começou a ficar crítico, mas graças à elevação que nela ocorreu após o serviço de estrada de rodagem nada aconteceu. Mas na estrada de rodagem Santana-Neópolis as águas invadiram pelos fundos a cerâmica de propriedade de Meú e Carlinhos de Zé Pirão D'água e cobriu a estrada, como de costume da porta d'água de João Barroso o antigo pé da ladeira que ficou intransitável, por isso os

veículos faziam o percurso pela estrada do Mangá e saía na pista de frente a estrada da água vermelha.

A empresa DESO a partir do dia 22, 23, 24 (quinta, sexta e sábado) de janeiro de 2004 suspendeu o abastecimento de água da nossa cidade durante o dia, e três carros pipas abasteceram a cidade de Neópolis com nossa água, até veículos particulares vinham pegar a nossa água e um grande número de pessoas vinham também lavarem roupas e coletar água cristalina da nascente de Antônio Mathias Barrozo Neto.

2007. O ano de 2006 passou com águas fartas, pois parecia maré grande e no meado do mês de janeiro de 2007 o rio mais uma vez ficou farto e lançou-se sobre as margens em consequência das chuvas da frente fria, evidenciando uma cheia.

O NOSSO RIO está agonizando, matas ciliares foram banidas, esgoto a céu aberto despeja os seus dejetos sem tratamento no rio, barragens em nome do progresso inibiram o seu volume de água, nascentes e rios afluentes secaram, autoridades políticas em nome de interesse peculiar falam, vociferam em transposição, enquanto a maioria dos ribeirinhos que já são penalizados em consequência de políticas desastrosas e casual clamam, clamam e clamam por REVITALIZAÇÃO.

A Pluviosidade e a Temperatura

O ARCO ÍRIS: Está escrito na Bíblia, no livro de Gênesis 9:9 a 17, que o arco-íris esplendidamente representa um louvável pacto que o soberano Deus fez com Noé, e essa maravilhosa criação multicolorida, com suas sete nuances de cores, em períodos chuvosos quase sempre aparece e se estende do Quebra Cuia até a nossa Lagoa de baixo afagando Sergipe de Alagoas.

PLUVIOSIDADE: A fazenda União Fruticultura faz avaliação pluviométrica para a manutenção do seu cultivo. Dados fornecidos pelo Sr. José Wilton Correa Duarte, função escriturário.

Mês Janeiro 2004	
MAIOR Volume de água Dias 19º = 70 mm 18º = 70 mm	MÉDIA Mensal 12,39 mm

Junho 2004	
MAIOR Volume de água Dia 1º = 46 mm	MÉDIA Mensal 9,90mm

Julho 2004	
MAIOR Volume de água Dia 9º = 58 mm	MÉDIA Mensal 7,23 mm

Agosto 2004	
MAIOR Volume de água Dia 7º = 50 mm	MÉDIA Mensal 6,03mm

Janeiro 2005	
MAIOR Volume de água Dia 7º = 1 mm	MÉDIA Mensal 11,60 mm

Junho 2005	
MAIOR Volume de água Dia 14º = 2,3622 mm	MÉDIA Mensal 7,70 mm

ASCONDIR: É a sede administrativa do platô de Neópolis e fica situada na antiga Fazenda Brasília, que era propriedade do Sr. José Barreto. Lá é realizada, diariamente, a avaliação do tempo. Localização da Ascondir.

LATITUDE = 10° - 17' e 10° - 24' S

LONGITUDE = 36° - 36' e 35° - 45' W

ALTITUDE = DE 75 a 132 m.

Temperatura Média	Umidade Relativa do Ar/Média	Velocidade do Vento Média/Km/H
Dia 07 – 23,9 Dia 26 – 26,9	JANEIRO Dia 04 – 65,00 Dia 14 – 78,25	Dia 12 – 220,40 Dia 22 – 111,30
Dia 15 – 23,9 Dia 31 – 20,1	JUNHO Dia 15 – 37,00 Dia 16 – 93,50	Dia 14 – 48,60 Dia 30 – 91,80
Dia 15 – 23,9 Dia 31 – 20,1	JULHO Dia 06 – 95,50 Dia 15 – 37,00	Dia 20 – 52,00 Dia 30 – 91,80
Dia 03 – 25,5 Dia 23 – 22,2	DEZEMBRO Dia 05 – 93,00 Dia 28 – 72,50	Dia 05 – 45,50 Dia 08 – 192,40







Apêndice

- No capítulo 20 do livro intitulado *Carrapicho X Santana* o qual se refere aos nomes dos intendentes, interventores e prefeitos que governaram o município de Neópolis: No item 12 há uma incoerência, no nome que está escrito “Mário Melina 1935-1938” o correto é Mario Melins.
- Na página de nº 16 do livro *Carrapicho X Santana* do autor Roberto B. Cruz, 1ª Edição, publicado em agosto de 2012, relata que o ilustre Imperador D. Pedro II, ao chegar a Penedo, em outubro de 1859, comprou artesanato de Carrapicho e os artesanatos se encontravam no museu Imperial em Petrópolis-RJ. Porém Dr. Sales, tempos depois, retificou dizendo que os artesanatos se encontram no Museu Nacional, que fica situado na Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro e não no Museu Imperial.
- O juiz de fora era um magistrado nomeado pela Coroa Portuguesa para atuar onde não havia juiz de direito.
- Em 15 de Abril de 1733 Pedro de Abreu e Lima é nomeado o primeiro tabelião e escrivão da Vila Nova.
- Referindo-se ao oleiro Joel Rodrigues, na página de nº 46 do livro intitulado *Carrapicho X Santana*, Joel nunca trabalhou no estado da Bahia, sim trabalhou na cidade do Espírito Santo e em Nanuque, Minas Gerais.
- Declarou o senhor Manuel de Souza, “Zé Vieirinha”, nascido a 07 de setembro de 1900, que foi Frei Cartano e Frei Agostinho que organizaram um mutirão e deram início a construção da igreja do povoado Carrapicho no ano de 1907. Tendo como o primeiro registro da utilização da Igreja no ano de 1914.

- Depois do caixão de caridade referido na página de nº 68 do livro *Carrapicho X Santana*, cedido pelo o senhor Passos, teve outro caixão sendo de madeira concedido pelo senhor João Batista Fontes que era filho da senhora Generina Fontes e essa era mãe de Valter Fontes (Valter de seu Sergio).
- A medida chamada salamim que equivalia a 10 litros, que era propriedade do senhor Pedro Silva, referida na página 183 do livro intitulado *Carrapicho X Santana*, do autor Roberto B. Cruz, recebia o apelido de: Não faça Cálculo. Pois quando o senhor Vito e o senhor José de Marcos chegavam para medir o arroz o senhor Vito olhava para a serra de arroz e dizia: “Zé aí vai da tantos salamim”. Então Zé de Marcos respondia “não faça cálculo”. Mas populares comentavam que era porque a medida era desproporcional, ou seja, maior do que a medida de salamim normal.
- O Hino de Santana é um hino composto pela a senhora Antônia Rosa Costa Forte “Tunda” com o objetivo de torna-lo oficial do nosso município, mas ela não conseguiu. Para isso eu, Roberto, tomei a iniciativa e procurei professores do Colégio Estadual Antônio M. Barrozo e da Escola Municipal Afonso de O. Fortes que contribuíram financeiramente para a gravação do Hino no estúdio de música do professor Vagner Fernandes Santos “Vando”, em Neópolis, além do registro cartorial da letra e música em nome da autora no Fórum de Neópolis. Vando gravou o hino cantado e musicado. Porém após o registro e a gravação dona Antônia não conseguiu aprovação do hino através dos vereadores. Ressalto que o município não tem hino oficial. Atualmente o vereador Duda está trabalhando para que o hino, assim como a bandeira, através da aprovação da câmara e do prefeito passem a serem símbolos oficiais. Aprovado e sancionado.
- A Ponte do Pé da ladeira da passagem velha foi construída no ano de 1986 pela a Empresa Krauss e Menezes Engenharia e

Comércio LTDA. O senhor Elizaldo Mendes da Silva “**Jairo** esposo de Santa” que também foi jogador da Portuguesa, trabalhou como armador.

- Chega em 30/04/2015 à cidade de Santana, procedente do Penedo, gama vigilância trabalhando de moto, a qual fará ronda noturna por um preço de 15,00 reais mensais por residência. No entanto Dario e Murilo de Zé Correia continuaram fazendo rondas noturnas a pé em algumas ruas, porém em 2017 Murilo e Dario deixaram a atividade. A ronda noturna continua sendo realizada de moto, é feita pelo o jovem Junior (23018).
- Academia de Letras e Artes de Neópolis – ALANE conferiu, no dia 16 de setembro de 2016, o título de “Membro Honorário” ao ilustre neopolitano Bráulio de Aguiar Cardoso, tendo como palestrante a ilustre confreira Maria Jésia, que na sua fala afirma que quando o senhor Bráulio de Aguiar assumiu no ano de 1946 a prefeitura municipal de Neópolis, em substituição a Mário Gonçalves, após 2 anos de mandato já em 1948, ao fim da grande enchente do Rio São Francisco que ocasionou muitos estragos, foi ele designado para fazer um levantamento dos prejuízos causados. A verba destinada a reparar os danos foi empregada por ele na (re)construção de uma estrada para o então povoado Carrapicho, a pedido do presidente da **câmara** dos vereadores que **lá (no povoado Carrapicho) residia**.
- O abastecimento público de água canalizada do então povoado Carrapicho ocorreu desde junho de 1981, sob a responsabilidade da Companhia de Saneamento, DESO. No momento da implantação a DESO atendeu a 78,8% da demanda. Já no ano de 1993 o atendimento alcançava 742 residências ou seja 93,6% das residências.
- O senhor Eronildes Gomes do Sacramento foi a primeira personalidade do nosso município a ser homenageada pela a au-

gusta Academia de Letras e Artes de Neópolis (ALANE) em dezembro de 2018.

- Tonho de Julhinho e as novas ruas da cidade. As ruas antigas do povoado Carrapicho tinham nomes oficiais, aprovados pela a câmara de vereadores de Neópolis, porém as novas ruas surgiam sem nenhuma denominação oficial, recebendo da população apelido. Exemplo: Ninho da Serpente. Porém Antônio Mathias Barroso Neto (**Tonho de Julhinho**), auxiliar de saneamento da então fundação SESP “Ministério da Saúde”, para aplicar os recursos oriundos do ministério, na melhoria sanitária das residências, tais como construção de sanitários, então providencialmente, ele, Antônio, criou, para fins de localização do imóvel, a devida numeração e também o nome de ruas tais como: Rua Bela Vista, Rua São Pedro, Rua São Paulo..., além da numeração elaborou o mapeamento para localização, para quando da fiscalização ministerial. E para cada morador também havia um fichário.
- A DESO perfurou três poços no final do mês de setembro de 2019 no Sítio Mangá, entre a cerâmica de Pelé e as casas de Ta-deu, e ao lado do ex-campo de futebol
- **No mês** de dezembro de 2019 foi edificada mais uma torre de transmissão de energia na área chamada de várzea entre o Sítio Valentim e o povoado Saúde ao lado do sítio de Cobra.
- **No fim** do mês de setembro de 2019 foi construído um excelente prédio que terá como finalidade casa de farinha na subida do Mangá em frente do sítio de João, irmão de Adalto.
- Abril de 2020 estão construindo mais uma linha com torres LT 230KV NSRAS - Penedo, Etene transmissora, na várzea ao lado da casa de Cobra, passando por cima do rio.
- O primeiro imóvel da cidade de Santana com dois pavimentos superiores é o do senhor Benedito “Mala” construído em 2014,

sendo que no pavimento térreo fica a loja de material de construção e nos dois andares a residência. Está situado na rua São João com fundo para o cemitério local. E o segundo imóvel também com três pavimentos é o do senhor Francisco, Chico, irmão de Preta, situado na rua Batista Gomes, construída em 2018.

- Luciano, um jovem aqui da cidade que tem deficiência visual, é um excelente comunicador, faz anúncios do mercadinho São Francisco e também trabalha com o seu serviço de som pelas ruas da cidade.
- Na página 70 do livro intitulado *Carrapicho X Santana*, do autor Roberto B. Cruz, que está com o subtítulo “A interdição” na qual se refere a uma doença que crescia as orelhas, hoje se sabe que a referida enfermidade é a Hanseníase, conhecida popularmente como Lepra.

Referência Bibliográfica

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Pequena História de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1966.

BARRETO, Luís Antônio. **Celso de Carvalho – De vice a governador, “o destino acontece”**. Disponível em [www//infonet.com.br › Blogs](http://www.infonet.com.br/Blogs).

BNB. **NEÓPOLIS**. Brasília: Banco do Nordeste do Brasil S.A, 1985.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde – FNS. **Manual de controle de roedores**. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Velho Chico, patrimônio mundial**. CIDADE. 2002.

CARMO, do Sônia Irene. **História Passado Presente**-Brasil Colônia. Rio de Janeiro: Atual, 1998.

CASANOVA, Mario Leônidas de. **Ioiô Pequeno da Várzea Nova**. São Paulo: Clube do Livro, 1979.

CBHSE. Revista do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, CBHSE, Nº 01/ nov. 2012.

CINFORM MUNICÍPIOS, **História dos Municípios**. Aracaju: Cinform. Edição Histórica, 2002.

CORRÊA, Antônio Amaury. **Lampião As Mulheres e o Cangaço de Araújo Traço**. S.Paulo: Traço Editora, 2012.

COSTA, Luis Eduarado. OS MANDATOS DEVOLVIDOS E UMA NECESSÁRIA RESSALVA. Disponível em [www.jornaldodiase.com.br › noticias_ler](http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler)

CRUZ, Janaína. Sergipe d'El Rei em 1817. Disponível em - Sergipe d'El Rei em 1817 - Serigy - A história de um povo - clientes. [infonet.com.br › serigysite › ler › titulo=Sergip...](http://infonet.com.br/serigysite/ler/titulo=Sergip...)

DANTAS, Carmen Lúcia Tavares Almeida. **Carrapicho: Cerâmica e Arte**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1980.

DANTAS, Beatriz Góis. **Repertório de documentos para a História** Indígenas. S.Paulo: Lis Gráfica e Editora, 1993.

DESENVOLVIMENTO e cultura em Santana do São Francisco. **Jornal da Casa do Penedo**, Penedo, ano I, n 4, p. 1, jul. 1994.

DUARTE, Abelardo. **Folclore Negro das Alagoas: área da cana-de-açúcar, pesquisa e Interpretação**. Maceió: Edufal, 2010.

EDUARDO, Bueno. **A viagem do descobrimento. Cidade: Objetiva**, 1998. (Coleção terra Brasil).

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FILHO, Manoel D'Almeida. **Vida vingança e morte de corisco**. CIDADE: Luzeiro LTDA, 1986.

IHGB. REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO – Cidade, V. 21, p. 210, 1854. Disponível em <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html>

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. V. XIX. Rio de Janeiro, 1959.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados referentes ao município de Santana do São Francisco/SE**. Censo Demográfico, 2010.

JORNAL PENEDO LEONISTICO. Ano VII Abril de 1966 Nº. XXXIV. Penedo, 1966.

LACOMBE, Américo J; CALMON, Pedro. **Cem anos de República centenário da Bandeira**. Cidade: MEC, FAE, 1989.

MACEDO, Edir. **O Despertador da Fé**. Rio de Janeiro: Universal, 2001.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Sergipe panorâmico**: geográfico, político, histórico, cultural, turístico e social. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2009.

MERO, Hernani. **História de Penedo, Elementos de História da Civilização de Alagoas**. Maceió: Sergasa, 1974.

MERO, Ernani. **Arruar pelo tempo** Casa do Penedo. Maceió: Grafitec indústria e Editora LTDA, 1993.

MORENO, Diogo de campos. **Livro que dá a razão do Estado do Brasil**. Arquivo Público Estadual de Pernambuco. Recife: Arquivo Público Estadual, 1955.

NEÓPOLIS. CARTÓRIO MUNICIPAL. **Registro civil de óbito**, livro c, Nº. 6 folha 65 verso, Nº. 1093. Neópolis/SE.

PEDRO, Pedro II. **Diário da viagem de D. Pedro II ao Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Progresso Editora, 1959.

POLITICA, infonet. AL devolve mandatos de políticos cassados na ditadura – Disponível em [https:// infonet.com.br](https://infonet.com.br) › Notícias › Política

RAMOS, Veralúcia Oliveira Coutinho. **Pesca, Pescadores e Políticas públicas no Baixo São Francisco**. Cidade: IBAMA, 2001. Disponível em https://issuu.com/canoadocs/docs/pesca__pescadores_e_politicas_publi

RIEPER, Ana. **Imagens do Baixo São Francisco: a percepção da paisagem na construção da identidade da população ribeirinha**. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, Programa Regional de PósGraduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Aracaju.

SALES, Francisco Alberto. **Arruando para o Forte**: Roteiro sentimental da cidade de Penedo. Penedo: Edições Bagaço, 2003.

SALES, Francisco Alberto. **Minhas Alagoas são Outras**. Penedo: Casa do Penedo, 2005.

SANTANA DO SÃO FRANCISCO. Arquivo Paroquial. Igreja Matriz de Senhora Santana. **Livro de Ata**. Santana do São Francisco: Editora, 1995.

SANTANA do São Francisco tem apoio da UNESCO. **O Correio Municípios**. Correio de Sergipe. Aracaju, 27, ago. 2005.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Vamos Estudar? 2. Série primária**. 19. ed. Rio de Janeiro: Livraria Aguiar, 1957.

SANTOS, Maria Gorete da Rocha. **Sergipe História Geografia**. Cidade: FDT, 1995.

SEBRAE. **Diagnóstico Participativo local de Santana do São Francisco**. Reflexo texto e Foto. 1. ed. Aracaju: SEBRAE, Jul. de 2002.

SERGIPE. Governo do Estado de Sergipe/ Secretaria do Planejamento Ciência e Tecnologia. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Santana do São Francisco – PDDU**. SEP, 2003.

SERGIPE. **Constituição do Estado de Sergipe**, 1989.

SILVA, Arlindo. **A Fantástica História de Silvio Santos**. 1. ed. Cidade: Editora do Brasil, 2002.

SILVA, José V. de Carvalho e. Viagem as cachoeiras de Paulo Afonso. Disponível em [www.teses.usp.br › teses › tde-11032016-160006 › publico](http://www.teses.usp.br/teses/tde-11032016-160006/publico)

SOUZA, Kátia Maria Araújo. **Velho Chico, uma história do Baixo São Francisco**. Cidade: IBAMA, 1995.

SOVERAL, Arnaldo. **Revista Pedagógica Brasileira**. Órgão da EPB. Rio de Janeiro: Editora EPB, 1974.

SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos. **Classificados da Escravidão**. Aracaju: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. P. 293, 2011.

UFS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Relatório do Projeto: Estudo participativo da comunidade de Carrapiço**. Aracaju, 1984.

VALADARES, Antônio Carlos. **A Seca no Nordeste**. Brasília: Senado, 1995.

VALADARES, Antônio Carlos. **Salvem o Velho Chico!** Brasília: Senado, 2000.

Fontes Pesquisadas

Fundação Casa do Penedo. Penedo AL.
Prefeitura Municipal de Japoatã.
Prefeitura Municipal de Neópolis.
Prefeitura Municipal de Santana do São Francisco.
Câmara Municipal de Vereadores de Neópolis.
Câmara Municipal de Vereadores de Santana do São Francisco.
Cemitério da cidade de Santana do São Francisco.
Cemitério São João do Povoado Saúde, Santana do São Francisco
Fórum da comarca de Neópolis - Neópolis
Fundação Nacional de Saúde, FUNASA coordenação de Sergipe
Companhia de Desenvolvimento do vale do São Francisco CO-DEVASF, Penedo AL.
Companhia de Desenvolvimento do vale do São Francisco CO-DEVASF Sergipe.
Memorial Raimundo Marinho Museu do paço Imperial Penedo AL.
Capitânia dos Portos de Penedo, AL.
Peixoto Gonçalves & CIA, departamento de recursos Humano, 2008
Fazenda união Fruticultura, Platô de Neópolis
Sede da ASCONDIR, Platô de Neópolis.

Informe Oral

Lista de Informantes /Codinome/Nome Completo/Origem

1. Tonho Palhaço/Antônio Reinaldo Ramos/ Santana do São Francisco - SE
2. Seu Agripino/Agripino Barbosa do Nascimento/Santana do São Francisco - SE
3. Antônio dos Anjos/ Santana do São Francisco - SE
4. Tonho de Julhinho/ Antônio Mathias Barrozo Neto/ Santana do São Francisco - SE
5. Arlindo Carlos M. dos Santos / Povoado Ladeira
6. Alaíde de Santana Neves/ Santana do São Francisco SE
7. Tonho Preto/ Antônio Rodrigues da Costa/ Fazenda Jundiáu - SE
8. Adalton de Moura/ Santana do São Francisco - SE
9. Oliveirinha/ Antônio de Oliveira Barrozo/ Santana do São Francisco - SE
10. Tio Tonho/ Antônio Cirilo de Santana/ Itabaianinha - SE
11. Ancila Damásio Bispo/ Povoado Brejo - S
12. Arnóbio Bispo dos Santos/ Ladeiras - SE
13. Tonho Mal-negócio/ Antônio Feitosa/ Santana do São Francisco
14. Antônio Souza/ Santana do São Francisco - SE
15. Adelaide Galdino Santos/ Santana do São Francisco - SE

16. Alimpio Rocha/ Penedo - AL
17. Negão de Mane Zuita/ Adeilton Santos dos Anjos/ Santana do São Francisco - SE
18. Toinho de Emília/ Antônio Silvino Filho/ Tobias Barreto
19. Tonho Padre/ Antônio Guimarães Barrozo/ Santana do São Francisco - SE
20. Dona Ninha/ Aurilia Campos de Santana /Santana do São Francisco - SE
21. Ana Elói de França / Povoado Brejo - SE
22. Dedé/ Adeilton Tavares Silva
23. Ari/ Ariosvaldo Gonçalves Gomes/ Povoado Saúde
24. Aurelina Santos/ Povoado Saúde - SE
25. Berenice da Silveira Silva/ Povoado Saúde - SE
26. Bruno Ricardo S. Freitas/ Santana do São Francisco - SE
27. Cícero Viturino de Jesus/ Santana do São Francisco SE.
28. Cilço de Bília/ Cícero José de Lira/ Santana do São Francisco SE
29. Diogo Magno Mendonça Barrozo/ Santana do São Francisco – SE
30. Dr. Sales/ Francisco Alberto Sales / Penedo - AL
31. Dolores Guilherme de Santana/ Santana do São Francisco - SE
32. Seu Lunga/ Djalma Santos/ Santana do São Francisco - SE
33. Djailton Santos/ Santana do São Francisco - SE
34. Damião Viturino dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
35. Denis Vieira dos Santos/ Povoado Saúde
36. Didi/ Edvan Souza dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
37. Caipira/ Erisvaldo de Suza/ Santana do São Francisco - SE

38. Erudina Nascimento de França/ Sítio Valentim
39. Enize Eloí dos Santos/ Povoado Brejo - SE
40. Seu Nininho/ Edson Farias Freitas/ Santana do São Francisco - SE
41. Eufrásio de Oliveira Fortes/ Santana do São Francisco - SE
42. Euride de Seu Pedro/ Euride Dantas Vieira Ramos/ Pov. Fleixeira AL
43. Edna Silveira dos Santos/ Povoado Saúde - SE
44. Elenalva Soares Silveira/ Povoado Saúde - SE
45. Evaldo Soares Silveira/ Povoado Saúde - SE
46. Seu Duda/ Everaldo da Silveira Campos/ Povoado Saúde - SE
47. Francisco Santos/ Escurial - SE
48. Francisquinha/ Francisca das Dores Tavares / São Brás - AL
49. Geraldo Gomes/ Geraldo Romeu Freire Gomes Neto / Neópolis - SE
50. Geraldo dos Santos Cruz/ Povoado Saúde - SE
51. Gelsino Idalino Gomes/ Povoado Saúde - SE
52. Barandão/ Hidelbrando Santos/ Brejo Grande - SE
53. Heleno Vieira Barreto/ Santana do São Francisco - SE
54. Nego/ Hermelino Gomes dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
55. Fia/ Hortência Santana Baptista/ Santana do São Francisco - SE
56. Ires Ferreira Rodrigues/ Santana do São Francisco - SE
57. Israel Leite Andrade/ Neópolis - SE
58. Dona Zizi/ Iracema dos Santos Silva/ Santana do São Francisco - SE
59. Iola/ Iolanda Moreira Duarte/ Povoado Saúde - SE
60. Ilda Cruz Batista/ Santana do São Francisco - SE
61. Ilda Bispo da Cruz/ Santana do São Francisco - SE

62. Joaquim Elói de França/ Povoado Brejo - SE
63. Zé Calixto/ José Batista Cruz/ Santana do São Francisco - SE
64. Jivaldo Costa/ Penedo - AL
65. Zé de Marco/ José dos Santos/ Povoado Brejo - SE
66. José Rodrigues da Costa / Lagarto - SE
67. Zé Urêia/ José Bonfim Barbosa/ Santana do São Francisco - SE
68. Joá/ José Joatã de Oliveira/ Flexeiras - AL
69. João Titela/ João José Santos/ Santana do São Francisco - SE
70. Chavier/ Jadiel Santos/ Povoado Brejo - SE
71. João Goleiro/ João Francisco dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
72. Barão/ José Gomes do Sacramento/ Santana do São Francisco SE
73. Caveirinha/ José dos Santos/ Penedo - AL
74. Joelina Bastos Freitas/ Santana do São Francisco - SE
75. Jorge Wilson Freitas Silva/ Santana do São Francisco - SE
76. Zé Piabinha/ José dos Santos Ramos/ Santana do São Francisco - SE
77. Zé de Chico/ José Francisco dos santos/ Santana do São Francisco - SE
78. Zé de Pracide/ José Ferreira/ Flexeiras - AL
79. Joaquim Elói de França/ Santana do São Francisco - SE
80. Seu Nen/ Jerson Santos/ Maceió - AL
81. Vã/ Jilvan Vieira dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
82. Joinha/ Joelson Rodrigues/ Santana do São Francisco SE
83. Zuzu/ José Carvalho Passos/ Santana do São Francisco - SE

84. Torreino/ José Barbosa dos Santos/ Povoado Saúde - SE
85. Juvêncio da Silva Gomes/ Povoado Saúde - SE
86. Jovelina Santos/ Povoado Saúde - SE
87. João Francisco dos Santos/ Povoado Saúde - SE
88. Baroninho/ Luiz Barbosa do Nascimento/ Santana do São Francisco - SE
89. Nen/ Luzinete Bastos/ Santana do São Francisco - SE
90. Luís Lóz/ Coruripe - AL
91. Miralda Cruz Batista Domingo/ Propriá - SE
92. Dona Dussanto/ Maria dos Santos Santana
93. Dona Turní/ Maria dos Anjos/ Capim Branco - AL
94. Dona Ester/ Maria Ester Batista/ Santana do São Francisco - SE
95. Maria Nilza Batista/ Santana do São Francisco - SE
96. Manoel Bôto/ Manoel de Oscar/ Santana do São Francisco SE
97. Maria Suzanete Santos Cruz/ Santana do São Francisco - SE
98. Messias dos Santos/ Povoado Brejo - SE
99. Maria José dos Santos/ Santana do São Francisco SE
100. Maria Madalena dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
101. Maria de Joel/ Maria José Ferreira Rodrigues/ Flexeiras - AL
102. Dona Ciça/ Mirian Silva Viana/ Santana do São Francisco - SE
103. Maria dos Santos Santana/ Santana do São Francisco SE
104. Mauro Bispo dos Santos/ Povoado Brejo - SE
105. Dona Linda/ Maria Lindinalva Barbosa/ Povoado Saúde - SE
106. Mãe Pêda/ Maria Ferreira de Santana/ Santana do São Francisco - SE

107. Maria de Murilo/ Maria José Batista/ Ilha das Canas - AL
108. D. Emília/ Maria Emília de Santana/ Santana do São Francisco - SE
109. Pitunga/ Manoel das Neves dos Santos/ Povoado Brejo - SE
110. Elé/ Manoel Santos/ Santana do São Francisco - SE
111. Maria das Graças Sales Muniz/ Santana do São Francisco - SE
112. Lali/ Maria Eulália Bispo dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
113. Manoel das Neves França/ Povoado Brejo - SE
114. Saudinha/ Maria da Saúde Silva/ Povoado Saúde - SE
115. Dudu/ Maria da Conceição Santos/ Povoado Saúde - SE
116. Bel/ Maria Isabel da Silva Santos/ Santana do São Francisco - SE
117. Manoel de Zé de Bida/ Manoel Fernandes de Santana/ Santana do São Francisco - SE
118. Moacir Pinheiro dos Santos/ Povoado Saúde - SE
119. Pedrito/ Manoel Pedro Neto/ Povoado Saúde - SE
120. Pneu/ Irineu Silva/ Neópolis - SE
121. Dona Amada/ Maria Amada da Silva/ Povoado Saúde - SE
122. Maria de Lourdes Santos Diniz/ Povoado Saúde - SE
123. Marinho Vieira dos Santos/ Povoado Saúde - SE
124. Maria Elisabeth Santos/ Povoado Saúde - SE
125. Maria de Lourdes Santos Lemos/ Povoado Saúde - SE
126. Dona Zizi/ Terezinha dos Santos/ Povoado Saúde - SE
127. Bia/ Neuza Lima Catarino/ Santana do São Francisco - SE
128. Natan dos Santos/ Santana do São Francisco - SE
129. Dona Neuza/ Neuza das Dôres/ Porto Real do Colégio - AL

130. Natália Ferreira de Santana/ Santana do São Francisco SE
131. Vavá/ Osvaldo de Carvalho/ Santana do São Francisco - SE
132. Rosalvinho/ Osmário Bispo/ Santana do São Francisco - SE
133. Orlando de Carvalho/ Santana do São Francisco - SE
134. Béia/ Osvaldo Santos/ Santana do São Francisco - SE
135. Pedro Ferreira Ramos/ Fleixeiras - AL
136. Pedro Porra/ Pedro José da Fonseca/ Pão de Açúcar
137. Pedro de Carvalho/ Santana do São Francisco - SE
138. Beto da Sucam/ Roberto Batista Cruz/ Santana do São Francisco - SE
139. Jeleco/ Reginaldo Martins Santos/ Belo Monte - AL
140. Rogério Cirilo Santana/ Santana do São Francisco - SE
141. Majó/ Rosevaldo Santos/ Santana do São Francisco - SE
142. Salete Batista Cruz/ Santana do São Francisco - SE
143. Suarino Soares de Melo/ Penedo - AL
144. Suzana das Neves/ Povoado Brejo - SE
145. Sinval Reinaldo dos Santos/ Povoado Brejo - SE
146. Terezinha Rocha de Souza/ Traipú - AL
147. Weide Bispo dos Santos/ Povoado Brejo - SE
148. Valtinho/ Valter Marques de França/ Povoado Brejo - SE
149. Valter Fontes de Santana/ Santana do São Francisco - SE
150. Zuelinda França da Silva/ Povoado Saúde – SE
151. Dr. Ederaldo Beline / Penedo - AL
152. Zuzu/ José Carvalho Passos/ Santana do São Francisco SE.
153. Zuliene Batista Souza dos Santos/ Santana do São Francisco – SE.

Biografia

Natural do então povoado Carrapicho, que pertencia ao município de Neópolis, **Roberto Batista Cruz** nasceu em janeiro de 1959. Seus pais Aurélio Cruz e Raquel Batista. No povoado Carrapicho, Roberto como noviço iniciou o processo de alfabetização na Escola 15 de Novembro, da saudosa professora Maria da Gloria Gomes “Dona Dózinha”, ainda no povoado estudou na Escola Estadual Antônio Mathias Barrozo, a seguir estudou na Escola municipal Tiradentes assim como no Colégio Caldas Júnior, em Neópolis. Já na cidade de Penedo estudou no Colégio Dr. Anfrísio Freire Ribeiro e na Escola Técnica de Comércio Dom Jonas Batinga e a seguir na Faculdade de Formação de Professores de Penedo Dr. Raimundo Marinho, no qual cursou Estudos Sociais sendo graduado em licenciatura plena no ano de 1992. Foi diplomado em Pós-graduação em metodologia da História e da Geografia pela Faculdade Amadeus “FAMA”, de Aracaju.

Casou-se com Maria Suzanete Santos (Cruz) em 1979, da união conjugal foram concebidos seis abençoados filhos: Daniele, Débora, Roberto, Ana Déje, Diego e Deyvid, e quatro netos: Suzyane, Leanderson, Raquel e João Luca, o pequeno notável e o mais novo prodígio, meu bisneto Derick Yuri.

Foi artesão, professor na Escola Afonso de Oliveira Forte quando funcionário público municipal por Neópolis; foi funcionário do Ministério da Saúde; Atribuições: Guarda de Endemias (recém-aposentado). Foi capacitado em vários cursos pertinentes às endemias, assim como cursos na área de vigilância sanitária, entre os quais, o curso de atualização em Gerência em Vigilância Sanitária realizado pela Universidade Federal de Sergipe, Secre-

taria de Estado da Saúde e VISA Estadual. É pesquisador, historiador, escritor, palestrante e poeta. Já publicou o livro intitulado *Carrapicho X Santana* e está com diversas obras em andamento as quais versa sobre fatos históricos. A convite dos senhores Aderbal B. Barroso e Manoel Humberto Gonzaga, ambos idealizadores e fundadores da Academia de Letras e Artes de Neópolis “ALANE”, a **20/11/2015** tomou posse da cadeira XIII como cofundador da ALANE com os demais confrades que constituem o sodalício acadêmico.

tiragem	<i>250 exemplares</i>
fonte	<i>adobe garamond pro 11, 12pt</i> <i>Chapaza 15, 14 13 pt</i>
papel	<i>off-set 75g/m² (miolo)</i> <i>supremo 300g/m² (capa)</i>